



D E N N I S
McFARLAND

UM
ROSTO
NA
JANELA



BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Dennis McFarland

UM ROSTO
NA JANELA

Tradução

Ricardo A. Rosenbusch

Dennis McFarland

Um rosto na janela

Tradução Ricardo A. Rosenbusch

BERTRAND BRASIL

Copyright © 1997, Dennis McFarland, mediante contrato com autor

Título original: A Face at the Window

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração: Art Line9

Impresso no Brasil

CIP-BRASIL

CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

RJ

M429r McFarland, Dennis Um rosto na janela / Dennis McFarland; tradução Ricardo A. Rosenbusch.

— Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.p.

Tradução de A face at the window

ISBN 85-286-0728-3. Romance norte-americano. I. Rosenbusch, Ricardo Anibal. II. Título.

CDD-813-1101 CDU — 820(73)-3

Todos os direitos reservados pela: BCD UNIÃO DE EDITORAS S.A.

Av. Rio Branco, 99 — 20a andar — Centro40-004 — Rio de Janeiro-RJ

Tel.: (021) 263-2082 Fax: (021) 263-6112

orelhas

Do renomado autor de *The Music Room* e *School for the Blind* surge uma absorvente e insinuante história sobre fantasmas, perdas e a constância do amor.

Após enviar a filha única para um internato, Cookson Selway e a esposa, Ellen, viajam a Londres para fugir de sua casa vazia e cheia de ecos. Mas no tranquilo hotel há outros hóspedes além dos registrados, e as férias, cujo objetivo seria fazer com que esquecessem a ausência da filha, tornam-se uma assustadora confrontação com o passado. Selway, homem com tendência ao escapismo, história de alcoolismo e dom de premonição, é atraído a uma série de encontros com o fantasma de uma jovem que morreu numa queda naquele mesmo hotel há sessenta anos.

Gradativamente, os quartos sombrios e personagens da vida da garota — e as características de pesadelo de sua morte — tornam-se mais reais para ele do que os seus próprios, levando-o a pensar em aproveitar a oportunidade para abandonar sua realidade desbotada e entrar na história da jovem.

A esposa de Selway se sente impotente, depois desesperada, enquanto o marido some numa escuridão cujos habitantes ela não consegue ver ou tocar. O casamento começa a desmoronar e, repentinamente, a vida dos que estão em volta deles também corre grande perigo. Selway compreende vagamente que precisa abandonar os espíritos e retornar à vida real, mas as consequências dessa fuga são muito maiores do que ele pode imaginar.

Em *Um rosto na janela*, Dennis McFarland cria um romance sobrenatural, dinâmico e maravilhosamente intenso que explora os limites da ilusão e do horror verdadeiros.

Com sua marca registrada, a riqueza emocional e a elegância de estilo que o tornaram um dos mais famosos romancistas de sua geração, McFarland dá vida aos demônios de um homem assombrado em uma história que, ao mesmo tempo, é cômica, aterrorizante e trágica.



DENNIS McFARLAND (1950) é autor best-seller de sete novelas: *Nostalgia*, *Letter from Point Clear*, *Prince Edward*, *Singing Boy*, este *A Face at the Window*, *School for the Blind* e *The Music Room*. Seus

contos apareceram no *The American Scholar*, *The New Yorker*, *Prize Stories: O'Henry Awards*, *Best American Short Stories* e em outras publicações. Estudou na Stanford University, onde mais tarde ensinou escrita criativa. Mora no Vermont rural com a mulher, a escritora e poeta Michelle Blake.

Contracapa

"Fascinante... dinâmico... uma história irresistível que se aventura nos reinos fantasmagóricos da psicologia, personalidade e intimidade."

Sherri Hallgreen, *San Francisco Chronicle*

"Se todos os livros fossem perfeitos os críticos não teriam muita coisa para fazer. Mas Um rosto na janela poderia acabar facilmente com a carreira de um crítico. A maior parte da história é aterrorizante... é uma história de fantasmas e é impossível descrever em palavras como eles são desagradáveis. Dennis McFarland é um tremendo escritor. E mostrou-se um tremendo narrador."

Carolyn See, *The Washington Post*

"Um rosto na janela é uma imersão agradável, inteligente, sem deixar de ser espontâneo, sério sem ser piegas. Dennis McFarland, além de escritor de considerável sagacidade, também é algo mais: um romancista que fala sobre filhos e filhas perdidos, personalidades perdidas, vagando naqueles territórios exteriores cercados pelo nevoeiro, tentando voltar para casa."

Gail Caldwell, *Boston Globe*

"Um rosto na janela mostra o alto custo de buscar aquele 'algo mais' que frequentemente vem a ser menos que nada. Com empatia e perspicácia resoluta, McFarland explora a duvidosa questão sobre o motivo de algumas pessoas serem atraídas para o lado escuro."

Merle Robin, *The Wall Street Journal*

O estilo de Dennis McFarland é muito divertido: às vezes é engraçado e outras comovente; ao descrever as assombrações, ele é tão preciso que se torna difícil não acreditar nelas."

Isabel Colegate, *New York Times Book Review*

"Eis uma história de fantasmas com uma diferença: o novo romance de Dennis McFarland está repleto de paranormalidade, mas seus mistérios mais profundos dizem respeito ao funcionamento de nossos corações e nossas mentes, e com os espectros da nossa história familiar."

Dawn Raffel, *Red Book*

"Descrever o sutilmente planejado, lugubrememente plausível terceiro romance de Dennis McFarland como uma sofisticada história de fantasmas é uma injustiça, porque se fundamenta com tanta firmeza no mundo real quanto qualquer narrativa bem escrita cujos personagens meditam sobre questões existenciais... Numa prosa elegantemente encadeada que jamais sucumbe ao melodrama, ele elabora uma exploração ardentemente honesta da alma torturada de um homem."

Publishers Weekly

agradecimentos

Agradeço a Ira Ziering, Don Willis, Greg Luce, Tellis Lawson, John Traficante, Joseph Evans, Acre Lifts, Colin Williamson, Sharon Sellars, Rosalind Michahelles, Doutor Scott, Gail Hochman e Bill Hamilton pela ajuda e pelo conselho inestimáveis; a Lindsay Knowlton, Janice Parky, e Bruce Cagwin pela sua hospitalidade; a Ron McAdow, pela autorização para citar seu maravilhoso livro; e a John Sterling por sua amizade e seu notável talento editorial. A bola de borracha mencionada neste relato visa prestar homenagem ao grande Mario Bava. E obrigado a Michelle Blake Simons — por mostrar o caminho tantas vezes, sobretudo nas partes assustadoras.

D.M.

prólogo

ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS básicos, as minhas referências humanas, um subtexto para o que virá:

Meu nome, uma combinação dos sobrenomes de meus pais, é um exemplo de como eles gostavam de inventar símbolos de igualdade onde não existia nenhuma. O resultado, Cookson Selway, soa mais a indústria que a pessoa, assim acho, e alude discretamente a sangue azul, embora nada poderia estar mais longe da verdade. Eu nasci, muito conveniente mente sob o signo de Touro, numa família de pecuaristas do Sul. Meus amigos me chamam de Cook, e minha esposa, na cama, chama-me muitas vezes de Cookie. (Ser chamado de Cookie tem um efeito estranho e indescritível num homem pós-orgásmico, enquanto ainda está tinindo.) Quando eu era garoto, minha mãe não me chamava de Cookie, mas poderia tê-lo feito. Filha de gente preguiçosa e autoritária, ela largara a escola e casara com meu pai quando tinha quatorze anos, pedra fundamental do que viria a tornar-se um grande monumento ao sacrifício a ele, a seus hábitos e suas exigências. Logo ela deu à luz um menino, não a mim, e, dezoito meses depois, a uma menina; sobreveio então uma espécie de hiato, que durou oito anos, ao qual seguiu-se uma nova era sentimental em que ela teve outro menino, que também não fui eu; dezoito meses depois disso, nasci eu, o quarto e último filho, o caçula, um mutante, do sexo errado. Era para eu ter nascido menina a fim de satisfazer o fetiche juvenil de minha mãe, casais combinados, e ela, já possuía da vontade arraigada e heroica de um virtuose do sacrifício, não ia se deixar confundir pelo fato de o meu sexo ser outro, e criou-me mesmo assim como uma menina. Ora, ela queria uma menina, e depois de tudo que sofrera, depois de ter renunciado à sua juventude, à sua liberdade e à sua figura, será que isso era pedir demais?

Claro que minha mãe nunca tivera de fato liberdade alguma à qual renunciar. Ela era uma encarnação dos antigos versos: Dura é a sorte de toda mulher: Ela é sempre controlada, é sempre confinada — Controlada pelos pais até se tornar esposa, Escrava do marido pelo resto da vida.

No coração do Sul, nos anos cinquenta, os papéis de garotas e rapazes eram tão sofregamente definidos quanto os da raça (suponho que ainda o são). Enquanto meus irmãos aprendiam a jogar futebol, dirigir a colheitadeira e operar o moinho de ração, eu ajudava minha mãe na casa e estudava piano. Por fim, por volta dos oito anos de idade, externei o protesto que meu pai não conseguira externar em meu benefício e comecei a adquirir as mais diversas habilidades adequadas a um homem — montar um silo para cereais de doze metros, em chapa de aço ondulada, esticar arame farpado em torno de um poste creosotado e pregar um grampo, menosprezar ajuda.

Mas antes disso, durante os anos importantes e formadores da pré-escola, acontecia algo mais: quando os homens não estavam por perto, o que era quase o tempo todo, minha mãe e minha irmã adolescente vestiam-me de jardineira de organdi cor-de-rosa, pintavam minhas unhas e serviam chá em xícaras pequeninas para a meia dúzia de bonecas-noiva tamanho nenê de minha irmã.

Provavelmente não é de surpreender que essas experiências iniciais resultassem em alguns pontos problemáticos no curso da adolescência, quanto à minha orientação sexual. Curti uma adolescência mais prolongada do que a média (até os meus vinte e tantos anos), assistido pelo uso de drogas recreativas e pela tendência geral da contracultura que, ao que me parece, instigava-nos em direção à puerilidade. Por algum tempo na minha extensa juventude, eu me tornei o que a divisão de alistamento do exército denomina "homossexual praticante", embora não tenha praticado o bastante para ficar muito bom nisso.

Talvez as brincadeiras de minha mãe me tenham conferido um senso exacerbado de masculinidade e feminilidade, e ainda que o sexo com três dos meus amigos (o mistério de cuja disposição garantiu-lhes um lugar duradouro no meu coração) respondesse a algum raro apelo que eu não podia ter especificado, relacionado vagamente com as falhas do meu pai, deparava-me com um constrangimento físico recorrente, uma incerteza quanto ao que se passava onde, quando e por quê. A tentativa de acatar a máxima que reza Se você acha que talvez seja, provavelmente é tornava preciso que eu ignorasse a verdade, isto é, que me apaixonava por garotas à menor provocação, verdade essa que acabei por assumir, e com o meu primeiro e atrasado mergulho em águas heterossexuais (Linda Toadvines, 1974, Monte Tamalpais, amanhecer, no saco de dormir dela) descobri o que suponho que o resto do mundo dava por certo: questões de equipamento eram totalmente manifestas. De qualquer modo, por causa de uma infância singular, creio que virei adulto com capacidade para ser sexual de maneiras que muitos homens evitariam, e muitos outros afirmariam evitar. Menciono tudo isso porque terá alguma importância mais adiante. Se não o mencionasse, sem dúvida algum faro sensível detectaria um cheiro, no decurso do relato, daquelas escuras trufas acadêmicas, sugestões homossexuais.

Que mais? Floresceu no meu pai aquilo que eu havia muito suspeitava que ele fosse, um sociopata: em 1967, num ataque de cólera, ele matou por estrangulamento um peão negro e foi considerado culpado por um júri formado só por brancos, que recomendou clemência a um juiz simpático, velho o bastante para lembrar-se da Restauração.

Papai foi, então, sentenciado a sete anos na penitenciária estadual (afinal, o negro o provocara), ganhando liberdade condicional após dois anos. Eu me mandei do Sul assim que pude (no verão após a formatura no segundo grau), mudei para Venice, na Califórnia, sumi, fiquei doidão, não ligava pra nada; mudei para Manhattan, vendi cocaína para ganhar a vida, faturei um monte de dinheiro, abri um restaurante (atestando, suponho, a teoria de que de certa forma vivemos em nossos nomes)*; casei (Ellen, escritora de romances de mistério), virei pai (Jordan, uma menina, apelidada Jordie); dei entrada na unidade de desintoxicação de Saint Vincent (logo após o primeiro aniversário de Jordie), me livre de droga e do álcool, abri mais dois restaurantes, ganhei quantidade absurda de dinheiro, vendi tudo, me mandei de Nova York; mudei para Cambridge, em Massachusetts comprei uma casa de duzentos anos num terreno de quatro mil metros quadrados, arranjei um cachorro (Spencer, um dálmata) e aposentei-me aos trinta e nove anos para administrar os meus consideráveis (social e ambientalmente responsáveis) investimentos.

Antes de ter Jordie, Ellen teve dois abortos. Depois, Jordie nasceu com um desvio do septo ventricular—um orifício na parede entre as duas câmaras do coração. Ela também desenvolveu disenteria infantil durante as primeiras semanas de vida, o que fez seu peso cair abaixo do que tinha ao nascer, e por algum tempo pareceu que ainda podia estar debatendo-se com os anjos. Recuperou-se da disenteria mediante amamentação permanente, e o desvio do septo ventricular sarou por si só em dois anos. Ao crescer, ela tem sido objeto de excessiva vigilância tanto por parte de Ellen como minha — a atenção que lhe dispensamos, que deveria ter sido distribuída entre três filhos, tem sido intensa demais; aos quinze anos, ela exige demais de si mesma e é menos autoconfiante do que a gente desejaria, mas quanto ao mais parece ter sobrevivido às garras do nosso amor com o mínimo prejuízo.

Alguns anos atrás, Ellen perdeu as suas amigas mais íntimas (uma de AIDS, outra de câncer no seio, ambas com trinta e poucos anos), e, na mesma época, os pais dela morreram num acidente de carro, deixando-a a desemaranhar a rede de um estado emocional lamentável. Vincos de preocupação crônica marcam seu rosto, e pelo menos metade desses vincos tem o meu nome inscrito. Embora ela tenha ficado mais interessante, seja mais bem-sucedida e mais bela na meia-idade, os acontecimentos da história que vou contar levaram-na ao retraimento — a algum lugar situado fora da terra firme do nosso casamento. Nos nossos melhores dias, nos melhores momentos, creio identificar nos olhos dela o reconhecimento

*Alusão ao nome do protagonista, Cook (cozinheiro).(N. T.) da nossa paixão e da nossa história. Mas há

outros momentos, e são muitos, em que ela olha para mim como se tudo o que nos ligasse fosse uma lembrança de perda e decepção. Acho que isso é temporário. Aferro-me hoje à esperança tão obstinadamente quanto já fui atrás da bebida e das drogas. Como se ela fosse tudo que importa para mim. Como se fosse a minha única amiga.

Daqui a pouco, Deus mediante, farei quarenta e quatro anos. Ainda tenho todos os dentes e muito cabelo. Tenho uma saúde excepcionalmente boa (fora uma artrite que se desenvolve no meu ombro direito), com nível de colesterol excepcionalmente bom. Meço um metro e setenta e cinco e peso 74 quilos na balança do Clube Mount Auburn, onde nado e me torturo nos equipamentos de ginástica. Faço parte de um clube de tiro que funciona 24 horas por dia em Dorchester, aonde vou com um amigo uma vez por mês para praticar tiro ao alvo. Possuo uma pistola Ruger semiautomática calibre 22, fabricada há trinta e nove anos. Não acredito na caça como esporte, mas acredito sim na maior parte da lengalenga freudiana sobre por que os homens (e algumas mulheres) curtem portar e disparar pistolas. Leio e aprecio poesia, sobretudo porque é breve e convida à contemplação. (Sou a única pessoa que conheço que lê poesia séria, e não revelo este hábito clandestino a qualquer um.) O meu poeta moderno favorito é John Berryman, o bêbado, embora o fato de ser um bêbado mal o diferencie entre os poetas modernos. Dos poemas dele, os meus preferidos são as "Onze Orações ao Senhor", nas quais ele diz: "Eu não vou além, confiante e exclusivamente, da gratidão e da admiração" (ele está falando de Deus) e "Unifica minha alma variegada,/único vigia das vastas e solitárias estrelas" (também Deus). Sinto-me muito à vontade em casa. É na minha casa onde os meus interesses mais profundos residem — o jardim, a cozinha, a biblioteca, o quarto de dormir. Tornei-me, e continuo a ser, um homem de quem eu teria zombado, e a quem teria invejado secretamente, apenas alguns anos atrás, um homem simples, extraordinariamente afortunado, cujos grandes amores são sua mulher, sua filha, sua casa e seu cachorro.

Tenho notado que narrar o passado muitas vezes faz tudo parecer profético. Nada na minha formação parece ser especialmente uma preparação para um encontro marcado com o mal, no entanto, depois, algumas coisas começam de fato a apresentar esse matiz. Antes de irmos à Inglaterra no ano passado, eu imaginei o meu futuro manifesto, e me vi essencialmente formado, empunhando seu leme, tendo deixado já para trás os meus problemas mais evidentes.

UMA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, cerca de ano e meio atrás, no fim do outono, acordei com uma vaga percepção de que algum tipo de instrumento comprido e rombudo, talvez a ponta grossa de uma alabarda medieval, era alternadamente inserido e retirado nas minhas costas, entre os rins. Aquilo era rítmico e quente, e se eu estivesse sedado do jeito adequado — minha opção pessoal: um bolo de morfina dissolvido no dosador intravenoso — teria aprendido a viver com isso bastante tranquilamente.

Levantei da cama e fui ao banheiro, botando a mão no foco da dor e emitindo alguns sons animalescos, abafados e inidentificáveis. Ainda não havia amanhecido, e precisei acender uma luz. Eu estava nu, e ao ficar diante do espelho de corpo inteiro colocado no lado de dentro da porta do banheiro, fiquei surpreso diante da acentuada deflexão no meu corpo. No curso da noite, eu deixara de ser uma pessoa razoavelmente vertical para me tornar alguém a quem mal reconhecia — talvez a progênie de uma união incestuosa, que fugira descendo da sua cela no sótão sem espelho para ver a sua deformidade pela primeira vez.

Meio dormida, Ellen abriu a porta, deslocando a assombração demoníaca do espelho. Ela usava a camisola que eu mais gostava, com estampa de tigre. — Oi, querido — disse ela. — O que houve?

— Não sei — disse eu, fazendo um gesto de fingida tristeza com os cantos da boca curvados para baixo, embora estivesse triste mesmo. — Olhe para mim.

Ela tentou imitar a expressão no meu rosto e, em seguida, disse: — Benzinho, você está encurvado.

Senti, paradoxalmente, uma onda de prazer — a despeito do diagnóstico desagradável — por ter sido adequadamente diagnosticado.

Mais tarde, pela manhã, liguei para um amigo que sofria de um famigerado problema de coluna, e ele me deu o telefone de seu quiroprático, ali perto, em Lexington.

Sem demora, fui examinado, submetido a raios X e interrogado a respeito dos meus movimentos recentes, que, pelo que eu sabia, não incluíam nada notável. No dia anterior, domingo, eu tinha juntado folhas com o ancinho durante boa parte da manhã, lera o *Times* boa parte da tarde, depois Ellen e eu tínhamos ido, ainda cedo, jantar truta no nosso restaurante favorito com grelha a lenha, e depois voltado para casa e feito amor antes de dormir. Essa sequência só me pareceu incriminadora na medida em que refletia uma vida de luxo desavergonhado. Mas o quiroprático, um homem da minha idade, que usava o turbante e a túnica brancos do que eu achei devia ser uma seita muçulmana, balançou a cabeça afirmativamente em gesto esperto e sorriu para mim sem o mais leve sinal de compaixão. Sem aparentar preocupação com a dor que eu estava sofrendo, nem com a minha dificuldade ao dirigir, ele me disse que voltasse no dia seguinte, para observarmos o "filme" (os raios X). E me pediu que preenchesse um cheque.

Na tarde seguinte, ele me pôs de braços sobre a sua mesa e fez alguns ajustes dolorosos na minha coluna — as técnicas quiropráticas habituais — e, para distrair-me, eu lhe fiz algumas perguntas sobre a sua vida. Meu rosto descansava sobre uma espécie de rosquinha acolchoada do tamanho adequado, através da qual eu podia estudar o arranjo das cerâmicas tricolores no piso da sala de tratamento. Fiquei sabendo que o quiroprático nascera e crescera em Minnesota, mas a sua senda singular levava-o a virar um sique. Guardando as observâncias rituais dessa seita, ele deixara a barba crescer até o umbigo. Seu

nome panjabi significava "tigre". (Foi ele quem me apresentou, naquela manhã sobre a mesa, o conceito do crescimento de cada um dentro do seu nome.) No conjunto, ele parecia bastante comum em se tratando de alguém vestido do jeito que ele vestia; seus trajes e seu jeito de falar singelo do Meio-Oeste (sua vestimenta e sua loquacidade) conflitavam comicamente, como se ele estivesse indo para uma festa de Halloween.

Quando terminamos, ele me convidou a entrar no seu escritório, onde nos sentamos um na frente do outro em idênticas cadeiras giratórias de couro preto e examinamos os raios X, uma vista frontal e uma lateral, que ele prendeu em cima do visor iluminado. Ele disse que a minha articulação sacroilíaca direita estava "toda complicada".

Explicou o extremo desvio da minha coluna desta forma: "Você está se inclinando para se afastar da dor."

Eu achei lógica a explicação, apesar de seu estilo Nova Era, e mesmo que ele continuasse a falar por mais um minuto, eu quase não ouvi palavra alguma: imediatamente, eu me sentira estranhamente comovido diante do retrato das minhas entranhas errantes, e o que agora exigia a minha atenção — toda a minha atenção — era a imagem vivida, na vista frontal, de um rosto de bebê, centrado na cavidade da minha bacia, um pequeno rosto de sabedoria além da sua idade, sério e decidido, lábios apenas um pouco franzidos, como se, no momento em que a chapa de raios X fora batida, estivesse a ponto de articular alguma verdade fundamental. Eu sei que isso soa esquisito, e o fato de a criança parecer fantasiada para a *commedia dell'arte* tornava tudo mais nebuloso, em vez de esclarecer coisa alguma — as minhas articulações da bacia com os fêmures eram os ombros almofadados da casaca da criança, e as asas extravagantes dos meus ossos pélvicos, uma gola isabelina alta, engomada e branquíssima.

Interrompi a fala do quiroprático. — Desculpe — disse-lhe — mas, você vê esse rosto, esse rosto de criança, bem ali na minha região sacra?

Era impossível evitar a ideia de gravidez masculina, e de algum lugar no fundo da minha mente, parece-me que trouxe à lembrança uma crença islâmica segundo a qual Maomé, ao retornar, haveria de nascer de um homem. Eu acho, na verdade, que isso é tolice, e ofensivo aos muçulmanos do mundo inteiro. Eu sabia que o siquismo era um amálgama de elementos muçulmanos e hindus, mas não sabia quais os elementos muçulmanos que ele adotava realmente.

Esperava que o quiroprático não tivesse ficado ofendido com a minha pergunta. Ele olhou para mim, não de jeito hostil, mas tampouco muito divertido.

— Você não é um daqueles caras esquisitos que veem o rosto de Jesus em *tortillas* e coisas assim, é? — perguntou ele.

Admirei a correta concordância entre sujeito e verbo na pergunta dele.

— Não, por enquanto não — disse eu, querendo dizer simplesmente que, até então, não tinha visto o rosto de Jesus numa *tortilla*. De repente pensei nos pais presbiterianos do quiroprático que, em alguma parte nas suaves colinas verdes das imediações de Minneapolis, ainda estariam tentando entender onde tinham errado tão terrivelmente.

E tive de controlar um impulso de salvar a distância entre nós — entre mim e o quiroprático — e dar um puxãozinho repreensivo na sua barba longuíssima.

Mas enquanto dirigia para casa — ou, mais exatamente, enquanto sonhava acordado num engarrafamento da Rodovia 2 — pensei que eu sou o tipo de pessoa que vê o rosto de Jesus em *tortillas* e coisas assim. Esse é justamente o tipo de pessoa que eu sou.

Ao longo das três semanas seguintes, a misteriosa dor nas costas foi embora lentamente. Eu a interpretei como um rito de passagem: caso não tivesse ainda me dado conta, eu tinha passado pela porta e estava totalmente dentro da meia-idade. Solicitei e obtive do quiroprático a minha chapa de raios X (a pose interessante, em vista frontal). Eu já falara com Ellen sobre o rosto da criança no meu sacro, e quando trouxe a chapa de raios X para casa e lhe mostrei a imagem, ela disse: — Oh, sim... acho que

vejo o que você quer dizer... bem ali — apontando para uma parte completamente diferente. Às vezes eu desfraldava a chapa de raios X nos jantares de Ellen e mostrava-a aos convidados, mas nunca ninguém se mostrou especialmente atraído, muito menos assombrado ou espantado, como eu esperava e queria que fossem.

Comecei a desenvolver uma filosofia superficial em torno do fato de eu poder ver o rosto claramente quando outros aparentemente não conseguiam vê-lo — uma filosofia que envolvia perguntas sobre a "realidade" e a natureza da visão.

Uma noite, depois de um jantar para o qual tínhamos convidado o editor de Ellen e sua esposa, eu disse a Ellen: — Não é surpreendente que muito do que vemos — muito do que podemos ver — esteja determinado meramente pelo que estamos propensos a ver?

Nós estávamos na cama. Ela tinha estado lendo. Eu tinha estado pensando, inspirado no teto branco e vazio do quarto. — E muito do que tendemos a ver — acrescentei — está determinado pelo que o nosso talento nos faz ver.

Ellen não gosta muito de ser interrompida quando lê. Sem tirar os olhos da página, ela disse, quase inaudivelmente: — É, a vida é só um grande teste Rorschach, não é mesmo?

Pude-se deduzir que ela não queria que eu apresentasse mais a chapa de raios X em jantar nenhum.



Eu crescera com um pai, um assassino, que não fazia distinção alguma entre religião e superstição, e rejeitava ambas como tolice doentia das mulheres. Minha mãe, por sua vez, que também não fazia tal distinção, acolhia ambas as coisas sinceramente. Ela acreditava (e suponho que ainda acredita) num Deus orwelliano que vê todos os nossos atos, ouve todos os nossos pensamentos e lembra tudo. Nós seremos julgados no fim dos tempos e punidos por nossos pecados, sendo o pecado simplesmente o que a gente pode imaginar: mentir, roubar, enganar, pronunciar o nome de Deus em vão; sexo fora do matrimônio; sexo dentro do matrimônio, se você desfrutar dele; desejar mentir, roubar, enganar, ou pronunciar o nome do Senhor em vão; desejar sexo fora do matrimônio; desejar desfrutar do sexo dentro do matrimônio. Ela acreditava muito fortemente no diabo e explicava-nos, quando crianças, que o comportamento explosivo do meu pai e seus outros defeitos resultavam do fato de ele ser possuído pelo diabo. Ela tendia a ver sinais do Apocalipse — clima incomum, os conflitos na Terra Santa — e a esperar por ele ativamente: não viver, mas esperar. Ela experimentava vagos presságios e chegava a cancelar viagens e até breves saídas no último minuto porque tinha tido um "sentimento ruim". Uma vez, pouco depois de meu irmão mais velho ter ido fazer a faculdade em Kentucky, eu derrubei acidentalmente seu retrato emoldurado de cima do piano na sala de estar, quebrando o vidro. Minha mãe, quase histérica, bateu-me com o cinto do meu pai, certa de que depois daquilo "algo ruim" aconteceria a meu irmão — e de que, como se ela me tivesse pego a enfiar alfinetes num boneco de vodu, eu fosse culpado por sua sina infausta, culpado pelo menos por minha falta de cuidado. Para ela, o mundo invisível era algo que era preciso espreitar constantemente, algo que demandava vigilância redobrada. A maioria das coisas era bem mais do que parecia ser, e tinha duas vidas: a aparente, e a que esta representava.

Esse era um conceito de fácil compreensão para uma criança — eu mesmo me entreguei a ele absolutamente — porque dizia respeito a como eu experimentava muita coisa do mundo, muito grande e com vários estratos, e cheio de maravilhas e horrores nos quais havia sempre mais do que saltava à vista. Era uma compreensão infantil, uma compreensão de imigrante recente (crianças pequenas são como imigrantes), e era inconveniente na minha mãe apenas porque esperava-se que ela fosse uma pessoa

adulta. Não quero dizer que uma pessoa amadurecida não tenha religião nem acredite no sobrenatural. Quero dizer apenas que uma pessoa amadurecida é capaz de distinguir o que é genuinamente espiritual do que é bobagem, e que a capacidade de distinguir é uma das coisas que definem a maturidade.

O meu menino do século XVI na chapa de raios X, o meu prodígio sacral, não tinha nada de sobrenatural. Ele era essencialmente, como Ellen sugerira com tanta sutileza, uma coisa rorschachiana. Mas na sua esteira alguns momentos estranhos e esquecidos da minha infância começaram a vir à tona. Eu me lembrei, por exemplo, de uma noite em que meu pai me acordou e mandou que fosse ficar sentado ao lado de minha mãe; mamãe estava doente, ele estava tentando ligar para o médico (o único telefone na nossa velha casa de fazenda estava na cozinha), e não queria deixá-la sozinha. Antes de chegar ao quarto dela — separado do quarto do meu pai — pude ouvir o som apavorante de seus gemidos. Ela estava deitada de costas na sua cama, debaixo das cobertas, tinha os olhos fechados pelo medo, proferia uma lamúria de dor que alternadamente findava e ressurgia, não precisamente humana, não precisamente animal, mais parecida com um vento preso numa gruta, ao que de vez em quando ela sobrepunha certas palavras, sempre as mesmas: "Oh Deus, por favor, não me deixes morrer, oh Deus, por favor, não me deixes morrer, oh Deus, por favor, não me deixes morrer..."

Verificou-se que uma das suas trompas de Falópio, por alguma razão, ficara enrolada, problema que, como muitas coisas no Sul, acabou motivando uma cirurgia.

Eu diria que tinha então sete anos. Jamais perdi a lembrança daquela noite, de qualquer maneira impressionante, e ao relembra-la posteriormente na vida cheguei à conclusão razoável, baseada no fato de o meu pai ter ido buscar o filho mais novo em vez do mais velho, de que ela pedira especificamente que ele me chamasse. Mas dentro da lembrança havia um momento que eu perdera, o momento em que ela estendera sua mão à procura da minha e eu a afastei, um momento em que eu aproveitei seu estado de extrema fraqueza e recusei-me, só por essa única vez, a deixar que ela me tocasse. Por um instante, seus olhos "abriram-se", pois já estavam abertos, e eu não vi surpresa, mágoa ou repreensão, mas algo parecido com compaixão. O quarto ficou de um branco resplandecente, nós parecíamos estar sentados em algum lugar de uma extensa praia — areia branca, céu branco, o assobio de uma arrebentação distante — e pude ouvir a voz de minha mãe na minha mente; compassivamente, ela disse: Eu não vou lhe deixar mesmo que você queira, e depois estávamos de novo no quarto, meu pai inclinado sobre ela, dizendo-lhe que não conseguira localizar o médico dela e portanto tinha mandado buscar o dele. "Não quero aquele curandeiro... Não quero aquele curandeiro... Eu não mandaria um cachorro para aquele curandeiro", berrou minha mãe, e meu pai, tendo falhado mais uma vez, disse: "Ora, que diabo quer que eu faça, Frances?", com ódio real e histórico nos olhos.

Quando eu relembrava essa noite de tempos em tempos ao longo dos anos, por vezes essas recordações incluíam o extraordinário transporte para a extensa praia branca.

Nesse caso, provavelmente eu admitiria ter caído no sono por um minuto na cama da minha mãe e apenas sonhado a parte relativa à praia. Entretanto, na minha recordação mais recente, logo depois do meu problema de coluna, parece que não foi isso o que aconteceu: eu vi a imagem fugidia da praia ligada à intensidade da dor de minha mãe e a sua extrema energia psíquica no momento em que rejeitei sua mão; tive a impressão de que havíamos sido empurrados pela significação da ocasião para dentro de outro espectro, onde nos era permitida uma espécie de elaboração poética dos acontecimentos reais e acessíveis.

Depois eu lembrei uma outra experiência similar, na qual um moço "falava comigo" num ônibus. Eu tinha talvez uns doze anos e pegara o ônibus do município em direção ao centro da cidade, ao cinema Roxy, onde estava em cartaz um festival de filmes de horror, tendo Vincent Price como atração principal, sendo o daquele dia um programa duplo, com *A Casa da Colina Mal-Assombrada* e *Horrores do Museu Negro*. Embora eu tivesse feito aquele percurso de ônibus algumas vezes com minha mãe ou meu irmão mais velho, aquela era a primeira vez que me aventurava sozinho, e estava preocupado com a

necessidade de avisar ao motorista e saltar no ponto certo. Eu não era fã de Vincent Price — francamente (que ele descanse em paz), eu achava que ele tendia a estragar quaisquer filmes em que aparecia, exagerando na interpretação de todas as cenas. Suponho que eu já tinha começado a perceber que o horripilante não era verdadeiramente assustador. Assustadora era a surpresa que ocultava-se sob a superfície completamente corriqueira, as centopeias contorcendo-se dentro da caixa de correios. (O que eu me lembro de Horrores do Museu Negro — filme de cujo elenco Vincent Price não fazia parte — é o momento em que uma personagem leva um binóculo aos olhos e duas unhas de seis centímetros de comprimento aparecem subitamente e se cravam nos olhos dela, cegando-a.) No ônibus, um garoto negro de aspecto frágil, um adolescente, estava sentado vários bancos atrás do meu; ele vestia uma camisa social branca cuidadosamente abotoada no pescoço. Já próximo ao fim do trajeto, eu e ele éramos os únicos passageiros no ônibus. Eu começara, secretamente, a ficar apavorado, pois nada do que estava vendo pela janela do ônibus parecia-me conhecido de modo algum; receei ter já passado do meu ponto de destino, e muito embora pudesse simplesmente ter pedido ao motorista que me deixasse no Roxy, impedia-me de fazê-lo uma certa timidez, quase às raias da paralisia. Várias vezes me virei e olhei para o rapaz — não sei por quê; sentia-me compelido de alguma maneira — e, com efeito, no quarto ou quinto relance, o barulho do motor do ônibus ficou abafado e distante, houve uma mudança na luz, como se o sol tivesse se ocultado detrás de uma nuvem, e o rapaz dobrou seu corpo na cintura, inclinando a cabeça para o centro do corredor. De repente tive a impressão de estar no fundo de um poço, olhando para cima, e que as paredes desse poço tinham prateleiras enfileiradas; o rapaz, empoleirado como um pássaro sobre uma dessas prateleiras e olhando para mim lá embaixo, me falou sem mover seus lábios. "Próximo ponto, filhinho", foi só o que ele disse — não exatamente algo para gravar em rocha, mas justo o que eu precisava naquele momento — e depois tudo voltou logo ao normal. Puxei o cordão do sinal para o motorista. Antes de saltar, olhei mais uma vez para o rapaz; ele estava sorrindo, um sorriso um tanto mordaz, malicioso, como se algo proibido tivesse se passado entre nós.

Eu me lembrava talvez de meia dúzia de experiências semelhantes, nenhuma delas mais significativa do que essas duas, e perguntava-me como eu, sendo criança, havia assimilado esses episódios. Achava ter sido um garoto assustadiço, e no entanto aqui, na lembrança do ônibus, via-me com doze anos de idade indo sozinho assistir a filmes de terror. Ocorreu-me que àquela altura eu tinha feito amizade com o medo, assim como um soldado, atirado pelo destino na companhia constante e isolada do captor, chega a amar o que supõe-se que odeie, seu inimigo. Afinal de contas, o medo foi uma espécie de chama eterna em nossa casa, alimentado pelo misticismo de minha mãe e pela ira do meu pai, as promessas permanentes de ruína e desordem. O fio puído entre a vida e a morte, esticado através da minha conduta cotidiana, era puxado regularmente. A morte estava tão ao meu alcance quanto a tomada elétrica mais próxima, a lixívia debaixo da pia da cozinha, anil em cima da máquina de lavar, trapos gordurosos no sótão, a corrida desabalada do cachorro doido pela estrada, o caminhão dirigido por um bêbado, raios numa tempestade, o fugitivo do presídio, o golfo com a sua ressaca, seus tubarões e furacões, o lago com suas cobras d'água e sua fundura insondável que sugava sem rodeios. Perto de tão formidáveis agentes do mundo natural, o sobrenatural custava a equiparar-se, e eu suponho que aqueles episódios de aparente telepatia não pareciam tão dignos de nota então, quando aconteceram, quanto na lembrança posterior.

Em todo caso, o resultado final dessa série de recordações foi o desenvolvimento de uma teoria pessoal: cheguei a acreditar que quando criança tinha possuído um pequeno dom, uma capacidade extrassensorial, nada excepcional, mas real; a minha caída na bebida e nas drogas, que começou bem cedo na adolescência e germinou por mais de quinze anos, conservou esse dom, pondo-o num sono preservador; e, após quase treze anos de abstinência, começou a ressurgir.

Posso dizer a vocês qual o exato momento em que os tons aleatórios desta teoria formaram uma linha melódica coerente. Foi nos dias mais frios do inverno, em Cambridge, início de fevereiro, oito meses antes de que partíssemos para a Inglaterra. Recentemente, por sinal, nós tínhamos chegado finalmente à

decisão de permitir a Jordie entrar, no outono seguinte, em um internato particular, a duas horas de carro, em Connecticut. Jordie vinha há algum tempo perguntando-nos onde iria após formar-se na oitava série, apresentando seus desejos em termos de terrível urgência. As duas melhores amigas dela no mundo inteiro, das quais ela era totalmente íntima e inseparável, estavam indo para a tal escola em Connecticut, ela viria para casa todo fim de semana se a gente fizesse questão, ela já não era uma criancinha ou coisa assim, nunca seria feliz em outro lugar e, bem simplesmente, se não a deixássemos ir, ficaria deprimida pelo resto da vida e morreria. Claro que, em face de tamanho poder persuasivo, Ellen e eu cedemos. E uma semana depois, na cozinha, Ellen me disse: "Cook, estive pensando..." Ela não olhou para mim ao falar, continuou enxaguando os pratos na pia e colocando-os no engradado da lava-louça. Mas lá fora estava escuro como breu e eu pude ver o rosto dela refletido na janela da cozinha, atrás da pia. "No próximo outono", disse ela, "Flora estará indo para Londres."

(Flora era o personagem de Ellen, a jovem pastora episcopal que fazia o papel de detetive nas suas histórias de mistério.) "Se Jordie vai estar longe, na escola, eu estive pensando que a gente poderia..."

— Ir à Inglaterra — disse eu, roubando-lhe a ideia.

— Bem, isso facilitaria muito escrever essa parte do relato — disse ela.

Jordie, que desde pequena aperfeiçoara a capacidade de ouvir todas e cada uma das palavras das nossas conversas a vários cômodos de distância, apareceu sabe-se lá de onde, escancarando a porta de vaivém da cozinha valendo-se do corpo como cunha. De pernas nuas, descalça, ela usava um suéter preto enorme, cujas mangas pendiam até cerca de trinta centímetros além de suas mãos; mantendo as mãos dentro das mangas — usando estas como barbatanas — ela pegou um copo do armário, abriu a geladeira, despejou um pouco de suco de laranja, disse "Acho que é uma ideia ótima", e saiu da cozinha.

Assim o plano de irmos à Inglaterra foi incubado. Alugaríamos um apartamento em algum lugar de Londres por um mês, mais ou menos, Ellen poderia pesquisar e escrever, embeber-se da atmosfera que precisava para seu livro, e a minha vida (mormente de improvisação) continuaria como era habitual, só que em diferente cenário. Ambos ficamos empolgados com a perspectiva, mas mesmo assim lá estava também aquele indício melancólico — no fato de podermos ir à Inglaterra por um mês — de que nossas vidas mudavam drasticamente com a partida de Jordie, e mais cedo do que esperávamos.

Algo mais tarde, naquela mesma noite, eu cochilei no sofá da biblioteca, onde tinha estado lendo. Quando acordei, passava da meia-noite, o silêncio na casa era absoluto, Ellen e Jordie dormiam no andar de cima. Spencer, o meu dálmata, dormia defronte da lareira, leal ao que restava do fogo, uns poucos tocos grandes, ainda em brasas, ainda fumegantes, debaixo da grelha.

O meu movimento ao me sentar o acordou, e ele logo efetuou suas extensões tipo ioga, nas patas dianteiras e traseiras. Eu abri para ele as portas envidraçadas da biblioteca e ele saiu ao jardim, coberto por um considerável tapete de uns quinze centímetros de neve. Os holofotes estavam ligados, e eu fiquei na porta por um minuto, vendo Spencer farejar em torno dos pinheiros no fundo do terreno. O silêncio da casa, o isolamento produzido pela neve, a hora avançada, o meu estado de recém-acordado, o jardim de contornos indistintos iluminado pelos holofotes, com suas sombras longas e rígidas, tudo combinava-se para deixar-me suscetível ao que quer que pudesse vir. Eu poderia até dizer que me encontrava em estado contemplativo — com certeza havia aquela peculiaridade de estar equilibrado na cúspide entre dois mundos, olhando, de um cômodo aquecido, para um terreno gelado. Talvez meus olhos tenham se voltado por um instante para o fogo que se extinguia. Então, Spencer já estava voltando para o terraço e as janelas, e eu entreabri a porta antecipadamente.

Mas era mesmo Spencer, o nosso dálmata de gênio manso, quem rumava para a porta? A fera que trotava sobre a neve em minha direção era um cão, quanto a isso não cabia dúvida, mas maior, mais alto, mais esbelto que Spencer, e inteiramente branco, sem manchas. Pensei que meus olhos me enganavam — daí a um segundo, ele teria o aspecto que devia ter — mas em vez disso, quando o cão entrou no terraço e na luminosidade dos holofotes, eu avistei seus olhos, que eram rosados albinos e fitavam-me diretamente.

Fechei a porta batendo e experimentei uma estupefação momentânea — o meu sangue me abandonara, minhas glândulas adrenais é que dominavam a situação, todas as juntas do meu corpo fraquejavam — e então, de repente, lá estava Spencer, manchas e olhos castanhos intatos, perplexo por eu ter batido a porta na cara dele, e formando pequenos halos embaçados ao respirar sobre as vidraças perto dos meus pés.

Deixei o cachorro entrar de novo na casa e dei-lhe muitos abraços e beijos a modo de desculpa. Quando subia os degraus, meu coração ainda estava disparado. Ellen deixara uma lâmpada acesa no quarto para mim e dormia com um travesseiro em cima da cabeça, para tapar a luz. Quando eu me deitei, ela se mexeu, afastou o travesseiro, abriu os olhos parcialmente sob a luz, e disse: — Ela está lá fora na saliência..

— Quê? — eu disse. — Quem está lá fora na saliência?

Ao ouvir minha voz, ela se virou de novo e olhou para mim. — Oi — disse ela.—Não é tarde? — De repente ela se ergueu apoiando-se num cotovelo. — Cook, o que houve?

— disse ela. — Você está com cara de quem viu um fantasma.

Deitado na escuridão alguns minutos depois, ouvindo a sua respiração regular, eu ia dar forma à minha teoria — ou melhor, a teoria pareceria formar-se em mim — do dom do menino, perdido uma vez, agora reanimado, pequeno mas real, frustrado pela bebida no início. Mas em resposta à pergunta dela, beijei-lhe a bochecha e disse: — Não houve nada, não... continue dormindo — porque mesmo que ainda tremesse com o pavor que acabara de experimentar lá embaixo e pudesse pedir algum conforto, sentia-me consumido pela vergonha, como se tivesse sido vítima de um crime sórdido, que de algum modo eu próprio tivesse causado, por negligência ou irresponsabilidade, e agora precisasse manter em segredo a parte que nele me cabia.

dois

EM PELO MENOS UMA OCASIÃO eu dei informação enganosa a meu respeito. Tenho dito que me aposentei aos trinta e nove anos de idade para administrar os meus investimentos.

Tecnicamente isso é verdade, mas eu apenas os administrei por cerca de três meses. Não demorei a contratar dois homens para essa tarefa — Mike Gildenberg, consultor em tributos e investimentos, e Tony Rosillo, um corretor. Mike e Tony telefonam frequentemente, fingem consultar-se comigo, e eu enceno a minha parte, tomando o meu tempo para avaliar uma sugestão feita por um deles — às vezes recebo uma pergunta com múltipla escolha, a, b ou c — mas afinal faço o que me dizem. Tony Rosillo vive em Nova York. Vimo-nos brevemente duas vezes em cinco anos. Mike Gildenberg vive em Seattle. De fato, nunca me encontrei com ele. Nem sequer vi um retrato dele. A minha ligação é com as vozes desses homens (na verdade, com os sinais de suas vozes, retransmitidos por uma estação repetidora não-sincrônica em órbita baixa), e eu confio nas vozes deles como provavelmente não confiaria nos próprios homens, se é que posso fazer essa distinção. (Acentuando a primeira sílaba de Rosillo, Ellen refere-se a Tony e Mike como "Rosillo e Gildenberg"; se eu lhe digo que está na hora de atualizar seu Macintosh, ela diz: "E essa a ordem de Rosillo e Gildenberg?") Depois desses anos, o conselho deles frequentemente se estende além dos limites de questões tributárias e de investimentos. Quando comentei com Mike que viajaríamos a Londres em outubro, ele me disse qual a companhia aérea que tinha mais espaço para as pernas entre as poltronas, qual o restaurante em Chelsea que servia o melhor linguado de Dover grelhado na panela com alho, qual a tabacaria perto do Palácio de Saint James que tinha havanas realmente bons. Quando mencionei a viagem falando com Tony, ele me disse onde eu tinha de ficar — um pequeno e requintado hotel britânico perto de Sloane Square, o qual dispunha de um apartamento de bom tamanho e preço razoável, desde que a reserva fosse feita com bastante antecedência. "O Willerton", disse ele. "Você vai adorar esse lugar... é que nem algo saído do Masterpiece Theatre".

No fim da primavera, todas as nossas providências foram tomadas: passaportes, reservas de voo, pessoas para tomar conta da casa e dar um passeio com o cachorro.

Reservei o apartamento no Willerton, enviei um sinal polpudo, e recebi uma confirmação por fax. O apartamento, segundo a descrição que me foi dada pelo gerente do hotel, tinha um banheiro, uma cozinha pequena com área para refeições, uma sala de estar, uma sala de jantar formal e dois dormitórios. Ele ocupava o último andar do hotel, com orientação para o norte e o sul, e seria nosso para o mês de outubro.

Seguiu-se um verão longo e vagaroso, em que o acontecimento mais importante foi que Jordie conseguiu finalmente ter suas orelhas furadas. Desde os oito anos, ela nos amolava para que lhe permitíssemos fazê-lo, e quando fez dez anos demos consentimento. De posse da nossa autorização, ela fez face pela primeira vez ao real temor que o procedimento lhe inspirava, e passaram-se mais quatro anos até ela corajosamente enfrentar a cadeira de furacão na The Earring Tree, em Harvard Square.

Ela fez o furo da orelha direita em junho, e o da esquerda em julho (assim, sempre tinha uma orelha sã sobre a qual dormir). Em agosto ela estava bronzeada, graças aos passeios pelo Cabo Cod, seu cabelo descorado pelo sol, os olhos intensamente claros e brilhantes. Usava uma argola de ouro numa orelha e um coração de cristal pendente de uma correntinha na outra. Eu mal aguentava olhar para ela. Durante

todo o mês de agosto, quase não havia nada que ela fizesse, nem modo de ela se comportar, que não parecesse partir meu coração. Num sábado ao meio-dia, eu entrei na biblioteca e a vi lá fora, ao sol no terraço, camiseta branca e viseira, lânguida numa espreguiçadeira, livro fechado sobre o colo, limonada e telefone sem fio à mão sobre as lajotas; enquanto ela sonhava deitada, enfeitiçada com seu futuro imediato, fiquei paralisado, tocado pela perda, na minha sala sombreada com seus aromas familiares de cinza e couro. Pela primeira vez, achei o nosso casarão ridiculamente grande, extravagante; eu não andava pelos corredores, perambulava por eles, e em toda parte parecia encontrar a voz de Jordie, a cantar detrás de uma porta fechada. Enquanto isso, Ellen — ex-aluna da escola onde Jordie ia estudar — revisitava, através dos preparativos da sua filha, uma época feliz da sua própria juventude. Durante cerca de três semanas ela e Jordie ficaram inseparáveis. Elas saíram às compras à procura de roupas de inverno, novas roupas de cama, nova bagagem, embalaram livros e CDs em caixas de papelão, e conversaram sem parar. Elas iam almoçar juntas no Square e conversavam. iam ao cinema e depois a algum lugar para conversar. iam nadar em Walden Pond, e ao salão de beleza, e conversavam. Ocasionalmente, eu era convocado e solicitado a descer algo — um velho umidificador, uma bolsa sanfonada para roupas — de uma prateleira alta no guarda-roupa de Jordie, ou mandado à loja de ferragens para comprar mais fita de embalar. Ellen dedicava-me um reconfortante sorriso de patrão, o sorriso que uma mulher dá a um operário que conserta alguma coisa no seu quarto, e Jordie dizia "Obrigada, papai", com a sua nova voz adulta, excessivamente sincera.

Eu levava a minha angústia para o Clube de Tiro Dorchester e fazia buracos calibre 22 em resmas de alvos de papel, amuado e atirando sem parar, igual a um garotinho de jardim de infância frustrado, não fosse a arma verdadeira e suas balas reais.

No fim de semana do Dia do Trabalho, último fim de semana antes de levarmos Jordie para Connecticut, vieram três dias de chuva torrencial, chuva espantosa que saturou a terra e transformou as ruas em rios, chuva que prosseguiu sem interrupção durante horas, que fez uma pausa de uns três minutos, talvez, no domingo ao meio-dia, e depois recomeçou, mais forte que nunca. Só íamos levar Jordie para a escola na tarde de terça-feira, mas ela e Ellen já tinham terminado seu trabalho, e as malas estavam prontas para sair pela porta. A combinação de chuva (de estar preso na casa mais que o normal) com a visão da bagagem de Jordie no corredor do andar de cima deixou Spencer agitado. Ele achava difícil escolher um quarto para ficar, e uma vez feita a escolha, parecia não conseguir achar uma posição confortável. Suponho que me identifiquei com ele excessivamente; quando nossos olhares se encontravam, aquilo era comovedor demais, e a lamúria dele, breve, aguda e insistente (que para mim soava como uma grande roda de metal rangendo até parar) podia ter saído da minha própria laringe oprimida.

Com o seu crônico virar em círculos, o seu jeito de jogar-se no chão com um ruído surdo apenas para levantar-se e mais uma vez repetir o procedimento, ele parecia estar representando meus sentimentos com exatidão. Isto, essa excessiva identificação com o cão, me deixou desassossegado, de modo que me apossei da cozinha como lugar digno de dedicação. Passei horas preparando pratos escolhidos em função da sua dificuldade e do tempo empregado no preparo; Ellen entrava de olhos arregalados, para encontrar-me limpando camarões, descascando tomates, tirando corações de alcachofras. Concentrava-me nos detalhes, achando conforto ao ver como uma alcaparra jogada no óleo quente se abre e vira uma florzinha preta crespa e perfeita.

A chuva continuou entrando pela noite da segunda-feira. Por volta das onze e meia, sem conseguir dormir, deitei no balanço debaixo da parte coberta do terraço. Se eu não tivesse largado o cigarro e a birita, estaria fumando e bebendo. Tudo no cenário — a época do ano, a hora da noite, o ar tépido, o barulho da chuva — inspirava saudades, uma espécie de desejo de coisas velhas que incluía cigarros e uísque e uma Ellen mais nova, menos judiciosa, que em vez de me dizer "Não fique acordado até muito tarde", teria estado ali perto de mim, sentindo-se apropriadamente confusa com a partida de Jordie no dia

seguinte. O meu desejo, que eu imaginei como uma malta de homens furiosos pavoneando-se ao percorrer uma rua e ficando mais fortes conforme andavam, chegou de repente, com vigor, à porta do quarto de Ellen, agora concentrado totalmente e socando-a com os punhos. Por isso, quando, um minuto depois, ouvi a porta do terraço abrir-se atrás de mim, fiquei de olhos fechados e sussurrei sensualmente na escuridão "Eu fiz você surgir por encanto", sorrindo e muito satisfeito comigo mesmo.

— Como assim, papai? — disse Jordie.

— Jordie — disse eu, sentando-me logo. — Você não consegue dormir?

Ela se aproximou e ficou bem na minha frente. Havia uma lâmpada acesa na biblioteca, que fornecia luz suficiente através das janelas para que eu visse o roupão azul felpudo que ela estava usando, uma das novas aquisições dela e de Ellen.

— Está brincando? — disse ela. — Nem consigo manter os olhos fechados.

Dei um tapinha no colchão do balanço à minha direita.

— Deus — disse ela, sentando-se perto de mim —, estou excitada demais.

— É compreensível — disse eu.

Ela abaixou a cabeça e começou a empurrar com o dedão contra o piso de lajota, muito suavemente, para iniciar o movimento do balanço.

— Papai — disse ela depois de um instante —, minha orelha dói. — Ela tocou de leve o lóbulo da sua orelha direita. — Acho que pode estar ficando infeccionada de novo — acrescentou num tom completamente isento.

— É bom você botar alguma coisa nisso — disse eu.

— Álcool.

— É, isso.

Ela parou de mexer na orelha, deixou ambas as mãos apoiadas no colo e disse: — Já fiz isso.

As nuances mais sutis dessa breve troca de palavras não me escapavam, a triste tentativa de voltar a uma época anterior em nossas vidas, quando, se ela tinha uma dor, eu tinha um remédio no qual ela ainda não pensara. — Jordie — disse eu —, vou sentir a sua falta.

— Meu Deus, papai — disse ela. — Não estou morrendo, só estou indo para Connecticut.

— Sei disso — disse eu. — Eu sei para onde você está indo.

— Essa chuva — disse ela — é incrível. Você acha que vai parar: — Vai sim — disse eu.

Ela olhou para mim. Achei estar vendo algo assim como determinação no rosto dela.

— Essa é a camisa que lhe dei para o seu aniversário — disse ela. Eu não tinha reparado nisso, mas de fato estava usando uma camisa que Jordie me dera na primavera, uma coisa chamada T-Shirt Chinesa da Sorte; na minha lia-se "Cante uma canção, seus fluidos criativos estão brotando. Números de Sorte 18, 28 3, 9, 51, 38."

Durante cerca de dez anos, Jordie tinha vivido com pavor do meu cantar, vivia com medo de eu resolver cantar de repente em qualquer lugar público. Andando por uma rua, eu começava a cantarolar The Way You Do the Things You Do, silenciosamente, só para mim, e ela apertava meu braço. "Papai", ela murmurava, desesperada. "Psiu."

Quando dirigia o carro, fazendo transporte escolar, às vezes eu começava a cantar acompanhando a canção que tocava no rádio, mortificando-a diante das amigas. Quando ela me dizia que me calasse, eu alegava em minha defesa que ela estava reprimindo os meus fluidos criativos. Daí a camisa.

— E ela, sim — disse eu, dando uma olhada na frente da camisa.

— E esses são os mocassins que lhe dei para o Natal — disse ela. Eu olhei para os meus pés. — São, sim — disse.

Ela se abaixou e levantou uma bainha dos meus jeans. — Não acredito — disse ela. — Eu lhe dei essas meias.

Eu tirei a mão dela. — Quer fazer o favor de não me incomodar? — disse-lhe.

— Não dá para acreditar — disse ela. — Você está usando praticamente tudo o que eu já lhe dei de presente.

— E daí?

— Daí que você é esquisito — disse ela.

— O que é esquisito? — disse eu. — Por acaso, estou usando algumas coisas que você deu. Não vejo o que é tão esquisito.

— Não sei — disse ela —, é como — sei lá — se eu tivesse morrido ou algo assim. E arrepiante. Eu só estou indo para Connecticut.

Houve um relâmpago, e em seguida uma espécie de trovão que cresceu lentamente e soou como uma rocha gigantesca rolando cada vez mais perto de nós. E alguém aumentou o volume da chuva. Por um momento eu pensei que estava começando a captar um dos "maus sentimentos" da minha mãe. Ocorreu-me que se, por exemplo, na semana seguinte, depois de Jordie ter ido embora, alguém derrubasse seu retrato de cima do piano e quebrasse o vidro, eu seria capaz de bater nessa pessoa com um cinto. Pude ver-me fazendo isso — não a uma criança, claro, mas possivelmente a um adulto desleixado.

— Jordie — disse eu. — Eu já confessei o crime do qual você parece estar me acusando. Vou sentir falta de você. Admito isso francamente.

Seus olhos se entristeceram. — Mas eu não quero que você sinta falta de mim — disse ela, quase reclamando.

— Sinto muito — disse eu. — Não se pode ter tudo.

Então, de repente, ela estava chorando e dizendo que erro terrível tinha sido tudo aquilo, como ela podia ter pensado sequer por um nanosegundo que poderia viver longe da sua mãe e de mim, ela tinha sido tola, egoísta e estúpida e errado totalmente em tudo — o que me fez mudar de lado dentro de mim mesmo e começar a entoar loas à escola, a sustentar a sabedoria da nossa decisão.

— Oh-h-h — disse ela, tremendo, e eu a abracei enquanto ficávamos por um instante sentados ouvindo a chuva — tempo que bastou para ela ficar feliz de novo, e logo estava dando-me um beijo de boa-noite, alegremente, ansiosa por voltar a seu quarto, onde arrumaria suas roupas para o dia seguinte. Ela só tinha tido uma rusga com seu amor reluzente, o futuro — num relance, ela entrevira nele o patife que ele poderia ser de fato, tinha vindo reclamar comigo, e eu renovara a sua confiança em que provavelmente ele acabaria sendo legal; agora, já recuperado o seu prévio enrabichamento míope, ela mal podia esperar para voltar aos seus braços, arrependida de ter duvidado dele.

Na manhã seguinte, a chuva tinha parado. O quintal estava cheio de maçãs de origem desconhecida, arrastadas até nós de terreno mais elevado. Eram da variedade Baldwin, se não me engano, espalhadas por todo canto e amontoadas no lado do aclave contra as árvores e moitas. Surpresos, Jordie e eu fizemos a única coisa sensata que pudemos cogitar de fazer — recolhemos as maçãs e preparamos uma torta para ela levar consigo para Connecticut.

A teoria da minha presciência (ou o que quer que fosse) redescoberta, formulada no inverno, permaneceu latente durante oito meses. Por algum tempo, após o assustador incidente com o cão, eu procurei ativamente significados ocultos em tudo, mas a despeito da minha disposição a exagerar as coisas, não testemunhei presságios ou acontecimentos enigmáticos de espécie alguma; não surgiu nenhuma nova evidência a sustentar as minhas ideias. Finalmente, alguns dos princípios da minha abstinência do álcool e das drogas — uma vida de simplicidade, pôr em foco o dia de hoje, humildade e relacionamento sincero com as pessoas — me devolveram o equilíbrio, e já quando Ellen e eu pisamos solo inglês (pavimento inglês, na verdade), eu me mantinha firmemente no mundo natural.

Jordie estava felizmente instalada na nova escola, sem problemas. Como presente de despedida, ela me deu uma miniatura de um dálmata de cerâmica, dizendo que eu deveria conservá-la comigo para ter boa sorte e lembrar-me dela e do Spencer. Tendo Jordie ido embora, a planejada mudança de ambiente para Ellen e para mim foi tão bem-vinda que quase pareceu providencial. Em 4 de outubro, uma segunda-

feira, nós pegamos um táxi na Estação Victoria, descemos dele numa ruela estreita e começamos a avaliar o Hotel Willerton: duas casas de tijolos de meados do período vitoriano, unidas numa só fachada em virtude de terem os frisos pintados na mesma cor creme.

Um alegre dossel listrado azul e branco com postes de bronze polido protegia as portas de entrada de vidro biselado, e em cima pudemos ver as janelas do nosso apartamento, sobressaindo de um telhado de mansarda com telhas de ardósia. Eram cerca das oito horas da manhã de um dia promissor, ótimo, com a luz do sol já batendo nos dois andares superiores do hotel. Paguei ao motorista, que tinha colocado nossas malas aos nossos pés, e assim que ele partiu Ellen e eu nos olhamos. Ela estava pálida e cansada da viagem noturna, a travessia do oceano, estranha e difusa, mas ainda assim pude ver excitação em seus olhos. Ela tinha trançado o cabelo no avião, e de certa forma projetava uma elegância simples e tradicional que parecia, de repente, instantaneamente inglesa. Ela se virou para o hotel, deu de ombros apenas ligeiramente, e disse: — Perfeito. — Depois, agachou-se para pegar uma das nossas malas e disse: — Absolutamente perfeito.

Fomos recebidos debaixo do dossel por um moço francês muito animado, que nos poupou de levar a nossa bagagem. Ele não tinha como carregar tudo o que trazíamos, mas insistiu em que deixássemos tudo e entrássemos no hotel sem levar nada. — Passem, por favor — disse ele, acenando para que subíssemos os degraus. — Eu seguirei logo.

Atravessamos um vestíbulo e ingressamos no corredor de entrada, onde um lance de escada branco resplandecente, com tapete vermelho, conduzia a uma sala avarandada com balaústres situada em cima. A um lado da escada estava o balcão do hotel, tal como era, uma pequena cabine com caixas para correspondência e uma porta no fundo dando para um escritório. Uma mulher bonita de cabelo cinza estava sentada atrás do balcão e sorriu para nós quando entramos, embora estivesse ocupada atendendo o telefone. Ela ergueu um dedo e murmurou as palavras "Só um momento..." Virou na sua cadeira giratória e consultou uma grande tabela afixada na parede atrás dela; eu a ouvi dizer no telefone: "Bem, não, eu lamento mesmo. Só posso lhe dar um banheiro descendo o corredor nessas datas. Sim..."

À direita da cabine da mulher havia um corredor que conduzia a outros quartos, a mesma pintura branca brilhante e o carpete vermelho, e eu estava prestes a aventurar-me pelo corredor quando a mulher desligou o telefone e nos cumprimentou. Sim, o nosso apartamento estava pronto, disse ela, e sim, ela mandaria levar o chá para cima daqui a pouco, e Pascal, por gentileza, poderia nos mostrar o último andar? Pascal, o moço de cabelo escuro que trouxera nossas malas, guiou-nos então por uma passagem estreita ao lado da escadaria central até um minúsculo elevador. Eu me virei e olhei para a nossa bagagem, e Pascal esclareceu que cuidaria de levá-la para cima "imediatamente, assim que vocês estiverem instalados". Tivemos que afastar-nos para que ele abrisse a porta do elevador; ele puxou a porta pantográfica e acenou para Ellen e eu entrarmos. Não tive certeza alguma de que haveria espaço para Pascal nos acompanhar. O elevador era forrado em mogno, tinha iluminação difusa mas agradável, e havia uma prateleira no fundo da cabine, com uma pilha de roupa de cama branca limpa. Pascal retirou a roupa de cama, depois encostou a prateleira dobrável contra a parede, criando assim algum espaço adicional.

Em um instante estávamos na nossa rota ascendente, subindo em silêncio. Notei que tínhamos começado no andar térreo, o que significava que nosso apartamento de quarto andar estava realmente cinco andares acima. Enfiado sob a borda do painel de botões de pressão do elevador, estava um cartão comercial em que se lia "Lohengrin Lifts".

Assim que passamos o primeiro andar, do qual tinha-se um relance através de uma janelinha na porta, pude ouvir o som abafado de um piano, que ficava mais alto à medida que subíamos; eu sorri para Ellen, que retribuiu o sorriso. A música parecia vir do terceiro andar — ela começou a diminuir assim que passamos diante da porta do terceiro andar.

— Um pouco cedo para ouvir Schubert — disse eu, embora não estivesse completamente certo de

que era Schubert o que estava sendo tocado. Ellen olhou para mim zombeteiramente.

Pascal, que estava de costas para mim, virou a cabeça e sorriu agradavelmente sobre o ombro. "Fardem, monsieur?"

— Eu disse que é um pouco cedo para ouvir Schubert — disse eu, assentindo estupidamente.

Pascal sorriu de novo, mas era evidente que não tinha entendido o meu comentário e achava constrangedor perguntar pela segunda vez.

Uma vez que chegamos ao nosso andar, fomos conduzidos através de um breve intervalo de escuridão até uma porta almofadada branca de aspecto pesado; Pascal mexeu com a chave por um instante, e depois, de repente, o corredor ficou inundado de luz. Entramos em uma sala de estar luminosa forrada com papel de parede e duas janelas altas dando para a rua, e em coisa de segundos Pascal nos deixou. Ellen jogou seus braços em meu redor, dizendo: — Oh, Cook, é sensacional, sensacional, sensacional, agora por favor me ajude a achar o banheiro.

Começamos percorrendo um corredor, dando uma olhadela rápida nos dois quartos de dormir. — Olhe — disse Ellen. — Os dois têm camas separadas. Não são uma gracinha?

— Adoráveis — disse eu.

Achamos o banheiro, Pascal voltou logo com a nossa bagagem, e mais uma vez com chá, bolinhos e geleia, e uma hora depois, mais ou menos, estávamos instalados no quarto maior, de cortinas fechadas, e logo caímos no sono em nossas camas separadas.

Como acontecera diversas vezes nas últimas semanas, eu sonhei com Jordie. No sonho, eu tinha sido chamado pelo diretor da escola em Connecticut para tratar do problema de ortografia de Jordie. O diretor, que usava uma peruca de juiz inglês, batia com um ponteiro contra um desenho do tamanho de um pôster que Jordie tinha feito realmente, na vida real, na terceira série, e de fato pendia, emoldurado, no meu escritório lá em Cambridge. "O lado de dentro de um porco e o lado de fora de um porco" era o título — era exatamente o que vocês podem imaginar, com diversos órgãos internos visíveis e rotulados: "Sérebro" "Estôgamo", "Insestinos", "Veiais". Fui acordado do sonho por Ellen, que se juntou a mim na minha cama, enfiando-se debaixo das cobertas.

— Oi — eu disse, deitado de costas, tornando a fechar os olhos. Pus um braço debaixo dela, e ela se virou de lado, voltada para mim e deslizando sua perna de modo que o lado interior da coxa nua ficou apertado contra mim.

Se eu ficasse privado da visão, do olfato e da audição, reconheceria essa exata calidez, essa exata pressão entre quaisquer outras; eu pensava que nenhuma corrupção na vida poderia atingir um abismo tão amplo que não pudesse ser transposto por essa duradoura e confortável aliança das nossas coxas, para além das palavras, da análise ou até da emoção, essa coisa cega que nossos corpos conheciam. Era a nossa versão daquilo a que as pessoas se referiam ao dizer "Eu reconheceria você em qualquer lugar."

— O que você quis dizer — indagou ela depois de um minuto — no elevador, com "... um pouco cedo para ouvir Schubert"?

— Oh — disse eu. — Bem, eu achei que era Schubert. Parecia Schubert.

— O que você achou que parecia Schubert?

— A música — esclareci. — No elevador.

— Cookie — insistiu ela. — Este não é mesmo o tipo de hotel em que haveria música de flauta no elevador.

— Não, não — disse eu. — Não era flauta. Alguém estava tocando em outro quarto. Teve um pico de volume perto do terceiro andar e depois baixou de novo. Você deve ter ouvido.

— Não — murmurou ela, iniciando o conhecido movimento de pernas, para cima e para baixo, debaixo das cobertas.

— Provavelmente seus ouvidos ainda estavam entupidos por causa do voo — argumentei, embora me lembrasse do sorriso cortês do jovem Pascal, por cima do ombro, dando-me a entender que tampouco ele

tinha ouvido música alguma.

três

FLORA, A JOVEM PASTORA EPISCOPAL dos mistérios de Ellen, é, como seu nome, antiquada. De um modo geral, seus hábitos, valores e enfoques do trabalho pastoral são basicamente tradicionais. Ela é instintivamente conservadora no pensamento e nas emoções. E, não obstante, aí está ela, solteira embora já bem entrada na casa dos trinta anos, mulher e pastora. Em certo sentido (e sem se propor a tal) ela redefine o termo "conservador". É justamente porque a sua leitura dos Evangelhos tem uma tendência fundamentalista que ela se orienta à esquerda em política. Ajudar os pobres e necessitados e recusar-se a apedrejar a prostituta é o que Jesus pretendia.

Flora é extraordinária na sua postura usual, cheia de surpresas porque a sua índole é tão materialmente incapaz de surpreender. A mãe fugiu há muito tempo, o pai morreu recentemente, e ela não tem irmãos — o que lhe dá uma conveniente condição de solidão no mundo. Seu único parente vivo conhecido é uma tia-avó que ela ainda não conhece, e que vive na Inglaterra. No novo romance de Ellen, um apelo inesperado e misterioso dessa tia-avó traz Flora a Londres. A mulher mora — em que outro lugar? — em Hampstead, e — em que outro lugar? — à beira do Heath.

Em bem pouco tempo, Ellen se organizara e tinha clareza quanto ao tipo de pesquisa que pretendia fazer. Esta incluiria excursões a Hampstead, claro, mas também muitos passeios a pé no centro de Londres, onde Flora passaria um bocado de tempo. Primeiro Ellen iria com uma agência de excursões e posteriormente se aventuraria sozinha.

Era sua intenção, ao longo do mês que passaríamos lá, absorver a cidade, deixar que uma coisa levasse a outra, como acontecia com Flora, e levar um diário meticuloso.

O tempo, ao que parecia, ia cooperar. Em toda parte onde a gente ia, as pessoas comentavam como estava quente e seco nesse mês de outubro. Em Cambridge (Massachusetts), as folhas já tinham mudado de cor e começado a cair. Em Londres, a maioria das árvores ainda estava verde, com apenas alguns vestígios de cores outonais aqui e ali.

De noite era preciso um suéter ao ar livre, mas podia-se andar só de camisa durante o dia. A minha intenção era entregar-me a Ellen, ser seu companheiro, seu colaborador no sentido mais amplo do termo, e suponho que sempre vou me perguntar quão diferente tudo poderia ter sido se eu fosse capaz de me cingir a esse roteiro original.

A terça-feira está um tanto apagada, provavelmente devido à diferença do fuso horário. Creio que a gente andou um pouco para se orientar, comprou alguns comestíveis para o apartamento, jantou num bar das imediações. (As nossas opções de alimentação eram múltiplas: havia muitos restaurantes a curta distância do hotel, para ir andando.) Na quarta-feira pegamos um passeio denominado A Londres que Ninguém Conhece, que nos levou, no distrito Holborn, pelo antigo bairro de Samuel Johnson, que, segundo citava o folheto, teria dito: "Adoro um pouquinho de história secreta." Apesar do clima perfeito, acho que já estávamos na baixa temporada para excursões a pé e turismo em geral. Éramos um pequeno grupo de cerca de uma dúzia — outros dois casais americanos, algo mais velhos do que Ellen e eu, e aquela indefinida variedade de pessoas louras e jovens que aparecem em todos os cantos do mundo, falando holandês ou alemão. Os americanos ficavam falando de como tudo estava limpo e como se sentiam seguros. Lembro-me de uma ou duas antigas igrejas e do que restava de uma cripta normanda,

mas confesso que estava preocupado com os meus próprios pensamentos. De vez em quando Ellen me cutucava e pedia que tirasse uma foto de algo, e eu retornava o suficiente para focar e apertar o obturador.

Naquela manhã eu acordara cedo e tinha me vestido enquanto Ellen ainda dormia; o chá seria trazido ao apartamento às nove, e calculei que tinha tempo para uma volta pelos arredores do hotel. Dei uma caminhada deliciosa através de Belgravia, pensando o tempo todo como tudo estava limpo e como me sentia seguro. Ao ver escolares com seus uniformes de lã pensei em Jordie e como sentia falta dela, e resolvi telefonar para a escola e falar com ela aquela noite. Comprei algumas Iris em Sloane Square e regressei ao hotel.

Pascal acabava de pegar o serviço, e estava de pé embaixo do dossel, abotoando seu colete preto. Ele cumprimentou-me e bateu seus calcanhares ao ver-me, um gesto surpreendente que eu não soube muito bem como interpretar; me vi a recapitular quanto tinha dado a ele de gorjeta nas últimas vezes que trouxera o chá — muito? pouco?

(Não era preciso dar gorjeta nenhuma, pois nossa conta seria acrescida de uma taxa de serviço.) Mas quando alcancei os degraus da entrada ele estava paralisado em posição de sentido, olhos dirigidos à frente e embaciados como um dos guardas do palácio da rainha; quando lhe falei, ele não respondeu, mas permaneceu paralisado em silêncio, e aí eu captei a brincadeira. Parei e passei a mão para um lado e para outro diante de seus olhos. Enfiei as flores debaixo do nariz dele. Ensaiei um buuuhh! Disse que os franceses eram um bando de esnobes. Disse que os franceses eram um bando de bebuns viciados em sexo, e ele desatou a rir, ficando todo corado.

Pegou minha chave com a mulher de cabelo cinzento no balcão e, ainda dando risada, acompanhou-me até o elevador, fechou a porta atrás de mim e acenou um adeusinho através da janelinha quando comecei a subir. Então todas as peças da manhã se reuniram, enquanto eu aparentemente deixava a terra firme, e compuseram um momento maravilhosamente feliz: sentia-me bem descansado, e o bom tempo, a caminhada matinal no Belgravia com seus tons de creme, as flores e as brincadeiras de Pascal, tudo envolvia-me numa grandiosa composição de boas-vindas.

Então ouvi o som do piano de novo, quase imediatamente, e dessa vez prestei cuidadosa atenção. Era evidentemente alguém tocando — ouvi o pianista parar, recuar e repetir uma frase problemática um par de vezes — por certo vinha do terceiro andar. Quando cheguei ao nosso andar, em vez de sair, apertei o botão 3 e desci novamente.

O elevador parou e eu puxei a porta pantográfica. Pude ver através da janelinha um corredor curto similar ao nosso no andar de cima, paredes brancas, tapete vermelho, mas bastante bem iluminado, uma vez que as várias portas em ambos os lados estavam entreabertas. Também reparei em duas escadas de mão, de madeira, manchadas de tinta, fechadas e encostadas na parede à esquerda. Tentei abrir a porta do elevador, mas parecia estar trancada. Usei o ombro pressionando contra ela, pensando que estivesse apenas emperrada, mas, não tendo sucesso, abaixei-me até a altura da maçaneta e pude ver, na fresta entre porta e batente, o que parecia ser um ferrolho de segurança de bronze montado no lado externo da porta. Fechei a porta interna do elevador e voltei ao quarto andar.

Eu não tinha um plano definido. Suponho que se a porta do elevador não estivesse trancada, eu teria entrado no corredor e ficado ali a fim de ouvir melhor. Aí é que está o detalhe estranho: a música parou no instante em que encostei o meu ombro na porta, e recomeçou quando apertei o botão do quarto andar, como se o pianista sentisse a minha presença, ou a minha intromissão em potencial. Pensei comigo que ela podia realmente ter ouvido o elevador parar no seu andar — ele fazia de fato um barulho considerável — e logo me perguntei por que tinha pensado "ela".

Encontrei Ellen acordada, vestida e alegre no quarto, e dessa vez não mencionei a música no elevador. Eu tinha algo daquela mesma sensação que experimentara meses atrás, na noite em que fui deitar com Ellen logo após o meu susto com Spencer no quintal dos fundos lá em casa — uma sensação

de ter participado de alguma maneira de algo ilícito, como se algo ruim tivesse acontecido comigo em razão de ter-me metido em algum lugar onde não deveria ter estado. Eu tinha certeza de que Ellen, apesar de ser escritora de relatos de mistério, teria desaprovado a minha tentativa de bisbilhotar. Ela teria zombado de mim por esse negócio de ouvir coisas. Poderia até advertir-me para não estragar nossas férias com o que chamava de *tolicexcêntrica*, uma palavra só, conotando qualquer coisa fantasmagórica em sentido sobrenatural.

Vejam bem, Ellen acredita na velha escola de literatura de mistério, na intromissão da desordem (assassinato) num mundo de ordem (uma sociedade moral confiável).

Se você der lugar ao spectral neste quadro, perde o controle de seu singelo dispositivo: uma espécie de desordem amoral surge em toda parte a todo momento, detrás de tudo. No quarto, beijei Ellen na nuca e agitei as Iris. Encantada, ela pegou o telefone e pediu que trouxessem um vaso junto com o nosso chá, prestes a chegar.

Mais tarde, durante o passeio por Londres que Ninguém Conhece, parte da minha distração era a música em si — o som do piano, a melodia permeando minha mente, vagueando por aí, esperando ser identificada, à procura de um lugar onde se abrigar.

Na quinta-feira acordei quase às dez da manhã e deparei com o apartamento ainda escurecido e um bilhete na cômoda de Ellen, dizendo que ela havia tentado despertar-me sem sucesso; esperava que eu não tivesse adoecido; ela havia descido para tomar o café da manhã no restaurante do hotel; eu me encontraria com ela se quisesse; se não, ela viria conferir mais tarde; por acaso eu gostaria de fazer um passeio com ela pelo antigo Bairro Judeu (algo que Flora queria fazer) no East End, às onze e meia?

Desde que parara com as drogas e a bebida, eu muito raramente dormia até tarde, e ninguém, nos últimos treze anos, tinha tido qualquer dificuldade em acordar-me.

Enquanto me lavava e vestia, percebi que estava loucamente zangado com Ellen por ela não conseguir me acordar; pensei que ela não devia ter insistido muito, e até que podia não ter dito a verdade no bilhete. Mas que motivo podia ela ter para mentir? E mesmo se tivesse querido tomar o café da manhã sozinha por alguma razão, não podia ter conseguido que eu dormisse até tarde, visto que dormir até tarde não era minha inclinação natural. No meio desse pensamento irracional percebi que ele era irracional, mas parecia incapaz de livrar-me dele. Na hora em que saí do banheiro e sentei na borda da minha cama, abaixando-me para amarrar meus sapatos, estava furioso mesmo. Na noite anterior, eu queria ligar para Jordie, mas Ellen disse que ela ainda estaria em aula e que devíamos esperar e ligar depois de voltarmos do jantar; depois, quando voltamos do jantar, esquecemo-nos de telefonar, e eu tinha acordado no meio da noite lamentando o esquecimento.

Quando eu estava para sair do apartamento, o telefone tocou. Atendi na sala de estar.

— Você se levantou — disse Ellen ao ouvir minha voz bem desperta.

— Claro que me levantei — disse eu. — Onde você está? Seguiu-se um breve silêncio, após o qual ela disse, com voz excessivamente calma: — Estou aqui embaixo, Cook. No restaurante. Deixei um bilhete para você. Não leu?

Suas frases curtas e ponderadas, de igual duração, eram um insulto, uma condescendência.

— Eu vi, sim — disse eu. — Por que não me acordou?

— Bem — disse ela —, de fato, quero falar com você sobre isso. Quer descer aqui? Eles param de servir daqui a cinco minutos.

Eu lhe disse que pedisse algo, qualquer coisa, o que ela tinha comido, e desliguei.

Voltei ao banheiro e molhei meu rosto com água fria. "Segure aí, Selway, disse em voz alta, e quando abaixei o rosto sobre a toalha limpa, algo nesse gesto me lembrou de chorar, de soluçar nas próprias mãos, e por um momento senti vontade de fazer exatamente isso. Acho que quando uma pessoa diz "Vi a minha vida passar como um relâmpago diante dos meus olhos", não quer dizer que viu mesmo uma narrativa desdobrar-se à velocidade da luz, mas que foi preenchida por um senso da sua vida como

história integral — um princípio, um meio e um fim — e num único instante pôde perceber-se de um jeito que incluiu tudo: todo tempo, toda experiência, toda emoção.

Isso foi o que me aconteceu naquela manhã, de pé no piso de ladrilhos brancos octogonais de um banheiro de hotel em Londres, com o rosto enterrado no cheiro de alvejante de uma toalha branca. Aquilo passou numa fração de segundo e foi embora, o entendimento fugidio de que tudo o que viera antes residia justamente aí, e fiquei perplexo ante a minha chegada, feito um homem que tivesse viajado de muito longe, muito rapidamente. Pensei em um garoto numa fazenda de gado no sul da Geórgia, um menino em pé na travessa inferior de uma cerca, abraçando a travessa de cima, olhando para um touro no pasto a uns cinquenta metros dali — um touro conhecido por Peter Gunn e considerado o mais malvado do distrito. O touro olha para mim com seus olhos de morte em vida, e eu, sem piscar, começo a escalar a cerca, lentamente; mantendo meu olhar nele, pulo da travessa de cima para o chão e fico desprotegido, com as mãos nos quadris. E então, previsivelmente, ele está arremetendo, de cabeça baixa, chifres para a frente, e eu dou conta de vencer o topo da cerca bem no momento em que ele vira e se afasta bruscamente em meio a uma comoção de cascos, bufando e levantando poeira.

Retendo essa imagem do touro mudando de direção, pensei primeiro que viera de muito longe, daquela vida entre camponeses ignorantes, pais neuróticos precisando de tratamento, daquela fazenda com seus peões negros, acordados e amontoados na carroceria de um caminhão ao raiar o sol, despejados da carroceria do caminhão depois de escurecer com uma nota de cinco dólares na mão — que meu pai chamava eloquentemente de "dinheiro pra uísque e perereca" —, uma versão apenas ligeiramente modificada da escravidão. Pensei de quão longe eu tinha vindo, um homem separado das suas raízes pela sensibilidade e, em consequência, sempre um pouco perdido. Mas então perguntei-me o que eu tinha estado procurando depois daquele dia em criança, cortejando aquele touro, de pé no lado errado da cerca, sem camisa, costelas expostas — coração visível e espetável batendo à flor da pele. A resposta, claro, era a morte — a mesma coisa que tinha estado procurando uma e outra vez ao longo da minha vida, em diversas formas, embrulhada como perigos diferentes: eu tinha estado atrás da morte.

O bom nesse momento na pia do banheiro foi que ele eliminou a minha fúria irracional contra Ellen. Vóltei então para ela emocionalmente, de olhos abertos à realidade de seu amor por mim (e do meu por ela), e em mais um minuto ou dois eu teria condições de cumprimentá-la lá embaixo civilizadamente, até respeitosamente.

Quando comecei de novo a sair do apartamento, achei ter ouvido um som vindo do quarto no fundo do corredor, o segundo quarto, desocupado, o som de uma voz humana, uma voz de criança, segundo achei, e me senti atraído para ela tão certamente como se fosse a voz do meu próprio filho. Abri a porta devagar, silenciosa, estupidamente, como se houvesse mesmo uma criança adormecida ali dentro que tinha chorado em sonhos. O quarto era bem parecido com o que Ellen e eu usávamos — camas separadas, dois armários — salvo pelo fato de ser um pouco menor e ter uma só janela alta em lugar de duas; agora havia uma friagem no quarto, do ar da noite. A única luz era a que entrava por uma fresta de quinze centímetros nas cortinas, e pude ver que a janela tinha ficado aberta. Ao entrar tive a impressão de sentir algo esquisito: não uma presença, mas a sombra de uma presença, o sinal remanescente, extremamente vago, de que alguém tinha estado ali recentemente — uma sensação perturbadora quando combinada com a janela aberta.

Como todas as janelas naquele lado do apartamento (o lado da rua), esta dava para uma saliência com pouca profundidade e uma mureta de pedra arrematada por uma cornija moldada ornamental. O sol da manhã batia no apartamento mas ainda não havia atingido a rua embaixo. Abri mais a janela, pus a cabeça para fora, olhei para ambos os lados e depois para baixo. Vi a cobertura do dossel listrado, a coisa mais brilhante na rua sombria e silenciosa lá embaixo. Um táxi entrou na viela, parou em frente ao hotel, e Pascal surgiu debaixo do dossel. Aquela vista aérea de Pascal no serviço me encantou; observei como ele ajudava um ancião a sair do carro e depois se debruçava na janela dianteira para, segundo

achei, trocar algumas palavras com o motorista. No momento seguinte Pascal estava dando um tapinha no para-lama traseiro do táxi (como faria com um cavalo) quando este arrancava, e essa sua boa disposição também me fez sentir afeto por ele. Ficou brevemente sozinho na rua, sem se mexer — estaria num momento de reflexão? — e então eu o chamei pelo nome, surpreendendo-o. Ele olhou para cima, cobriu seus olhos com a mão, e começou a acenar. Nesse exato momento outro táxi virou entrando na rua, e eu senti pânico inconfundível. Reagindo exagerada e descontroladamente, eu gritei "Cuidado!" e Pascal, cuja perplexidade pude perceber mesmo estando cinco andares acima, deu uns passos calmos à frente para que o táxi encostasse diante do dossel. Eu me retirei da janela, constrangido, e a fechei. Quando virei para sair do quarto, poderia jurar ter cheirado um levíssimo aroma (inconfundível para mim) de uísque escocês.

O restaurante do hotel era simples e luminoso, uma grande sala de jantar com uma parede de portas envidraçadas dando para um pequeno jardim, toalhas de mesa brancas e muito almofadado de nogueira nas paredes. Estava quase vazio de fregueses quando cheguei lá embaixo, e a maioria das mesas tinha sido arrumada para o almoço. Um casal asiático de mais idade, vestindo trajes de tweed de corte inglês demorava-se no chá perto da entrada, e uma mocinha da idade de Jordie estava sentada sozinha a uma mesa próxima às janelas de sacada, contemplando o jardim com expressão desanimada. Ela tinha o cabelo louro de Jordie, na altura do queixo, a esbelta angulosidade de Jordie, e aparentemente também seu tédio ante o mundo; mas, à diferença de Jordie, ela estava vestida como uma modelo, um pouco afetadamente, de vestido azul e branco tipo marinheiro. Ellen estava sentada quase no meio da sala numa mesa pequena para duas pessoas. Cumprimentei-a animadamente, beijando-a na bochecha, sentei na cadeira em frente a ela, e comecei a servir chá na minha xícara.

— Mmmm... — disse eu ao ver a cesta de bolinhos em cima da mesa. — Tem boa cara.

Ellen me fitou com desconfiança. Estava preparada para o bicho-papão que enfrentara no telefone alguns minutos atrás, e agora se deparava com um animal completamente diferente. — O que está acontecendo, Cook? — disse ela, parecendo um pouco mais desesperada, na minha opinião, do que a situação exigia.

— Nada — disse eu, partindo um croissant. E depois: — Oh, você quer dizer antes, o meu mau humor no telefone. Eu sinto muito. Dormir até tarde e tudo mais... não tive intenção de descontar em você.

— Está tudo bem com você?

— Estou ótimo — disse eu.

— Você estava estranho esta manhã... quase como se estivesse drogado ou algo assim.

— Bem, eu lhe garanto que não estava drogado — afirmei. — Isso deve ter relação com a mudança de fuso horário.

Por cima do ombro de Ellen eu vi a mocinha ao lado da janela, e imaginei que ela estava esperando a mãe voltar do banheiro. Então disse: — Não deixemos de ligar para Jordie à noite.

— Você se sente mesmo perfeitamente bem? — Ellen perguntou.

— Sim — disse eu.

— Achei que estava com um pouco de febre esta manhã — comentou ela. — Toquei sua testa e parecia um pouco quente.

— Ora, me sinto ótimo agora — disse eu.

Ela ainda estava com aquela sua expressão de insatisfação. Depois de um instante, deixei a minha faca para manteiga na mesa e disse: — Que é que há?

— Está havendo alguma coisa — disse ela.

— O que quer dizer?

— Não sei o que isso quer dizer, Cook — segredou ela. — Você me diga o que quer dizer.

— Bem, vamos ver — tentei eu. — Você quer dizer que não gosta do hotel. Preferiria que a gente estivesse em algum lugar de seu agrado.

— Não — disse ela. — Eu adoro o hotel.

— Quer dizer que esta viagem foi um erro. Você sente falta de Jordie, do Spencer e de seus livros, seu computador e suas coisas, e gostaria de voltar para casa.

— Cook — pediu ela —, faça o favor de não ficar misterioso comigo.

— Não estou ficando misterioso com você — assegurei, dando de ombros. — Por acaso você deixou aberta a janela do quarto vago?

Ela aguardou um momento, surpresa diante do inesperado da pergunta e decidindo se a responderia ou não. — Sim, deixei — confirmou ela finalmente. — Estava abafado.

Agora escute, Cook. Esta manhã você me chamou de algo.

— Do que é que você está falando?

— Você me chamou de algo em sonhos... quando eu estava tentando acordar você. Algo que eu não tenho vontade de repetir.

Eu ri, e ao mesmo tempo notei, para o meu desconcerto, que a mocinha que me lembrava Jordie saíra da sala de jantar sem que eu reparasse.

— Oh, vamos — disse a Ellen. — Não pode ter sido tão ruim assim. Ela se inclinou sobre a mesa, olhou nos meus olhos, e cochichou: — O que acha de "sua cadelinha"? O que acha de você abrir seus olhos, olhar bem para mim, e dizer "Por que não me deixa dormir, sua cadelinha?"

Com isso, ela tornou a sentar-se bem reta na sua cadeira, dando bastante espaço e tempo para o meu pasmo.

— Meu Deus — disse eu por fim.

— É — disse ela. — Essa foi também a minha reação. Meu Deus, puxa vida, nossa!

A fim de nos reunirmos com o nosso grupo e excursionar pelo antigo Bairro Judeu, tínhamos de tomar o metrô de Sloane Square até a estação Tower Hill. Depois do café da manhã eu esperei embaixo enquanto Ellen voltava ao apartamento para pegar a nossa velha Nikon. Bem na frente da sala de jantar havia uma sala de estar, agora vazia e equipada com um serviço de chá, jornais e quantidade de cadeiras e sofás de vime. O efeito de jardim procurado na decoração da sala — as almofadas das cadeiras eram brancas e verdes, brilhantes; duas pequenas palmeiras definhavam em urnas japonesas — era subvertido pela presença de um grande televisor (agora desligado, a sua tela refletia uma versão cinzenta, mortiça, de tudo). Eu me dirigi ao balcão do hotel, onde encontrei Hannah, a mulher de cabelo cinza muito bem penteado que nos registrara quando da nossa chegada três dias atrás. Como de costume, ela estava no telefone, mas sorriu para mim afetuosamente quando contornei o canto. Em uma pequenina tela de vídeo atrás do balcão — um dispositivo de vigilância — vi Pascal, de pé sob o dossel da entrada, encostado num dos postes de bronze, esperando, eu supus, pelo que viesse a acontecer. Achei que Hannah teria uns cinquenta anos, e algo no seu jeito de proprietária, ainda que informal, sugeria que, ou ela trabalhava havia muitos anos no hotel, ou este talvez pertencesse à família dela. Ela vestia como para ir à igreja, muito correta e elegantemente, um colar de pérolas, uma blusa branca, e mesmo estando ligeiramente acima do peso — como comumente se diz, "cheinha" —, parecia bem do seu tamanho natural. Logo ela desligou o telefone e perguntou se podia ajudar-me de alguma maneira.

Expliquei que íamos sair, que estava só esperando que Ellen retornasse do apartamento. Em seguida perguntei, fingindo um ar de indiferença: — Quem é que toca o piano no terceiro andar?

Hannah pareceu intrigada. — O terceiro andar? — admirou-se ela. — Está interditado há bem mais de um ano. Era um apartamento como o de vocês, mas foi dividido em quartos. Está dizendo que ouviu tocar música lá dentro?

— Bem, eu acho que ouvi — disse eu.

Ela balançou a cabeça. — Veja, lá ainda não está habitado. Os quartos ainda estão sendo pintados, e depois têm de ser mobiliados. Suponho que um dos pintores estava ouvindo rádio. Lamento muitíssimo se o senhor foi incomodado.

— Não, de modo algum — disse eu. — Eu só ouvi a música um par de vezes no elevador, enquanto subia.

O telefone de Hannah tocou e no mesmo momento Ellen apareceu ao meu lado; Hannah atendeu à ligação, mas pediu à pessoa que ligava que aguardasse, cobriu o fone com a mão e murmurou rapidamente: — Mesmo assim, vou falar com eles.

— Qual era o problema? — perguntou Ellen quando saíamos pelas portas da frente, mas antes de que eu pudesse responder Pascal veio ao nosso encontro, esticando o pescoço atrás de um enorme arranjo de flores; ele estava entrando quando nós estávamos saindo. Ellen brincou perguntando "Para mim?", eu me dei conta de que ainda estava com a chave do apartamento na mão, e pedi a ela que esperasse por mim, voltando para o corredor de entrada atrás de Pascal. Ele rumou com as flores pelo corredor, em direção à sala de jantar. Hannah estava ao telefone, ocupada com a tabela de reservas afixada na parede, de costas para mim, e no momento em que fui deixar a chave sobre o tampo do balcão, me detive porque a pequena tela de vídeo chamou minha atenção: lá fora, no passeio, uma mulher idosa, encurvada e maltrapilha, travara conversa com Ellen. Vi as duas trocarem algumas palavras, Ellen apontou para os pés da mulher, esta olhou para baixo por um instante, e Ellen abaixou-se para amarrar o sapato da velha. Pude ver o sorriso no rosto da mulher, e quando Ellen acabou, em vez de pôr-se de pé novamente, sentou sobre seus calcanhares como um vendedor de sapatos, esperando para ver o que o freguês achava desse último par. Ellen também sorria — a velha balançava a cabeça como louca, em sinal de aprovação, evidentemente cheia de gratidão — e houve algo naquele momento de caridade que tanto me abalou, tanto confrontou e desafiou o meu coração de cínico, que me arrependi de todas as ruindades que já tinha feito a minha esposa, me arrependi de todas as vezes que não soube protegê-la e amá-la como ela merecia ser protegida e amada. Aquela miniatura dela em preto e branco na tela, ajoelhada aos pés da velha, restaurou minha fé — quando eu sequer sabia que ela precisava ser restaurada — em que tudo o que ela tinha superado nas minhas mãos e nas mãos maiores, mais imprudentes do destino, tinha superado mantendo a sua generosidade intata, e isso me deixou esperançoso quanto à natureza humana em geral, que havia nas pessoas uma vida de bondade que precisava prevalecer, uma bondade que, caso morresse, morreria lutando.

A velha mulher se afastava arrastando os pés quando eu cheguei junto a Ellen e a abracei. Disse-lhe que a amava, esqueça o antigo Bairro Judeu, vamos passar o dia na cama. Ela recuou e olhou para mim, pasma; riu, evidentemente perplexa, mas quando se convenceu de que eu falava sério, deu de ombros e disse que tudo bem.

No balcão, dando risadinhas feito crianças, pedimos a Hannah que nos devolvesse a chave. Não ouvi música alguma no elevador enquanto subíamos, mas lembrei da explicação de Hannah; sacudindo a cabeça, eu pensei: Não, não era um pintor escutando rádio.

Ellen me viu sacudir a cabeça e disse: — Quê? — mas eu respondi que explicaria depois.

Uma jovem arrumadeira estava acabando de sair do nosso apartamento quando saímos do elevador. Passamos por ela no corredor e a cumprimentamos; ela ficou a maior parte do tempo de cabeça baixa, mas eu achei que aparentava estar assustada e perturbada. E pensei que talvez eu só havia imaginado isso.

Uma vez dentro do apartamento, porém, Ellen disse: — Isso foi estranho.

— O que foi estranho? — perguntei.

— Aquela moça — disse ela. — Ela tinha chorado.

quatro

NA MANHÃ DE SÁBADO, nosso primeiro fim de semana, eu comecei a ter vontade de beber. Minhas ânsias de beber nada têm a ver com o sabor da bebida. Minhas ânsias de beber são os vigorosos puxões de uma compulsão para ficar fora de mim (É por isso que Quaaludes, Valium, morfina, heroína, cocaína, Percodan e diversas outras coisas são sucedâneos satisfatórios.) Por que eu teria querido ficar fora de mim naquele fim de semana em Londres é algo que está no cerne do que significa ser um bêbado.

Ellen e eu estávamos eufóricos, navegando em ritmo de lua de mel, divertindo-nos muito, mas a alma de um bêbado é subversiva, é a alma de um sabotador. Eu estava frente à pia do banheiro, de cuecas, escovando os dentes, pensando que o creme dental tinha gosto de merda, fitando com desdém o frasco de ibuprofen, desperdiçando a água de Londres, que corria desafiadoramente pelo ralo, quando Ellen entrou nua, pôs uma mão no meu ombro, e, enquanto beijava minha bochecha, enxaguou seu diafragma sob o jato d'água. Fazer isso era coisa de companheiros, algo que significava que estávamos particularmente próximos. Ela sacudiu o diafragma, colocou-o dentro do estojo de plástico rosado, e voltou para o quarto. Eu entrei e, sem nenhum tipo de preâmbulo, disse que precisava ficar um pouco sozinho.

Meu jeito extemporâneo lhe causou mágoa, pois esse era o objetivo. Ela tinha aberto as cortinas, deixando entrar o céu e a nossa alegre vista dos telhados. Estava deitada com o lençol apenas cobrindo seus seios; então, sentou-se e puxou o lençol até o queixo, como se quisesse proteger-se. Ela disse: — Será que tenho tempo para me vestir, ou devo sair enrolada num lençol?

Quando eu era adolescente, tinha lido a autobiografia de Bertrand Russell, e cerca de trinta anos depois não seria capaz de contar coisa alguma sobre o homem, nem me lembrava de um til do livro, salvo que ele uma vez tinha falado para sua esposa, num acesso de extenuação sexual, que não a amava. O detalhe impressionou-me, suponho, porque sendo adolescente achava impossível ficar sexualmente extenuado. De qualquer modo, essa lembrança curiosa me veio à mente em resposta à pergunta de Ellen. Subitamente tive consciência da minha nudez, especial consciência da minha pilosidade, da minha estupidez animal, da minha supremacia masculina. Na minha peluda mão de macaco, eu ainda segurava uma escova de dentes, o pequeno objeto descoberto com o qual — agora que tinha conseguido dominar o uso de ferramentas — poderia extrair cupins de troncos podres e obstinadamente examinar e pentear a minha companheira. Pedi desculpas a Ellen ambigualmente e saí do quarto. Voltei para o banheiro e tomei uma chuveirada quente.

Quando saí, compreendi que o que eu realmente queria era um trago, e voltei ao quarto para desculpar-me sinceramente. Ela estava usando um dos roupões de banho brancos do hotel, sentada numa cadeira junto à janela, de braços e pernas cruzados. No tom de voz contido que usa quando está magoada ou com medo, ela me perguntou se tinha acabado no banheiro.

— Eu sinto muito mesmo — disse eu. — É só que...

— O que é que há, Cook? — disse ela. — Eu lhe perguntei antes. Agora estou ficando angustiada.

— Não tem nada, não — disse eu. — Acho que só quero um trago, talvez.

— Oh, isso me faz sentir bem melhor — disse ela. — Não vou mais me afligir.

— Não se preocupe — disse eu. — Não tem nada a ver com você. Ou conosco. E comigo. E eu vou ficar legal.

Ela olhou para mim, e eu vi que tinha lágrimas nos olhos, lágrimas que (apesar do seu sarcasmo), acho que eram de alívio. Ao menos ela já tinha estado nessa antes.

Ao menos era algo que ela podia reconhecer.

— Talvez você devesse achar um grupo de AA — disse ela por fim.

— É, sim — disse eu. — Talvez faça isso.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? — ela perguntou.

— Bem — disse eu —, você poderia começar perdooando-me.

— Eu perdoo você — disse ela. — É claro que perdoo.

Tenho lembrado este pequeno incidente muitas vezes durante o último ano — Ellen num óvalo de luz difusa, eu na escuridão, pedindo-lhe perdão, ela perdooando, simplesmente, sem hesitação. Tenho voltado àquilo com saudade, não só porque o perdão veio tão prontamente, mas também porque naquela manhã havia apenas umas palavras magoantes a perdoar, e desejaria ter podido manter tudo naquele pé. O peso do momento, a minha ânsia em relação a ele, nascia (pelo menos em parte) nas asas de uma noção infantil de perdão. Mas eu tenho estudado o perdão como um especulador estuda finanças, como alguém estuda o que mais quer, e aprendi que não se trata de uma coisa que alguém possui, dá ou recusa a outra pessoa como bem quer. O perdão é, na verdade, uma mudança de sentimento, e este conhecimento me ensinou a ter paciência.

No dia anterior, tínhamos deixado um recado na escola de Jordie para que ela telefonasse para nós. Ela ligou enquanto estávamos jantando, e quando retornamos a ligação, tinha saído novamente. Por isso ficamos propositadamente acordados até a meia-noite de sábado, no intuito de telefonar após a hora do jantar dela, quando era de esperar que estivesse no seu dormitório e pronta para receber chamadas. Aparentemente, não fomos os únicos pais que tiveram essa ideia, pois o telefonista da escola nos disse que a linha do albergue de Jordie estava ocupada desde quarenta e cinco minutos atrás. Deixamos outro recado, pedindo que ligasse para nós no domingo.

Logo após pegar no sono na noite de sábado, sonhei que Jordie e eu estávamos num vagão do metrô lotado em Nova York, em algum lugar a caminho do centro, de pé um perto do outro, impresados entre as pessoas, segurando um corrimão de metal. Eu pensava como ela tinha crescido, e sorri para ela tristemente. Ela retribuiu o sorriso, confusa ao ver meu rosto abatido, e então o velho trem chocalhante começou a ranger e guinchar, as luzes se apagaram, e por alguns segundos só deu para ver as lâmpadas nuas nas suas pequenas gaiolas protetoras, a intervalos ao longo das paredes do túnel. Quando as luzes interiores do trem voltaram, Jordie havia desaparecido.

Bem na hora em que o meu pânico começava a crescer, fui acordado do sonho pelo telefone, com sua estranha campainha britânica de duplo toque a ressoar em cima da mesa perto da minha cabeça. Ellen atendeu primeiro. No relógio do criado-mudo vi que eram quase duas horas da madrugada. Escutei, com certa apreensão, o final da conversa de Ellen — Jordie estava agitada, mas logo percebi que não era nada grave. Quando Ellen me passou o fone, Jordie queria apenas desculpar-se por ter-nos acordado.

— Estou me sentindo tão incrivelmente boba e infantil — disse ela. — E sou mesmo. Estou agindo como uma criancinha. Estava com saudades, mas só ouvir vocês me fez um mundo de bem.

Um mundo de bem, uma frase que eu só podia ouvir com sotaque sulista, e que sabia onde ela tinha arranjado: Ela sempre tinha gostado de falar com minha mãe, por causa da habilidade com que ela focava rapidamente as dificuldades na vida de Jordie. Enquanto Ellen e eu procurávamos dar perspectiva aos problemas de Jordie e apontar soluções, o talento de minha mãe estava na comisseração. Qualquer dificuldade, qualquer tipo de luta, qualquer sofrimento em potencial, era o veneno especial de mamãe. Se Jordie comentava que não gostava de seu professor de coro, minha mãe abstraía, generalizava e avolumava ("Não existe absolutamente nada pior!") até que um professor chato em uma única matéria na escola parecia tornar-se algo que requeria dons de sobrevivência. É claro que Jordie adorava esse enfoque; era o que faltava a Ellen e a mim. Se Jordie dizia que estava pensando em dedicar menos tempo

ao coro no próximo período — ou em telefonar para seus pais em Londres, mesmo que fossem duas horas da manhã lá, e portanto quase certamente iria acordá-los e talvez até assustá-los, talvez até confundi-los e alarmá-los, interrompendo um pesadelo no qual ela própria aparecia — minha mãe diria: "Bem, isso vai lhe fazer um mundo de bem, querida."

Neste caso, entretanto, a chamada de Jordie, apesar da hora, tinha feito a mim um mundo de bem. Eu vinha sentindo uma teimosa necessidade de falar com ela no fundo da mente durante os últimos dias, desde que chegáramos à Inglaterra. Naquela noite eu a retive no telefone por muito tempo — bem depois de Ellen tornar a dormir, e os dias seguintes foram diferentes para mim. Não mais senti ânsias de beber, um grande alívio que significava que afinal não precisaria achar um grupo de AA, ou assim preferi interpretá-lo. (Eu acreditava nos poderes curativos do AA e tinha comparecido a muitas reuniões ao longo dos anos, mas nunca tinha progredido o bastante espiritualmente para perder a minha aversão a somar-me ao conjunto, a assumir a minha posição adequada como membro da raça humana.) Estava satisfeito indo a lugares com Ellen, simplesmente estando com ela, sendo o companheiro que no início me propusera a ser. Quanto ao misterioso piano, se bem creio tê-lo ouvido mais uma vez quando estava sozinho no elevador, pouco me interessava, era uma curiosidade num hotel antigo e singular. Não tive sonhos ruins com Jordie. Não soube de nada que eu tenha falado no sono. Ellen começou a relaxar, parou de me esquadrihar tão cuidadosamente.



Pascal, que estivera de folga no fim de semana, voltou segunda-feira de manhã com um olho preto, que aparentemente foi objeto de muita insinuação e zombaria por parte de Hannah e das arrumadeiras. Na segunda-feira à tarde, no balcão da entrada, perguntei a Hannah o que achava do olho roxo de Pascal. Pascal estava a poucos metros dali, junto à porta.

Hannah reagiu com aflição muito exagerada. — O senhor imagine só — disse ela. — Se quiser saber, eu acho que o nosso Pascal tentou levar no papo a mulher errada, alguém de fora da turma dele. Realmente não vejo como podemos permitir que ele continue a receber hóspedes na frente do hotel, não acha?

Pascal se aproximou devagar, mortalmente sério. — Você não quer que receba os hóspedes? — disse ele para Hannah. — Por mim, tudo bem.

— Bem, Pascal — disse ela, piscando para mim —, não devemos deixar que você dê aos nossos hóspedes uma impressão errada do hotel.

Ele inclinou-se com seus cotovelos sobre o balcão e sorriu, bem próximo do rosto de Hannah. — Mas, mademoiselle Hannah — disse ele —, não é a impressão errada.

O telefone tocou, resgatando Hannah, que tinha ficado toda corada. Ela virou na cadeira giratória de modo a ficar totalmente de costas para Pascal e para mim. Algo nesse movimento deslizante, e os grampos de cabelo prendendo a sua perfeita trança francesa, situaram-na para mim na pista de dança nas tardes de sexta-feira de um clube social. Pascal olhou para mim e arremedou a piscadela de Hannah.

Eu saí com ele pela porta da frente. Debaixo do dossel, perguntei-lhe o que tinha mesmo acontecido — como havia arranjado realmente aquele olho preto.

Ele riu e disse que tinha procurado conversa com a mulher errada, alguém de fora da sua turma.

E assim, por cerca de quarenta e oito horas, o mundo foi para mim um lugar amável, comum; aquele canto dele, Londres, aquele nicho, o Hotel Willerton, eram cenários amigáveis e familiares onde sentia-me surpreendentemente à vontade. A antiga cidade não carregava nenhuma história vil, nem vestígio de

pilhagem colonial ou arrogância branca ou excesso de enforcamentos e decapitações; nada de mártires católicos, ninguém morto por causa de um rei disposto a mudar de esposa. Quaisquer recantos vergonhosos no meu próprio passado eram, como os de Londres, ofuscados e silenciados pelo feliz presente, com a inesperada bonança outonal do tempo agradável, seus parques ainda verdes, a sua promessa de saúde, riqueza e bem-estar. Na terça-feira, no meio da manhã, quando estávamos apoiados no parapeito do balcão mais elevado da cúpula de Saint Paul, Ellen, de ótima disposição de ânimo, abarcou com a mão voltada para cima o panorama enevoado que se descortinava à nossa frente e disse: — Tudo isso poderia ser seu, basta você prostrar-se e adorar-me.

— Mas eu já a adoro — disse eu. — Você sabe disso.

Na quarta-feira, fui sacudido por essa mulher a quem eu afirmei adorar. — Cookson, acorde! — repetia ela, e quando abri os olhos, pensei que seu rosto era a própria máscara do ódio. Sentei-me rapidamente, surpreso por estar vivo. Em voz alta, eu disse algo parecido com "Uou..", ou talvez "Uoa...", alguma palavra com que os viciados tendem a pronunciar quando experimentam eventos do mundo real.

Ellen se levantou, afastando-se da cama imediatamente. Do outro lado do quarto, a prudente distância, ela disse: — O que há de errado com você?

Esfreguei meus olhos. Formei mentalmente a pergunta "Como assim?", embora ainda estivesse longe de ter condições de proferi-la.

— Você não acordava — disse ela —, está me xingando de nomes horríveis... dizendo coisas horríveis, e está me deixando apavorada. O que há de errado com você?

Achei especialmente irritante o tom de histeria na sua voz. Pensei que não tinha necessidade alguma de gritar, quando eu já estava com dor de cabeça. Certamente ela percebia que eu mal havia acordado e não se podia pretender que respondesse a um bombardeio de perguntas. Suspendi minhas pernas sobre a borda da cama, virei-me de costas para Ellen e deixei que meus pés encostassem no chão. Notei que as plantas dos meus pés estavam sensíveis. Quando tentei ficar de pé, notei uma sensibilidade semelhante no corpo inteiro. Tornei a sentar e olhei pela janela aberta para a hipnótica rotação de um ventilador num telhado no outro lado da rua. Estava apenas vagamente consciente da presença de Ellen em algum lugar atrás de mim. Inexplicavelmente, havia aquele cheiro de uísque escocês que eu notara poucos dias atrás no quarto desocupado. Cheirei minhas mãos e meus braços, pois o odor parecia sair de mim. — Você sente esse cheiro? — disse eu com uma voz que não reconheci direito.

Ellen contornou a cama e parou perto de mim. Eu estendi a mão para ela.

Ela olhou a mão como se tivesse acabado de apanhar dela.

— Que cheiro? — disse ela depois de um instante.

— Esse — disse eu, estendendo o meu braço mais um pouco. Hesitando, ela se inclinou para a frente, aproximando o rosto da minha mão. Vi seus olhos encherem-se de lágrimas quando ela começou a percorrer meu braço, sentou ao meu lado na cama e ocultou seu rosto na curva do meu ombro.

— Quero ir para casa — ela sussurrou. — Oh, Cook, eu quero ir para casa.

— Você está cheirando isso? — perguntei.

— Sim — ela murmurou.

— Você acha que tem cheiro de quê?

— Cheira como uísque, Cook. Não sei o que isso quer dizer, mas quero ir embora para casa. Vamos para casa logo.

Pus meu braço em torno dela. — Tudo bem — disse. — Lamento tê-la perturbado. Eu disse alguma coisa em sonhos. Algo que perturbou você. De repente me lembrei de uma festa a que tínhamos ido anos atrás, em Westchester. Os anfitriões — gente que bebia muito, amigos que então achávamos muito íntimos mas com os quais nunca mais falamos nem nos encontramos depois que mudamos para Cambridge — serviram coquetéis antes do jantar, diversos vinhos com o jantar, champanhe com a sobremesa e

conhaque com o café. Ellen estava grávida de Jordie e não estava bebendo — ela nunca bebeu muito, de qualquer modo. Em uma das minhas muitas idas ao banheiro, ela me abordou no corredor e disse que estava cansada e queria ir embora para casa. Fiquei furioso e fiz uma cena, dei boas-noites imediatos e intempestivos a todo mundo, saí da casa como um furacão e esperei por Ellen no carro, deixando-a sozinha a dar explicações. Depois partimos — eu e minha esposa grávida — e eu dirigi os cinquenta quilômetros até Manhattan totalmente passado. Dei por mim na Segunda Avenida bem longe do centro, onde Ellen estava dizendo: "Tinha um guarda lá atrás... é melhor você ir mais devagar." A última coisa que conseguia lembrar era ter acendido um cigarro ao sair de ré da estrada em Westchester e deixado cair o acendedor entre os bancos da frente. A resistência do acendedor ainda estava quente, e quando enfiei a mão para repô-lo queimei meu dedo. Lembro que eu disse "Jesus, merda dos diabos!"

— Não importa o que você disse — murmurou Ellen. — Vamos embora para casa, só isso.

— Tudo bem — assenti. — Iremos embora para casa hoje se você quer. Isto é, se você tem certeza.

— Tenho certeza — disse ela.

cinco

MAS NÃO VOLTAMOS para casa.

Ellen ficou no aposento para ligar para as companhias aéreas e ver qual era o primeiro voo para Boston que podíamos pegar, enquanto eu desci — sem tomar banho nem fazer a barba — para falar com Hannah, a fim de tomar providências para uma partida antecipada.

Como Hannah estava ocupada no balcão com um casal alemão que estava pagando sua conta, eu fui andando pelo corredor até a sala de estar, na esperança de achar uma xícara de chá. Já passava do meio-dia, e podia-se ouvir o tinido dos talheres na sala de jantar do outro lado do corredor.

O resto de chá no bule da sala de estar estava apenas morno, mas era melhor do que nada, e eu me servi uma xícara. Nesse momento, senti de repente que eu não estava sozinho na sala. Quando me virei, vi a mocinha que tanto me lembrara Jordie recentemente, aquela que eu tinha visto na sala de jantar olhando para o jardim através das portas envidraçadas, com expressão desanimada. Ela usava o mesmo vestido azul e branco tipo marinheiro e estava sentada numa cadeira de vime próximo a uma das palmeiras enfermiças, olhando para mim, não sorrindo, não exatamente carrancuda, mas com uma espécie de empatia entediada do mundo. Achei que a palmeira devia ter impedido que eu a visse assim que entrei na sala.

Ela disse: — Já esfriou — referindo-se especificamente ao chá, mas em tom de voz que dava à tepidez do chá apenas o caráter de pequeno símbolo do estado geral de todas as coisas: nada no mundo era bem o que deveria ser.

— Oi, como vai? — disse eu. — Não vi você aí.

— Não — disse ela. — Eu notei que não me viu. Devia ter falado logo, mas como você estava de costas para mim, temi assustá-lo.

Essa observação cuidadosa e deferente continha um grau incomum de aflição, e a voz da mocinha, que era adorável e sonora, parecia quase possuir um leve tremor. Seu sotaque (embora eu era por certo quem tinha sotaque) era refinado, educado, e tangia uma corda tão fina que a menor dose de emoção bastava para fazê-lo tremular.

Tomei assento na cadeira perpendicular à dela. Bebi um gole de chá e disse, como para confortá-la: — Pois é, não está tão ruim.

Ela apenas me dedicou um relance fugaz, um rápido desvio de seu olhar (que, no mais, permanecia inerte, fixo na sua frente) que sutilmente transmitiu seu ceticismo quanto à minha avaliação do chá.

— Eu vi você outro dia — disse eu. — Na sala de jantar, tomando o café da manhã.

— Sim — disse ela. — Eu também vi você. Você estava com sua esposa, suponho.

— Sim — disse eu.

— Vocês tinham estado brigando — arriscou ela.

— Ora, como é que você soube disso? — perguntei.

— Eu peço mil desculpas — ela apressou-se a dizer. — Foi indelicadeza da minha parte. — Mas eu pude ver no seu rosto um traço de prazer; ela estava satisfeita consigo mesma e não conseguia dissimular isso totalmente.

— Na verdade, nós tivemos uma espécie de briga — disse eu. — Não uma briga mesmo, eu diria que

um desentendimento.

— Sim — disse ela. — Uma briga é ligeiramente maior do que um desentendimento, não é? Possivelmente, mais violenta.

— Certo — disse eu. — Depois, claro, tem a rusga, que é sempre coisa à-toa, mas muitas vezes irritante, e a discussão, que pode ser de qualquer porte e até acalorada.

Ela sorriu agradavelmente quando ouviu esse pouquinho de sabedoria, embora voltasse a sua atenção para um par de luvas brancas de algodão caprichosamente arrumadas sobre seu colo, as quais pegou, tornou a arrumar, e repôs cuidadosamente onde antes estavam. Achei ter visto uma sombra no dorso de seus pulsos, talvez algum tipo de machucado, e logo me perguntei se as luvas, às quais ela parecia tão apegada, tinham por finalidade esconder tais sinais.

Mais uma vez ela concentrou-se na janela, tão fixamente que eu virei para ver o que podia haver lá: uma janela, coberta por finas cortinas brancas, nada para ver.

— Sua esposa é muito bonita — disse ela por fim.

— Ela ficaria feliz de ouvir isso — disse eu.

Ela fez outra pausa, olhou o seu colo, deslocou as luvas brancas talvez uns milímetros, apreciou o ângulo imperceptivelmente diferente, e acrescentou: — Eu acho que ela lembra bastante a minha mãe.

— Pois isso é muito interessante — disse eu — porque você se parece um pouco com a filha dela... ou seja, nossa filha... Jordie.

Eu disse isso movido por uma estranha fidelidade ao fato de que tinha sido verdade apenas uns minutos atrás; quase imediatamente depois de começar a falar, a garota deixara por completo de lembrar-me Jordie, salvo no colorido e na idade. Reparei nos seus sapatos antiquados, de couro marrom com fivelas de bronze; Jordie nem morta usaria sapatos como aqueles, próprios de uma absoluta cê-dê-efe. E que dizer das luvas brancas de algodão?

— Jordie — ela disse. — É um nome curioso, geralmente de homem, creio eu. É *G-e-o-r*?

— J-o-r — disse eu. — De Jordan.

— Oh, então ela tem o nome do rio Jordão?

— Não, não — eu disse, rindo. — O sobrenome da minha mulher é Jordan.

— Entendo — ela disse. — Você sabia que o rio Jordão é o mais baixo do mundo?

— Acho que sabia — eu disse.

— Também é, aliás, onde Jesus foi batizado por João Batista.

— Acho que eu também sabia disso — afirmei.

Ela respirou fundo e suspirou pesadamente, como a dissipar no ar a sua incapacidade de dizer algo que eu não soubesse. — Eu pareço mesmo com a sua filha? — ela perguntou.

— É que isso é bem estranho, você sabe?

— Por que diz isso?

— Porque a "mãe" de quem falei antes é, na realidade, a minha madrasta — ela explicou. — Minha verdadeira mãe morreu de pneumonia quando eu tinha cinco anos.

— Lamento ouvir isso.

— Obrigada — disse ela. — Senti muitíssima falta dela no início. Ela era muito talentosa, segundo me lembro, uma atriz de musicais, e bem... bem elegante. Uma vez vi a sua interpretação de Sophie em *O Guarda Real*, mas quase não me lembro de nada. Na verdade quase não...



Nesse momento a luz na sala mudou de certa forma — talvez uma nuvem tenha ocultado o sol; ou talvez o sol tenha estado atrás de uma nuvem o tempo todo e agora saíra — e a pele da mocinha quase brilhou, seu rosto cheio de saudade. Ela tocara em algum ponto de verdadeira pena, naquilo que, segundo supus, o seu fingido tédio do mundo procurava mascarar. Tive a impressão de que a maioria das conversas eram assim para ela, desde que perante ouvidos com um mínimo de compreensão. O que quer que ela ia dizer, não disse. Olhou para mim — pela primeira vez desde que eu me sentara — e eu vi que alguma coisa não estava certa em seus olhos; eram extremamente embaçados, o branco quase amarelo de icterícia. Ela por certo tinha ciência disso com relação a seus olhos, sabia que eles revelavam algo doloroso sobre a sua natureza ou suas circunstâncias, e sabia que tornava-se vulnerável ao olhar diretamente para mim. E tendo-se entregue a mim dessa forma, tendo-me convidado a entrar, ela sorriu e encolheu os ombros, momento esse que projetou tão comovedora solidão que eu senti, depois de ter falado com ela tão brevemente e sabido tão pouquinho, que nada desejava tanto quanto resgatá-la do que lhe causava tanto mal, o que quer que fosse. Eu até achei que ela entendeu isso — que de algum modo ela podia ler esse desejo (ou necessidade) no meu rosto. Ela parara no meio da frase, não só em virtude de uma dificuldade emocional ligada à perda da mãe, mas porque era simplesmente desnecessário continuar. Foi como se ela me tivesse conduzido até a posição desejada com tal destreza e graça que ficara duplamente comovida com a absoluta facilidade para isso. Ela me tinha em suas mãos, o que quer que isso significasse, e estava ciente disso.

Hannah, que aparentemente notara a minha breve aparição no seu balcão cinco minutos atrás, chegou até a porta e perguntou se eu precisava de alguma coisa.

Nossos olhos se encontraram — os meus e os da garota — e ela murmurou uma palavra, urgentemente: "Vá."

Mas será que ela quis dizer "Vá", ou "Vá"? Estava permitindo-me ir falar com Hannah, ou instando-me a cruzar o Atlântico de regresso? Seja qual tenha sido a sua intenção, a minha decisão (ou pelo menos a minha disposição) de voltar para casa em Cambridge diminuía acentuadamente. Eu disse a Hannah no corredor: — Que mocinha notável!

— Quem? — ela perguntou.

— A mocinha lá na sala de estar — respondi. — Estive falando com ela agora mesmo.

— Oh, desculpe-me — disse Hannah. — Não vi ninguém.

— Não — lembrei eu. — Você não podia vê-la da porta.

— Bem — disse Hannah —, se era uma mocinha, suponho que se tratava de Emily Davison. E uma adolescente, não é?

— É, sim — assenti.

— Deve ter sido Emily — disse ela, confirmando. — É a única mocinha aqui. Vive com a mãe em um dos apartamentos residenciais do segundo andar.

Tínhamos chegado outra vez ao balcão, e Hannah ocupara seu posto atrás dele. Ambos sabíamos que o telefone tocara a qualquer momento, e se eu pretendia tratar de algum assunto com ela era melhor começar logo. Hannah apoiou ambas as mãos sobre o tampo de mogno e disse: — Pois bem...

Hesitei por mais um instante, e depois coloquei a minha pergunta de modo inconclusivo, tudo no subjuntivo: Se surgisse alguma circunstância... se viéssemos a precisar voltar para casa antes do previsto...

Ela pareceu preocupada e confusa no decorrer da minha sinuosa conjectura, mas então o telefone tocou.

— Oh, não se preocupe com isso — disse-lhe alegremente. — Não tem importância. Falo com você sobre isso mais tarde.

Voltei ansiosamente à sala de estar, mas a encontrei vazia. Dei uma olhada dentro da sala de jantar; também não havia sinal da garota.

Quando retornei ao balcão do hotel, Hannah estava livre de novo e parecia querer retomar o nosso desconcertante assunto. Mas eu lhe perguntei: — Qual é mesmo o nome dela?

— Da mocinha na sala de estar? Ora, Emily Davison. Mora com a mãe...

— Se você a vir, Hannah, poderia dizer a ela meu nome e que eu estive perguntando por ela?

Hannah parecia ainda mais confusa — talvez quase desconfiada.

— O que há? — perguntei.

— E só que... — disse ela, vacilando.

— Diga-me — insisti. — Por favor. — Achei que ela estava prestes a revelar algum segredo terrível sobre a família Davison.

— É só que... bem, francamente...

Então ela se debruçou, baixou a voz e sussurrou: — No que me diz respeito, sempre achei Emily um pouco esquisita — disse ela, como se isso lhe causasse desconforto.

— Um tanto emburrada, na verdade.

Subindo no elevador, ouvi a misteriosa música do piano, a mesma de antes. Pensei se eu não me enganara quanto a sua origem: talvez viesse do segundo andar, de um dos apartamentos residenciais mencionados por Hannah. De qualquer modo, não lhe dei muita atenção, porque estava concentrado em resolver o que ia dizer a Ellen.

Não achava possível dizer-lhe que acabara de conhecer uma mocinha lá embaixo, uma mocinha que achei tão estranha e interessante, em sentido indefinível, que não mais queria voltar para casa. Resolvi limitar-me a enfatizar o que ela, Ellen, estaria sacrificando indo embora agora: a pesquisa para o seu livro — ainda nem tínhamos ido a Hampstead. Este argumento me pareceu particularmente fraco quando imaginei Ellen dentro do apartamento rodeada das nossas malas já feitas.

Mas não foi o que encontrei. Em vez disso, ela tinha arrumado dois lugares na mesinha da cozinha ao lado da janela e estava fazendo alguns sanduíches para nós. Quando apareci na porta da janela, ela me olhou pensativamente e disse: — Quero lhe falar... Estive pensando.

— Eu também — disse eu, já sentindo-me imensamente aliviado.

Abri a geladeira e tirei duas Cocas. Coloquei-as sobre a mesa e olhei pela janela. — Mais um belo dia — disse. — Dá para acreditar? Esse era um comentário óbvio demais para Ellen.

— Você não quer ir embora — disse ela.

— Suponho que não — disse eu. — Mas irei — acrescentei logo —, se é isso o que você quer.

Tratava-se de um pequeno recurso de manipulação: eu não tinha intenção alguma de partir, a minha fingida disposição era um meio de levá-la a crer que a decisão era dela.

— Cook, quero que você consulte um médico — disse ela.

— Um médico?

— Sim — ela insistiu.

— Porque dormi até tarde duas manhãs?

Sentei à mesa. Então me dei conta de que, desde o momento em que chegara à sala de estar lá embaixo, nem tinha pensado no meu estado físico daquela manhã. A sensibilidade que sentira mais cedo nos músculos se transformara em uma espécie de dor generalizada agora, mas eu não havia reconhecido isso conscientemente desde que saíra do apartamento.

— Não, Cook — disse Ellen. — Não estou falando de dormir até tarde duas manhãs. Falo de dormir como se estivesse em algum tipo de coma, e falo de ter que sacudir você para acordar e de você cuspir obscenidades como eu nunca ouvi antes...

— Eu estava dormindo, Ellen...

Ela puxou a outra cadeira para perto de mim. — Escute, Cook — disse. — Eu tenho muita vontade de ir para casa. E não quero exagerar. Mas não minimize isto. Não aja como se fosse eu quem tem problema aqui. Se só estamos falando de você dormir até tarde, explique-me por que cheirava a uísque hoje de

manhã, se não bebeu um gole em treze anos. Explique isso para mim.

— Não posso — disse eu.

— Certo — disse ela. — Não pode.

— Mas eu me sentiria ridículo... idiota... Como é que vou...

— Tudo bem, o que você acha que está acontecendo?—ela perguntou. — Quer dizer, eu sou a única aqui que acha isso tudo um tanto esquisito?

— Não — eu disse. — Eu admito que é esquisito. Só não acho que seja particularmente grave.

Aconteceu algo que não podemos explicar, mas não vejo que as consequências sejam tais que...

— Talvez para você — disse ela. — Mas eu estou apavorada com isso. Eu sou quem...

— Olhe — disse eu. — Talvez não aconteça de novo. Aposto que não vai acontecer de novo. Mas...

— E além disso — prosseguiu —, você nem sabe quais as consequências. Existem os mais diversos tipos de estranhos distúrbios neurológicos com todo tipo de sintomas estranhos.

— Eu não tenho um distúrbio neurológico — neguei.

— Você não está certo disso — frisou. — Linguagem obscena, por exemplo, é uma característica da síndrome de Tourette.

— Eu não tenho a síndrome de Tourette, Ellen — insisti.

Ela pôs seu dedo indicador perto do meu rosto. — Olhe aqui para o meu dedo — disse — e acompanhe-o com o olhar.

— Ellen — lembrei eu —, pouco conhecimento é coisa perigosa. Eu não sou um personagem de um dos seus romances.

Ela estava movendo o dedo de um lado para outro e de cima para baixo.

— Você não está tendo visão dupla quando eu faço isto, está?

— Não — respondi, afastando seu dedo do meu rosto.

— Agora faça isto — disse ela, franzindo a testa e arreganhando os dentes.

— Não — disse eu. — Você está ridícula.

— Faça isso, Cook — disse ela.

Eu franzi minha testa e arreganhei os dentes.

— Agora ponha a língua para fora — disse ela.

Pus a língua para fora.

— Enrugue os lábios.

Eu enruguei os lábios.

— Pode assobiar?

— É claro que posso assobiar, Ellen. Olhe... como eu estava dizendo, provavelmente não vai acontecer de novo. Mas se acontecer — e estou dizendo se — por que você simplesmente não continua com as suas coisas? Deixe-me dormindo e vá em frente com seu dia. Sem problema para acordar-me, sem obscenidades. De qualquer modo, eu quero ir a alguns museus. Tem muita coisa para fazermos sozinhos. Se eu estiver acordado e parecendo uma pessoa normal, podemos fazer algo juntos, se não, vá em frente com seus planos. Viva seu dia e esqueça de mim. Vamos nos divertir, pelo amor de Deus. Estamos na Inglaterra.

— Assobie — disse ela.

Eu comecei a assobiar a melodia de "Row, row, row your boat..." Ela pareceu enormemente desapontada. Sentou-se novamente e pôs as mãos atrás da cabeça. Achei que ela estava ponderando o que ia dizer.

Mas ela ficou calada e continuou a examinar meu rosto bem depois de eu parar de assobiar.

— Então, o que você acha? — indaguei.

— Tudo bem — disse ela. — Você fica na sua e eu fico na minha, é o que você está propondo.

— Nada disso — disse eu. — Ellen, eu amo você. Quero estar com você. Entendo que este problema

a tenha perturbado, e não quero ter que voltar para casa e perder a viagem por causa dele. Sinto-me danadamente culpado, e estou apenas tentando sugerir uma solução viável. Para que a gente não precise ir embora já.

— Não sei, não — resmungou ela dando de ombros, gesto que inevitavelmente lembrou a mocinha lá embaixo (tinha até algo daquela solidão). — Vou tentar — disse por fim. — Acho que estou disposta a tentar.

— Ótimo — eu aprovei.

— Mas você tem que prometer que, se as coisas piorarem, não vai negligenciar o problema e vai procurar um médico.

— Eu prometo — disse, e me inclinei para beijá-la.

Mas devo dizer, a bem da verdade, que não me senti bem com aquele beijo. Algo tinha acontecido sem que eu planejasse especificamente. Não tinha tramado conscientemente.

Não tinha falseado nada propositadamente. Mas ao encerrar aquela conversa e ir até a pia da cozinha lavar as mãos, eu havia dado um jeito de providenciar duas coisas que desejava — poderia até dizer que duas coisas necessárias: ficar no hotel e ter algum tempo para ficar sozinho.

Naquela mesma tarde, o tempo mudou. O céu escureceu, a temperatura despencou dez graus em uma hora e, por volta das duas horas, uma chuva de vento castigava as janelas do apartamento. Até então, o dia tinha sido especialmente difícil, e creio que nós dois estávamos um pouco cansados com isso. Resolvemos passar a tarde dentro do apartamento, e depois, com ou sem chuva, ir andando até algum lugar para jantar cedo. Ellen escreveu no seu diário, leu um pouco e logo caiu no sono. Eu me instalei no sofá da nossa sala de estar e folhee algumas revistas velhas que achei numa estante dentro de um armário. Logo peguei no sono também, mas acordei alguns minutos depois, com frio e sem saber ao certo onde me encontrava. Talvez tenha sonhado fugazmente que estava em casa, porque tive a impressão de que algum sinal da presença do meu cachorro, Spencer, persistia em mim assim que acordei. No mais, eu estava completamente desorientado. Estava deitado, com a cabeça encostada no braço de um sofá mole. A luz na sala, pálida e difusa, podia ter sido a luz do amanhecer ou do anoitecer. O sofá, próximo a um canto da sala, era curto demais para mim, e eu descobri que esticando as pernas podia tocar a parede com as pontas dos pés. Neste pequeno retângulo de parede ao alcance das pontas dos pés — formado pelos limites do canto da sala e o lado de uma janela — pendia uma reprodução emoldurada de um quadro: uma estrada rural ladeada por árvores altas e esguias, um vinhedo, uma casa de fazenda, a torre de uma igreja no horizonte, um imenso céu de verão, um homem com seu cachorro na estrada: *The Avenue de Meindert Hobbema*, segundo lia-se na inscrição, um esboço em perspectiva, a estrada de terra sulcada mais larga no primeiro plano, estreitando-se rumo ao plano de fundo, atraindo-me. Esta sensação de ser atraído para dentro do espaço da pintura, saindo de um cenário já desconhecido, causou-me uma rara impressão de vertigem, embora de fato eu estivesse deitado e não num local elevado. No intuito de aferrar-me a algo, lembrei que meu nome é Cookson Selway e que eu estava na Inglaterra, depois que era o pai de Jordie; a seguir, que eu era o marido de Ellen, o filho de Frances e Herman. Logo percebi que me encontrava em Londres, num apartamento do Hotel Willerton, e minha esposa, Ellen, estava dormindo no quarto bem ali, entrando pelo corredor. De imediato notei, porém, que apesar disso tudo havia algo diferente. O apartamento não era exatamente o mesmo. Sentei-me. Descobri que o abajur à minha direita não funcionava, e por alguma razão isso me atemorizou. Chamei Ellen, mas ela não respondeu. Levantei-me e virei para o canto da sala onde deveria estar a entrada do corredor, mas o encontrei interditado — não, não interditado, simplesmente não estava lá, como se jamais tivesse existido. Em vez disso, a porta estava no meio da parede. Abri a porta, aliviado ao achar o nosso quarto (ainda que, mais uma vez, mudado — uma grande cama de baldaquino em lugar de camas separadas), e Ellen debaixo das cobertas, dormindo, virada de costas para mim. Então lembrei que tinha estado chovendo, que era de tarde e tínhamos estado descansando. Resolvi acordar Ellen e lembrar-lhe que havíamos planejado ir jantar

cedo. Sentei na cama perto dela. Mesmo antes de tocar nela notei que seu cabelo sobre o travesseiro era diferente, algo mais encaracolado, mais escuro e avermelhado. "Ellen", disse eu, "querida", colocando minha mão sobre o ombro dela, que era muito grande e duro feito pedra — um susto — e então o homem barbudo na cama agitou-se, virou o rosto para mim, de olhos fechados, resmungando "Caia fora" (um fedor de uísque azedo), escondendo a cabeça no travesseiro, e depois, de repente, abrindo os olhos, cinzentos e injetados. Algum som saiu da minha garganta — não sei ao certo o que, mas certamente não palavras — e logo eu estava em pé, saindo do quarto e batendo a porta atrás de mim. Havia uma chave na porta, que virei rapidamente, e depois fiquei olhando para ela — para a porta — procurando recuperar o fôlego. Do outro lado ouvi a voz de Ellen. "Cook?", indagou ela. "Por que fechou essa porta? Estou acordada. Cook? São quase cinco horas."

E de repente as coisas ficaram como deviam ser. Eu estava na sala de estar do nosso apartamento no Hotel Willerton; a porta que eu estava contemplando era a porta do corredor. Ouvi a voz de Ellen de novo, chamando-me.

Abri a porta e percorri o corredor até o quarto. Ela tinha ligado o abajur entre as camas.

— Meu Deus, Cook, você está terrível... Está legal? — ela perguntou.

— Estou ótimo — disse eu. — Caí no sono lá no sofá.

— Venha aqui — disse ela, estendendo os braços. Eu não me mexi.

— Que é que há? — perguntou ela.

— Nada — disse eu, e me aproximei dela. Ela suspendeu o cobertor para que eu entrasse.

Deitamos juntos, entrelaçando nossos braços e pernas ("Você teve um sonho ruim?"), e, tendo meu corpo se convencido de que ela era ela e mais ninguém ("Não, não, não tive sonho algum"), grudei nela, provavelmente deixando-a confusa, grudei nela com força.

Como de costume, eu estava vestido para o jantar antes de Ellen, e descii sozinho para ver se conseguia um guarda-chuva para nós. Pascal, já de folga, ainda estava demorando-se no saguão, de calça jeans americana e blusão de beisebol. Hannah tinha sido substituída no balcão pela moça que fazia o turno da noite — o nome dela era Lois. Ao passar, vi Hannah no escritório atrás do balcão, vestindo uma capa de chuva. Entrei no saguão e perguntei a Pascal se sabia onde eu podia achar um guarda-chuva.

Por acaso, ele estava segurando um, que me ofereceu.

— Não, não — disse eu. — Não quero tomar o seu guarda-chuva.

— Pegue — insistiu ele. — Eu arrumo outro.

Ele foi até um armário debaixo da escada principal e voltou com um guarda-chuva preto idêntico ao outro. Explicou que estava esperando por um amigo que viria pegá-lo.

Perguntei (pois só então me ocorreu) se ele morava no hotel.

— Sim — disse ele. — Tenho um quartinho no andar de baixo. Eu e duas arrumadeiras moramos em quartos no andar de baixo. Temos janelinhas bem no alto, perto do teto, que dão para o jardim. Dá para ver os arbustos e flores se você subir numa cadeira.

Havia algo naturalmente confortante em Pascal — ele tinha um jeito sensível e era bem-humorado — e logo vi que poderia conversar com ele. Eu ia ter de conversar com alguém, e já que esse alguém não seria Ellen, achei que poderia ser Pascal.

— Pascal — disse eu —, a cor do seu olho mudou, ficou de um tom alaranjado bem interessante.

— Sim — disse ele. — Ontem estava verde. O alaranjado é melhor. Hannah abriu a porta envidraçada interior do saguão e disse: — Oh, Sr. Selway, a Sra. Davison e Emily estão descendo pela escada agora, para tomar chá na sala de jantar.

Segui Hannah de volta para o saguão de entrada. — Emily — disse ela à garota que estava na escada — este é o Sr. Selway.

A mocinha se deteve, olhando para mim, corpulenta e inexpressiva.

— Oi — disse ela, carrancuda até o tutano, o cabelo longo, castanho e pegajoso, com um lado da

fralda da camisa fora da saia. A mãe, também carrancuda, mas melhor arrumada, sorriu para mim com olhar inquisitivo.

Retribuí o sorriso e assenti agradavelmente. — Prazer em conhecê-las — disse e virei-me para Hannah, sussurrando: — Esta não é ela.

— O quê? — Hannah sussurrou em resposta.

Hannah e eu sorrimos e assentimos tolamente, embaraçados, enquanto elas passavam por nós e dirigiam-se à sala de jantar.

— Essa é Emily Davison — disse Hannah enfaticamente.

— Mas não é a garota da sala de estar — disse eu.

Hannah apertou o cinto da sua capa de chuva, olhou para baixo por um momento, pôs o dedo indicador no queixo, como se tentasse compreender o que acabara de acontecer.

Finalmente, olhou para mim e disse: — Mas é a única garota que temos aqui.

seis

EMBORA EU TIVESSE empreendido propositadamente uma jornada de insinceridade, embora tivesse tomado a decisão secreta de ir ao encalço das oportunidades sobrenaturais que pareciam estar batendo à minha porta, embora estivesse preparado para fazer frente a quaisquer horrores em que por acaso viesse a me envolver sem o conforto de minha esposa, não era capaz de disfarçar totalmente o meu estado de espírito. Quando caminhávamos de volta do restaurante para o hotel, compartilhando o guarda-chuva fornecido por Pascal, Ellen comentou que eu parecia estar como que perturbado durante o jantar. Tinha algum problema?

Pensei em dizer que eu não podia divertir-me se ela ficava de olho em mim, que fizesse o favor de deixar-me em paz, pelo amor de Deus... mas isso me deixaria muito exposto — eu soube que devia controlar esses impulsos irascíveis — e portanto disse a ela que estava um pouco cansado, um pouco afetado pela mudança no clima.

Mantivemos um silêncio cortês no resto do percurso até o hotel. Ficamos calados no elevador, calados ao entrar no apartamento, calados ainda ao tirarmos a roupa e nos prepararmos para deitar. Escovamos os dentes juntos, e nos revezamos gentilmente para cuspir no lavatório.

Uma arrumadeira tinha feito as camas e fechado as cortinas. Tive uns dez minutos sozinho enquanto Ellen terminava no banheiro, e fiquei deitado calmamente na cama, pensando. Eu estava ciente de que o apartamento mudara permanentemente, a minha percepção dele se aprofundara. Agora ele tinha verdadeira presença para mim, como quartos que a gente conheceu quando criança — e mais: uma vida oculta detrás das paredes, sendo seus estranhos recantos, trapezoides e triângulos formados por suas águas-furtadas, suas largas molduras e panos de parede brancos acetinados, mera distração para o olhar, detalhes de decoração de interiores, representações falsamente estáticas da sua verdadeira natureza mutável. Agora eu sentia uma ambivalência estranhamente familiar com relação ao apartamento. Por que familiar? Bem, eu já sentira algo assim antes, sentira algo assim no passado todas as vezes que amarrava meu braço com um pedaço de tubo de borracha, toda vez que via a veia inchar e sobressair, toda vez que vencia o infantil medo de injeções, encostava a ponta da agulha na pele ainda indefesa, e assistia novamente à vermelha proeminência de sangue avolumar-se no golpe friamente desferido do cilindro, o eu misturando-se com o isso. Ocasionalmente, como em sonhos, eu pensava, no momento de me picar, em uma novidade de cerâmica que tínhamos lá em casa quando eu era criança, um homem careca enfiado num vaso sanitário ("Adeus mundo cruel") e dando descarga.

Ellen entrou no quarto, sentou perto de mim na cama, pôs a sua mão na minha barriga e disse: — Que dia esquisito... Essa manhã a gente ia embora para casa. — Em seguida, após uma pausa: — Sinto muito, Cook, mas você parece triste mesmo.

— Não estou triste — discordei.

Ela me olhou pensativa, avaliando a minha resposta. Então sorriu e disse: — É cedo demais para dormir, não é?

— Eu sei.

Ela se inclinou por cima de mim, apagou o abajur, e entrou debaixo das cobertas comigo. Na escuridão ouvíamos a chuva nas janelas e, com as rajadas, uma delas batia no seu caixilho. Para mim, a

escuridão era muito viva — rica, propícia e inquietante. Quando fazíamos amor, coloquei Ellen em cima de mim para poder observar o quarto, a escuridão, vigília que mostrou-se singularmente estimulante. Eu não sabia como analisar o homem da minha visão daquela tarde, o dorminhoco beberrão barbudo que me mandara cair fora, nem como analisar a visão em si (salvo saber que certamente não tinha sido um sonho). Também não estava particularmente interessado em fazer análise alguma enquanto Ellen e eu fazíamos amor. Quanto aos pensamentos que cruzavam minha mente durante o sexo eu sabia que geralmente eles se encaixavam em uma de três categorias — contribuía para o prazer, afastavam-no ou eram neutros — e as imagens da visão daquela tarde decididamente estavam contribuindo. Eu podia interpretá-la como um homem na cama da minha mulher, ou um homem na minha cama, o que me fizesse feliz; mas eu não podia evitar a certeza de que a sua presença, embora apavorante e hostil — o bastante para espantar qualquer pessoa razoável — também tinha sido intensamente, até essencialmente sexual. A curiosa excitação que eu sentia ao contemplar a escuridão enquanto estávamos fazendo amor era a excitação que decorria da sensação de estarmos sendo observados. E, se essa sensação aumentava o meu prazer, também me afastava fisicamente da minha mulher, afundando-me cada vez mais numa secreta realidade, na qual eu utilizava-me dela como bem queria para os meus fins e ocultava-lhe a verdade a que ela tinha direito. Eu até senti uma forte determinação por trás dessa experiência, como que o calor do sexo estava sendo usado por algum poder exterior a mim para consumir os meus vínculos, para isolar-me.

Como já disse, esse assunto todo certamente teria espantado qualquer pessoa razoável. Mas eu não era uma pessoa razoável, e não fiquei espantado. Depois, Ellen ficou com a cabeça apoiada no meu peito, afagando com os dedos o músculo do meu antebraço. — Sabe, Cookie — disse ela na escuridão —, estou ciente de ter estado demasiado dependente de você nesta viagem, até agora. E sei que sou propensa a exagerar as coisas. A preocupar-me demais. Se houvesse algo gravemente errado, você me diria, eu sei disso. Acho que tenho uma ansiedade completamente normal pelo fato de estar longe de casa e de Jordie, e que essa ansiedade só acabou vinculada a você por engano. Quero que saiba que lamento e que vou mesmo tentar parar com isso.

Ao acordar, me ouvi murmurar "Tenho que avisar a ele...", mas todos os detalhes do que havia estado sonhando me fugiram definitivamente. Passava das 5h30 da manhã.

Ellen (de lado, de modo que eu podia ver seu rosto) dormia na sua cama, a curta distância. Nenhum barulho de chuva ou vento. Cortinas fechadas, como antes. A mobília, a mesma de antes, a porta do corredor na sua posição normal.

Eu sabia que tinha sentido uma tremenda onda de remorso diante dos últimos comentários de Ellen, depois de termos feito amor — me lembrava do estratagema evasivo mediante o qual eu o empurrara, na minha mente, para o fundo de uma estante, para ocupar-me dele depois; mas a droga maravilhosa liberada dentro do sistema pelo orgasmo masculino me conduziu rapidamente ao esquecimento. Agora eu começava a pensar não em Ellen ou no remorso, mas na misteriosa mocinha que conhecera na sala de estar lá embaixo. Podia lembrar-me com precisão da sua concentração constante e central, de como ela fixava a sua atenção num ponto diretamente na frente, só se permitindo o mínimo desvio no olhar, como se algum ponto focai, invisível para mim, fosse tudo o que a impedia de ser levada para longe; eu recordava a sua graça, o ar de experiência além da sua idade; e, claro, seu profundo poço de tristeza. Reconhecia que a forte atração que ela exercia em mim resultava em parte de sentir falta de Jordie, de todos os sentimentos de perda que eu tinha com relação a Jordie. Da mesma forma, eu reconhecia que o conteúdo apavorante da visão, o homem no quarto, podia ser uma projeção de qualquer mal-estar emocional que eu nutrisse em torno de impulsos homossexuais latentes (ou remanescentes). Disse a mim mesmo que era "homem o bastante" para admitir isso no meu íntimo. Entretanto, a noção de elaborar essas experiências a partir do eu chocava-me como falsa e egocêntrica ao extremo. Decidi que não podia confiar no meu pensamento nesse terreno, portanto podia muito bem desistir dele. Resolvi ver-me como

um explorador, um aventureiro — o que era uma maneira de glorificar as minhas intenções: ir além dos meus limites, enganar a minha esposa, pôr em risco a sua paz e segurança, e a minha própria, iludir-me como condição necessária para ir além dos meus limites.

Recordei uma vez, anos atrás, em que eu voltara a casa embriagado, do "trabalho" no meu primeiro restaurante em Manhattan. Eu nunca era seguramente necessário no restaurante, e só ficava até a hora de fechar a fim de beber e cheirar cocaína com o pessoal da cozinha. Depois de fechar, eu tinha ido com alguns garçons beber mais algumas num boteco.

Quando aquele bar fechou, fui com um dos rapazes a um lugar que ficava aberto até bem tarde, lá no centro, danado de longe, onde, ao entrarmos, um contorcionista praticava sexo oral em si mesmo em cima de um pequeno palco atrás do balcão. Em certo momento, mais tarde, me fizeram descer uns degraus escuros até um banheiro masculino, onde um negro de cabeça raspada chamado Silver despejava narigadas nas notas de dez dólares do pessoal. A gente segurava a nota de dez (um pouco vincada no meio para ter suficiente rigidez), ele despejava, a gente cheirava, ele ficava com a nota. O lugar estava lotado e muito pobremente iluminado, e eu fui apalpado por alguém sem rosto enquanto ficava alto, desfazendo-me de considerável quantidade de notas de dez, porque a cocaína era quase metade bicarbonato de sódio. Quando tomei a subir as escadas, descobri que estava num bar diferente daquele onde pensava estar. Nem sinal do garçom com quem eu viera para o centro. Quase ao amanhecer, saí cambaleando pela rua e acenei para um táxi. No carro, concluí que estava tenso demais para ir dormir e engoli um Quaalude que tinha no bolso da camisa. Na época, Jordie era bebê. Era provável que Ellen tivesse se levantado algumas vezes para amamentá-la ao longo da noite. Surpreendentemente, eu me virei para chegar até a porta do nosso quarto, acendi a luz, acordando Ellen, e disse: — Estou cheio de ser mantido nessa porra de rédea curta.

Ela olhou para mim, pasma, e sentou na cama. — O que é que você está falando? — ela perguntou.

— Não sei — disse eu, e com isso este explorador, este aventureiro, deslizou pela ombreira da porta até o chão e apagou.

Agora, bem desperto no Hotel Willerton, pulei da cama e comecei a andar às apalpadelas no apartamento escuro em direção à cozinha, em busca de um copo de suco. Resolvi abrir o jogo com Ellen, contar tudo que havia acontecido, e sugerir que mudássemos de hotel — uma ideia brilhante, segundo achei, pois não teríamos que voltar para casa. Ao passar pela sala de estar, ouvi a voz de uma criança, um som de choro, muito parecido com aquele que achara ouvir vindo do quarto vazio alguns dias atrás.

Voltei pelo corredor em direção a esse quarto, mas antes de abrir a porta já pude perceber que me afastara ainda mais do som em vez de aproximar-me. Voltei para a sala de estar. Agora parecia-me que o som vinha de fora do apartamento, do corredor de entrada. Abri a porta silenciosamente e fiquei escutando por um instante.

Podia ouvir a voz mais claramente agora, embora ainda bastante distante — apenas o timbre e tom, nenhuma palavra; era uma criança, uma menina, e parecia estar chorando. Com intermitência, eu podia ouvir também uma voz masculina jovem, como se um moço estivesse consolando a criança. Fechei a porta, voltei para o quarto e botei uma calça jeans. Num minuto, eu tinha enfiado no bolso a chave do apartamento e estava saindo na ponta dos pés, descalço, pelo corredor de entrada. Andei em direção ao elevador, mas de novo encontrei-me ainda mais longe do som. Retomei pelo corredor e parei por um instante junto à porta de acesso às escadas; tratava-se de uma porta de vidro em caixilhos de chumbo, e, quando a abri, tive certeza de que as vozes vinham do andar de baixo, o terceiro.

As escadas estavam brilhantemente iluminadas por um sinal de Saída colocado em cima da porta de baixo. Eu pensei: Mas é claro... Embora antes eu tivesse encontrado a porta do elevador no terceiro andar trancada, as escadas teriam de ficar acessíveis em caso de incêndio. Eu devia ter pensado nisso antes. As vozes ficaram mais fortes, e quando abri a porta no patamar inferior, pude começar a distinguir uma ou duas palavras: "não, não...", "isso não é...", "estou lhe dizendo..."

Havia forte cheiro de pintura fresca, e as cinco portas que abriam-se em ambos lados do corredor estavam entreabertas. Dei uma olhadela em três quartos ao longo do caminho, mas encontrei-os vazios — não só vazios de pessoas, mas vazios de tudo. Lembrei que Hannah me dissera que os quartos ainda não tinham sido mobiliados.

Na quarta porta, vi as silhuetas de duas figuras no outro lado do quarto, sentadas de pernas cruzadas no piso nu — silhuetas, porque bem detrás delas havia uma enorme janela, projetando o primeiro matiz cinzento do amanhecer. Tive certeza, no instante, mesmo naquela luz sombria, de que a garota era a minha garota, a garota misteriosa, e de que ela estava abalada por algum motivo. Quando abri a porta, ela sobressaltou-se, ficou ofegante, extremamente assustada.

— Quem está aí? — disse o rapaz, cuja voz e sotaque inconfundíveis eram de Pascal.

— Desculpem — eu comecei. — Ouvi vozes e...

— Tudo bem — disse o rapaz à garota. — Eu o conheço.

— Pascal? — perguntei.

— Oui, monsieur. Espero que não o tenhamos acordado.

— Não — disse eu. — Eu já estava acordado. O que...

— Esta é Melanie — disse Pascal. — Ela está tendo um sonho. Então eu pude ver, para o meu desapontamento, que a garota, embora tivesse um corte de cabelo semelhante, não era a minha garota, mas a arrumadeira que Ellen e eu tínhamos visto saindo do nosso apartamento em prantos poucos dias atrás. Ela usava uma camisola branca e estava sem chinelos. Pascal vestia as calças de um pijama listrado, mas não a camisa. Eu não tinha a menor ideia do que ele queria dizer com "Ela está tendo um sonho". Parecia certamente que quem estava tendo um sonho era eu. Como o embaraço dominava a situação, eu disse: — Eu sinto muito... Não pretendia interromper — e virei-me para sair.

— Diga a ele — ouvi a garota sussurrar enfaticamente... e *Não*, a resposta de Pascal, não menos enfática.

— Dizer-me o quê? — perguntei, virando-me para eles de novo.

— Monsieur Selway — disse Pascal —, não é nada.

A garota levantou-se rapidamente. — Nada? — disse ela, alto e bom som, furiosa. — É isso que você acha? Nada? Então, suponho que isto não foi nada para mim?

Ela estava inclinando a cabeça para um lado, puxando seu cabelo para trás, aparentemente mostrando-lhe algo na sua bochecha. Com isso, ela passou ao meu lado impetuosamente e saiu do quarto. Pascal, ainda sentado no chão, deixou a cabeça cair sobre o peito. Ouvimos os passos da garota na escada.

— Talvez seja melhor você... — comecei.

— Essa garota — disse Pascal —, essa Melanie... ela é histérica.

— Não tive intenção de aparecer sem avisar — disse eu, pois sentia-me de alguma maneira responsável pela súbita fúria da garota.

— Acho bom você ter aparecido — disse Pascal, e riu. — Ela é doida. É uma caipira, apavorada desde que chegou aqui. Ela bate à minha porta... me acorda... fica andando adormecida... sonhando. Agora, daqui a uma hora já tenho que me levantar para trabalhar.

— Ela estava andando adormecida? — perguntei.

— Sim — disse ele. — Eu a encontrei aqui ao lado desta janela. Talvez ela fosse pular.

— Pular?

— Ela estava sonhando — disse ele. — Talvez sonhando em pular. Ele prosseguiu, explicando que a garota, que tinha uns dezoito anos, viera de algum lugar de Yorkshire apenas duas semanas atrás, para trabalhar no hotel. A cidade apavorava-a, segundo Pascal achava. Ele riu ao me contar que ela estava com saudade e triste quase o tempo todo. Quando ela bateu no quarto dele um pouco mais cedo, ele deparou-se com a moça diante da sua porta, de camisola; ela disse algo sobre "o patrão" estar "bem

zangado por causa do fogo". Depois ela se virou e foi embora. Ele pensou consigo: Sonhando... e voltou para a cama. Mas não conseguiu dormir e começou a preocupar-se com a garota, e inclusive com um possível incêndio. Foi para o quarto dela, encontrou a porta aberta, mas nem sinal da garota. Saiu à procura dela e acabou achando-a ali, de pé na janela aberta. Quando ele a chamou pelo nome, ela desabou no chão e começou a choramingar. Tinha estado andando adormecida, sonhando, repetiu ele, e agora que havia acordado estava ainda mais apavorada. Histérica. Ela contou uma história maluca sobre espíritos malignos. Perguntei o que era aquilo que a garota lhe mostrara na bochecha.

— Nada — disse ele. — Alguns arranhões. Provavelmente ela andou brincando com os gatos no jardim. Ela diz que ele lhe fez aquilo.

— Quem?

— Seja quem for — disse Pascal, arregalando os olhos. — Não sei. O espírito maligno, suponho.

— Nós a vimos saindo do nosso apartamento outro dia — disse eu. — Achamos que estava chorando.

— Sim, sim — disse ele. — Não se preocupe.

— Que não me preocupe?

— Ela é doida — opinou. — Deveria voltar para a mamãe. Agora preciso ir, monsieur. Devo pegar no serviço daqui a pouco.

Caminhamos juntos até a porta da escada. No patamar ele me disse, sorrindo: — Monsieur Selway se levanta com os pássaros — e eu levei um instante para compreender o que aquilo queria dizer, que eu acordava muito cedo. Ele foi descendo as escadas, e eu subi.

Quando contornava a curva da escada, vi uma luva caída sobre um dos degraus, uma luva feminina de algodão branco. Por certo, reconheci imediatamente que a luva era dela, e me senti animado ao vê-la. Ouvi-me dizer "Ah!", como se tivesse encontrado um amigo perdido. Mas quando me aproximei e fui pegar a luva, verifiquei que se tratava de alguns chumaços de toalha higiênica, descoloridos e colados entre si. Enojado — quase chocado — segurei realmente aquela coisa na mão por alguns segundos, rejeitando a surpresa. Depois deixei aquilo cair e continuei subindo os restantes degraus em uma nuvem de abatimento, punido por meus próprios sentidos e sem ter nada nem ninguém para culpar.

De volta no apartamento, pus a chaleira para ferver. Eu sabia que não conseguiria dormir de novo. Sentei-me à mesa da cozinha, olhando pela janela para os telhados que se iluminavam lentamente. Numa janela distante, uma luz se acendeu. Um pombo pousou no peitoril a centímetros da minha mão e depois, ao ver-me, bateu asas. Pensei no que Ellen tinha dito sobre distúrbios neurológicos, que eram todos os tipos de enfermidades esquisitas com estranhos sintomas. Pensei no meu histórico de alucinação induzida por drogas; uma vez, por exemplo, fui atender o telefone, e o fone, na minha mão, tinha virado uma lagosta viva. Pensei na minha decisão de contar tudo a Ellen e mudar de hotel. Agora, mais do que nunca, parecia que isso era o que devia ser feito.

Mas quando ela apareceu na porta da cozinha, esfregando os olhos e perguntando-me o que eu estava fazendo acordado tão cedo, eu me limitei a encolher os ombros.

— Acordei — disse eu. — Não consegui dormir de novo.

— Achei que tinha ouvido você sair do apartamento — disse ela. — Devo ter estado sonhando.

— Sim — disse eu. — Eu também acho.

Mais um dia, disse com meus botões. Só mais um dia para ver o que acontece.

sete

SE O MEU CÁLCULO ESTIVER CERTO, aquele dia, o "dia" em "só mais um dia", teria sido uma quinta-feira, pouco mais de uma semana após a nossa chegada à Inglaterra. Fatalmente, ele transcorreu sem acontecimentos extraordinários. Segundo lembro, fizemos o último dos nossos passeios guiados a pé, dessa vez pelo coração da antiga cidade, uma espécie de levantamento histórico montado em um esquema de construções e ruínas de construções, Guildhall e o templo romano de Mítras. Embora a chuva tivesse cessado, deixara o céu encoberto, o ar muito mais frio e uma insinuação oficial de que algum grande passo tinha sido dado nos céus e todos estávamos avançando para a próxima questão. O Hotel Willerton tornara-se para mim uma espécie de eletroímã vitoriano de cinco andares: eu podia fugir das suas paredes, mas não conseguia deixar completamente o seu campo de atração.

Agora, com a mudança no tempo, ele somara a calidez aos seus poderes atrativos. Tiritando enquanto percorríamos pitorescas ruelas de paralelepípedos e antigos becos, tudo o que eu queria era voltar ao nosso apartamento, queria que a noite chegasse para poder perscrutar a escuridão, o silêncio de almas adormecidas, para poder ouvir vozes. Durante o passeio, houve um momento em que tive a impressão de ver-nos" a uma certa distância. Um pequeno grupo de pessoas (formando uma meia-lua imperfeita) contemplava uma placa em algum velho edifício úmido; elas escutavam a guia (certamente uma aspirante a atriz de teatro) que explicava o momentinho de história que a placa comemorava; um homem do grupo inclinou a cabeça para baixo e pareceu assim desconfortavelmente voltado para dentro; estaria rezando? Não, estava apenas observando seu relógio de pulso.

A noite se passou também sem incidentes. No fim da tarde, fui comprar legumes, massa e montes de alho, e preparei o jantar no apartamento. Fomos ao teatro, vimos Os dois cavalheiros de Verona no Royal Shakespeare, voltamos ao hotel e telefonamos para Jordie, encontrando-a muito animada. Ela e Ellen conversaram primeiro, demoradamente, e quando peguei o telefone, ela disse: "Bem, eu já falei tudo para a mamãe. Eu amo você, sinto falta de você, peça a ela que lhe dê os detalhes..."

... e fomos nos deitar felizes e muito cansados. Por absurdo que pareça, eu me peguei pensando que o Hotel Willerton sabia que eu precisava que esse dia eventual prometido transcorresse rotineiramente, de modo a justificar a nossa permanência e não mudar de hotel. Pensei em como o dia havia começado, sobre a confusa expedição ao terceiro andar, e Melanie, a arrumadeira assustada, sonhadora e sonâmbula, a que sonhava dentro do sonho. Pensei na ilusória luva branca na escada e na desnecessária mentira dita a Ellen na cozinha. (Eu não podia ter dito que ouvira vozes no corredor, fora investigar e encontrara Pascal e a arrumadeira no andar de baixo? Que patologia infantil era essa que eu estava representando ao ocultar da minha mulher esses segredos supérfluos? Parecia — ou eu receava — que eu não estava simplesmente mentindo, mas perdendo a capacidade de dizer a verdade.) Caí no sono enquanto Ellen ainda escrevia em seu diário, com a lâmpada de cabeceira ainda acesa.



Na manhã seguinte o sol voltou a Londres e depois do meu adiamento por vinte e quatro horas, do meu dia rotineiro, eu tinha sido abençoado (ou amaldiçoado) com uma espécie de amnésia; foi como se acabássemos de chegar à Inglaterra e me fosse proporcionada uma vida nova em sentido espiritual e moral. Creio que quando, por volta do meio da manhã, eu estava diante do balcão de Hannah fazendo-lhe perguntas sobre a história do hotel, convencera-me realmente de que a minha indagação decorria de uma sadia, para não dizer fútil curiosidade.

— Francamente, não — disse Hannah, pouco preocupada. — Não creio que ninguém tenha preparado uma história. Posso lhe dizer que funcionamos como hotel há cerca de cinquenta anos. As duas casas serviram de sanatório durante a guerra, e foram residências particulares antes disso. Com licença.

Ela puxou um hemisfério de pérola pendurado da sua orelha e atendeu o telefone. Disse então: "Sim... sim... sim... não... sim... até logo", com o tipo de monotonia enfadonha que não podia senão ser resposta a rotineiras perguntas domésticas de alguém que acabava de ser deixado em casa.

— O senhor precisa falar com os Chopin — disse ela quando desligou.

— Os Chopin? — perguntei.

— O casazinho de Hong Kong — disse ela. — O senhor já os viu, com certeza. Eles costumam vir aqui tomar o café da manhã todos os dias... vivem no bairro. Têm feito isso desde sempre, e sabem tudo o que se pode saber sobre... bem, quase tudo. Em todo caso, ela sabe. Receio que ele é um pouco ruim da cabeça. O senhor pode falar com Pascal, ele tem amizade com eles. Desculpe mais uma vez.

O telefone estava tocando de novo. Perguntei logo: — Onde é que Pascal está? — e Hannah, atendendo o telefone, apontou sem falar para o pequeno monitor de vídeo.

Nele vi Pascal ali fora, na frente do prédio, encostado num dos postes de bronze do dossel.

Passava das dez horas. Ellen ainda estava lá em cima, levando ainda mais tempo que o habitual para se arrumar para o dia. Aquele ia ser o nosso primeiro dia de aventuras separadas. A pastora-detetive (ou detetive-pastora) de ficção de Ellen, Hora, era entusiasta horticultora; Ellen decidira que algum assunto importante ia ocorrer no Jardim Botânico Real em Kew, e planejava fazer uma excursão por lá. Eu escolhera o Museu Britânico — ao menos teoricamente. (Nunca havia visitado o Museu Britânico, e tinha ouvido dizer que na King's Gallery havia alguns famosos manuscritos antigos, obras-primas da literatura inglesa; também queria ver os mármore furtados do Partenon, e a Pedra Rosetta.) Enquanto Ellen acabava de aprontar-se, eu, como grande voluntário que sou, desci para ver se achava um folheto sobre os Jardins de Kew para ela. Destarte, eu chegara ao balcão de Hannah e, uma vez lá, descobrira que tinha outras coisas sobre as quais queria saber, além dos Jardins de Kew.

Entrei no vestíbulo, que estava bastante frio. Pascal estava à luz do sol sob a borda do dossel, e a sua sombra comprida estendia-se cruzando o passeio e ondulava subindo os degraus em ângulo agudo em direção a mim. Como eu estava só de camisa, e com frio, bati com os nós dos dedos contra o vidro da porta. Pascal, vestindo um sobretudo de lã e um chapéu de capitão do mar, virou-se, sorriu e se aproximou, com seu hálito iluminado pelo sol.

— Bonjour, monsieur Selway — disse ele, já dentro do hotel, tirando o chapéu e segurando-o à altura do coração — na minha opinião, um gesto de exagerada devoção.

— Pascal — disse eu —, você e eu já vivemos juntos algumas experiências. Por favor, me chame de Cook.

— Cook? — disse ele.

— Esse é o meu nome — disse eu.

— Cook? — repetiu ele, obviamente infeliz. (Suponho que meu nome colocava-me no nível dos serviçais, e sendo assim a minha posição social diminuía aos olhos dele.) — Sim — disse eu. — Cook. E o meu nome.

— Desculpe-me, monsieur — disse ele —, mas Cook é uma pessoa que faz a comida.

— Sim — disse eu. — Eu faço comida de vez em quando.

— Você é cozinheiro?

— Mais ou menos — disse eu. — Eu já fui considerado um cozinheiro. Não é por isso que me chamo Cook. O meu nome de batismo é Cookson. Chamavam-me de Cook muito antes de ter cozinhado coisa alguma.

— Interessante — disse ele.

— Pascal — disse eu —, Hannah me diz que você conhece os Chopin.

— Os Chopin — disse ele, acentuando mais a segunda sílaba do nome. — Sim.

— Estava pensando se você poderia apresentar-me a eles.

— Mas é claro — disse ele. — Venha.

— Ir aonde?

— Eles estão aqui agora — disse ele.

— Os Chopin estão aqui?

— Na sala de jantar. Venha.

Hannah nos deteve no corredor de entrada. — Oh, Sr. Selway — disse ela. — Estava pensando... chegou a encontrar a sua garota?

— Não — respondi. — Não encontrei.

— Isso é muito curioso — disse Hannah. — Me pergunto quem pode ter sido. Gostaria de tê-la visto. Era uma adolescente?

Querendo mudar de assunto impulsivamente, eu disse com bastante precipitação: — Tudo bem, Hannah... não se preocupe com isso.

— Oh, não — disse Hannah. — Não estou preocupada. — Ela voltou a sua atenção para Pascal. — Pascal — disse ela —, os Davison precisam trazer um pacote aqui embaixo.

— *J'arrive* — disse Pascal, e seguiu pelo corredor rumo à sala de jantar.

— *Já-rive, já-rive* — ouvi Hannah murmurar quando a deixávamos. Pascal me disse que esperasse fora da sala de jantar. Entendi que ele tencionava preparar os Chopin antes de apresentar-me. Entrei na sala de estar em frente e, à toa, cheguei até a janela que dava para a rua. Não sei dizer o que vi pela janela, se é que vi alguma coisa; fiquei lá (a cortina estava puxada) olhando, como se estivesse vendo algo do lado de fora, mas completamente absorto, na verdade, nas minhas emoções — que, naquele momento, estavam realizando feitos bastante surpreendentes e inexplicáveis. O meu senso de tempo e lugar tornou-se vago, e eu me vi diante de uma janela (alguma janela em alguma parte) e olhando para fora com a desolação de um prisioneiro que, da sua cela, contempla o exterior; eu estava experimentando uma espécie de ', subitamente dominado por profunda angústia e tristeza. Até onde posso lembrar, esses sentimentos não estavam ligados a nenhum fato ou condição da minha vida real, não dependiam de nenhum detalhe da narração de perda e autodestruição que eu poderia ter redigido a partir do desencadeamento do meu passado.

Simplesmente, sentia-me acometido de pesar, longe de qualquer referência clara, e achei que ia chorar — não, "chorar" é uma palavra demasiado fácil e moderna — achei que ia jogar-me sobre o carpete e cair em prantos. Ao mesmo tempo, tive uma forte e medonha sensação de que alguém estava atrás de mim. Quando me virei, no entanto, era só Pascal.

— Monsieur Cook — disse ele —, está passando mal?

— Não, não — disse eu. — Só estava tendo uma sensação das mais esquisitas.

O cabelo negro de Pascal estava emaranhado. Ele ainda segurava seu gorro numa mão, e suas bochechas ainda estavam vermelhas por ter estado fora no frio; seus olhos pareciam brilhar, enquanto ele continuava a examinar meu rosto. Ele pegou minha mão e disse: — Venha... vamos sair desta sala.

Voltamos para o corredor, Pascal segurando-me pelo cotovelo e guiando-me como se eu fosse cego ou enfermo. Ele tirou um fiapo ou algo assim do meu ombro — ele tentava melhorar a minha aparência, tornar-me mais apresentável.

— Sente-se bem agora? — perguntou.

— Sim — disse eu. — Estou ótimo.

— O ar não é bom naquela sala. Muito viciado.

— Sim — disse eu, nem tão certo de que o ar na sala de estar fosse mais viciado do que em outra sala qualquer.

— Os Chopin estão indo embora — disse ele. — Eles perguntaram por que você desejava ser apresentado.

— Oh — disse eu. — Ora, eu...

— Eu não sabia o que responder.

— Então o que você disse a eles?

— Disse que você é americano.

— Isso é uma explicação?

Ele deu de ombros. — Eu lhes disse que você era americano legal e que tinha uma bela esposa. Eles disseram que eu podia levar você ao apartamento para...

Naquele momento, a porta da sala de jantar se abriu, surgindo então o casal asiático de idade que eu já vira uma vez.

— Oh, aqui estão eles... — disse Pascal.

Os Chopin, ao nos ver, abriram sorrisos desiguais que, de certa forma, haveriam de caracterizá-los sempre para mim — o dela, reservado, de lábios apertados, muito mais um gesto dos olhos que da boca; o dele, grande e imperturbável, cheio de dentes amarelados.

— Monsieur Selway — disse Pascal. — Monsieur et Madame Chopin.

Percebi então, vendo o casal asiático diante de mim, que Pascal não falava "Chopin", mas "Sho-pan".

Naquele primeiro encontro, o quase inteiramente careca Sr. Sho-pan não falou palavra. (Devo dizer "quase inteiramente", em que pese a deselegância do termo, porque reparei de fato num único cabelo branco, de aproximadamente dez centímetros de comprimento, brotando no centro exato do cocuruto.) A Sra. Sho-pan se incumbiu de toda a conversa, e ela era com efeito muito bem-falante, sem sinal de sotaque estrangeiro. Seu cabelo (isto é, todos os seus cabelos juntos), negro azeviche, estava esticado e preso na parte de trás da cabeça; ela era cinco ou seis centímetros mais alta do que ele, mas talvez não tenha sido sempre assim — tive a sensação de que ele encolhera um pouco nos últimos anos. Nenhum dos dois era particularmente baixo ou frágil, conforme Hannah me levava a pensar ao descrevê-los como "o pequeno casal de Hong Kong". Ambos vestiam, como da vez anterior, discretos trajes de tweed aparentemente caros. Com isso quero dizer que ela também usava um terno de tipo masculino (com calças), e uma camisa de seda por baixo, abotoada no pescoço. A gravata do velho tinha um desenho relativo ao golfe.

— Pedi a Pascal que levasse o senhor e a sua esposa ao apartamento para tomar o chá — disse ela. — Estamos bem pertinho daqui.

— Oh — disse eu. — Hoje mesmo?

— Sim — disse ela, piscando seus olhos muitas vezes rapidamente. — Hoje... se for possível.

Notei que nesse momento o rosto do Sr. Sho-pan assumiu um gesto inquisitivo, quase apreensivo, e depois, a seguir, quando aceitei o convite de sua esposa, recuperou o seu anterior êxtase vincado e cheio de dentes.

— Obrigado — disse eu, autenticamente surpreso com aquela imediata hospitalidade. — Muito obrigado.

— Vemos vocês às cinco, então? — disse ela, estendendo a mão.

— Sim — disse eu. — Obrigado.

— Por volta das cinco — corrigiu Pascal.

— Por volta das cinco, então — disse a Sra. Sho-pan, e ficou graciosamente em pontas de pés para

beijar a bochecha de Pascal.

O Sr. Sho-pan me estendeu a mão, uma coisa agradável, sedosa e maleável que a gente gostaria de segurar (e até afagar) durante um julgamento ou um funeral. Pascal e eu acompanhamos então os Sho-pan até o corredor de entrada, onde Pascal foi buscar seus casacos.

Embora fosse evidente que eles não exigiam de mim nenhuma outra explicação além da que Pascal lhes dera — que eu era americano e tinha uma bela esposa — e que a óbvia confiança e simpatia deles para com Pascal era tudo o que eu necessitava para ser admitido, aproveitei aquela oportunidade para explicar que estava interessado em saber algo a respeito da história do Hotel Willerton. Isso pareceu satisfazer a Sra. Sho-pan enormemente.

— E trata-se de uma história muito interessante — disse ela, sorrindo.

— E mesmo? — disse eu.

— Oh, sim, realmente — disse ela. Ela tocou o canto do olho com seu dedo indicador e acrescentou: — Muito mais do que parece.

Nesse momento notei que a poderosa e inquietante sensação que eu tivera na sala de estar tinha passado totalmente e, em segundo lugar, que a atenção dos Sho-pan deslocara-se de mim para alguém atrás de mim. Eu esperava ver Pascal ali, segurando seus casacos, mas era Ellen, segurando os nossos casacos.

Oi — disse eu, e rapidamente fiz as apresentações. — Os Sho-pan nos convidaram gentilmente a tomar o chá esta tarde — disse.

— Que amáveis — disse Ellen, perplexa.

Ela pegara a mão da Sra. Sho-pan e eu notei — no quase imperceptível puxão e afrouxamento do pulso de Ellen — que a Sra. Sho-pan parecia reter Ellen brevemente.

Seus olhos se encontraram, e elas trocaram um breve olhar inquisitivo (eu diria que quase perscrutador da parte da Sra. Sho-pan). Depois, a Sra. Sho-pan balançou a cabeça afirmativamente e disse duas palavras: — Minha querida.

Pascal reapareceu e começou a ajudá-los a vestir os casacos. Nos despedimos até mais tarde, e eles se foram.

— Chá? — disse Ellen, com surpresa e deleite na voz. — Quem são eles?

— Os Sho-pan — disse eu. — Tipo *S-h-o-*, sabe, *p-a-n*. São de Hong Kong, creio. Amigos de Pascal. Eles moram perto. Pascal vai nos levar até o apartamento deles por volta das cinco horas.

— É divertido — disse Ellen. — Eles são muito elegantes. Você viu como ela me olhava?

Acompanhei Ellen até o trem suburbano que a levaria para Kew. No caminho, ela me perguntou se eu tinha conseguido arranjar um folheto sobre os jardins. Tive um primeiro impulso de mentir, de dizer: Não, não tinha folheto algum, mas me corrigi e disse: — Desculpe... me esqueci de perguntar.

— Tudo bem — disse ela. — Vou conseguir o que preciso quando chegar lá.

Parecia coisa tão simples e proveitosa dizer a verdade. Resolvi lembrar esse fato no futuro. Ao atravessarmos a praça, o vendedor de flores, um velhinho de avental listrado, levantou um buquê de rosas e indicou, com gestos dos olhos e acenos, que eu deveria comprá-las para Ellen. Sorri, recusando as flores, mas pensei que tinha alguma coisa em Ellen e em mim, algo na nossa aparência juntos naquela manhã, que sugeria romance. Talvez parecêssemos felizes juntos, talvez apaixonados. O ar tinha uma frescura agradável, as sombras das árvores na praça faziam belos desenhos de rendas trêmulas nas trilhas, e passei meu braço em torno da cintura de Ellen enquanto andávamos. Era assim que tudo devia ter sido desde o princípio, pensei. Umas férias.

Nos despedimos no passeio, fora da estação do metrô. Depois de nos beijarmos, Ellen disse: — Tem certeza de que não quer mudar de ideia e vir comigo?

— Você quer que eu vá? — perguntei.

— Só se você quiser — disse ela. — Ou seja, quero que você faça o que quer fazer.

— Muito bem, eu irei se você realmente quiser que eu vá — disse eu. Os dois rimos com aquilo. Ela disse: — Acho ótimo ir sozinha. Só quero que saiba que você é bem-vindo se vier.

— Eu sei — disse eu, e a beijei de novo. — Divirta-se.

— Voltarei por volta das quatro — disse ela. — Estou ansiosa por nosso chá.

Ela entrou na estação, e eu fiquei olhando pela porta aberta enquanto ela comprava seu bilhete, passava pela entrada e dirigia-se às escadas. Bem antes de começar a descer, algo (a intensidade com que eu a observava?) fez que se virasse para olhar. De alguma distância e através do azafamado contraponto dos passageiros, ela me viu no vão da porta e acenou. Depois foi embora. Fiquei quieto mais um instante, até que alguém, uma mulher de casaco vermelho brilhante, ralhou comigo por obstruir a porta da estação. Ao me afastar, cruzando a rua em direção à praça, fiz algo que tinha feito de tempo em tempo ao longo dos anos: lembrei o nascimento de Jordie — isto é, lembrei-me de Ellen dando à luz Jordie. A lembrança chegou, como sempre, em breves segmentos, em ordem aleatória: eu tocando a testa de Ellen com um pano molhado (pedindo licença cada vez); ela agarrando a frente da minha camisa; a sua repetição de "não posso não posso não posso...", mesmo quando a cabeça de Jordie apareceu na abertura em expansão, como um enorme ovo roxo; o médico dizendo "Pegue aí embaixo, Ellen, segure seu bebê"; os braços brancos de Ellen, ela dizendo, maravilhada, em tom de heureka: "Meu bebê.. meu bebê..."

Quando dobrei na esquina da Willerton Way e vi Pascal no seu posto (no seu poste, na realidade) debaixo da borda do dossel, a lembrança do nascimento de Jordie me levava a uma certa intuição, a uma certa metáfora — não brilhante, de modo algum, sou o primeiro a admitir, mas útil num sentido indefinido e confortante —, a uma visão em que os meus anos com Ellen (ou os nossos anos juntos) apareciam como uma correnteza que se divide de tempos em tempos por espaços de diversas longitudes, alguns breves, alguns dolorosamente perduráveis, em duas correntezas menores, depois reunifica-se, torna a dividir-se e reunificar-se, reconhecendo oportunamente, apesar dos rumorejos e gorgolejos, o ganho de energia, de fôlego e profundidade a cada reunificação. Essa analogia do casamento com o rio me deixou muito feliz, e me ocorreu (como a uns onze bilhões de budistas antes) que toda turbulência, todo tumulto, acontece na mente, e que tudo o que de qualquer maneira é realmente necessário à felicidade é um jeito satisfatório de pensar nas coisas — ou, suponho, um jeito satisfatório de parar de pensar nas coisas. Tendo esquecido de todo a fugaz "sensação das mais esquisitas", a profunda pena que me invadiu na sala de estar, eu estava feliz com o meu casamento, feliz de estar na Inglaterra, feliz de ter recuperado o meu eu que podia mais uma vez levar a vida de forma razoável e ficar em paz. Em resumo, sentia-me reposto, com a ajuda de um florista pantomímico, no meu correto juízo. Afinal, eu vinha procurando satisfazer o meu interesse quanto aos aspectos singulares do Hotel Willerton de maneira sadia, um simples e franco processo de indagação, e não andava por aí obcecado e envergonhado a maior parte do dia.

Pascal acabara de embarcar alguém num táxi, e agora, chapéu na mão, acenava para mim com o braço estendido, como se estivesse saudando-me do convés de um navio.

Quando desci o meio-fio e comecei a cruzar a rua, algo me chamou a atenção no alto, próximo às janelas do nosso apartamento — um movimento rápido... uma mudança de luz... algo — mas quando olhei para cima não vi coisa nenhuma; pensei que talvez fosse um pombo ao levantar voo da saliência situada fora das nossas janelas.

O táxi passou bem na minha frente. O passageiro era a arrumadeira, Melanie, a quem eu não tinha visto desde o nosso encontro de manhã cedo no terceiro andar. Quando o carro passou por mim, ela me olhou através da janela. Eu lhe dirigi um sorriso à maneira de cumprimento amigável, mas vi claramente que ela não o retribuiu. Um tanto ominosamente, segundo acho, ela virou a cabeça quando o carro seguiu pela rua, mantendo seu olhar em mim por um trecho. Fiel ao meu simples e sadio processo de indagação, decidi então, ao cruzar a rua, entrevistar a arrumadeira mais tarde, a fim de obter detalhes relativos ao que quer que tivesse assustado a moça.

Quando cheguei ao dossel, contudo, Pascal me fitou com jeito resignado, olhou para a esquina onde o carro desaparecera, e disse: — Sabe como é, essa garota tinha alguns problemas.

— Como assim, "tinha"? — perguntei.

— Ela está voltando para a mamãe — disse ele. Desapontado, contei que tinha vontade de conversar com a garota, sobre o que a atemorizara.

Ele desdenhou essa ideia (e o meu desapontamento) com um sorriso bobo e sacudindo a cabeça. — Ela tinha fantasias — disse. — Por favor, não pense nisso. Sabe, monsieur Cookson, já ouvi alguma coisa sobre mocinhas como essa. Elas têm os... *comment dire...* os *hormônios*, sabe? A imaginação de uma mocinha...

Devo assinalar que Pascal não era mais do que dois ou três anos mais velho que a arrumadeira. A partida dela — o fato de tê-la presenciado inesperadamente — estimulara-me a aprofundar-me em algo no qual não tinha planejado aprofundar-me, não naquele momento, em todo caso, e o resto da nossa conversa debaixo do dossel prosseguiu com considerável constrangimento da minha parte, uma vez que nela eu me revelei, em termos completamente convencionais, como um doido lunático. Corrigi a pronúncia de Pascal em "hormônios" e disse-lhe que não tinha absoluta certeza de que as experiências de Melanie fossem o produto de uma imaginação adolescente exacerbada.

— *Harmônios* — disse ele. — Como assim, que você não tem certeza?

— Quero dizer — disse eu — que eu mesmo tenho tido algumas experiências estranhas.

— Que tipo de experiências?

— Se eu lhe contar, Pascal, quero que você prometa guardar o segredo. Não quero que Ellen se assuste desnecessariamente.

— Certo, está combinado — disse ele.

— Bem, eu sei que isso parece esquisito — disse eu —, mas acho mesmo que tem algum tipo de... não sei... de espírito ou algo assim vivendo no apartamento.

Ele deixou escapar um risinho, e depois fez cara de espanto e um ruído de uuuuuu, momices que eram evidentemente reações nervosas, sem intenção de ridicularizar.

Pensei que provavelmente ele estava lamentando ter-me ligado a seus amigos, os Sho-pan, agora que eu me tinha revelado tal qual era.

— Quer dizer um fantasma, monsieur! — disse ele então.

— Seja lá o que for — rejeitando o matiz prosaico e folhetinesco da palavra. — É por isso que queria falar com a garota. Para ver se a experiência dela foi parecida com a minha.

Ele coçou o topo da cabeça, botou o chapéu de novo e olhou para o outro lado da rua. Pareceu estar pensando intensamente, agora levando a sério, e depois disse: — Não está me gozando, monsieur!

— Não, Pascal — disse eu. — Não estou lhe gozando. Sei o que parece, mas não estou brincando. Eu garanto.

Ele encolheu os ombros. Quando falou, estava na defensiva: — Ela me disse que um espírito maligno tentara molestá-la, monsieur. Parecia maluquice.

— Molestá-la?

— Ela disse que ele tocou nela de modo incorreto e arranhou-lhe o rosto. E eu... — Por um momento, ele olhou para o final da rua com jeito triste. — Eu fui ruim com essa menina, monsieur.

— Tudo bem, Pascal — disse eu. — De qualquer maneira, é melhor ela ter ido embora para casa.

Ele sacudiu a cabeça rápido, como dizendo: Não, não, você não entende. — Eu fui ruim com ela — disse. — Eu a tratei muito mal.

Cerca de meia hora depois, quando eu estava terminando um sanduíche antes de sair para o museu, ele veio bater à porta. Recusou-se, porém, a entrar no apartamento, afirmando que devia voltar ao andar térreo.

— A garota — disse ele — era uma artista. Achei isto no quarto dela.

Ele me entregou um esboço a lápis em papel grosso para aquarela: um pouco tosco, o ar feroz talvez algo exagerado, mas sem dúvida alguma um retrato do homem barbudo que eu vira na cama.

De alguma maneira, Pascal parecia já saber o que me entregara. E de certa forma a expressão de seu rosto passava uma mistura perfeita e notável de contrição e ceticismo.

Ele disse: — Quero conhecer esse espírito, monsieur.

Eu não soube o que dizer, mas de todo modo Pascal não esperou por uma resposta.

Quando ele foi embora, levei o desenho para a cozinha, liguei uma boca do fogão, segurei uma quina do desenho em cima da chama e pus fogo nele; no último instante joguei-o na pia, esmaguei as cinzas com uma escova de limpeza e deixei a água correr pelo ralo.

Durante todo esse procedimento, tive a sensação de que alguém me observava. Tinha sentido o mesmo alguns minutos antes, ao fazer e depois comer o meu sanduíche.

Ainda o sentia ao voltar para a sala de estar e pegar o meu casaco. Por fim, saí do apartamento, passando chave na porta.

Enquanto esperava pelo elevador, pensei que a minha breve emenda, as poucas horas em que o Hotel Willerton me "deixara em paz", a minha conveniente amnésia, a minha decisão de satisfazer minha curiosidade sinistra de modo razoável e sensato — tudo isso — tinha sido uma mudança unilateral de minha parte; e, com algum temor indefinido (e possivelmente com certa dose de solipsismo), pensei que a minha presença no hotel, minha ânsia de fomentar eventos incomuns, tinha posto algo em movimento, algo que não necessariamente se adaptaria às minhas variáveis atitudes. Eu ouvia o elevador vindo e via, através da janelinha na porta, o cabo em movimento; observei com interesse que o fato de saber que o cabo se movia não dependia na realidade de algo que se via, mas de algo que não se via: quando o cabo estava imóvel, dava para ver os fios na corda de aço; quando estava em movimento, ele apresentava-se liso, sem nenhum desenho. Instintivamente, apalpei o bolso da minha calça e descobri que tinha deixado a carteira no apartamento. Lamentando o fato de que o elevador chegaria e iria embora enquanto eu ia buscar a minha carteira, e que depois eu teria de esperar por ele de novo, voltei para o outro extremo do corredor, enfiei a chave e abri a porta.

Assim que a abri, entretanto, tornei a fechá-la depressa, achando tolamente por uma fração de segundo que tinha entrado no apartamento errado; o momento foi desorientador e singularmente embaraçoso, como a gente achar que está empurrando a porta do banheiro masculino quando na verdade se trata do feminino. O que eu tinha visto — de fato, tudo o que tinha visto — era uma sala com vistoso papel de parede, extremamente floreado, peônias de cor rosa-forte ou alguma flor brilhante igualmente viçosa, sobre fundo cinza. Claro, logo me dei conta de que não podia ser o apartamento errado, desde que era o único no andar e eu tinha aberto a porta com a minha chave.

Abri a porta novamente.

No outro lado da sala, fora da janela alta situada em frente à porta, fitando-me fixo através da vidraça, estava a garota que eu conhecera na sala de estar lá embaixo. O sol iluminava-a intensamente e ela vestia, como antes, o vestido de marinheiro. A visão causou-me tamanho sobressalto que eu gritei alto, como se tivesse levado um soco na barriga; talvez até tenha dobrado o corpo com a força do impacto, pois de alguma maneira bati forte com a cabeça na beirada da porta. Sacudi logo as estrelinhas de meus olhos, fui até a janela e a escancarei. Sem fôlego, pus a cabeça para fora, olhei para direita e esquerda pela saliência de pedra e para a rua embaixo. Mas a rua estava vazia, e ela tinha sumido.

oito

O APARTAMENTO DOS SHO-PAN — no andar térreo de um dos prédios residenciais de cor creme enfileirados na rua estreita perpendicular à Willerton Way — ficava exatamente a setecentos e cinquenta e três passos do dossel listrado azul e branco do hotel, sem contar os dois passos para entrar no seu pequeno vestíbulo com piso de ardósia. (Não sei dizer ao certo por que contei nossos passos enquanto caminhávamos. Creio que Ellen e Pascal, juntos e uns cinco passos à minha frente, mantinham uma conversa animada, e que a conversa era sobre matagais; um deles mencionou um túnel escavado em alfenas lustrosas. Enquanto contava, fiquei perplexo pelo fato de a conversa deles não ter sido atrapalhada de modo algum pela aparição de um corredor, um corredor muito rápido, de meia-idade e em trajes sumários, cujo rosto, projetando-se como uma carranca de navio, exibia uma expressão quase enfurecida, de dor virando êxtase. Reconheço que aquilo era o tipo de coisa que sempre tinha prendido a minha atenção, como certos close-ups em grande angular, narrativamente irrelevantes, de velhos filmes de Fellini, mas no meu entender o rosto do homem chamaria a atenção de qualquer pessoa, sobretudo alguém envolvido em uma conversa sobre matagais. Encontramos o corredor no quingentésimo quadragésimo segundo passo da nossa caminhada — quingentésimo quadragésimo sétimo para Ellen e Pascal — onde um tubo de descida enferrujado, com a textura rugosa e a coloração variegada de um quadro de Jackson Pollock, abraçava o prédio próximo ao meu ombro direito, propenso à artrite. Como justificar toda essa coleta de trivialidades? A garota na janela me surpreendera e assustara muito poucas horas antes — repisando aquilo mentalmente, compreendi que eu também a surpreendera e assustara muito, fazendo com que ela cambaleasse na saliência e caísse — e, como no caso de similares sustos recentes, eu fizera este passar despercebido para todo mundo; escolhido para encontros privados e medonhos como esse, eu ficava distanciado do mundo, e duplamente distanciado pelo meu sigilo; agora eu aferrava-me a detalhes físicos reais, embora por vezes fúteis, ainda que até certo ponto tivesse de invocá-los, como meio de manter-me presente. Esta prolixa explanação terá de ser suficiente. É a única que tenho.) O ralo redondo no vestíbulo dos Sho-pan, como aqueles geralmente encontrados em chuveiros de banhos, constava de vinte e dois furos; eu acabara de contá-los quando fomos recebidos à porta pelo Sr. Sho-pan — recebidos apenas no sentido mais amplo da palavra: ele segurou a porta e silenciosamente acenou com a mão, indicando que seguíssemos por um corredor escuro com revestimento de madeira. Verificou-se que a voz do Sr. Sho-pan, como o trabalho em madeira tão notável em todos os cantos do apartamento, era profunda e polida, mas ele poupava-a para comentários medulares — ou, mais especificamente, referências taquigráficas a prováveis comentários medulares. Em todo caso, "Olá", "Bem-vindo", "Entre, por favor", e coisas assim não faziam parte do repertório dele. Dois brilhantes candelabros de cristal sobressaíam da parede a cada lado da porta de uma sala de visitas, na qual, assim que se entrava, percebia-se o cheiro de lã molhada. (Menciono o cheiro somente porque não consegui esclarecer a sua origem.) Fomos conduzidos, atravessando em linha reta essa sala, mobiliada com muito mogno antiquado e bricabraque, para uma sala adjacente, onde a mesa estava arrumada para o chá. Lá a Sra. Sho-pan assumiu o comando, e o Sr.

Sho-pan, cumprida a sua missão, foi dispensado.



Os Sho-pan não haviam trocado de roupa desde a manhã e estavam alegremente reconhecíveis em seus ternos de tweed quase combinados. A princípio a Sra. Sho-pan parecia um pouco excitada, como um cavalo que acaba de ser solto para sair pela cancela. Olhando em volta da sala rapidamente, ela disse, em tom quase esganiçado: — Somos tantos que ficaremos aqui fora na mesa grande... — Claro que não éramos tantos, apenas cinco, mas eu pensei que o comentário falava muito a respeito dos Sho-pan, sobre como eles viviam. Notei que o Sr. Sho-pan estava olhando-se nas vitrinas da cristaleira, ajeitando-se a gravata. — Pascal, tenha a bondade — continuou a Sra.

Sho-pan — e pegue os casacos do Sr. e da Sra. — oh, o que estou dizendo? Só esta vez, Pascal, não tenha a bondade e não pegue o casaco de ninguém. Permitam que...

E assim tiraram nossos casacos, o brilho do lustre em cima da sala de jantar foi diminuído, e após uma breve agitação em torno de quem sentaria onde, a Sra. Sho-pan começou a acalmar-se e recobrar a sua habitual, notável postura. Durante todo o chá, toda vez que me sentia propenso a divagar, recorria à minha condição de observador, reunindo informação sobre os alimentos servidos (sanduíches de carne de cordeiro fria, chutney caseiro, biscoitos de limão em calda de chocolate), a porcelana (Shelley da Inglaterra, Blue Rock 13591) e o xerez (garrafa verde-escura, etiqueta branca, da Espanha — como podia algo tão serenamente civilizado e de aroma tão doce conter uma droga tão prejudicial?). Em certo momento, Ellen me flagrou lendo o fundo da minha xícara vazia e reprovou com um rápido movimento de cabeça. Mas logo percebi que a informação recolhida consistia quase inteiramente em coisas dignas de admiração — a curiosa e calada participação do Sr. Sho-pan em tudo o que se passava, a sutil mudança de seu rosto transmitindo toda resposta necessária, suas meias com motivo de golfe idêntico ao da gravata; a firme presença da Sra. Sho-pan, a sua insistência no contato visual, o fino bracelete de ouro que ela, sacudindo o antebraço, fazia descer de vez em quando até a parte mais larga do pulso; o ressonante carrilhão do relógio na sala de visitas, e dezessete ovos de mármore exibidos (cada um no seu próprio pequeno suporte entalhado) em cima da prateleira da lareira; o afeto devotado por Pascal aos Sho-pan, e por eles a ele, e o fato de eles terem se encontrado — e perdi contato com a singularidade do fato de estarmos juntos.

Comecei a achar a nossa reunião sincera e afortunada. (Comecei a ver essa próxima parada na nossa passagem por Londres, como Leonard Bernstein disse uma vez que devia ser a próxima nota de uma canção — fresca e inevitável.) Atraído pela ocasião, arrancado do meu estupor de medo e confusão e soturno egoísmo, e apesar de tudo o que viria a seguir na forma do que poderia chamar-se de informação, a tarde perduraria para mim como um sentimento.

Os Sho-pan tinham vindo para a Grã-Bretanha na década de 20, quando eram crianças. As famílias de ambos tinham deixado Hong Kong juntas e até morado juntas naquele mesmo apartamento. — Existia grande agitação em Hong Kong — disse-nos a Sra. Sho-pan com a perceptível falta de emoção decorrente de ter usado uma frase muitas vezes.

— Eu não lembro quase nada de nossas vidas lá — disse ela. — Ray consegue lembrar-se de algumas coisas porque era um pouco mais velho quando emigramos.

Todos olharam para o Sr. Sho-pan com expectativa, mas ele limitou-se a franzir a testa e assentir. Então, quando todos os olhares tinham se virado de novo para a Sra. Sho-pan, ouvimos uma única palavra pronunciada em tom profundo e preciso de sua cabeceira da mesa: — China — disse ele, e a princípio não era certo a qual acepção da palavra se referia; quanto a mim, observei as rachaduras no

meu prato de jantar. Uma pausa, um silêncio. Em seguida a Sra. Sho-pan disse: — Sim, o que quer que acontecesse na China acabava afetando a colônia britânica. A China estava agitada pelo nacionalismo, e quando a China ficava agitada, Hong Kong não tardava a ficar agitada. Alguém aceitaria mais chá?

Entrementes, Ellen fizera algum cálculo rápido. — Logo, isso deve ter sido nos últimos anos da década de vinte — disse ela.

A Sra. Sho-pan virou-se para ela e sorriu. — Justo, sim, querida — concordou, como se estivesse muito orgulhosa por Ellen ter deduzido aquilo.

— Aliás — disse Ellen —, eu nem posso acreditar... bem, quero dizer, vocês não parecem velhos o bastante para terem...

A Sra. Sho-pan, antecipando-se às palavras de Ellen e completamente encantada com cada uma delas, interrompeu. — Quantos anos acha que eu tenho? — perguntou.

Ellen, embaraçada, disse: — Não sei... Eu não diria que mais de sessenta.

— Farei setenta e um em fevereiro — festejou a Sra. Sho-pan, satisfeita consigo mesma.

— É impossível — disse Ellen.

A Sra. Sho-pan concordou plenamente. — No entanto — disse ela, inclinando a cabeça para um lado, e pestanejando uma vez, muito devagar — é verdade.

Esse momento, a revelação da sua idade, tinha evidentemente sido orquestrado — elegantemente orquestrado, mas orquestrado — e ficou claro para mim que Pascal e o Sr. Sho-pan já tinham visto e ouvido aquilo tudo antes. No mar do afeto de Pascal, um pequeno fragmento de naufrágio boiava à deriva (paciência, tolerância), mas o Sr. Sho-pan estava muito além de tais águas impuras. Ao olhar para ele, pensei que não existiam sistemas de pontuação ainda intatos atrás daqueles olhos entrecerrados, nem grupo de juízes. Ele serviu-se — alcançando o centro da mesa com notável precisão — outro biscoito de limão.

Uma vez aberto o tópico da idade, nos vimos todos obrigados a revelar as nossas, e pelo que sei, só o Sr. Sho-pan mentiu: ele afirmou ter oitenta e seis, e foi corrigido *sotto voce* pela Sra. Sho-pan — ele tinha setenta e seis. Pascal faria vinte e dois no seu próximo aniversário (o mesmo número de furos no ralo do vestíbulo dos Sho-pan, coincidência que me fez pensar brevemente em adotar a numerologia). Pascal estava na Inglaterra havia dois anos, não tendo voltado para casa nem para uma visita, e todo esse tempo tinha estado trabalhando no Hotel Willerton.

— Estou fazendo o meu inglês perfeito — disse ele, dirigindo-se a mim.

— Você está aperfeiçoando o seu inglês — disse a Sra. Sho-pan.

Pascal encolheu os ombros, como a dizer: "Está vendo?" Ele nos disse que tinha poupado quase todos os seus ordenados, e dentro em pouco tencionava levar seu pé-de-meia para a França e montar uma pousada com um amigo.

— E você se sairá muito bem, sem dúvida — disse a Sra. Sho-pan. — Pascal possui duas das qualidades mais importantes para fazer sucesso no negócio hoteleiro. Ele é naturalmente gregário e parco.

— Essas elegantes palavras significam intrometido e sovina — disse Pascal.

— De jeito nenhum — disse a Sra. Sho-pan. — Gregário significa simplesmente que você curte as pessoas.

— E parco significa sovina — disse ele.

A Sra. Sho-pan virou-se para Ellen e disse bruscamente: — Agora diga-nos o que trouxe vocês à Inglaterra.

— Oh — disse Ellen, surpreendida, e em seguida, incitada no curso da sua fala por outras indagações, deu um esboço algo mais do que resumido sobre nossas vidas.



Naturalmente, ela omitiu a parte relativa a minha dependência de drogas e álcool, e o fato de que o meu negócio de restaurantes de sucesso esmagador prosperara à custa de camponeses bolivianos que arriscavam suas vidas e as de seus filhos para trazer as folhas de coca através das montanhas. Ellen não tinha, como eu, tendência à automutilação. (Não é porque O Passado pende sempre de seus ganchos na parede da sala de jogos que você tem que tirá-lo dali e usá-lo em você mesmo.) Para minha total admiração — eu diria quase para o meu pasmo — ela teceu um relato que incluiu os pica-paus-cinzentos, chapins de cabeça negra e horríveis estorninhos valentões que visitavam o alimentador fora das janelas da cozinha em Cambridge. Por alguma razão, milagrosamente, o relato incluiu até bétulas brancas e álamos mortos e a Regata da Nascente do Charles, que para mim não tinha a mínima importância. Sem dúvida alguma ela valeu-se de seus talentos de escritora — a sua paleta continha uma variedade de cores mais do que a normal — mas não tinha nada falso ou exagerado na sua descrição: essa vida, a vida dela, cheia do mundo, era uma vida à qual ela se dedicava e na qual estava enraizada. Por outro lado, minha vida, cheia do meu próprio eu grande e abastado, era como um segundo ou terceiro encontro com uma garota: fascinante, mas eu ainda não conhecia os ossos do ofício e não sabia realmente ao certo se ia continuar naquilo. Eu invejava a confiança de Ellen e a sua — como é que se diz? — propriedade, sim, mas mais do que isso: a sua integridade... eu invejava a sua integridade. Quando ela chegou a Jordie e ao internato, eu vi algo pairar entre Pascal e os Sho-pan, uma fugaz troca de olhares, um quase involuntário reconhecimento de algum problema particular. E quando Ellen acabou, a Sra. Sho-pan parecia ter retrotraído ao início; ela disse: — E você está trabalhando no seu livro mesmo aqui... na Inglaterra?

— Bem, de certa forma — disse Ellen. — Estou fazendo anotações. E escrevo uma frase de vez em quando, sempre que me ocorre.

— Interessante — disse a Sra. Sho-pan, afirmativamente. — Sem dúvida alguém está em perigo no seu mistério de assassinato?

— Na verdade, sim — disse Ellen. — Ou estará logo. Por que pergunta?

— Nada que seja importante agora — disse ela cripticamente. — Agora que eu compreendo. Digame, Sr. Selway...

— Chame-me de Cook — pedi eu.

Pascal riu e disse: — Ele quer que todos o chamem de Cook.

— Ora, é o meu nome — disse eu. — Não vejo o que ele tem de estranho.

— Seu nome é Cook? — perguntou a Sra. Sho-pan.

— Sim — disse eu. — Abreviatura de Cookson. Cookson era o nome de solteira de minha mãe.

— Entendo — disse ela. — Devo dizer que tenho estado a tarde inteira pensando no Hotel Willerton... O que deseja saber especificamente?

Eu procurei, o quanto pude, ignorar o olhar de surpresa no rosto de Ellen. Respondi: — Qualquer coisa, na verdade. Simplesmente me interessa tudo sobre hotéis antigos.

— Nunca soube que você se interessava por hotéis antigos — disse Ellen.

— Pois é, me interessa — disse eu.

A Sra. Sho-pan estava olhando para seu marido, que parecia prestes a fazer outro pronunciamento. Mas ele desistiu com um gesto da mão e ela disse: — Suponho que você já notou que o hotel se compõe na verdade de duas casas.

— Sim — disse eu. — De meados do período vitoriano, creio.

— Certo — disse ela. — E depois elas foram adquiridas durante a guerra para serem usadas como casa de saúde. Creio que foi então que elas foram unidas. Derrubaram as paredes e tudo mais.

— Maternidade — disse o Sr. Sho-pan.

— Sim — disse a esposa. — Era principalmente maternidade. O mais extraordinário... Ray e eu conhecemos uma vez uma mulher de Whitby, certa manhã na sala de jantar, no café da manhã, que tinha nascido no hotel — isto é, que tinha nascido na casa de saúde. Não é extraordinário?

— A senhora disse que as casas foram adquiridas — disse eu. — Como foram adquiridas?

— Bem, suponho que foram compradas — disse ela. — As duas casas pertenciam às mesmas pessoas. Elas moravam numa delas e alugavam a outra, segundo acho. Depois as casas ficaram desocupadas por algum tempo, antes de a guerra começar e... Ray, qual era o nome delas?

— Banks — disse o Sr. Sho-pan. — Shanks. Hanks. Janks. Jenks. Jenkins.

— Algo assim — disse a Sra. Sho-pan.

— Dois irmãos — acrescentou o Sr. Sho-pan.

— Certo — disse a Sra. Sho-pan. — Nós não os conhecemos. Sabe, tínhamos poucos anos aqui, e Ray e eu ainda éramos crianças, de fato... bem, Ray seria adolescente.

A única razão pela qual soubemos deles foi o acidente.

— Que acidente? — perguntei.

— Houve um terrível acidente — disse ela. Virou-se para Ellen, que estava sentada a seu lado, e colocou sua mão sobre o antebraço de Ellen. — Você vai achar isto interessante — disse. — O fato ficou rodeado de muito mistério quando aconteceu, e pelo que eu sei, realmente nunca chegou a esclarecer-se nada. — Ela se deteve por um momento e fechou os olhos, pensando.

Pascal, bendito seja, disse: — Que aconteceu?

— Oh — disse ela — desejaria poder lembrar exatamente. Foi uma coisa medonha. Realmente medonha. Alguém pulou por uma janela, creio eu. Estou a ponto de dizer que houve um incêndio, mas não acho que isso seja o que aconteceu. E bem possível que eu esteja misturando coisas.

— Ele a empurrou — disse o Sr. Sho-pan.

— Quem empurrou quem? — perguntou a Sra. Sho-pan.

O Sr. Sho-pan, aparentemente aturdido, ignorou completamente a pergunta.

A Sra. Sho-pan sacudiu a cabeça. — Ele não sabe.

— A garota — disse o Sr. Sho-pan.

— A garota? — disse a Sra. Sho-pan. — Oh, sim, havia uma menina, a filha de um dos irmãos. Foi a garota quem pulou, Ray?

Ele também ignorou esta pergunta.

— Ele não sabe — disse ela. — O caso nunca foi esclarecido. Creio que posteriormente as casas passaram por alguma reforma. As fachadas foram modificadas de alguma maneira. Acrescentou-se aquela saliência no alto, aquela peça ornamental, seja lá o que for. Eu me pergunto o que terá acontecido com os coitados que moravam lá.

Eram dois irmãos. Ray está certo nisso.

— E quanto à mãe? — perguntou Ellen. — Não tinha uma mãe?

— Acho que o homem era viúvo — respondeu a Sra. Sho-pan. — Finalmente, nós notamos que as casas, ambas, ficavam vazias.

Ela pensou por um momento, alçou uma sobrancelha e disse: — O senhor despertou meu interesse, Sr. Selway... quero dizer, Cookson. Não é frustrante que Ray e eu já soubéssemos tudo isso? E agora, embora ainda esteja gravado em algum lugar nas nossas cabeças, não está ao nosso alcance.

Pascal, do outro lado da mesa, levantou a sua colher suspendendo-a como um pêndulo, fingindo hipnotizar a Sra. Sho-pan. Ellen riu algo exageradamente dessa careta.

A Sra. Sho-pan não se distraiu. — Bem — disse — existiam jornais nos anos trinta, e eu tenho um

amigo na biblioteca. Tenho um grande amigo na biblioteca.

Fez-se um breve silêncio na sala, no decurso do qual notei que Pascal olhava-me expressivamente, eu olhava expressivamente para Ellen, que estava olhando expressivamente para os poucos centímetros de ar bem na frente de seu rosto. O que significava que ela estava bolando algo: Flora, chamada a Londres pela velha tia, descobre um hotelzinho mimoso perto da Sloane Square. Ela sente-se atraída por alguma coisa no lugar, algo que não consegue explicar. Ela passa a almoçar no hotel e logo conhece um atraente casal asiático que vê lá quase todo dia. Através deles ela fica sabendo que...

— Ellen está bolando algo — disse eu finalmente, o que fez todos rirem e de certa forma encerrou aquele assunto.

Ele surgiu de novo mais tarde, quando estávamos indo embora. Ellen ajudara a Sra. Sho-pan com os pratos, e o Sr. Sho-pan levava a Pascal e a mim à sala de visitas, onde nos mostrou a sua coleção de insetos. (Os Sho-pan tinham sido professores — ele lecionara ciência, ela lecionara história.) Quando tudo já tinha sido dito, a tarde acabara e eles nos acompanhavam pelo corredor, reparei numa ilustração emoldurada que não tinha visto ao entrar: um desenho da mão humana, a palma, com dísticos contendo todos os nomes das diversas linhas e segmentos. Enquanto os outros despediam-se trocando cumprimentos, eu fiquei examinando os nomes. Depois disse: — Quem se interessa por quiromancia?

Todos viraram-se. Após um instante, a Sra. Sho-pan respondeu: — Nosso filho interessava-se. David. Ele morreu há alguns anos. Esse era um dos hobbies dele.

— Eu sinto muito — disse eu.

— Obrigada — disse ela. — Ele era um rapaz adorável.

A caminho da porta, o Sr. Sho-pan tocou meu braço e cochichou: — Ele a empurrou.

Primeiro pensei que fosse uma referência ao filho morto, David — eu ainda estava pensando nele — mas logo compreendi que ele se referia ao misterioso acidente de cerca de sessenta anos atrás. Assenti com um movimento de cabeça confidencial, conivente, agradeci e me despedi pela última vez.

Quando estávamos no passeio, quando nos adaptamos à escuridão e à fina garoa fria que estava caindo, Pascal disse: — Foi AIDS. Ele morreu há poucos anos, logo antes de eu vir trabalhar no hotel. Acho que é por isso que eles gostam da minha companhia.

Um pouco mais adiante, Ellen disse: — Sabe o que ela me disse na cozinha? Disse que quando nos conhecemos hoje de manhã, no hotel, senti que eu estava correndo algum tipo de perigo.

— É mesmo?

— Sim — disse ela. — Por isso ela me fez aquelas perguntas sobre o livro. Acha que pode ter captado o perigo que Flora iria correr.

— Interessante — disse eu, com expressão desatenta, distante, talvez insultante, mas eu estava sobrecarregado, com excesso de dados. Ellen e Pascal tomaram a frente de novo, só alguns passos, e eu comecei uma recitação mental mais ou menos como segue: Primeira falange, segunda falange, Monte de Vênus, Monte de Júpiter, Monte da Lua, anel de Vênus, linha do coração, linha da cabeça, linha da vida, linha do destino, linha da fortuna, linha da saúde, vontade, razão, amor, linha do casamento...

nove

QUANTO A ESSE NEGÓCIO de integridade... Visto que eu ainda não estou certo de ter a palavra correta, permitam-me dizer (tentar dizer) do que estou falando: estou falando de integridade no sentido, ou muito aproximadamente no sentido, que Frederick R. Wilson atribuiu-lhe na sua brilhante *Descrição Arquitetônica das Igrejas no Arquidiaconado de Lindesfarne* (1870), ao escrever: "As paredes estavam em pé... embora não na sua integridade." Ou, usando uma analogia mais familiar, dou a essa palavra o sentido de quebra-cabeça completo — sem nenhuma peça extraviada debaixo do sofá no escritório, todas as peças encaixadas (nenhuma forçada) e revelando uma imagem coerente e sensata, a sugerir que as coisas não poderiam ser diferentes.

Pois bem, por que isto deveria valer para Ellen?

Aquela noite, enquanto ela estava no banheiro, fiquei deitado debaixo das cobertas na minha cama, pensando: Ela não é dependente de drogas nem alcoólatra, mas é daquele outro tipo de personalidade, atraída por dependentes. A mãe e o pai dela eram alcoólatras, que passaram por várias internações antes do desastre de carro (suspeito) em que morreram, e teve pelo menos outros dois namorados que (segundo ela reconheceu) tinham "alguns probleminhas de abuso de entorpecentes". E depois veio, claro, o grande clímax dessa tendência, eu. Que eu saiba, este hábito específico não destrói células cerebrais — o que contava em favor dela — e depois teve o milagre, Jordie, que, na sua forma de bebê, forneceu um recipiente apropriado para todo o exaltado apego de Ellen. (Lembro-me de Ellen contando, ao voltar para casa depois de um encontro com outras mães em fase de amamentação, que, quando ela manifestou preocupação com relação a sua obsessão com o bebê, a líder do grupo tinha dito: "Veja isso do ponto de vista do bebê, Ellen — se a sua mãe não tiver obsessão com você, quem é que vai ter?") Para mim era irritante que Ellen desse para externar a sua moderada insanidade, e até esgotá-la, e tudo o que acontecia como resultado era ela ser boa mãe. E aí, pensei, é que está o problema. Eu não tinha achado o recipiente apropriado. (Uma vez que a minha insanidade nem tão moderada era a autodestruição, achar um recipiente apropriado podia ser difícil: se em vez de destruir-me eu destruísse mais alguém, seria isso um progresso?) Ellen também tinha uma arte, os contos de mistério, na qual podia canalizar todo tipo de energias, boas e ruins. Eu não tinha arte alguma. Não tinha arte nem recipiente. O que eu tinha notado em especial, lá na casa dos Sho-pan, era o modo como ela incluía o mundo — na verdade, ela se definira usando elementos exteriores — a mim, Jordie, a casa, Cambridge, Spencer, os pássaros no quintal, pelo amor de Cristo. Já eu via o mundo como um meio, a coisa através da qual o poderoso Eu drogado abria caminho, uma coisa a ser escavada e transformada. Apesar da minha reabilitação com os anos, eu ainda era — procuro dizer isto com humildade — a grande máquina barulhenta na paisagem. E ainda estava em pé, embora não na minha integridade.

Ellen entrou e enfiou-se debaixo das cobertas comigo. E perguntou: — Você vai ler?

— Não — respondi, e ela apagou a luz.

Ficamos deitados de costas lado a lado na escuridão, na deliciosa posição de olhar as estrelas que sempre me fazia sentir que estávamos a ponto de ser jogados juntos na correnteza de um rio ou lançados ao espaço.

— É triste, não é? — disse ela. — Os Sho-pan. Mas também muito comovente.

— Que... sobre o filho?

— Sim — disse ela. — Que eles tinham esse filho tão amado, ele morreu de AIDS, o doce Pascal apareceu e entrou na vida deles.

— E, e ainda por cima um quiromante. Um quiromante gay.

— Você não sabe se ele era gay — disse ela. — É só porque morreu de AIDS.

— É verdade — reconheci.

— Gostei mesmo deles — disse ela.

— Eu também.

— É curioso que eles cresceram juntos.

— E têm morado naquele apartamento juntos desde quando eram crianças — disse eu.

— Você já tinha perguntado a ela sobre o hotel, certo?

— Na realidade — disse eu — perguntei a Hannah, e Hannah me encaminhou aos Sho-pan.

— Foi assim que fomos convidados para o chá?

— Sim.

— Você perguntou por causa do lance esquisito que aconteceu... o lance assustador. Por isso você quis saber sobre a história do hotel?

— Sim.

— Porque você acha que o que está havendo, seja o que for, é algum tipo de coisa espiritual, que perdura do passado.

— Sim. Talvez, não sei.

— E você acha que é isso o que ela sentiu em mim? O tal perigo?

— Não sei — disse eu. — Tomara que não.

— Você não acha que corremos algum tipo de perigo, acha?

— Não — afiancei. — Não acho, não.

— Porque eu não quero correr nenhum tipo de perigo, Cookson.

— Eu sei — disse eu.

— O perigo não me interessa especialmente.

— Eu sei, Ellen. Acredite em mim, eu sei isso sobre você. Entendo o que você está dizendo. Você sabe que sou uma pessoa que tem estado interessada no perigo de tempo em tempo. E você não é assim. Eu compreendo. Não se preocupe, certo?

Após alguns segundos de silêncio, ela confessou: — Senti saudades mesmo esta noite na casa dos Sho-pan.

— Sentiu?

— Também senti isso hoje mais cedo. Quando estava sozinha no jardim botânico. Estava em uma das estufas e tinha esse cheiro. Não faço ideia do que era...

— Provavelmente esterco — disse eu. — Provavelmente...

— Não, era um cheiro de limpo, cheiro de água, terra e pedra... sabe, um cheiro de ar morno e terra. E eu tive vontade de estar em casa.

Ela ficou calada por um momento, e de repente eu pensei que estava me dizendo que queria ir embora para casa. Um tanto surpreso, eu indaguei: — Quer ir para casa?

— Não, não — afirmou ela — Apenas me agrada termos uma vida que me faz tanta falta. Sabe, quando comecei a sentir saudades, na estufa, foi um sentimento solitário.

Sentia-me muito longe de casa. Então lembrei que você estava aqui comigo, na Inglaterra. Que eu voltaria de trem logo em seguida e você estaria esperando por mim no hotel. E pensei que eu tinha muita sorte.

— Isso é bonito — disse eu.

— E mesmo esta noite na casa dos Sho-pan... só por um momento, eu senti de novo aquela saudade,

aquela solidão, e aí pensei nisto — neste preciso instante — que em algumas horas estaríamos deitados juntos no nosso quartinho, e estaríamos juntos, e mais uma vez pensei quanta sorte... quanta sorte mesmo...

Talvez essas palavras de Ellen surtiram efeito, mas aquela noite, quando começamos a fazer amor pela última vez no Willerton, eu só tinha um pensamento. Nenhuma parte de mim separada da nossa união, atrás de alturas mais exóticas. Não fiz manipulação nem observação alguma na escuridão.

Só que, como disse antes, algo tinha sido posto em movimento no Hotel Willerton que não necessariamente se adequaria às minhas variáveis atitudes: — Espere... espere... espere — disse Ellen ofegante, apoiando suas mãos no meu peito, empurrando-me para cima. — Você está bem, Cook?

— O que é? Que é que houve?

— Nada — disse ela. — Acho que nada. Desculpe.

E, menos de um minuto depois, de novo: — Espere... espere...

Quê?

Ela me atraiu para baixo, puxando minha cabeça para perto dela, para poder sussurrar no meu ouvido. — Não sei o que está havendo, Cookie, mas você não tem a sensação de que estamos sendo observados?

— Não — disse eu, principalmente porque era a resposta mais curta que me ocorrera: era um mau momento para ser interrompido, e se eu considerasse de algum modo o que tinha dito, qualquer consideração de tal ordem seria anulada pela irracionalidade do que já era tarde demais para refrear — em cujo ponto culminante eu captei por acaso um relance de algo, um sinal de movimento, pelo canto do meu olho. Primeiro pensei que tinha alguém na outra cama, o visitante de ressaca e pavio curto que eu já encontrara. Mas quando me virei e olhei mesmo, ele estava esparramado na cadeira atrás da cama e contra a parede — sem camisa, a calça sem afivelar, sorrindo à vontade, com as mãos atrás da cabeça, divertindo-se para valer.

Eu não gritei, mas me assustei o bastante para Ellen se assustar. Quase desabei em cima dela, pesado, como se tivesse estourado uma bomba no quarto e eu tentasse protegê-la com meu corpo.

— Oh, Deus — disse ela, assustada. — Deus, que é isso?

— Nada — disse eu, de certa forma sinceramente, porque ele já tinha sumido.

— Que aconteceu?—ela perguntou. — Você... você não... isso não foi...

— Eu não sei — disse eu. — Deu câibra na minha perna.

— Câibra?

— Estou bem.

— Deus do céu, você me assustou...

— Desculpe.

Com aquilo tudo nós tínhamos jogado as cobertas ao chão. Sem chegar a me afastar dela, estendi um braço e puxei as cobertas para cima de nós. Seguiu-se um momento de silêncio significativo, de transição, em que permaneci absolutamente quieto, como que paralisado.

Por fim, ela disse: — Qual foi a perna, Cookie?

— Quê?

— Qual a perna? Qual a perna onde teve a câibra?

— Ah, esta — disse eu, mexendo um pouco minha perna direita.

— Certo, já passou? Está tudo bem agora?

— Quase — disse eu, e lenta, gradualmente, comecei a perceber um tilintar nos meus ouvidos, um zunido elétrico puro dentro da minha cabeça, uma música tosca e sofrível, harmonia solitária, ritmo solitário, o som primordial que meu cérebro estava fazendo.

Em certo momento, Ellen murmurou, tristemente: — Mas Pascal vai deixá-los também.

Eu concordei, movendo meu rosto para cima e para baixo na curva do pescoço dela.

— Querido — disse ela após mais uns instantes — você está me esmagando um pouquinho.

Quando acordei, eu estava sozinho. As cortinas tinham sido abertas e uma janela fora alçada alguns centímetros. Dava para ouvir um coro de vozes vindo da rua embaixo: vozes masculinas e cantoria, uma canção de bebedeira ou de briga, membros de uma equipe de rúgbi, todos já altos comemorando o triunfo, perambulando abraçados e cantando... ou pelo menos foi o que imaginei no meu estado de atordoamento ao recuperar a consciência. Quando pensei em sair da cama, ir até a janela e olhar para baixo — e para isso fiz o primeiro movimento desanimado — a cantoria já tinha sumido na distância. Pude ver no relógio em cima da cômoda que eram quase onze horas da manhã. Mesmo antes de levantar-me soube que as minhas juntas, sobretudo meus joelhos e cotovelos, estavam rígidas e doloridas; tinha uma sensibilidade nos músculos da barriga e um calor febril detrás dos olhos. Debaixo do lençol parecia emanar um cheiro fraco de uísque rançoso.

O sonho do qual eu acordara me chamava, irradiando a sua cintilação serpenteante como enguia, difusa, sem pormenores. Tinha sido sobre o Museu Britânico? Fiquei deitado olhando o teto, tentando pegar pelo rabo aquela coisa que se aproximava nadando e logo ficava fora de alcance novamente. Não, não era sobre o museu, mas talvez o museu fosse o anzol. Com efeito, eu tinha ido lá na tarde anterior, atendo-me ao meu plano à maneira de mecanismo defensivo. Certamente, a experiência da visão da garota na saliência, de apavorar-me até ficar quase fora de mim, permanecia comigo como uma espécie de náusea persistente, mas fisicamente eu estava lá, no museu. Eu me mandara até o metrô, pegara a Linha Circular para Embankment, a Linha Norte até a estação de Tottenham Court Road, andara demais pela Tottenham Court até o outro lado da Bedford Square, mas afinal achara o caminho. Lembrei-me de ter passado na porta aberta de uma porno shop onde, naquele instante, uma estante inteira cheia de vídeos despencou e dois moços cabeludos começaram a brigar, um botando a culpa no outro. O resto da tarde foi menos claro, uma grandiosa ópera museográfica com cenários wagnerianos de mármore e o motivo musical exaustivamente repetido de... o quê? Linhas paralelas: os passos fora, os degraus dentro, os famosos manuscritos, *Beowulf*, *Morte d'Arthur*, o caderno de notas de Sir Walter Raleigh para sua *História do Mundo*, *Jane Eyre*, *Nicholas Nickleby*, *Sonetos dos Portugueses*, linhas e mais linhas, os hieróglifos e caracteres demóticos apinhados na Pedra Rosetta, as assombrosas, fluidas fendas dos mármore de Elgin, linhas sobre linhas escuras... linhas como sulcos na estrada de terra... sim, a estrada de terra no quadro de Meindert Hobbema... e o sonho voltava a mim como se eu o estivesse lendo num livro de texto sobre psicologia — era, de fato, um sonho de livro-texto: eu estou dentro da pintura de Meindert Hobbema, andando pela estrada rural sulcada e pensando no futuro. Acho que o meu cão, Spencer, está comigo, mas não de forma importante.

Reparo num homem que trabalha em uma vinha à minha esquerda, e penso que ele provavelmente tem uma mulher e filhos ali na casa próxima, com cobertura de sapê, uma família cuja segurança depende da sua labuta, de seu cuidado e diligência, do sucesso da vinha. Espero ter também, um dia, esse tipo de situação — uma esposa, alguns filhos, o singelo esquema em que o trabalho das minhas mãos diretamente proporciona abrigo aos que amo. Isso seria tão satisfatório! Olho para as árvores esguias nos dois lados e deixo-me dominar pela vastidão do céu, pensando como as árvores parecem flores, com seus talos altos e copas negras. Quando torno a voltar minha atenção para a estrada, vejo um touro enorme bem na frente, de cabeça abaixada, olhos cravados em mim, e penso: Não tenha medo, isto é um sonho... mas estou ciente, também, da aldeia que deixei para trás na distância, de que, lá na aldeia, algo deu terrivelmente errado, e sob o meu cantarolar mental Isto é um sonho, não tenha medo, há um outro pensamento, uma outra voz que diz Você não tem futuro, você não tem futuro; levando em consideração o que se deu antes, como é que você vai continuar?

Os sulcos na estrada, linhas profundas e pretas, já nos conectam, ao touro e a mim, e quando ele inicia a sua arremetida, eu penso, cheio de pavor: Isto não é um sonho, e os chifres me varam debaixo das costelas e eu me vejo alçado no ar pelo tórax — meus pés afastam-se da estrada, pendem sem vida como os de uma marionete...

a última coisa que vejo, meus pobres pés, antes de morrer.

Não gastei tempo analisando o sonho — não me achei em condições para uma análise desse tipo, tendo em vista o martelar na minha cabeça, embora tenha atentado de passagem para a falácia de que as pessoas, supostamente, nunca morrem mesmo nos seus sonhos; eu já tinha morrido talvez meia dúzia de vezes nos meus. Finalmente, dei conta de arrastar-me fora da cama e pelo corredor até o banheiro, infundido com a sensação de ter sido apanhado violentamente, sensação desalentadoramente semelhante à ressaca. Lavei meu rosto com água fria. No espelho do armário do banheiro vi um par de olhos inchados, injetados, apenas ligeiramente conhecidos. Chá, pensei com meus botões, chá (como vinte anos atrás teria pensado café, café), botei um roupão e rumei pelo corredor em direção à cozinha.

Quando fui encher a chaleira, vi na pia algo que me deixou estupefato: na bacia de louça branca havia uma xícara de chá de porcelana branca, com o fundo para cima, e na pequena reentrância da sua base tinham sido colocados dois grandes dentes de alho, descascados e ainda unidos como a natureza os fizera. O bico da torneira tinha sido posicionado e o registro da água quente aberto só um pouquinho, de modo que uma agulha de água contínua e fumegante penetrava exatamente na fresta entre os dentes de alho. A coisa era decididamente sexual, mas insanamente sexual, ameaçadoramente sexual, disposta, segundo achei, obsessivamente. Não sei quanto tempo fiquei ali diante da pia, estupefato, contemplando aquilo. O tolo pensamento Será que eu fiz isso? me passou pela cabeça, e logo comecei a desmanchar aquilo, sentindo, ao fazê-lo, que estava destruindo evidência.

Atordoado, resolvi deixar que Pascal trouxesse o chá e fui à sala de estar ligar para a recepção.

Na mesa, ao lado do telefone, achei o bilhete de Ellen: Oi. Não tentei acordar você. Fui andar. Explorar. A paixão de Flora por roupas boas teve a sua vez. Ela quer ver a Knightsbridge e a Harrods. A gente se encontra mais tarde. Espero que esteja tudo bem com você. E que se lembre da sua promessa. XXX. eu Aborrecido, pensei: Que promessa? De que é que ela está falando? De que diabo ela está falando? Ela tinha escrito o bilhete em uma página em branco do seu caderno, e por alguma razão — suponho que uma espécie de excesso temperamental — peguei o caderno e folheei-o. Em outra página eu li: Lá estava ela de novo, a estranha música no jardim da tia de Flora. Ela estava a curta distância do chafariz onde os pássaros se banham, a antiga bacia de cerâmica azul enterrada no chão, quando ouviu de novo. Era um piano, Schubert, segundo ela pensou. Ela perguntou-se...

E algo nesse pequeno furto, coisa à qual eu devia estar habituado, que no passado até achara divertida, me deixou ainda mais aborrecido. Supus que ela ia justificar aquilo — roubar da minha vida sem sequer ter mencionado o fato, muito menos pedido autorização — com o pretexto de que música distante e misteriosa era lugar-comum nos contos. Dei mais uma olhada em muitas descrições físicas, parágrafos refletindo nossas excursões a pé, e dei com esta passagem: Flora sacudiu a anciã vigorosamente pelos ombros mas não conseguiu despertá-la. Conferiu a respiração, assegurando-se de que a tia só estava dormindo. Mas estaria ela drogada? Estava em coma? Nesse exato momento a anciã abriu os olhos e os arregalou, pregando um susto em Flora. "Afaste-se de mim, sua maldita da peste", gritou a anciã.

De maneira que Ellen, ao passo que manifestava grande inquietação com relação a essas anomalias na vida real (quase histeria, poder-se-ia dizer), ao mesmo tempo estava muito ocupada em utilizar-se secretamente daquilo tudo.

Desisti de pedir a Pascal que subisse. Não estava com vontade de ver ninguém. Se ele fosse um estranho, como devia ter sido, um porteiro de hotel que entregaria o chá e cairia fora, eu poderia ter pedido que viesse. Mas do jeito que a situação se apresentava, eu ia ter de falar com ele.

Voltei à cozinha para esquentar a chaleira.

Mas a chaleira, de ferro fundido preto, já estava no fogão em cima da fornalha acesa e assobiando como costumava fazer quando faltava pouco para a água ferver. Vendo aquilo, fiquei parado assim que passei pelo vão da porta da cozinha, e depois me aproximei lentamente como se a chaleira fosse um

animal aprisionado. Eu tinha certeza de que não acendera o fogo. Ouvi minha voz dizer, alto e bom som: "Brincando com fósforos, não é mesmo e senti alguma coisa dentro de mim rasgar-se aliviando a tensão: estava furioso um momento antes, mas agora, curiosamente, sentia uma resignação, uma espécie de entrega, mesmo que não soubesse ao que ou a quem. Desliguei o gás debaixo da chaleira, em silêncio, com dor na cabeça e nos membros, tremendo um pouco por dentro e por fora, saí da cozinha e rumei pelo longo corredor de volta para o quarto. Aí pensei, escocês, um copo cheio (a tensão superficial a reter o âmbar um pouquinho acima da borda), umas fiadas de cocaína traçadas em cima da prateleira dobrável de uma cabine de banheiro, fast-food gordurosa, programas de televisão com brincadeiras o dia inteiro, sexo drogado e pornográfico, Xanax e gim, Quaaludes e vinho barato, todos os meus velhos amigos que podiam ajudar-me a chegar a Torporlândia, a terra de Eu Não, com seu ar sempre rarefeito, seu zunido estranho, seu zumbido de inseto das ordens aladas inferiores.

No quarto, fechei a janela e puxei as cortinas sem olhar para fora. Tirei o meu roupão e me meti de novo na cama, debaixo de todas as cobertas, de bruços, dobrando os braços debaixo do peito, e logo peguei no sono outra vez.

Imediatamente sonhei que eu estava de novo no consultório do quiroprático, deitado de costas na sua mesa almofadada, fazendo ajustamento. Ele estava no extremo da mesa segurando meus pés com as mãos, puxando-me para lá e para cá, endireitando-me. Ele foi para o extremo oposto da mesa e ficou em cima de mim, olhando para baixo, escondendo sua longa barba dentro da camisa para não me fazer cócegas no nariz. Ele pegou minha cabeça nas mãos, segurando na parte de trás do meu crânio com uma palma em concha enquanto apalpava minha nuca com seus dedos, sentindo a forma dos ossos no interior. Gentil, pensativamente, ele diz: "Agora é só você relaxar...

só liberte-se de tudo", e depois dá um puxão lateral forte na minha cabeça.

Algo se desloca, defeituoso.

Olho para cima e vejo terror nos olhos dele.

— Não estou passando bem — digo. — Tem algo errado — digo, e posso ouvir quando ele murmura: — Oh Deus, por favor me ajude, por favor, Deus, me ajude..., — enquanto tenta desesperadamente unir de novo minha cabeça ao meu corpo.

dez

HOUVE UM MOMENTO, algum tempo depois, em que eu tinha acordado, mas ainda não tinha aberto os olhos: uma frase tomou forma nos meus pensamentos, sendo a voz não exatamente a minha, mas alguma versão dela, impaciente e aborrecida: Pois é, você não queria algum tempo para ficar sozinho?

Eu estava deitado de costas (como estivera no sonho) e quando abri os olhos vi o lado inferior de um dossel, um material branco empoeirado, parecido com musselina, franzido e pregueado sobre vários suportes de madeira, elevando-se no meio e descendo novamente perto dos pés da cama. Um grosso cortinado corria nos quatro lados, envolvendo-me num agradável tom cinza; levantei minha mão à altura dos olhos, contei cinco dedos. Tudo estava muito calado — na verdade, mais do que calado, mais substancial do que o silêncio comum: era como se toda onda sonora tivesse sido sugada do ar, deixando o não-som quase palpável de uma tumba. Notei que estava sentindo-me bem melhor do que antes de essa proveitosa soneca. Não tinha o menor sinal de medo. Eu sabia exatamente quem era e onde estava. Eu era Cookson Selway, na meia-idade, o americano feioso, de férias na Inglaterra; filho mais novo de Herman (o Violento) e Frances (a Sofredora), pais profundamente perturbados, meus e dos meus três irmãos mais velhos; marido de Ellen (a Compradora), que daí a pouco me obrigaria a cumprir uma promessa que eu lhe fizera, promessa que me era humanamente impossível lembrar; pai de Jordan, garota adorável recentemente matriculada num internato, partida da qual eu participara mas que não compreendera plenamente; dono de Spencer, dálmata robusto, que pelo menos em uma ocasião tinha perdido suas manchas, passando-me um susto memorável. Quando criança, eu possuía um pequeno dom extrassensorial, dom submetido a longo enfraquecimento pelo abuso de drogas e álcool; e que, com treze anos de abstinência, eu começara a recuperar. Naquele momento, eu estava tendo uma experiência paranormal, na qual era aparentemente transportado para um tempo anterior — eu ingressara num estado de consciência em que o meu meio circundante era-me mostrado como tinha sido muitos anos atrás; haveria uma sala de estar junto a este quarto, e nela eu acharia uma reprodução de um quadro holandês do século XVII intitulado A Alameda — árvores esguias, estrada rural, campanário distante, homem com cão. Agora eu estava deitado nu na cama de baldaquino, em que naquela ocasião anterior descobrira um homem barbudo que me mandara cair fora. Eu compreendia perfeitamente bem o que estava acontecendo. Não tinha medo.

Ah! Então por que a minha extrema relutância em investigar o líquido morno que agora escorria pelo lado interno da minha coxa?

Deixei meus olhos se fixarem brevemente em uma pequenina abertura triangular alongada na cortina bem à minha direita. Decidi que não desejava puxar a cortina. Decidi que não queria olhar debaixo das cobertas para ver o que quer que estava empoçando e esfriando entre minhas pernas. Simplesmente não me interessava. Fechei os olhos bem apertados e tentei obrigar-me a "acordar", mesmo que, evidentemente, não estivesse dormindo. Esta estratégia não deu certo. Pensei que, talvez, visto que o pesado silêncio fazia parte relevante do que estava acontecendo, eu pudesse romper a ilusão toda com um barulho forte. Gritei o mais alto que pude (e não me peçam explicação sobre a minha escolha neste caso), "Lembre-se do Alamo!" — palavras que bateram surdo no ar à prova de som uns dez centímetros acima de meus lábios. No entanto, algo agitou-se no outro lado da cortina, algo mudou aí fora no quarto. Já

então meu coração estava disparado, e eu pude sentir e ouvir breves sons sibilantes nos meus ouvidos. Sentei-me, pensando: Que diabo, e empurrei as cobertas para baixo.

Se baldes de sangue alheio têm efeito insignificante em mim, um pingo do meu sangue me deixa enjoado. Nunca liguei a mínima para o sangue menstrual; Ellen e eu temos feito amor muitas vezes durante seu período, às vezes com resultados luxuriosos. Sem problema. Mas naquele momento, quando vi sangue nos lençóis, sangue nas minhas pernas até os joelhos, e sangue entremeado nos meus pelos púbicos; quando vi a fonte indisfarçável desse sangue derramado, o meu pênis, eu fiz o que qualquer homem sensato na minha situação faria. Desmaiei.

Quando recobrei os sentidos, fiquei feliz e aliviado por estar metido entre os lençóis brancos e secos da minha cama num apartamento alugado do Hotel Willerton, Londres, última década do século vinte. (Perder a consciência tinha sido como se alguém puxasse o plugue de um projetor de cinema, e eu tomei nota mentalmente a fim de lembrar-me disso. Não que eu me achasse capaz de desmaiar quando bem quisesse, mas era reconfortante saber que existia um disjuntor embutido, um interruptor de segurança que suspendia tudo quando a coisa ficava perigosa demais.) Agora sentia que estava tendo uma segunda chance nesse dia arriscado. Encontrava-me melhor fisicamente do que na primeira vez, o que trazia nova esperança. Se eu fosse humildemente à cozinha e acendesse o fogo da chaleira, talvez não houvesse surpresas medonhas ou caprichosas esperando por mim.

Saí da cama e vesti o roupão. Abri as cortinas, deixando a luz do dia entrar no quarto. Demorei-me na janela o bastante para ver o céu, que estava ligeiramente encoberto por uma camada de nuvens brancas e que, na sua cor invariável e na sua vastidão, consolava-me (afinal, existia algo maior e mais profundo e possivelmente mais importante do que eu e do que estava me acontecendo; havia um mundo fora daquelas paredes). Dei-me conta pela primeira vez de que era sábado, Pascal não estava trabalhando, eu poderia pedir o chá, que muito provavelmente me seria trazido por um portador sem rosto que, submisso, deixaria a bandeja e se retiraria do apartamento.

Liguei para a recepção e falei com a moça chamada Lois, que fazia o turno da noite e os fins de semana. Pedi o chá e depois ela me disse que tinha um recado telefônico para mim: minha esposa havia ligado para dizer alô; ela estava fazendo compras e tentaria de novo mais tarde.

— Por que não transferiu a ligação para o apartamento? — perguntei a Lois.

— Eu transferi, sim — disse ela. — Por volta das onze e meia.

— E então?

— Ninguém atendeu, senhor — disse ela.

— Você deve ter ligado para o quarto errado — insisti eu. — Estive aqui a manhã inteira.

Seguiu-se um curto silêncio — a típica pausa em que alguém injustamente acusado mas em posição subordinada decide não teimar na sua versão — e depois Lois disse: — Desculpe-me, senhor. (Como o senhor quiser.) Como antes, fui pelo corredor até o banheiro e lavei meu rosto com água fria. Como antes, examinei meus globos oculares intumescidos. Ao secar o rosto com uma toalha, tive aquela sensação de ver a minha vida passar na minha frente que já tivera alguns dias atrás, e em seguida ouvi o som de choro que também ouvira naquele dia — a criança chorando no quarto desocupado ao fundo do corredor.

A princípio tive uma sensação de desânimo profundo — já não era suficiente? era preciso uma manhã de sábado ser tão cheia de acontecimentos? — e pensei por um momento em ignorar o som, simplesmente ir para o outro lado. Mas supus que a voz era a da mocinha, eu queria vê-la de novo, e afinal eu era um pai: uma criança chorava do outro lado de uma porta... como poderia eu deixar de abrir essa porta? (E se ela não fosse exatamente como eu?) Caminhei lentamente para o fundo do corredor, mantendo silêncio. Intuitivamente, pensei que a situação exigia agir com luvas de pelica, que eu precisava proceder com delicadeza. Cheguei até a ficar por um minuto junto à porta, escutando. Depois, para minha própria surpresa (mas ainda agindo por instinto), bati suavemente. O choro parou. Esperei por um tempo que pareceu longo, pensando que eu a afugentara, e depois que tanto fazia, já tinha tido bastante para um só

dia, haveria outras oportunidades. Quando me virava para ir embora, sem ter aberto a porta, ouvi uma voz muito aguda e débil, cheia de grande resignação: — Entre.

Abri a porta: vi o quarto desocupado com as camas separadas, quase idêntico àquele em que Ellen e eu dormíamos, agora escurecido, iluminado através de uma fresta estreita nas cortinas da sua única janela; no lado oposto da cama mais distante, sentado de costas para mim e aparentemente olhando para a parede vazia do outro lado, estava um garoto, cujo cabelo louro um tanto longo pendia, desgrenhado, sobre o colarinho de um casaco azul-marinho.

Suponho que fiquei estupefato com o que vi — não esperava ver outra pessoa — mas lembro-me muito menos da estupefação do que de uma onda de terna emoção. O contorno do colchão, levemente afundado no ponto onde ele estava sentado, desfraldava-se aos lados sugerindo asas. Naquele primeiro momento, quando eu apenas podia ver as costas do garoto, já dava para afirmar pela sua postura — a coluna rígida, a cabeça deliberadamente erguida — que ele estava praticando algum tipo de ostentação de coragem forçada. Contornei as camas e pude ter dele uma visão lateral: seu pomo-de-adão subiu e desceu uma vez; ele continuou a olhar para a parede. Sentei-me na cama perto dele, tomando o cuidado de manter uma distância prudente entre nós, sendo a sua reação uma única fungada estridente, marcando o fim preciso do seu choro. Entrelacei meus dedos sobre o meu colo (mesma posição que ele mantinha) e olhei (como ele) para a mesma parede vazia.

Ficamos sentados assim talvez por um minuto, durante o qual olhei para ele furtivamente um par de vezes. Achei que ele tinha em torno de oito anos. Usava calças curtas (combinando com o casaco azul-marinho), camisa branca e gravata azul, meias azuis e sapatos pretos, provavelmente um uniforme escolar. De repente eu me achei ridículo e totalmente inadequado no meu roupão de banho branco felpudo. A questão de quem seria o primeiro a falar pairava no ar, por certo, e eu achei que devia começar desculpando-me pela minha aparência. Mas quando eu estava a ponto de falar, ele disse: — Se você quer receber visitas, vai ter de se vestir.

— Desculpe-me — disse eu. — Não esperava ver ninguém esta manhã.

— Se você está indisposto demais para se vestir — disse ele está indisposto demais para receber visitas.

— Sim — disse eu. — Acho que está certo. Diga-me, qual é seu nome?

Ele atreveu-se a olhar-me de relance. Disse então: — Você é o americano, não é?

— Sim — confirmei. — Sou, sim. Ouviu falar de mim?

— Um pouquinho — disse ele. — Você é o meu segundo americano. O primeiro era de Nova York. Você também é de Nova York?

— Eu não vivo mais lá — informei —, mas já vivi.

Ele pareceu ponderar essa informação por um momento, como se procurasse pensar como poderia fazer melhor uso dela. Por fim, disse: — Então suponho que andou de ascensor uma ou duas vezes.

— Ascensor? — perguntei. — Quer dizer um elevador? Oh, sim. Muitas vezes.

— Quantas vezes? — perguntou.

— Ora, acho que centenas — disse eu.

Ele olhou para mim, mais do que um relance — seu rosto exprimia grave decepção — e depois afastou-se pela borda da cama.

— Não acredita em mim? — indaguei.

— É claro que não acredito — disse ele.

— Mas é verdade — insisti eu.

Essa combinação de atrevimento e voz débil me fez sorrir. Ele engoliu isso — o meu sorriso — e em seguida, virando-se de novo e falando direto para a parede, disse: — Então, suponho que você já esteve no topo do Empire State.

— Na verdade, não estive — confessei, decepcionando-o visivelmente pela segunda vez.

Ele cruzou os braços e também os pés, na altura dos tornozelos. — O quê? — admirou-se. — Você viveu em Nova York, mas nunca foi ao Empire State?

— Eu não disse que nunca estive lá — afirmei eu. — Disse que nunca estive no topo. E não é raro uma pessoa viver num lugar e nunca ver os pontos turísticos. Gostaria de saber se você já esteve no topo da Catedral de Saint Paul, por exemplo.

Ele descruzou os braços, mas não respondeu. Tossiu uma vez, levando um punho pequeno e branquíssimo aos lábios, e disse: — Desculpe. — Uma veia surpreendentemente grossa e azul avultou no seu pescoço e depois cedeu.

— Os ascensores dos andares superiores do Edifício Empire State podem percorrer até trezentos e sessenta e cinco metros por minuto — disse ele. — E são instalados com dispositivos de frenagem — você sabia? que deteriam a queda caso os cabos arrebentassem.

— É mesmo? — perguntei. — Não, eu não sabia disso. Você deve ser uma espécie de especialista em ascensores.

Este comentário lhe agradou — até que enfim.

— Sim — disse. — Sou. Tenho estudado muito sobre eles, porque são muito interessantes.

— Entendo.

— E muito importantes. Absolutamente necessários no processo de construção. Não poderíamos construir nenhum edifício realmente alto sem ascensores, porque não conseguiríamos levar os materiais até essa altura, entende?

— Acho que você está certo — assenti eu. — Nunca pensei nisso, mas acho que você está certo.

— Sim, de fato — disse ele. — A história dos ascensores remonta aos tempos romanos.

Ouviu-se uma batida na porta do apartamento — o porteiro com o chá. O garoto também ouviu e voltou-se para o corredor, olhando sobre o ombro, e depois para mim, inquisitivo.

— É o meu chá — disse eu —, mas já não quero mais. Não vamos ligar para eles, e acabarão indo embora.

Ele voltou a olhar para a parede. — Tome o seu chá — aconselhou. — Eu não vou embora, se é o que você está pensando.

— Você promete? — disse eu. — Vai esperar por mim enquanto vou abrir a porta?

— Prometo — disse ele. — Vou ficar bem onde estou, aqui mesmo.

— Aceitaria um pouco de chá? — perguntei.

— Não, não aceitaria chá nenhum — disse ele, sufocando um risinho.

Uma moça a quem eu nunca tinha visto estava fora do apartamento com uma grande bandeja redonda. Peguei a bandeja das mãos dela, confundindo-a ao não deixá-la entrar.

Eu só queria voltar ao quarto desocupado o quanto antes. Servi uma xícara de chá, que era fraco — tinham mandado trazer tão rápido que ainda não houvera total infusão — acrescentei leite, e levei-a comigo, até certo ponto prevendo que o garoto, apesar da promessa, tivesse ido embora.

No momento em que entrei no quarto, como se não tivesse havido interrupção, ele disse: — Vitruvius descreve um tipo de plataforma... Vitruvius foi um famoso arquiteto romano. Você tem conhecimento sobre arquitetos?

— Bem, só de um modo geral — disse eu.

— Veja, Vitruvius descreve um tipo de plataforma pendurada de polias e cabrestantes. E isso no século I antes de Cristo.

Perguntei se lhe incomodaria que eu abrisse as cortinas. Ele disse que não se incomodava, acrescentando, curiosamente, que a luz lhe faria algum bem. Contudo, devo ter puxado as cortinas muito rápido, porque ele sobressaltou-se com a súbita torrente de luz.

— É demais? — perguntei.

— Não — disse ele — só um pouco exagerado de uma vez.

— Desculpe-me — disse eu.

— Na próxima vez, abra as cortinas devagar — disse ele.

Sentei de novo perto dele na borda da cama, e o meu peso fez com que ele se elevasse uns centímetros. Notei que agora ele segurava uma bolinha de borracha rosada na mão.

— Ainda não sei o seu nome — disse eu.

— Não importa — disse ele.

— É só para poder chamar você de algo.

— Pode chamar-me de Simon.

— Simon.

— Ou Patrick.

— Patrick? — OuMax.

— Ora, qual deles? — perguntei.

— Maxwell — prosseguiu ele.

— Tudo bem — disse eu. — Maxwell. Parece um nome muito adulto.

— Então chame-me de James — disse ele.

— Mas nenhum desses é seu nome verdadeiro.

— Meu pai diz que não devo dar o meu nome verdadeiro — disse ele. — Chame-me de James.

— Tudo bem, James — disse eu. — Onde está o seu pai agora?

— Não sei.

— Onde está a sua irmã?

— Minha irmã? — perguntou. — Não tenho irmã.

— Oh — disse eu. — Pensei que aquela garota... aquela bonita, de cabelo louro... vestido de marinheiro... quatorze ou quinze anos... pensei que ela...

— Ela é minha prima — informou. — E ela não é tão bonita quando você passa a conhecê-la.

— Onde ela está?

— Não sei — disse ele, dando de ombros. — Por aí.

— Posso perguntar-lhe uma coisa, James? — disse eu.

Ele deixou seu olhar pousar sobre o colo, já sabendo o que eu ia perguntar. Disse então: — Eu não estava chorando mesmo, sabe? Só que estava um pouco sozinho. Mas você não se importa se eu estava chorando.

— Não — disse eu. — Claro, não me importo.

— Você acha que não tem problema a gente chorar, se tiver um bom motivo.

— Ou mesmo se não tiver — disse eu. — Às vezes a gente tem vontade de chorar quando nem sabe o motivo.

— Também já observei isso — argumentou ele. — Mas o meu pai...

Ele se deteve e baixou a voz até um sussurro quase inaudível. — Meu pai me repreende quando choro. Diz que só meninas e maricás choram.

— Ele é o grandalhão de barba?

— É — anuiu ele com serenidade, baixando o olhar. — As costeletas compridas.

— James — disse eu —, este quarto onde estamos é seu?

— Oh, não — disse ele. — Eu não tenho quarto.

Ele enfatizou a palavra "quarto", como a sugerir que tinha outras coisas, mas o quarto não era uma delas.

— Eu achava que este era o seu quarto sobressalente — acrescentou.

— Seu e da sua esposa.

— E você está certo — disse eu. — Mas eu estava pensando no que era antes de nós chegarmos.

Ele encolheu os ombros. — Era de mais alguém, suponho — filosofou. — Diga-me, você sabe

exatamente o que é um cabrestante? Estou familiarizado com polias — tem uma no velho monta-cargas para comida — mas não tenho muita certeza sobre o cabrestante.

— Eu também não tenho — disse eu — mas acho que é uma espécie de carretei, ou eixo, algo para enrolar uma corda.

— Isso faria sentido — disse ele. — O que acha de um molinete? Pode descrever um molinete?

— Bom, é uma espécie de manivela, creio. Sabe, também para enrolar um cordel quando você o faz virar.

Ele passou a bola de uma mão para a outra, e com a mão livre fez um movimento de virar uma manivela. — Sim — disse. — Eu também pensei nisso.

Então ele virou seu corpo miúdo, pondo uma perna em cima da cama e ficando totalmente voltado para mim. Ele era notavelmente bonito, todavia notei que seus olhos eram cinzentos e tristes, como os de uma pessoa muito velha com cataratas. Ele examinou meu rosto abertamente, e havia algo nesse exame minucioso — em parte aquela mistura de criança bonita e pessoa muito velha, mas também algum vago traço de esperança desesperada, alguma fé obstinada — que me comoveu profundamente. Foi como se naquele momento eu esquecesse completamente as circunstâncias do nosso relacionamento, que as circunstâncias do nosso encontro tinham alguma característica anômala, qualquer que fosse, sendo então inteiramente cativado pela coisa humana entre nós.

Por fim ele disse: — Você não vai contar a meu pai que me encontrou chorando, vai?

— Não — prometi. — Não vou contar. Sabe, James... creio que seu pai não quer que você chore porque fica desconcertado. Ele só quer que você seja feliz.

Ele olhou para mim, surpreso.

— Quê? — perguntou.

Ele virou o corpo, descendo a perna e olhando para frente. — Eu pensei que você entendia isso — disse, usando o tom resignado com que antes me convidara a entrar.

— Entedia o quê? — perguntei.

Ele pareceu empalidecer muito. Olhou para a parede bem na sua frente, apertando a bola de borracha com os dedos de ambas as mãos. Então murmurou: — Eu pensei que você entendia... ele não quer que eu seja feliz.

Eu devia ter parado aí, para assimilar o que estava tentando me dizer, mas fiz o que os adultos geralmente fazem quando as crianças dizem coisas que lhes causam embaraço — ofereci o nebuloso ponto de vista adulto.

— Oh, eu acho que todo pai quer ver seus filhos felizes — assegurei. — Mesmo que às vezes pareça o contrário.

Ele me olhou com quase tanto cansaço no rosto quanto eu merecia. Disse então: — O seu pai queria que você fosse feliz?

— Bem... — comecei eu.

Ele protegeu seus olhos (bastante dramaticamente, segundo achei) com um antebraço leitoso, e eu, comovido como estava, sentindo que lhe folhara em algum ponto fundamental, prontifiquei-me logo a alcançar a janela para arrumar a cortina.

Virado de costas para ele, eu disse: — Para dizer a verdade, James, eu não creio que meu pai se preocupasse muito com a minha felicidade, de um jeito ou de outro.

E quando me volvei levei alguns segundos, na semiescuridão restabelecida, para ver que ele tinha ido embora.

Desapontado — tanto que quase parecia uma dor — voltei a sentar na cama onde estivera sentado antes.

— James — disse em voz alta, mas um instante depois eu já não pensava nele. Não pensava mais nele, nem no pai dele nem no meu pai, nem em nada do que tinha acontecido naquela manhã. Sentia-me

extremamente cansado, quase extenuado. Os meus pensamentos não eram realmente pensamentos, mas imagens, como que refinadas imagens da natureza, e se é que alguma linguagem associava-se a eles, era uma linguagem primitiva, monossilábica, da Idade do Ferro: água, pássaro, céu, fumaça, mulher, rosa... como se a minha consciência tivesse sido reduzida a sua expressão mais simples e aquilo fosse o resíduo. Não sei ao certo por quanto tempo fiquei sentado ali naquele estado peculiar, mas em certo momento percebi que estava contemplando uma parede vazia feito um paciente de asilo excessivamente sedado e, com grande esforço de vontade, pus-me de pé.

Considerando retrospectivamente, acredito que eu estava em um estado alterado no curso de visitas como essa do James (e a anterior da garota), alguma forma do que os paranormais chamariam de "estado intermediário". É o único modo de explicar a minha calma, minhas palavras e minha conduta; eu falei com as crianças de modo equilibrado, respeitável e até afetuoso, quase como se fossem meus filhos. Parecia que ao ingressar no mundo deles eu perdia (ao ponto necessário) a percepção do meu, e com isso a índole dos encontros não era extraordinária para mim — não enquanto aconteciam — e os dois mundos de modo algum pareciam entrar em conflito. Em todo caso, a entrada em cena de James resultou em uma mudança de pensamento da minha parte, quase imediatamente. Passei a considerar seriamente a possibilidade de que o que estava ocorrendo no Hotel Willerton era na realidade algum tipo de projeção psíquica que emanava de mim. Esta noção (comum entre céticos bem predispostos), de que todos esses eventos poderiam ter a sua origem em mim e somente em mim, tinha parecido a princípio uma espécie de delírio de grandeza de toxicômano. Mas depois de conhecer James eu não podia deixar de perceber que as três "personalidades" manifestas pareciam de fato representar algo essencial em mim: o patife barbirruivo, o bêbado rude e comodista (o meu eu oculto, hoje retraído); a garota adolescente (a falta que Jordie me fazia); James, precoce e perturbado (o garotinho que precisa do pai, preocupado com a sua masculinidade).

Ironicamente, eu só fiquei assustado mesmo quando comecei a achar que o que estava se passando passava-se apenas na minha mente. Talvez a mera dimensão dos eventos daquela manhã de sábado me fizera sentir medo: o arranjo do alho na pia da cozinha, a chaleira no fogão, o pesadelo da decapitação, o transporte para uma época anterior, o sangramento, depois James: uma virtual exibição de fenômenos paranormais ali mesmo, na minha suíte de hotel.

A tarde, ainda sem saber de Ellen, fui dar uma caminhada — precisava de ar e, além do mais, a arrumadeira queria entrar no apartamento. Eu estava totalmente preocupado com meu pensar incessante e, sem prestar muita atenção ao que me rodeava, virei numa ruela estreita com árvores enfileiradas a dois quarteirões do hotel. Era muito silenciosa, deserta. As sombras das árvores no calçamento criavam um interessante desenho de sol e sombra, mas alguma coisa nesse desenho não estava muito certa.

Parei e dei uma olhada na ruela, confuso ao dar-me conta de repente de que o dia estava encoberto, o sol não brilhava e portanto não havia sombras.

Aparentemente, tinha havido um chuveiro apenas alguns minutos antes. A chuva escurecera o calçamento nos espaços entre as árvores, mas não penetrara nelas, deixando seco o piso debaixo delas. Logo, o que a princípio eu vira como sol e sombra era, na verdade, apenas o claro-escuro do calçamento molhado e seco. O que "não estava muito certo" nessa imagem era que ela estava invertida, como um negativo fotográfico.

Este pequeno erro de percepção — o fato de eu ver realmente o oposto do que a princípio achei que estava vendo — parecia reforçar a minha sensação de que eu não era uma testemunha confiável.

Acabei na King's Road e segui por ela até a Rua Beaufort e de novo até a Ponte Battersea, onde fiquei por um minuto olhando rio acima para as águas do Tâmis. Uma forte brisa de outubro, que mal era perceptível nas ruas, dominava aqui na amplidão cinzenta. Um barco para turistas, uma daquelas coisas modernas em forma de bala, com jeito de crisálida de inseto gigantesco, passou debaixo da ponte, rio acima, talvez rumo a Hampton Court. Os passageiros no convés estavam empacotados nos seus agasalhos

e amontoados em pequenos grupos, na maioria dos casos parecendo infelizes. Quando o barco passou fazendo espumar as águas e foi zunindo cada vez mais longe da ponte, eu podia ter jurado que ouvi alguém pronunciar meu nome. Levando em conta tudo o que acontecera hoje, e minhas limitadas conclusões resultantes, eu duvidava dos meus ouvidos bem como dos outros sentidos. Mas ouvi de novo, mais claramente — Coóíc... Coóíc — e avistei um braço a acenar lentamente descrevendo amplos arcos da popa do barco turístico. Comecei a agitar o braço em resposta mesmo antes de saber para quem acenava, antes de conseguir distinguir o rosto que se tornava cada vez mais diminuto na confusão do navio.

Era Pascal, na sua tarde de folga, fazendo um passeio fluvial, sorrindo-me entusiasmado, surpreso — pude ver mesmo daquela distância — pela inverossimilhança do momento. Continuamos a acenar um para o outro até ele ficar tão distante que isso não mais fazia sentido. Talvez o fato de ouvir o meu nome sendo pronunciado dentro do vasto pântano do meu anonimato; talvez tê-lo visto, ver seu rosto feliz, seu brilho na água; talvez o simples milagre desse tipo de acaso; mas a forma como nós acenamos e continuamos a acenar, como procurando fazer aquilo durar o máximo possível, a nossa vontade compartilhada de não deixar passar algo tão singular, impressionou-me com uma comoção de alegria e tristeza, descoberta e perda, tudo a um só tempo e sem ponderação. Mesmo sabendo o nome da ponte, eu não sabia exatamente onde me encontrava, porque tinha andado muito; não teria conseguido assinalar minha localização num mapa. E quando a carga do barco era dificilmente distinguível como humana, e tudo o que restava eram os vestígios da sua esteira, cujas ondulações mais distantes diminuía ao aproximar-se de ambas as margens do Tâmis, baixei o braço e enxuguei lágrimas nos meus olhos.

onze

RECONHEÇO QUE É UM PONTO delicado, mas possivelmente importante: desvirtuei a natureza da obsessão e com isso subestimei um pouco a minha mulher. Disse antes que Ellen pôde extravasar a sua moderada insanidade (com Jordie quando bebê), e até esgotá-la, e disso resultou apenas que ela foi uma boa mãe. Pois bem, a obsessão realmente não funciona desse jeito, não é mesmo? A verdadeira essência da obsessão é a sua conveniente característica de autoperpetuação: ela não diminui com o uso, ela cresce feito bola de neve; ao extravasar uma obsessão, esta não é expurgada, mas, ao contrário, ganha nova vida. Isso quer dizer que Ellen deve ter compreendido — talvez fosse compreendendo à medida que Jordie crescia — que a grande obra da criação de um filho era uma libertação lenta e atenuada; e que ela corrigiu gradualmente essa particularidade de seu caráter (a recusa a dar liberdade, ou em todo caso a tendência a recusar) sem eu perceber. Ou talvez ela não a corrigiu tanto quanto aprendeu a contê-la, o que poderia explicar as suas rugas (trincas nas paredes de contenção) de preocupação crônica.

Pensava nisso aquela tarde de sábado ao voltar a pé da Ponte Battersea para o hotel — até que ponto Ellen mudara com o passar dos anos, deixando de ser uma pessoa apegada às necessidades e fraquezas de outras pessoas para transformar-se em alguém que amava de verdade; ela definia a si mesma e a sua vida em termos do mundo, não porque estivesse excessivamente apegada às necessidades e fraquezas do mundo, mas porque realmente amava-o.

Quanto a mim, não o amava tanto quanto dependia dele como estímulo. (Uma chuva suave começara a cair, produzindo uma colorida exibição de guarda-chuvas saltitantes ao longo da King's Road, um desfile mundano, uma espécie de arte descoberta que eu quase adorei; e é bem provável que a culpa recaísse mais sobre o meu devaneio do que na falta de jeito de qualquer transeunte, mas o fato é que eu quase tive o olho furado meia dúzia de vezes; também fiquei bastante molhado.) Recordei a manhã em que, muitos anos atrás, apareci no nosso apartamento no Greenwich Village, acordei Ellen, falei "Estou cheio e cansado de ser mantido nessa porra de rédea curta", escorreguei pelo batente da porta do quarto e apaguei. A reação de Ellen não foi a de uma pessoa apegada a um marido beberrão; foi a reação de alguém que tinha transferido para seu bebê novinho todo e qualquer apego que já pudesse ter tido por um marido beberrão; foi a reação de alguém a quem a efetiva maternidade (alcançada após superar o obstáculo de dois penosos abortos) libertara de uma prévia tolerância a bêbados. Ela não lutou com meu corpo pesado, para arrastar-me aos poucos para a cama, tirar meus sapatos e cobrir-me. Ela me deixou no piso frio e duro. Quando acordei horas depois, imerso no barulho vago e puro da casa vazia, a parte de trás da minha cabeça estava encostada num rodapé e meu braço direito dolorosamente virado debaixo de mim. (Andando pela King's Road me ocorreu, pela primeira vez, que Ellen, nos minuciosos preparativos para deixar-me, deve ter passado por cima do meu aparente cadáver uma dúzia de vezes.) Presa com um alfinete à minha camisa — acho que ela não pôde mesmo resistir a esse único gesto infantil — estava uma folha de papel para máquina, e nela três palavras: "Faça alguma coisa."

Quando me arrastei para dentro do banheiro, vi que os cosméticos dela tinham sumido do armário. Fui até o guarda-roupa do quarto dela e achei um vazio onde suas roupas deviam estar. No quarto do bebê, o berço estava sem lençol e cobertor, e faltava tudo na mesa de trocar — fraldas, panos de limpeza, talco e loção. Ellen não tinha apenas ido a algum lugar com o bebê; ela tinha ido embora levando o bebê.

Voltei para o quarto, para o bilhete, como para descobrir nele a explicação para essa desconcertante reviravolta dos acontecimentos. "Faça alguma coisa", liase nele inflexivelmente, ou melhor, assim eu o sentia, "Faça alguma coisa... faça alguma coisa... faça alguma coisa... faça alguma coisa..." Amassei o papel e atirei-o com força contra a parede do quarto; ele quicou, bateu na minha cabeça ("Faça alguma coisa"), e caiu aos meus pés ("Faça alguma coisa"). Eu me agachei para levantá-lo e jogá-lo de novo, ainda mais forte, mas minha cabeça pareceu encher-se de fluido e fui puxado pelo próprio peso — isto é, tombei. Aturdido, voltei ao quarto do bebê e olhei de novo para o berço ermo, com seu colchão impermeável gelado; fiquei segurando a lateral do berço, e depois comecei a sacudi-lo, como se uma boa sacudidela no berço bastasse para fazer o bebê reaparecer. Fiz um barulho e tanto sacudindo o berço e depois voltei ao banheiro (o terceiro ponto no meu pequeno triângulo das Bermudas particular), onde contemplei rápido os olhos empapuçados e a boca descorada no espelho do armário e dei-lhe um soco com o punho.

Um caco de vidro rasgou minha mão no lado, bem na base do dedo mindinho, com bastante profundidade. Eu conseguia lembrar vividamente tudo o que precedeu ao sangue, e lembrava claramente a exótica e desconexa tarde de domingo na sala de emergência do Hospital de Saint Vincent. A minha lembrança de como tinha chegado lá era vaga.

Eu perdera o conhecimento algumas vezes ao sair do apartamento, que ficava na rua 12^a Oeste, a duas quadras longas e uma curta do Saint Vincent. Mas o que importou mesmo foi isto: o técnico que costurou minha mão, um moço de frente alta e lustrosa e estilo elegante como um diplomata africano (vou me lembrar sempre do crachá dele: Lovett Olango), terá visto algo na minha cara porque, enquanto trabalhava com a agulha e o fio, disse: "Que é que há com você, cara? Cê podia ter perdido esse dedo. Deveria estar feliz."

Perguntei se o hospital tinha um centro de desintoxicação.

Ele parou para olhar-me por um instante, entendendo o problema. Depois, continuou com a costura e disse: — É, a gente tem, sim. Vou desenhar um mapa para você.

De certa forma, o "Faça alguma coisa" de Ellen foi responsável pelo nosso futuro juntos. Não por acaso, na minha caminhada chuvosa de volta para o Hotel Willerton, ponderei a natureza de seus vínculos e repisei a lembrança que conduzia ao mapa rabiscado por Lovett Olango para achar o Centro. Inspirado na aparição do garotinho James no quarto desocupado, eu decidira (mais uma vez) contar tudo, confessar, revelar o que realmente tinha estado acontecendo no hotel, e sentia-me estranhamente em perigo, como se estivesse para desvendar a minha vergonha mais secreta. Lembrei a mim mesmo que Ellen já sabia algo do que eu tinha a dizer; não ia ser uma total surpresa. Mas eu não queria me expor a sua clareza severíssima, a sua prosa puríssima — não queria que ela encolhesse os ombros e dissesse: "Então... faça alguma coisa". Honestamente, eu não sabia o que queria mesmo. No fundo, eu sabia que havia algo de perigoso e doentio no fato de ter sido arrastado a tal ponto pelos eventos sobrenaturais ocorridos no Hotel Willerton — eu estava bêbado neles — e provavelmente queria ser confortado, ouvir que não estava doido e ser autorizado a continuar na minha farra.

Mas durante a caminhada da ponte para o hotel naquela tarde de sábado, depois de ter sido praticamente surrado e fustigado de manhã pelas extravagâncias por que passei no nosso apartamento alugado, um senso intensificado do ridículo — possivelmente uma reação retardada à visão de Pascal acenando da popa de um barco turístico no Tâmis — afastou-me serenamente dessa disposição angustiante. Em uma vitrine, chamaram minha atenção alguns manequins femininos dourados, sem cabeça (com mamilos duros e protuberantes). No meio-fio, o grito "brigado, chefe" de um motorista de táxi, dirigido a um cavalheiro elegantemente vestido que já descera do carro e cruzava a rua a passos rápidos, pareceu-me dickensiano ao extremo. Quando cheguei ao hotel, subi os degraus e passei pelas portas de vidro biselado, a recepção parecia mais um cenário teatral do que uma parte do mundo real. Pela primeira vez desde que eu ouvira o comentário de Tony Rosillo ("Você vai adorar o lugar... é como algo

saído do Masterpiece Theatre") pensei nisso, e a cara fechada de Lois atrás do balcão do hotel (ela estava justificadamente zangada por causa do tom autoritário que eu usara antes com ela) me causou um pouco de graça, quando ela me entregou a chave do apartamento. Quando perguntei se a Sra. Selway tinha chegado, ela disse "Acho que sim", não querendo comprometer-se.

Ao ir para o elevador eu assobieei a música característica do Masterpiece Theatre. Era comum, nos créditos do velho Masterpiece Theatre, que a câmara desse uma panorâmica num conjunto de livros e bugigangas no estúdio de Alistair Cooke (uma espécie de videocolagem que os britânicos pareciam apreciar), e entre toda aquela miscelânea havia uma cobra de bronze (semiereta, pronta para dar o bote, ou tendo acabado de picar). Deitados nas noites de domingo, quando o conhecido motivo musical (*Rondeau*, de Jean-Joseph Mouret) começava, eu pedia a Ellen que identificasse o compositor; por alguma razão, ela nunca conseguia sequer lembrar a palavra Mouret. Ela dizia "Jean-Joseph... Jean-Joseph... Rameau, não, Reynaud... não, Mornay..." Aí então, quando a cobra aparecia, eu segurava nela e gritava "Olhe a cobra! Olhe a cobra!"

Eu fazia isso toda noite de domingo, e apenas a minha teimosa repetição tornava aquilo minimamente engraçado. Agora, subindo no elevador, quando ouvi o misterioso piano através das paredes perto do terceiro andar, eu gritei "Olhe a cobra! Olhe a cobra!", e ri. Gostei daquela minha disposição de ânimo, uma animação em que eu poderia encaixar a minha confissão.

Mas a sala de estar escura — e o absoluto silêncio — foi como um balde de água fria. A sensação de presságio ao passar pela porta foi tão forte que eu até fiquei quieto e chamei por Ellen.

— Aqui dentro — respondeu ela, com um tom de cena de crime. Indo pelo corredor pensei como éramos ridículos, nós e nossos diversos cômodos: a sala de estar raramente usada, a cozinha usada só ocasionalmente, a sala de jantar em que nunca tínhamos botado os pés, e ainda um quarto sobressalente. Eram todos cômodos de sobra, na sua maioria... coisa de americanos endinheirados sempre querendo mais e mais.

O quarto também estava escuro. Ellen estava sentada na beira da sua cama, ainda embrulhada na capa de chuva caqui, de mãos entrelaçadas no colo (quase como James estivera sentado mais cedo, só que Ellen estava voltada para a outra cama, e não para a parede).

Eu disse olá, passei entre as camas e fui sentar na minha, de modo que nossos joelhos quase se tocavam, criando uma simetria que me fez pensar que éramos estatuetas de menino e menina num relógio ornamental. — A sua mãe ligou — disse ela sem rodeios.

— Minha mãe? — perguntei. — Que houve?

— Não houve nada — disse ela. — Ela só queria fazer a sua crítica ao fato de termos "mandado Jordie para aquela escola". E de termos "nos tocado para a Europa" logo depois.

— Você está brincando comigo.

— Ela disse que Jordie estava triste, mas não se atrevia a falar porque nos suplicou tanto para que a deixássemos ir. E que Jordie precisa de nós agora, mas tem medo de dizer porque sabe que esta viagem era muito importante para nós.

Peguei as mãos de Ellen nas minhas. — Você conhece minha mãe — disse-lhe. — Ela é completamente histérica. Jordie provavelmente mencionou uma cutícula ou algo... um machucadinho de nada. Agora ela está extremamente abatida e precisa de nós lá. Minha mãe é assim. Ela extrai todo tipo de conclusão exagerada de... Olhe, a gente vai ligar para Jordie e...

— Eu já falei com ela — disse Ellen. — Ela está bem. Pedi que me assegurasse que estava tudo bem. Contei a ela exatamente o que Frances tinha dito, e ela disse que a avó é que não gostava da ideia de ela ter ido ficar na escola. Ela disse que teve uma briga com outra garota por alguma bobagem e contou isso para a avó. Talvez ela tenha chorado um pouco. Mas agora está tudo ótimo e a gente não precisa se preocupar.

— Está vendo? — disse eu. — Eu sabia que era algo assim. Alguma coisa insignificante que ela

exagerou..

— Mas a sua mãe está certa quanto a uma coisa, Cook.

— O quê?

— Foi egoísmo nosso por termos Jordie na escola e irmos embora logo depois.

— Do que você está falando?

— Eu planejei tudo, você sabe. O momento apropriado. Tudo foi por minha causa, porque ia ficar muito sozinha, porque a casa ia parecer muito vazia. Planejei esta viagem de modo a não ter de encarar aquele casarão sem Jordie nele.

— E foi boa ideia — disse eu. — A casa parecia mesmo muito desolada com a partida de Jordie. Foi boa ideia.

— Foi egoísta — disse Ellen. — Tudo pensando em nós, sem pensar em... sei lá, e se ela precisasse da gente? Estamos aqui, no outro lado do mundo.

— Essa frase é da mamãe, não é — "no outro lado do mundo"?

Ellen não respondeu, nem precisava.

— Olhe — perguntei eu. — Quer que eu ligue para ela e lhe dê uma bronca?

— Não — retorquiu ela. — Com isso só pioraria as coisas.

— Eu vou ligar — eu disse. — Vou curtir isso. Ainda estou com raiva dela por jogar-me aquele mata-moscas quando eu tinha oito anos. Seria uma boa oportunidade para trazer isso à baila.

— Ela jogou um mata-moscas em você?

— Quando eu tinha oito anos — lembrei. — Por ter falado desaforo. Ela também me jogou um pé de alface certa vez. Alface congelada. O que acha de eu ligar para ela e...

— Não — disse Ellen. — Por favor, não faça isso.

— Vou dizer a ela que não se meta onde não é chamada — continuei. — Vou lhe dizer que pare de ligar para Jordie e fique fora da nossa vida.

— Jordie não gostaria disso.

— Vou lhe dizer que guarde para ela suas opiniões. Vou lhe dizer que vá pular no lago... ou, sei lá, no reservatório. Vou mandar ela pular no reservatório.

Ela me dirigiu um olhar amistoso-exasperado — por que eu tinha de debochar de tudo? — e disse: — Foi ao médico hoje?

— Médico? — perguntei, pego de surpresa.

Ela olhou para mim, me deu tempo para entender aos poucos, e foi tirando devagar suas mãos das minhas.

— Ah — disse eu por fim. — Estou perfeitamente bem. Estou mesmo.

— Você prometeu, Cook — disse ela. — Não pude acordar você de manhã cedo.

— Você tentou?

— Na verdade, não — confessou ela. — Mas fiz muito barulho. Uma pessoa normal teria acordado. E você falava em sonhos.

— Falei o quê?

— Não sei — disse ela. — Um palavreado desconexo. Mas era muito esquisito. Você usou a palavra "velhaco".

— Que é que isso tem de tão esquisito? — disse eu.

— É como algo tirado de uma época passada, Cook — observou ela. — E a gente combinou. Se acontecesse de novo, você ia procurar um médico e consultar.

— A verdade — disse eu — é que se a gente conferir uma transcrição daquela conversa, não creio que tenha sido bem assim.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que acho que a gente combinou que se as coisas piorassem, eu ia procurar um médico.

Não é o mesmo que "se acontecer de novo".

Ela me fitou, entrecerrando os olhos. Ficou imediatamente claro que eu ia ganhar essa com base em um tecnicismo, mas por um instante creio ter visto nos olhos de Ellen um quê de alívio: ela queria que eu ganhasse; podia objetar, mas no fundo queria que eu ganhasse. Talvez admirasse tanto a minha precisão no caso que achou que eu merecia ganhar.

— Isso é entrar em minúcias — disse ela.

— Uma das minhas especialidades — retruquei.

Em se tratando de entrar em minúcias, era evidente que as coisas tinham piorado. Mas Ellen não sabia.

— E que me diz da bebida?

— Que bebida?

— Ainda está achando que tem vontade de beber?

— Não — disse eu. — Aquilo passou tão rápido como veio.

— E como está se sentindo em geral? — perguntou. — Não tem se sentido mal de modo nenhum?

— Estou me sentindo ótimo — afirmei.

— Tudo bem... — disse ela com um suspiro, mais uma vez aquele estranho misto de derrota e alívio.

Depois de um intervalo, ela se pôs de pé e andou em direção ao guarda-roupa, desamarrando o cinto de seu casaco. Tinha esgotado a sua lista de preocupações, e mesmo sem ter ficado realmente satisfeita, sem ter verdadeiro alívio, ela decidira contentar-se com aquilo.

Eu me levantei e fui atrás dela, abraçando-a.

Ela voltou-se, pôs a cabeça no meu ombro e disse: — Você acha que nós somos pessoas terrivelmente egoístas, Cook?

— Sabe o que eu acho? — disse eu. — Sabe o que eu acho sinceramente? Acho que somos pessoas terrivelmente famintas. Creio que precisamos de uma comida caseira. O que acha de eu dar uma saída e comprar algumas coisas para fazer o jantar?

Ela se afastou de repente, enxugando o lado de seu rosto com a mão. — Acho que você é uma pessoa terrivelmente molhada — disse ela. — Esteve andando na chuva ou o quê?

Não era mesmo o momento certo para falar daquilo. Ela já estava um pouco alterada. Eu ia ter de esperar por uma oportunidade melhor.

Corri por lá na chuva feito maluco durante cerca de quarenta e cinco minutos, de um mercado para outro, procurando as coisas necessárias para fazer um dos pratos preferidos por ela, canelone de berinjela. Ao voltar ao apartamento, descasquei as berinjelas, cortei-as em rodela finas ao comprido, coloquei as rodela sobre toalhas de papel e salguei-as (para tirar a umidade), virei-as e repeti o procedimento no outro lado; fiz um molho com tomates frescos (descascados e sem sementes, claro) e montes de alho; empaneí as rodela de berinjela com farinha, tempero verde e fubá, fritei-as em azeite de oliva, escorri o excesso e enrolei as rodela com ricota dentro, como canelone; coloquei os rolinhos num tabuleiro untado com manteiga, cobrindo-os com o molho, mozarela, queijo romano fresco ralado e mais tempero verde, e botei no forno; fiz uma salada de espinafre (rico em cálcio) e pela primeira vez arrumei a mesa para nós na sala de jantar. E acendi velas.

A coisa toda tinha levado horas, e Ellen ficou perambulando na sala de jantar meio perdida, pálida e cansada. Quando começou a comer ela se animou um pouquinho e passou a contar-me sobre seu dia em Knightsbridge. Descobrira uma bela igreja numa rua lateral da Brompton Road, perto de Brompton Square, e ficara sentada no interior por um tempinho, esperando uma chuvarada passar. Um casal maduro, que estava ajoelhado num banco próximo do altar da igreja, terminou de orar e levantou-se para sair; ela disse que eles lhe fizeram lembrar tanto seus pais mortos que quase ficou sem fôlego. Disse que pensou que o casal tinha vindo à igreja orar porque estava atravessando alguma provaçã especialmente difícil — um filho doente, ou talvez graves problemas financeiros. Ellen disse que a mulher olhara para ela ao

sair e sorria tristemente, e que ela quis ir atrás deles dizer como se pareciam com seus pais — quis fazer isso, mas naturalmente não conseguiu, o que evocara-lhe dúzias de vacilações semelhantes, fracassos na tentativa de relacionar-se decorrentes de algum medo indefinido, ou de timidez. Ela teve certeza de que algo idêntico aconteceria com Flora no novo livro, e que isso seria significativo de alguma maneira, seria o elemento que a conduziria a alguma decisão importante.

Enquanto jantávamos, fomos surpreendidos pelo telefone. Ellen olhou para mim, desapontada e apreensiva. Tendo já dado conta da berinjala, eu sabia que podia também meter o braço numa chatice eletrônica; levantando-me da cadeira, eu disse com minha voz mais viril: "Eu atendo." Era Mimi Sho-pan, dizendo que tinha algo que achava estaríamos interessados em ver e perguntando se seria possível que nos reuníssemos com ela e Ray na manhã seguinte para tomar o café no restaurante do hotel. Eles planejavam comparecer aos serviços matinais da igreja e estariam no andar térreo por volta das dez e meia. Aceitei sem demora.

— O que você acha que é? — disse Ellen, quando voltei à mesa.

— Imagino que ela descobriu algo sobre o acidente que estiveram contando. O que aconteceu aqui no hotel, seja o que for.

— Ah, sim — disse Ellen logo, estranhamente formal. — Provavelmente você está certo.

— Quê? — perguntei.

— Que o quê?

— Algo errado?

— Nada — disse ela. — E só que de repente estou totalmente exausta. Acha que poderíamos dar uma enxaguada nestas coisas e deixar tudo para amanhã?

Essa era a forma de Ellen sinalizar, após um jantar romântico, que fazer amor estava fora de cogitação, e senti um imenso alívio temporário. A intromissão de Mimi Sho-pan trouxera-me à lembrança todo o enorme espectro do Estranho Caso do Hotel Willerton, e me senti arrasado. Com todos os meus esforços por conseguir que Ellen se alegrasse, eu havia esquecido por pouco tempo aquela coisa mais oculta no cerne da minha vida atual. Ao dar uma olhada no alto retângulo negro da janela da sala de jantar, pensei nos programas de criaturas pavorosas da minha infância, e me lembrei de um menino, sozinho (embora felizmente) numa manhã de sábado, esparramado no piso da sala de estar de uma casa de fazenda, embevecido, transportado pelo exótico magnetismo de seu íntimo amigo Bela Lugosi, todo coberto de pó branco e de peruca brilhante, entoando: Durma... durma... durma.

doze

NA MANHÃ DE DOMINGO eu acordei com um pequeno filme passando na minha cabeça, no qual um homem (eu) crê ouvir vozes vindo de algum lugar num andar de baixo no seu hotel londrino e desce para investigar. Eu me vi vestindo uma calça jeans e saindo do apartamento sem fazer barulho, me vi na escadaria, intensamente iluminada pelo sinal de Saída, parando um momento para escutar as vozes mais uma vez. Ao percorrer o corredor de baixo, olhei em três quartos diferentes, e tendo sabido por Hannah que o terceiro andar estava em reforma e ainda não fora mobiliado, vi o que esperava ver — quartos vazios. Mas agora, ao relembrar tudo aquilo como me visse num filme, uma imagem apoderou-se do Um Rosto na Janela meu olho mental, a imagem de algo que eu vira em um dos outros quartos: um grande objeto de ombros quadrados, coberto com um trapo manchado de tinta, metido dentro de um vão reentrante.

Ellen ainda dormia. Embora afirmasse estar exausta na noite passada após o jantar, ela tinha ido deitar com seus cadernos e sua pasta, tirado um lápis vermelho e um mapa de Londres e iniciado o tipo de metódica revisão que geralmente produzia um itinerário ou dois e às vezes um horário. A lâmpada dela ainda estava acesa quando eu caí no sono. Sonhei com elevadores — especificamente, um emocionante tipo de elevador sem paredes ou teto, uma plataforma que se movimentava rapidamente chamada "Vertigo" (ou Verti-Go"), ao parecer projetada por um menino. Em duas ocasiões durante a noite senti o que supus ser Ellen, na cama comigo, começando a brincar, mas aí acordei e a vi do outro lado da grande separação, adormecida em sua própria cama. E uma vez, antes de tornar a dormir, eu a ouvi tentando gritar num sonho, o gemido lúgubre e esganiçado preso no fundo da garganta.

Dessa vez pulei mesmo de debaixo das cobertas e vesti uma calça jeans. Como o homem no filminho, de fato escapuli para fora do apartamento e descii a escadaria até o terceiro andar; realmente achei um quarto com um vão reentrante, um quarto grande, belo e vazio, com paredes brancas, assoalho de madeira clara e duas janelas altas e luminosas; uma escada de mão estava encostada preguiçosamente contra uma parede, e na borda de um vão reentrante, debaixo de seu arco longo e elegante, havia algo coberto com um pano contra respingos. Sentindo-me estranhamente obediente (embora eu não saiba exatamente ao que ou a quem estava obedecendo), aproximei-me devagar. Peguei uma ponta do pano entre os dedos e comecei a puxar. Era um Bechstein, um piano vertical, de madeira envelhecida, tão escura que parecia quase preta, com teclas rachadas e de bordas amareladas, do tipo que parecia sugerir a necessidade de atendimento odontológico.

Senti algo parecido com euforia — suponho que porque o piano era o primeiro objeto sólido, o primeiro esteio material no meu melodrama secreto. Ele fornecia substância a esses acontecimentos, literalmente, e com isso, ao narrá-los, havia algo para apontar, algo para mostrar.

Ou foi o que eu pensei, um tanto temporariamente. A dúvida começou a instalar-se assim que comecei a subir os degraus para voltar ao apartamento: O que a existência real do piano provava? Eu ainda era a única pessoa que tinha ouvido a música. Na verdade, a sua existência concreta não fazia senão confundir mais as coisas, porque se o piano estava sendo tocado — quer por forças normais ou supranormais — não deveria ser ouvido por qualquer pessoa com ouvidos funcionando? O Bechstein nada provava, era evidência de nada.

Ao chegar ao patamar superior eu virei, desci os degraus de novo e voltei ao terceiro andar, já duvidando se eu tinha visto o piano apenas momentos antes.

Mas lá estava ele, em pé no outro lado do quarto branco, sorrindo bobamente. Eu me aproximei, fechei a tampa do teclado e cobri o piano novamente com o pano. Ao fazer isso, experimentei a profunda tristeza que sentira dias antes na sala de estar defronte do restaurante do hotel, no andar térreo. Fui atraído para a janela, me aproximei e fiquei junto a ela, olhando para fora, embora não houvesse nada especial para ver: outras casas, outras janelas, a neblina do início da manhã, nenhuma pessoa, alguns pombos num peitoril de granito do outro lado da rua, um pequeno quintal cheio de bicicletas ali embaixo. E mais uma vez o meu senso de tempo e espaço tornou-se impreciso — sem nada que me fixasse a uma identidade específica, a uma vida específica — e a atração da janela pareceu a de um alçapão de escape, uma saída; estando ali senti o infortúnio de prisioneiro que sentira antes. A mesma presença invisível às minhas costas, o mesmo impulso para chorar. De repente, eu estava inegavelmente abatido pela aflição, sem saber a sua causa.

Depois de quase um minuto nesse estado, eu me libertei e saí do quarto.

Voltei ao andar de cima, entrei no apartamento e fui para a cozinha para ligar o fogo da chaleira. Mas a chaleira já estava ligada. O meu amigoso colaborador, o meu par de mãos extra, estava à altura de seus (dele ou dela) truques, e entendi a repetição desse fato trivial como um princípio adequado para a história que tencionava contar a Ellen.

Fui ao quarto, onde a encontrei ainda dormindo. Sentei na cama perto dela. Assim que toquei seu ombro, ela virou-se e olhou para mim. — Bom-dia — disse, sonolenta.

— Quer dar uma chegadinha na cozinha? — indaguei.

— Por quê? — perguntou ela.

— Só venha, está certo? Tem algo que quero lhe mostrar.

Peguei a mão dela e a levei pelo corredor, passando pela sala de jantar, a sala de estar, até o vão da porta da cozinha. Ela usava a camisola de estampa de tigre, e seu cabelo lhe caía sobre o rosto; parecia alguém saído de *La dolce vita*. Ficamos olhando o interior da cozinha. Eu ainda segurava a mão dela. Apontei para a chaleira, que começava a fazer o seu barulho indicativo da iminente ebulição. — Olhe — pedi eu.

— Olhar o quê? — perguntou.

— A chaleira.

— Que é que tem com ela?

— O fogo está ligado — disse eu — e eu não o liguei.

Ela retirou o cabelo da frente dos olhos, soltou minha mão e começou a esquadrihar meu rosto como se fizesse um exame médico — procurava sinais de trapaça. Em seguida, ela disse: — Cook, o que está tentando me dizer? Eu sei que você não ligou o fogo da chaleira.

— É isso que estou tentando lhe dizer — insisti. — O fogo da chaleira está ligado, e eu não o liguei.

Com voz impregnada de patos, ela disse: — Cook, eu liguei o fogo da chaleira. Qual é a sua?

— Você ligou o fogo da chaleira?

— Sim.

— Você estava dormindo.

— Ora, eu acordei. Acordei e liguei o fogo da chaleira.

— Quando?

— Quando você estava no banheiro — indicou ela.

— Eu não estava no banheiro — salientei.

— Não estava? — perguntou ela. — Então onde estava?

— Quando?

— Quando eu liguei a chaleira, apenas cinco minutos atrás.

— Deixe-me esclarecer isso — disse eu. — Você estava adormecida. Você acordou. Você ligou a chaleira. Você voltou para a cama.

— É isso aí — ela disse. — Eu pensei que você estava no banheiro. Não entendo o que está tentando me dizer.

Encolhi os ombros, completamente desnorteado. — Nada — suspirei. — Não ligue.

Ela chegou perto de mim e cheirou meu pescoço e meus ombros. — Está se sentindo bem esta manhã?

— Estou sim — assegurei. — Suponho, no entanto, que não estou totalmente desperto.

Ela me beijou na bochecha, entrou na cozinha e tirou a caixa de chá de um armário. Ao virar-me e voltar para o corredor, ouvi ela murmurar algo consigo mesma, mas não entendi as palavras.

treze

QUANDO CHEGAMOS, os Sho-pan, além de Pascal, já estavam sentados a uma grande mesa redonda no canto da sala de jantar mais distante das janelas do jardim. Eu não tinha especial receio com relação a este encontro — pelo contrário, estava ansioso por ele — mas (talvez com espírito pavloviano) contei distraidamente o número de losangos na porta pantográfica do elevador (noventa e quatro) e o número de portais (seis) porque Ellen e eu passamos no percurso do elevador à sala de jantar. Logo vi Que Pascal, como eu, vestira terno e gravata para o café da manhã. Autêntico francês, ele estava excepcionalmente bonitão nas suas roupas, e eu me perguntei se, como eu, ele se arrumara tendo os Sho-pan em mente (eles eram o tipo de pessoa para quem a gente se veste). Ao aproximarmos da mesa, Pascal abriu um sorriso para nós do outro lado da sala, ainda que continuasse a escutar, inclinando ligeiramente a cabeça, algo que a Sra. Sho-pan lhe falava no ouvido. Só quando ele se pôs de pé os Sho-pan notaram a nossa presença; sentados lado a lado, eles viraram suas cabeças simultaneamente, como se elas estivessem conectadas a um único mecanismo, e pareceram estupefatos ao depararem com Ellen e comigo tão perto da mesa. Percebi que o Sr. Sho-pan teve dificuldade para levantar-se, tendo atingido a sua plena estatura quando Ellen e eu já estávamos sentados.

Ele mostrou-se muito satisfeito com Ellen e seu suéter de caxemira cor creme — como fez a Sra. Sho-pan, que continuava a observar Ellen tão fixamente depois de nos sentarmos que Ellen inclinou-se para a frente, estendeu seu braço por cima da mesa, oferecendo-lhe a mão, e disse: "É muito bom ver você de novo." As duas mulheres descobriram que uma estava fora do alcance da outra, e apenas tocaram-se as pontas dos dedos e riram.

Enquanto servia chá para Ellen e para mim, a Sra. Sho-pan disse: — Ray está com dor de cabeça.

Ela disse isso tão conclusivamente que eu quase pensei que fosse a resposta a uma questão já previamente discutida por todos e que exprimia o objetivo do nosso encontro.

O Sr. Sho-pan estava extremamente pálido quando olhamos para ele, mas então percebi que todos estavam extremamente pálidos — algo que tinha a ver com a enorme série de portas envidraçadas na sala de jantar, com a grande parede de luz natural e o jardim cheio de neblina.

Ellen disse: — Oh, eu sinto muito — como se tivesse culpa pela dor de cabeça, e o Sr. Sho-pan apertou-se o rosto e sacudiu a cabeça insistentemente, aparentando dor. Supus que ele queria descartar a sua dor de cabeça como tópico de conversa, mas a Sra. Sho-pan não estava ainda disposta a pôr o assunto de lado.

— Não tem jeito — disse ela. — Tem que esperar que ela vá embora. Ele pega essa dor todas as manhãs de domingo na igreja, e ela geralmente passa logo após o café da manhã.

Ellen sugeriu que o Sr. Sho-pan comesse algo antes da igreja, e a Sra. Sho-pan disse que ele sempre comia alguma coisinha, que a solução ao problema não era assim tão simples; Ellen indagou se usavam incenso durante o serviço religioso, e a Sra. Sho-pan disse que às vezes sim, às vezes não, mas Ray ficava com dor de cabeça de um modo ou de outro; Ellen perguntou que tipo de vinho era usado para a Comunhão, e a Sra. Sho-pan disse que era xerez, mas o xerez em casa nunca deixava Ray com dor de cabeça, e assim por diante.

Achei desagradável esse começo e lamentei a participação que cabia nele a minha esposa. Além do

mais, eu estava sentado ao lado do Sr. Sho-pan, de sorte que ele e eu éramos uma dupla entre as duas mulheres, que falavam dele como se ele fosse invisível. Talvez por essa razão (porque estávamos juntos e éramos homens) senti que devia defendê-lo contra aquele menoscabo feminino, mas quando virei para ele vi que estava que nem gato em caricatura, assistindo a um jogo de tênis, completamente fascinado. (As duas mãos ainda apoiadas, como patinhas, na borda da mesa, onde colocara-as um minuto antes ao tomar assento novamente.) Através da mesa, olhei para Pascal, cujo rosto adquirira aspecto vítreo; os músculos de seu pescoço incharam quando ele engoliu um bocejo, e nesse momento fomos salvos pelo garçom, que pegou os nossos pedidos para o café da manhã.

Felizmente, logo que o garçom acabou e foi embora a Sra. Sho-pan apresentou a sua surpresa sem mais cerimônia. Ela agachou-se para alcançar o que deve ter sido uma sacola no chão e pegou uma grande folha de papel, dobrada ao meio. Sem desdobrá-la, ela a entregou a Ellen — não a mim — dizendo: — Eis aí. Não é admirável?

— Oh, Cook — disse Ellen, ao começar a examinar o papel —, é bem o que você pensava. Olhe...

— O meu amigo bibliotecário me encaminhou a Colindale — disse a Sra. Sho-pan, debruçando-se com entusiasmo, dirigindo seus comentários a Ellen. — E lá onde guardam os jornais, sabe, em Colindale. Passei quase todo o dia de ontem lá, e acho que nunca me diverti tanto. E custa apenas meia libra por página. Não é notável que venha assim em tamanho verdadeiro?



O que tinha vindo em tamanho verdadeiro e custado meia libra era uma reprodução de uma página do Daily Mirror de julho de 1936. Pude ver que a Sra. Sho-pan desenhara um círculo vermelho assimétrico em torno do cabeçalho em negrito acima de uma curta coluna no meio da página — "Queda enigmática deixa dois mortos" — mas da minha posição panorâmica de segunda classe eu não podia ler coisa alguma.

O Sr. Sho-pan esticou-se todo na minha frente, bateu com seu dedo indicador três vezes dentro do círculo vermelho e disse: — Veja só; ele a empurrou. — Depois tornou a sentar-se bem reto na sua cadeira, tomou um gole de chá, colocou a xícara no pires e acrescentou. — Precisamente como eu disse.

— Sim, Ray, você disse, sim — concordou a Sra Sho-pan logo —, mas não há evidência alguma de nada disso. Você também disse que o nome deles era Jenkins, mas era Jevons. Agora deixe que eles mesmos vejam.

Pascal e eu nos levantamos das cadeiras e nos acercamos em torno de Ellen, cada um lendo por cima de um ombro dela. Logo depois, Pascal empacou no primeiro parágrafo, apontou para a página e disse.

— O que isto significa, "produtos de armarinho?"

Ellen explicou que "produtos de armarinho" eram tecidos, roupas prontas e coisas assim.

A primeira leitura na mesa do café da manhã foi apressada (para não dizer voraz), mas obviamente eu tive ocasião de estudar a matéria mais tarde. O autor descrevia o incidente como uma "tragédia ocorrida de manhã cedo", um "acidente esquisito" e uma "desgraça chocante" que deixara os vizinhos "estupefatos e desconcertados".

Um homem adulto, identificado como Walter Jevons, 41 anos, morreu por volta das 5 da manhã de domingo ao cair de uma casa num "discreto" bairro perto da Sloane Square. Junto ao homem foi encontrado o corpo de uma criança, também vítima aparente de uma queda da mesma janela do quarto andar. A criança foi identificada como Victoria Jevons, 14 anos, sobrinha de Walter Jevons. Os corpos foram descobertos pouco depois das 5 horas por um ferroviário a caminho do serviço na Estação

Victoria, e não houve testemunhas do incidente. A casa da qual as vítimas tinham caído pertencia a H. E. Jevons, irmão do homem morto e pai da criança. Comerciante de produtos de armarinho, viúvo, H. E. Jevons estava fora no momento do acidente, a serviço em Liverpool. O pai, muito abalado, chamado a Londres, disse às autoridades que compartilhava a casa com seu irmão mais novo, Walter, a cujo cuidado costumava deixar a menina sempre que viajava. No mais, Jevons não tinha sido capaz de lançar luz alguma sobre as circunstâncias do acidente.

A matéria registrava os diversos depoimentos de vizinhos, inclusive uma mulher que afirmava ter ouvido o que achava ser Um grito de mulher pouco antes das 5 horas.

Ela olhou pela sua janela, no lado da rua de seu apartamento de quarto andar bem defronte da casa dos Jevons, mas ao não ver nada singular voltou para a cama. Um outro vizinho disse que a casa dos Jevons era "azarada", aparentemente aludindo a um incêndio que destruíra dois quartos do terceiro andar havia apenas um ano. Vários vizinhos (formando o habitual coro grego que comparece ao cenário de tragédias como aquela, recitando as frases corriqueiras), descreveram os Jevons como uma família pacata que vivia no seu canto. Ninguém, ao que parece, conhecia-os bem. O "lamentável incidente" estava sendo investigado pela polícia.

E era só aquilo. Voltei para a minha cadeira. Pascal continuou a ler por cima do ombro de Ellen por um momento, e depois ela sorriu-lhe, entregando-lhe a cópia para que ele a levasse consigo ao voltar para seu lugar.

Ellen me olhou, aparentemente esperando pela minha resposta. A Sra. Sho-pan também parecia estar esperando, embora de modo agressivo, encurvando suas sobranceiras acentuadamente.

Por fim, eu encolhi os ombros e disse: — Mas certamente tem de haver um artigo dando continuidade.

Ao que a Sra. Sho-pan, que tinha mais senso teatral do que eu imaginara, exibiu uma segunda e idêntica folha de papel, igualmente dobrada ao meio, que passou para Ellen por cima da mesa.

Lá estava eu de novo em pé, lendo por cima do ombro de Ellen, acompanhado logo por Pascal.



Quatro dias tinham se passado entre as duas reportagens. Ainda pouco se sabia a respeito da horrível ocorrência do domingo anterior perto da Sloane Square. Alguns novos detalhes físicos: no momento da morte Victoria Jevons estava com roupa de dormir, ao passo que seu tio vestia roupa para sair; a garota usava um medalhão pendurado de uma corrente no pescoço, contendo um retrato de sua mãe morta; nessa mesma corrente de ouro pendia uma pequena chave de ouro, do tipo usado em fechaduras de porta-joias, mas nenhum porta-joias tinha sido encontrado. No quarto de dormir da garota, no quarto andar (do qual as vítimas aparentemente caíram), a polícia descobrira alguma evidência de uma briga — um abajur derrubado, um tapete amarrotado — e algumas manchas na esquadria da janela aberta, as quais, infelizmente, eram "inconclusivas" segundo a própria polícia.

Quando entrevistado, H. E. Jevons definira o relacionamento entre seu irmão e sua filha como afetuoso e descrevera Walter "como um segundo pai" para a garota. Mas vários vizinhos (alguns a contragosto) revelaram que Walter Jevons bebia. Proprietários de um bar do bairro lembraram uma recente rixa entre Jevons e um turista escocês desconhecido, na qual Jevons, bêbado, ficara "violento sem motivo".

Não tinha sido achada nenhuma evidência que indicasse a presença de uma terceira pessoa no quarto de Victoria, de algum intruso. As únicas pessoas que poderiam "desvendar verdadeiramente" as circunstâncias exatas do que acontecera estavam mortas. A polícia não "tinha esperanças" de obter

maiores esclarecimentos.

Mais uma vez, Pascal, ficando para trás na sua leitura, voltou para seu lugar com a folha para acabar de ler. E mais uma vez eu tomei assento e observei os silêncios expectantes de Ellen e da Sra. Sho-pan. Percebi que o Sr. Sho-pan, durante todo o tempo e naquele momento, parecia estar muito longe no pensamento, fechando e abrindo os olhos lentamente, como se mantivesse um pé ali e outro no obscuro lá, onde quer que esse lá fosse. (Pode ser que ele estivesse simplesmente cuidando da sua dor de cabeça.) Também notei que a Sra. Sho-pan segurava no seu colo a mão serena e macia do marido.

Desta vez, Ellen foi a primeira a falar. — Muito bem — disse ela —, é óbvio que a chave era de um diário — e a Sra. Sho-pan, encantada, jogou a cabeça para trás.

— É claro que era de um diário — disse a Sra. Sho-pan, mais uma vez inclinando-se em direção a Ellen. — Um diário que, atrevo-me a dizer, foi destruído antes que a polícia pudesse achá-lo. Certo?

— E quem você acha que destruiu o diário? — perguntou Ellen com a inflexão rítmica de um enigma de criança.

— Ora pois, o pai, claro — respondeu a Sra. Sho-pan.

— Você está certa — disse Ellen.

— O pai — disse o Sr. Sho-pan, assentindo e mostrando quantidade de dentes brancos.

Pascal levantou os olhos da sua leitura e perguntou a Ellen: — O que foi que você disse? O pai?

— A chave — disse Ellen — a chavinha de ouro que acharam pendurada no pescoço da garota... era do diário dela, está entendendo? E a razão pela qual o diário jamais foi encontrado é que tinha sido destruído pelo pai.

— Como é que você sabe isso? — perguntou Pascal.

— Porque ela sabe — disse a Sra. Sho-pan. — Porque eu também sei. É a única chave que uma mocinha guardaria com tanto cuidado. Seus pensamentos mais íntimos. Seus segredos mais dolorosos.

— Mas por que o pai teria destruído o diário? — perguntou Pascal, sério e prático.

— Porque alguma coisa nele era muito desabonadora para a sua família — disse Ellen. — Porque ele não ia querer que o conteúdo do diário, qualquer que fosse, se tornasse público.

— Ah — disse Pascal. — Acho que entendo. E o que era aquilo... aquilo que ele não queria que se tornasse público?

— Pois é, para isso será preciso refletir um pouco — disse Ellen, olhando para a Sra Sho-pan.

Obviamente a pobre garota estava sendo maltratada — disse a Sra. Sho-pan imediatamente.

Pelo tio — disse Ellen.

Ele... começou a falar o Sr. Sho-pan.

Nós sabemos, Ray — interrompeu a Sra. Sho-pan. — Você acha que o tio a empurrou. Sim — disse ela, virando para Ellen mais uma vez —, maltratada pelo tio. E talvez também pelo pai.

— Certamente essa seria a minha primeira hipótese — disse Ellen. Mas e se tiver sido algo mais inesperado, mais surpreendente do que isso?

— Desculpe — disse eu, totalmente revoltado com essa brincadeira. — É isso aí?

— É isso aí o quê? — perguntou Ellen, a única que pode ter detectado algum tom de repreensão na minha voz. Estou perguntando à Sra. Sho-pan se tem ou não outras notícias.

— Oh — disse a Sra. Sho-pan. — Não. Não achei mais nada. Nada além de uma breve menção ao incidente num artigo sobre outra coisa. Um roubo no mesmo bairro uma semana depois. Sem relação alguma. O artigo simplesmente ressaltava que era o mesmo bairro. Como a sugerir que muitas coisas ruins estavam acontecendo ultimamente no bairro. Era o nosso bairro, Ray, na é? Este bairro. E engraçado pensar nisso. Ray, a loja roubada foi a casa de flores, na esquina, você se lembra? Eu me lembro, sim, que havia uma casa de flores na esquina. Depois de todos esses anos. Costumava ter um pé de hibisco vermelho brilhante na vitrine da loja. Num vaso de cerâmica. Flores papiráceas vermelhas e brilhantes, belas quando eu era menina. E longos, longuíssimos estames projetando-se como trombetas.

Agora tem uma loja de sanduíches lá. E já tem sido também muitas outras coisas desde então.

— Maltratada? — perguntou Pascal. — Batiam nela, quer dizer.

— Talvez — disse a Sra. Sho-pan com expressão sonhadora, possivelmente ainda pensando em flores de hibisco — Talvez batessem nela.

Então pareceu que ela se livrou daquilo e acrescentou: — Não, nenhuma outra notícia. Mas veja, é muito melhor assim. Na verdade, o melhor no assunto é isso. Porque o mistério permanece até hoje. Um mistério a ser resolvido. — E dirigindo-se a Ellen — Eu sabia que você ia achar isso fascinante.

— Você não se deparou com nenhuma menção a um garoto? — perguntei.

— Um garoto? — disse ela. — Que tipo de garoto?

— Um garoto na família — disse eu.

A Sra. Sho-pan olhou para o marido virando-se para ele e apertando-lhe a mão, agora com ambas as mãos a expressão dela parecia mostrar que eu tinha dito algo desagradável. Não me lembro de garoto algum — disse ela finalmente. — Você se lembra de algum garoto, Ray?

— Um garoto? — disse ele.

— Um garoto na família — confirmou ela. — Um garoto na família Jevons.

— Jevons? — perguntou o velho.

— Sim, Ray — disse ela. — Na família Jevons. Um garoto. O Sr. Selway quer saber.

O Sr. Sho-pan fechou os olhos. De repente eu percebi a algazarra de talheres, baixela e riso humano na sala de jantar. Todos estávamos olhando para o Sr. Sho-pan, e ocorria aquele barulho todo na sala de jantar. E atrás dele, muito mais ao fundo, para lá de todas as outras mesas e dos comensais, a neblina no jardim. Em meio à neblina, virtualmente imperceptíveis, duas figuras agitavam-se, quase como prisioneiros andando em círculos num pátio de recreação murado.

O Sr. Sho-pan começou a sacudir a cabeça, primeiro lentamente, depois mais rápido.

— Não — disse a Sra. Sho-pan. — ele não sabe de nenhum garoto.

— Que garoto, Cook? — perguntou Ellen. — Do que é que você está falando?

— Bem, é que... — disse eu, engasgando e clareando a garganta. Olhei para Pascal, cuja testa estava ridiculamente franzida.

— Monsieur — ele me disse. — Quer que eu...?

Era evidente que ele não fazia ideia de onde a sua pergunta conduzia (embora ela pudesse ter viajado quilômetros na sua sinceridade), e sendo assim, não prosseguiu.

— Cook? — insistiu Ellen, pondo a sua mão sobre o meu antebraço, e para o meu pasmo e o de todos os demais, eu me vi sentado num restaurante público em terra estrangeira, homem de meia-idade entre pessoas na maioria estranhas, com lágrimas escorrendo por minhas bochechas.

Não posso explicar por que comecei a chorar. Já tinha soltado algumas lágrimas no dia anterior, na Ponte Battersea, vendo Pascal no barco. Se eu fosse psiquiatra provavelmente diria que foi um pouquinho de regressão. A mesa eu me senti mesmo como um menino incompreendido, senti mesmo a solidão e a sensação de isolamento e desespero do menino incompreendido. (Durante o período da minha vida em que minha mãe me vestia como menina e me fazia brincar com bonecas, eu chorava muito; eu não sabia então por que chorava com tanta frequência, embora agora veja isso como um sinal exterior de um problema secreto interior, o involuntário pedido público de ajuda de uma criança.) Eu acho chorar tão difícil quanto a maioria dos homens adultos, e creio sentir o conflito que a maioria dos homens adultos sente a esse respeito — um apreço pelo efeito esclarecedor das lágrimas, pelo modo como elas de certa forma fazem a gente sentir-se restaurado no seu verdadeiro eu, e como ser restaurado no seu verdadeiro eu é humilhante para um homem. A minha teoria pessoal é que a maioria dos homens passa boa parte de sua vida fingindo ser alguém que eles não são, porque foram levados a sentir que há algo de intrinsecamente degradante em serem quem verdadeiramente são. Em todo caso, quando comecei a chorar lá, sentado à mesa, acho que senti um pouco dessa coisa esclarecedora, restauradora, e o eco de todo

pranto do passado, mas além disso senti uma ligação emocional com o desassossego e a angústia que experimentara na sala de estar, no outro lado do corredor, e posteriormente no apartamento vazio do terceiro andar.

Ellen tinha tirado a mão do meu antebraço, de certo modo um gesto respeitoso. Através das lágrimas, pude captar a reação de todos ao mesmo tempo: Ellen constrangida, preocupada; Pascal confuso; o Sr. Sho-pan completamente impassível; a Sra. Sho-pan compenetrada.

Ellen ia me passar seu guardanapo, mas eu levei ao rosto o meu próprio.

— Tenho algo a dizer — disse eu. — Desde que chegamos a este hotel, tenho tido algumas experiências. Experiências muito definidas de... não sei... pessoas. Pessoas que moravam aqui. E do lugar em si, de como era... as paredes e portas em lugares diferentes. Duas das pessoas que encontrei parecem ajustar-se à descrição...

— Encontrou? — disse Ellen, rindo nervosamente. — Encontrou?

— Sim — disse eu. — Encontrei. Duas das pessoas que tenho encontrado...

quatorze

POR ESTRANHO QUE PAREÇA, uma vez que dei início ao relato do Estranho Assunto do Hotel Willerton, ele veio fluentemente — falei sobre a música de piano no elevador, sobre o meu encontro com a mocinha na sala de estar, sobre as inexplicáveis mudanças no apartamento, a chaleira, o bêbado barbudo na cama, e finalmente sobre James; não mencionei nada sobre meu sonho comatoso, sexo, sangue ou arranjos de alho na pia da cozinha — e por mais que tentasse dar àquilo a forma de uma confissão, por mais que lançasse mão de oportunidades no decurso para salientar meus graves defeitos de caráter, a minha natureza obsessiva, meu sigilo desavergonhado, todos só se importavam com a narração em si; não estavam nem um pouco interessados em mim. Claro que isto é o que todo narrador quer em última análise, que a sua obra lhe roube a cena, mas ainda assim não pude evitar sentir-me um pouco menosprezado. Como perversa consolação minha mente esperta forneceu, enfiada em toda pausa, cada vez que tomava fôlego, uma intromissão recorrente para o meu prazer pessoal, fragmentos de uma espécie de impertinente balada de cabaré, cheia de desejos: eu desejava ter nascido de pais fisicamente atraentes e educados que vivessem em algum lugar como Filadélfia ou Georgetown, que lessem livros, fossem ao teatro e oferecessem jantares; desejava que meu pai tivesse sido, em vez de um fazendeiro e assassino, um professor universitário e defensor dos direitos civis, e que minha mãe, em vez de arrastar-se de quatro pelo banheiro de uma casa de fazenda, esfregando a banheira e a privada com Ajax, gemendo com a dor de seus quadris e ombros artríticos, tocasse violino e cultivasse rosas; desejava que tivéssemos tido um lugar de veraneio num lago, e uma casa de barcos; desejava que quando adolescente eu pudesse ter voltado do campo com a minha rede de pegar borboletas apoiada no ombro sem sentir que era uma ridícula decepção para toda a minha família; desejava não ter ficado bêbado antes da peça do último ano de faculdade (A morte tira férias) e não ter representado meu papel (Eric) do princípio ao fim totalmente passado; desejava não ter vomitado no Camaro emprestado por meu irmão a caminho de casa. Eu entendia que esses não eram os desejos de uma criança, mas os de um homem adulto que em algum sentido importante não conseguira sair da infância.

Até que ponto este tema melancólico afetou o meu relato à mesa do café da manhã, eu não sei ao certo. Lembro-me de ter olhado repetidamente para Pascal, devido a sua lealdade encorajadora, e de um momento patético quase ao fim, mais ou menos assim: "Sei que provavelmente vocês estão achando que sou louco, que preciso consultar um médico, e que tem algo doentio e até moralmente reprovável em tudo o que estou lhes contando, mas não há nada que possam pensar a meu respeito que eu próprio já não tenha pensado de mim."

A isto a Sra. Sho-pan reagiu pestanejando lenta, pacientemente, e disse: — A garota realmente lhe disse seu nome?

É evidente que o meu foco certo teria sido Ellen. Aquela foi uma forma irrefletida de proceder a abrir o jogo com ela — em público, ao lado de Pascal e dos Sho-pan.

Com isso ela se viu forçada a reagir com uma audiência, o que foi injusto. Mas do jeito que as coisas aconteceram.. ora, simplesmente aconteceram: suponho que fui vítima das circunstâncias.

Quando terminei, pensei que ela nunca ia olhar para mim, e quando finalmente o fez, ela quase me derrubou com a resignação e a distância que refletia em seus olhos.

Pensei no nascimento de Jordie, em como esse evento tinha praticamente apagado os dois abortos, tanto que estes quase pareciam meras pedras no caminho para aquele milagre. Mas nada parecido tinha diminuído as recentes perdas dos pais de Ellen e de duas das melhores amigas, e a sua tristeza tinha sido interior e pessoal ao extremo. Ela tinha sido possuída por essa tristeza, de certa forma e, ocasionalmente, como agora no restaurante do hotel quando olhava para mim, ainda parecia possuída por ela. Pensei na profunda ferida causada nela pela perda, e ao mesmo tempo (talvez tentando estabelecer a minha própria posse) pensei em seus peitos cheios nos meses em que amamentava Jordie, em quando fazíamos amor e nos espetaculares arcos que o leite materno esguichado descrevia, indo cair perto dos nossos pés, no momento em que ela atingia o clímax. Pensei na pequena pinta marrom no umbigo dela, e no som de seu riso. Tudo isso — a tristeza e o romantismo — era a minha maneira de acrescentar detalhe ao que era um olhar essencialmente inescrutável nos olhos de Ellen, uma relutância de minha parte a deixar vago qualquer espaço que ela por acaso me oferecesse.

— Isto fica cada vez melhor — disse a Sra. Sho-pan. — Você trapaceou totalmente, Cookson, ao fingir que só se interessava por hotéis antigos. Se eu soubesse que estava caçando fantasmas, teria ido a Colindale ainda com mais avidez.

— Ele não quis assustá-la — disse Pascal, olhando para Ellen.

— Sim — eu disse, dirigindo-me a Ellen. — Eu não quis assustá-la.

— Eu sabia — disse ela por fim, dissuadida pelo meu constrangimento e talvez tentando salvar as aparências. — Claro que eu sabia. Você esteve a ponto de falar, Cook.

Eu não tinha todos os detalhes.

— Ray sabe alguma coisa sobre fantasmas — disse a Sra. Sho-pan. — Não é verdade, Ray?

— Não — disse o Sr. Sho-pan. — Não por enquanto.

— Ele não entendeu — ela nos disse. E depois: — Sobre fantasmas, Ray, eu disse que você sabe algo sobre fantasmas.

— Oh — titubeou ele. — Sim, fantasmas... pois é...

— Demos-lhe um momento — disse ela. — O que mais me interessa agora é a forma como você fala deles, como se fossem seres humanos comuns. É como você conseguiu conversar com eles tão desembaraçadamente como nós conversamos agora.

Pascal disse: — Você passou por alto a garota, Melanie — e eu me dei conta de que em toda a minha agonia quanto ao que era "real" e o que estava apenas na minha mente, esquecera completamente de que a jovem arrumadeira que tinha fugido do hotel apavorada não só encontrara Walter Jevons no apartamento como esboçara um retrato do homem.

Relatei rapidamente essa parte da história, e a Sra. Sho-pan disse: — Que excitante? O que fez com o retrato?

— Eu o queimei — disse eu, e ela olhou para Ellen com uma espécie de perfeita impassibilidade no rosto, que, suponho, disfarçava a simpatia.

— O homem com a bolsa de couro — disse o Sr. Sho-pan de repente.

— Oh, sim — disse a Sra. Sho-pan. — Onde foi isso, Ray? Na Cornualha? Naquela excursão à Cornualha?

— Não, não — disse ele. Tinha jogado a cabeça bem para trás, fechando os olhos apertados. — Foi em Gloucestershire Não na Cornualha. Não perto da Cornualha. Não Cornualha.

— Certo, Ray — disse a Sra. Sho-pan. — Não Cornualha, mas Gloucestershire. Deve ter sido pelo menos vinte anos atrás.

— Era Gloucestershire — disse ele. — Nós tínhamos feito reserva num hotel na primavera.

— Eu não — disse a Sra. Sho-pan. — Ele viajava com um grupinho de alunos.

— Um fim de semana tranquilo para mim e os meus alunos — ele disse. — Quente para ser primavera, muito quente para ser primavera. Tinha um velho sentado no salão, vestindo elegante terno

cinza, sentado em uma conversadeira completamente sozinho no salão. Olhando para a frente com jeito triste.

A seguir, o Sr. Sho-pan fez uma imitação do velho sentado na conversadeira, olhando para a frente com jeito triste — e foi uma imitação convincente, aparentemente não demasiado exagerada.

A Sra. Sho-pan teve de cutucar o marido para que ele parasse com aquilo. — Continue logo, Ray — disse ela docemente.

— Oh — prosseguiu ele. — Sim, muito bem. Nós íamos ver nossos quartos, instalar-nos e tudo mais, e encontrar-nos de novo no salão antes do jantar. Foi o que fizemos, e eu fui o primeiro a voltar, antes de todos os meus alunos, e o velho estava sentado no mesmo lugar onde o vira antes. Eu me aproximei e perguntei-lhe se estava esperando por alguém, e ele me disse: "Eles me deixaram esperando por uma maldita mesa esse tempo todo." Havia uma moça atrás do balcão no salão, a recepcionista, segundo supus. Perguntei a ela se a mesa daquele cavalheiro ficaria pronta logo. Ela me disse: "Que cavalheiro?", e eu respondi: "Ora, aquele cavalheiro bem ali", e ela falou: "Com licença" e foi buscar um indivíduo ruivo, o proprietário, segundo supus, no seu escritório. Esse sujeito ruivo me levou à parte, cochichando, em tom muito confidencial. Cochichando, ele disse: "Agora, não faça confusão...", e o tempo todo eu estava observando o velho cavalheiro pelo canto do olho. — (O Sr. Sho-pan repetiu, desta vez brevemente, a sua imitação do velho cavalheiro, com expressão triste no olhar.) — Ele estava vivo como você ou eu, estava sim. O proprietário me disse: "Agora, não faça confusão...", e num piscar de olhos o velho cavalheiro sumiu.

Desse jeito, sumiu com seu terno cinza. Tinha uma bolsa de couro com ele, e um guarda-chuva preto.

Isto foi sem sombra de dúvida o máximo que eu tinha ouvido o Sr. Sho-pan falar de uma vez, e pareceu deixá-lo cansado. Com a mão trêmula, ele pegou sua xícara, mas a encontrou vazia. Passou os dedos por toda a cabeça calva, como se estivesse animando-se com a lembrança de seu cabelo, ou como se tivesse ligado de alguma forma a sua falta à xícara de chá vazia. A Sra. Sho-pan, muito orgulhosa do desempenho narrativo de seu marido, despejou mais chá na xícara dele, dizendo: — E isso mesmo.

Ray sempre tem sido muito claro quanto a esses dois pontos: ele tinha um guarda-chuva preto e uma bolsa de couro. — Ela interrompeu por um momento, e depois acrescentou: — Logo, você vê, Cookson, que não é o único na nossa mesa que sabe algo sobre fantasmas.

Eu não tive certeza se este último comentário visava dar-me as boas-vindas a uma categoria respeitável ou se ela estava me censurando por achar-me tão especial.

— Eu nunca vi um — disse Pascal. — Não creio que tenhamos fantasmas na França.

— Não seja ridículo — disse a Sra. Sho-pan. — Ora essa, com todas aquelas guilhotinas? Eu me inclino a pensar que vocês têm os fantasmas mais assustadores de toda a Europa, coitadas criaturas acéfalas a errarem pelos campos.

Pascal pareceu envergonhado, e disse: — Eu esqueci.

— Com licença — disse Ellen bruscamente, e levantou-se para sair da mesa.

Peguei seu pulso, puxei-a para perto de mim. — Quer que eu vá com você? — sussurrei.

— Ao toucador? — disse ela suficientemente alto para todos ouvirem.

Os componentes da mesa pareciam ter algum entendimento tácito de que o assunto em tela não deveria ser discutido enquanto qualquer dos membros estivesse ausente.

Seguiu-se um silêncio de chá sorvido aos poucos, que talvez só eu tenha achado constrangedor. Subrepticamente, virei meus olhos para o jardim, para ver se lá acontecia alguma coisa. A neblina tornara-se mais brilhante — com efeito, ela parecia estar atingindo algum máximo de brilho em que não mais seria neblina, e sim pura luz — e as únicas figuras que pude distinguir nela foram um banco de pedra e uma pequena árvore ornamental. O garçom chegou e serviu nosso desjejum, fato oportuno no meu entender, porque mesmo que eu não tivesse apetite algum, teria algo a fazer além de bebericar chá. Pascal, comportando-se como um freguês mal-humorado — uma brincadeira entre ele e o garçom —

disse com arrogância: — *Et bien alors*, isto não é o que pedi. — O garçom, homem de meia-idade com costeletas brancas, puxou a orelha de Pascal, ambos deram gargalhadas (o que a Sra. Sho-pan pareceu desaproveitar) e todos começamos a comer. Ellen voltou logo, aparentemente tendo tomado algumas decisões no toucador. Puxando a sua cadeira, ela me dirigiu um olhar cortante e gelado.

— Oh — alegrou-se, parecendo surpresa com a comida. A seguir sentou-se, mas não pegou faca nem garfo.

— Coma, querida — disse a Sra. Sho-pan com ar de confiança.

— Sim — eu disse. — Coma, querida.

— Se Cook pode falar com estes... — Ellen começou —... sejam lá o que forem... presumivelmente poderia fazer perguntas. Nós iríamos saber o que realmente aconteceu naquela noite.

— Isso mesmo — disse a Sra. Sho-pan.

— Nós poderíamos descobrir quem empurrou quem — disse Ellen ao Sr. Sho-pan, comentário que passou despercebido para ele, embora a Sra. Sho-pan parecesse absolutamente encantada.

A Sra. Sho-pan pôs a mão em concha num lado da boca, o lado contrário ao de seu marido, e disse: — Ele já sabe.

— Nós poderíamos ir ao fundo de algumas questões — continuou Ellen.

Ela tinha voltado do toucador com um estoicismo ensaiado e estava tentando se abrigar em seu pequeno refugio utilitário. A qualquer momento, ia ajustar uma viseira na cabeça, tirar uma prancheta e um lápis vermelho e enfrascar-se nos seus mapas e listas. Eu acabava de soltar aquele grande animal medonho no meio da mesa do café da manhã, e Ellen estava procurando controlá-lo; o gesto dela, de assumir o controle, me era bastante conhecido, mas de repente eu percebi o juízo crítico e a superioridade que esse impulso encobria. Eu não achava que ela ligasse a mínima para o problema de quem tinha empurrado quem. Eu não achava que ela fosse propensa, por temperamento, a ligar a mínima para nada verdadeiramente misterioso. Não era a sua própria carreira um meio de administrar a ilusão de mistério, planejando cuidadosamente com mapas e gráficos codificados em cores onde as pessoas iam estar e onde as coisas aconteceriam, metódico, extremamente complicado, sem nenhum núcleo emocional? Não era aquilo uma estratégia vasta e elaborada visando aproveitar uma fera que ela temia intensamente: o grande desconhecido?

— Isso mesmo — tornou a dizer a Sra. Sho-pan.

— Poderíamos descobrir se estávamos certos quanto à chave — disse Ellen.

— E poderíamos saber quem o.... — começou a dizer a Sra. Sho-pan.

— Esperem aí — disse eu. — Vocês não entendem.

Minha esposa e Mimi Sho-pan, que cada vez pareciam-se mais com pássaros tagarelando na hora de comer, ficaram caladas. Eu tinha razão no que tinha dito, embora ainda não soubesse ao certo o que eles não entendiam.

Quando ficou claro que eu não ia acrescentar detalhes, a Sra. Sho-pan disse: — Eu acho que entendo: você está emocionalmente envolvido, e Ellen e eu não estamos sendo delicadas como é preciso.

Uma colocação bastante justa, até acurada, mas percebi no seu bojo mais alguma coisa: ela exprimira a aliança entre Mimi e Ellen, contra mim.

Imediatamente lamentei ter dito o que fosse a quem quer que fosse, e quis retomar tudo, devolver-lhe a privacidade que merecia, erguer um santuário em seu redor e cercar com arame farpado. Não tinha sido eu incumbido do cuidado das crianças e de todos os demais, e não tinha fracassado na minha incumbência? (Eu não percebi, ali na mesa do café da manhã, que meu pensamento estava dando uma estranha virada para tornar-se paranoico. Enquanto mantinha o sigilo, eu tinha estado sozinho; agora que havia contado o segredo, precisava achar uma forma nova e mais complicada de estar sozinho.) — Não é questão de delicadeza — expliquei. — Não é questão de eu estar emocionalmente envolvido.

Outra pausa: todos pararam de comer, depois continuaram comendo.

Por fim, Pascal disse: — Qual é a sugestão?

— A questão é... — eu comecei.

Então se deu uma pequena explosão na minha mente. Eu não chamaria aquilo de introvisão, era algo mais grandioso que uma introvisão, mais tridimensional que o pensamento, uma coisa quase sensual, e veio na forma física de uma imagem — o quadro que eu vira do homem caminhando com seu cão pela estrada rural.

Tive a impressão de poder cheirar a vinha às margens da avenida sulcada (por acaso vinhas têm cheiro?), as altas árvores nos dois lados cômicas na sua extrema esbelteza, e que podia sentir o calor do ar de verão na minha pele. Eu tinha visto esse quadro numa visão e num sonho — possivelmente o tinha visto também na vida real, sem prestar muita atenção; no sonho, eu tinha mesmo entrado nele; e agora ele parecia ter entrado em mim. Ouvi-me dizer, sem ter a mais ligeira ideia do que significava: — E uma questão de destino.

— Destino? — surpreendeu-se Ellen. Parecia um desafio.

— Sim — disse eu. — Destino.

E em seguida prossegui, cegamente: — Destino — repeti. — Aqui mesmo, nesta mesa. Essa conversa ridícula. Essa trama que vocês tentam fazer. Essa diversão com jornais velhos. Essa empolgação um tanto vulgar, se vocês não se importam que eu diga, com relação a algo que foi uma tragédia real nas vidas de pessoas reais. Nós temos algumas escolhas a fazer aqui, no entanto é como se estivéssemos externando escolhas já feitas por mais alguém. Nós somos, vejam bem, apenas o próximo elo nesta corrente, neste curso da sorte que inclui essas crianças e suas mortes prematuras. Quero dizer, esta é uma história sobre a filha de alguém que jaz morta na rua, mesmo que isso tenha acontecido sessenta anos atrás. Ela era filha de alguém, e tinha toda a vida pela frente. Em algum lugar nessa história existe um pai pesaroso.

Em algum lugar existe um...

Parei ali (e já foi tarde), porque a Sra. Sho-pan tinha segurado mais uma vez a mão de seu marido e olhava para ele como a dizer que lamentava profundamente que ele tivesse de aturar este bufão americano incorrigível, e vi os olhos do Sr. Sho-pan ficarem embaciados quando Ellen murmurou, ambigualmente, "Oh, Cook", e eu me senti estúpido, louco e trazido de volta à terra, ao menos por curto tempo, pela visão do velho, com seu guardanapo branco enfiado no colarinho da camisa, com saudades do filho.

quinze

DEPOIS DAQUELE CAFÉ da manhã, a minha descida rumo ao desastre estava essencialmente traçada; todas as atitudes necessárias tinham sido assumidas (pelo menos afetivamente), salvo uma — Pascal substituir-se a Ellen como meu companheiro.

Apesar de outros nobres discursos sobre a necessidade de lidar respeitosamente com meus fantasmas, o grupo decidiu que eu deveria persuadi-los e sondá-los o melhor possível. Eu deveria simplesmente pensar que estava conhecendo-os melhor — afinal, não estaria dando as coitadas criaturas uma oportunidade para desabafarem? Visto que o Sr. Sho-pan provara possuir o "olho vidente", ele deveria fazer uma ou duas visitas ao apartamento. Eu informaria sobre quaisquer fatos incomuns assim que ocorressem, e talvez Ellen pudesse cuidar de anotar tudo. Sob a liderança da Sra. Sho-pan, tudo ficou de certo modo como se fundássemos um clube, a Sociedade Fantasmagórica de Sloane Square.

Fingindo ar diplomático, não assumi compromissos, embora sem rejeitar de todo o plano; fui adotando um estilo cada vez mais floreado (às vezes em pentâmetro iâmbico) e, como Pilatos, lavei minhas mãos publicamente, pondo a questão nas do Destino; disse que não me seria possível persuadir de modo algum, mas se houvesse por acaso futuros encontros ("se o Destino achasse conveniente cruzar nossos caminhos de novo") eu veria o que podia apurar sobre Walter e H. E. Jevons e a garota. Intimamente, eu achava que James, quem quer que ele fosse, era, quem mais provavelmente falaria comigo. Eu disse que, naturalmente, Ellen e eu teríamos prazer em receber o Sr.

Sho-pan com alegria em qualquer momento, com qualquer propósito.

Despedimo-nos no salão da frente do hotel. As últimas palavras da Sra. Sho-pan para Ellen foram: "Sem dúvida, você deve vir ficar conosco querida." Eu ouvi por alto esse comentário, embora tenha sido dito em voz baixa (quase conspiratoriamente) e Pascal estivesse dizendo-me algo naquele momento, e vi pelo canto do olho quando Ellen agradecia à Sra. Sho-pan e beijava-a na bochecha. Depois nós três, Ellen, Pascal e eu ficamos por alguns instantes perdidos no salão — foi uma súbita intermissão quando ninguém tinha pensado em depois, os Sho-pan tinham ido embora e nós tínhamos de imaginar repentinamente o que viria a seguir. Pensei: Tudo bem, agora tudo está acertado, suponho que eu deveria subir e dedicar-me a persuadir os meus fantasmas. Achei que Pascal e Ellen me olhavam como se isso fosse o que cabia esperar de mim. Pascal me entregou as duas páginas copiadas do Daily Mirror, sorriu e encolheu os ombros. Eu disse "Ah" e "Obrigado". Alguém apareceu na porta do hotel e todos nos viramos para ver quem era, surpreendendo bastante a coitada da mulher idosa que era recebida tão maciçamente por seis olhos arregalados. Por fim Ellen disse "Tudo bem..." em tom fingidamente alegre. Pascal olhou seu relógio e disse que ia trocar suas roupas elegantes. Beijou tanto a Ellen quanto a mim, caminhou até a porta situada debaixo da escadaria que presumivelmente conduzia aos aposentos do pessoal no porão e acenou para nós antes de adentrar e desaparecer.

Subimos no elevador, em silêncio. Achei, talvez sombriamente demais, que o estrépito metálico produzido a cada andar era como o som de outra porta de ferro sendo trancada. Quando chegamos ao nosso andar, fui puxar a porta pantográfica, mas não consegui. Ellen perguntou: "Qual é o problema?"

— quatro palavras, um vislumbre de alarme, uma aresta denteada de culpa. Eu disse que a porta parecia estar emperrada. Então a cabine deu um pulo, assustando-nos, e eu vi que então podia deslizar a

porta para abri-la. Quando caminhávamos pelo escuro corredor em direção à porta do apartamento, as últimas palavras de Ellen — "Qual é o problema?" — ecoavam nos meus ouvidos.

Ao entrar, ela foi direto para o quarto. Eu a segui e encontrei-a deitada na sua cama, olhando para o teto. Por enquanto eu não tinha sentimentos dos quais falar, apenas uma curiosidade quase lasciva com relação ao que ela ia dizer. Tirei o meu paletó e sentei no lado de dentro da minha cama, voltado para ela, enrolando minha gravata no dedo indicador como uma cortina de enrolar, deixando-a cair aberta, enrolando-a de novo.

Depois de um tempinho, sem olhar para mim, ela disse: — Você não lhes falou de que eu não conseguia acordá-lo... nem sobre o cheiro de uísque e as obscenidades.

— É verdade — eu disse. — Suponho que deixei algumas coisas de fora.

Outra longa pausa.

Finalmente ela disse: — Não sei bem o que acho disso tudo. Nem sequer sei se quero dormir aqui hoje.

— Eu entendo — disse eu. — E muito para assimilar de uma vez. Ela fechou os olhos e suspirou. — E isso o que se supõe que devo fazer, Cook? — ela disse. — Assimilar aquilo?

Eu não tinha resposta para essa pergunta. Supus que era retórica. Ela virou para mim e me olhou intensamente. Continuou a fazer isso até que eu disse: — Que há?

— Estou pensando que parece ser muito tempo para ter conhecido alguém sem realmente conhecê-lo — disse ela.

— O que quer dizer?

— Você sabe exatamente o que quero dizer — disse ela.

— Isso não é um pouco melodramático? — perguntei. — Só porque esse assunto é um tanto fora do comum não quer dizer que de repente eu sou uma pessoa diferente.

— Eu quero que consulte um médico, Cook — disse ela.

— Por que razão?

— Por que razão? Porque alguma coisa está acontecendo com você.

Não é óbvio? Você está piorando mais e mais, e parece achar que por mais chocante que ficar, é só algo que eu tenho que "assimilar". Se quer saber a verdade, essa é a história de toda a nossa vida em comum.

— Espere aí — eu disse. — Antes de abordarmos a história de toda a nossa vida em comum, preciso deixar algo bem claro. Você está dizendo que acha que tudo o que falei lá embaixo na mesa do café da manhã resulta de algum tipo de doença mental?

Ela levantou-se da cama bruscamente, foi até a cadeira no canto do quarto e sentou, mais ou menos como um lutador indo para seu banco.

— Está acontecendo alguma coisa com você, Cook — ela disse. — Isso tudo o que sei. Algo vem acontecendo com você desde que chegamos aqui. Esta era para ser uma viagem... uma chance... uma oportunidade para eu absorver a atmosfera para o meu livro. Em lugar disso, estou absorvendo — não sei — toda e qualquer coisa esquisita e incrível com que você me aparece. Desde que estamos aqui, estou preocupada com você a metade do tempo, preocupa-me que esteja deixando-se dominar por alguma emoção, preocupa-me que possa estar doente, e agora temos esse negócio de eu ficar perambulando por Londres sozinha porque você fica no apartamento em algum tipo de estado de coma e não consegue acordar. Eu sei...

— Não acho que você possa reclamar da atmosfera — eu disse Tem tido atmosfera à vontade.

— Eu sei que você se interessa por coisas espirituais — disse ela ignorando-me. — Eu não acho particularmente interessante. Até aí, tudo bem. Mas você está sofrendo alucinações auditivas, Cook, falando com espíritos que nem algum, sei lá, que nem algum húngaro numa tenda em qualquer canto. Ser transportado para outras épocas... é que nem algo tirado da *National Enquirer*. Quero dizer, o que vem

depois?

Projeção astral? Estigmas? Vai começar a escrever estranhas mensagens nas paredes, canalizadas por um ente do espaço exterior? Por que você não sai realmente lá fora, Cook? A boa e velha Ellen vai assimilar.

— Os Sho-pan acreditam em mim — disse eu, procurando que não soasse muito como queixa de menino resmungão.

— Os Sho-pan são ingleses — ela quase gritou. — Eles acreditariam em qualquer coisa que tivesse um fantasma.

— Na realidade eles são asiáticos — eu disse.

— Na realidade, são ingleses — disse ela. — Para todos os efeitos Escute, Cook, você não me descreveu esses espíritos, depois a gente foi e você descobriu as reportagens do jornal. Você leu as reportagens do jornal e depois disse que tinha encontrado esses...

Ela estendeu as mãos com as palmas voltadas para cima, como se estivesse suplicando. — Não está vendo, Cook? Eu apenas acho possível que você...

— Estou confuso — eu disse. — No café da manhã, achei que você estava tão interessada nisto quanto Mimi. Você estava tão entusiasmada...

— Eu estava tentando tirar o melhor partido de uma situação ruim. O meu manual não fala nada sobre o que fazer se o marido fica psicótico durante a estada em Londres.

O que esperava que eu fizesse? Além disso... Sinceramente, eu não sei o que pensar. Não creio que isto seja tão simples assim, questão de quem acredita em fantasmas e quem não. Não creio que faça diferença alguma, francamente, esse negócio estar na sua cabeça ou estar realmente acontecendo — ainda assim está deixando você esquisito.

Ainda assim está afetando você. Não posso acreditar que seja bom para você. Acha que isso é bom para você?

— Acho que não tenho escolha — respondi.

— Ah, ótimo — disse ela. — Agora entendo. Nós vamos ser como aqueles casais nos filmes de terror em que está acontecendo algo horrível e assustador na casa, e por alguma razão estranha e inexplicável eles não podem pegar o carro e ir embora, sem mais nem menos. Eles têm de ficar na casa para que se possa fazer um filme sobre isso. Suponho que deveríamos começar a pendurar crucifixos em todo canto do apartamento e usar réstias de alho no pescoço...

— Isso seria para afastar vampiros — disse eu com calma.

— Talvez devêssemos espalhar cabelo humano em volta das nossas camas de noite.

— Isso seria para afastar cervos.

— Como assim, então você não tem escolha? — perguntou ela. — Você tem escolha, sim, é claro.

— Não — disse eu. — Não creio que tenha. O que quer dizer com isso de que é a história de toda a nossa vida em comum?

— Quero dizer que ao longo dos últimos dezesseis anos eu me adaptei a uma coisa ou outra, a toda e qualquer fase que por acaso você estivesse atravessando. Não estou falando só em pílulas e biritá, embora Deus saiba que lidar com isso já seria suficiente. Estou falando sobre a sua fase de coleção de armas, quando você sabe que eu detesto ter armas em casa. Estou falando da sua fase de cantar ao raiar do sol, quando todas as manhãs Jordie e eu acordávamos ao romper o dia com algum gemido misterioso na casa.

Ela se levantou e saiu pelo corredor; eu ouvi o barulho do armário do banheiro abrindo e fechando. Depois ela voltou.

— Estou falando de você mandar Jordie para a escola — ela disse — com burritos de feijão preto e brotos de alfaia quando todas as outras crianças levavam sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, porque achava que ela tinha deficiência de cálcio na dieta. Estou falando de você trazer para casa, para

ela ver, retratos mórbidos de mulheres velhas encurvadas pela osteoporose, para conseguir que ela bebesse seu leite. Estou falando de suas fases de redução de gordura, baixo colesterol, saúde e boa forma, malhar na academia duas vezes ao dia todos os dias, e de medo de asbesto, medo de chumbo e medo de radônio.

Ela sentou-se de novo na cadeira do canto.

— E o que foi no ano passado? — disse ela. — O misterioso rosto de criança que ninguém mais conseguiu ver, só você? O que acha que eu sentia, com você exibindo uma radiografia da sua pelve toda vez que tínhamos convidados para jantar? Como é que você acha que eu me sentia com isso?

Em algum ponto dessa fala longa e excessiva eu fui distraído, cativado e estranhamente confortado pela visão de um rosto na janela, logo acima do ombro esquerdo de Ellen: surgindo do lado da esquadria, o rosto — os olhos e a melhor parte do nariz — da garota que agora eu supunha ser a jovem e adorável Victoria Jevons, possivelmente vitimada. Ela olhou direto para mim, no que eu entendi ser uma demonstração de simpatia para com o coitado tão injustamente submetido a esses desvarios de uma mulher malvada.

Foi por essa razão (e só por essa razão) que eu sorri quando Ellen terminou, e continuei a sorrir quando disse: — Não sei como você se sentia, Ellen. Como é que você se sentia?

— Fico contente por você achar isto divertido — disse ela.

Ela se levantou, foi até o guarda-roupa e tirou seu casaco bege para toda estação. Suspendeu o casaco no braço e dirigiu-se à porta do corredor.

— Eu vou lhe dizer como aquilo me fez sentir — disse ela, agora começando a vestir o casaco. — Aquilo me fez sentir cansada — disse. — E é assim como me sinto agora.

Muito, muito cansada. Não sei por que eu tenho aceito cada comportamento idiossincrásico, excêntrico, que você tem inventado ao longo dos anos. Não sei por que me adaptei a tudo e a todos que apareceram em toda a minha vida. Não sei por que parece que eu deixo de lado as minhas próprias necessidades para satisfazer as de todo mundo. Mas estou muito cansada. E não vou mais fazer isso.

Continuei sentado, imóvel, na beira da minha cama e segurei o olhar de Victoria Jevons na janela, ouvindo primeiro os passos de minha esposa no corredor e depois o barulho que ela fez ao sair do apartamento. Quando ouvi a porta fechar, o som atraiu minha atenção por um momento — tinha um tom cortante de conclusão, fugazmente doloroso — e a ideia de ir atrás dela, alcançá-la no elevador (o que certamente eu podia ter feito) me passou pela cabeça rapidamente. Mas fiquei quieto. E quando me volvei de novo para a janela, o rosto desaparecera.

Naquele momento, a luz do sol inundou o quarto, tão repentinamente que quase me surpreendeu, e depois desvaneceu-se. Levantei, fui até a janela e olhei para fora.

Parece-me lembrar um vestígio de lua tênue na abóbada do céu pálido azul-branco em que a névoa dissipava-se, mas é mais provável que eu tenha visto alguma versão do sol filtrada pela bruma. Não estou completamente certo do que vi. Naquela noite, contudo, fiquei junto à mesma janela, sozinho, e vi de fato a lua ser sobrepujada e extinta por nuvens da cor do carvão. Pascal telefonou para saber se estava tudo bem, se eu precisava de alguma coisa. Depois eu voltei à janela e fiquei por muito tempo, com a mente relativamente em branco, matutando sem um assunto definido (se tal coisa é possível), e contemplando os marrons, cinzas e pretos dos telhados recortados, as luzes amarelas dos lares de outras vidas, o resplendor rosado-ambarino da cidade que pairava sobre tudo, e esperei. Eu esperei e pouco depois a chuva chegou, para ficar. Choveria todos os dias até irmos embora da Inglaterra.

dezesseis

PASCAL GÉRICault NASCEU em 1971 no Boulogne-Billancourt, subúrbio de Paris, em uma família católica grande e caótica, sendo o mais novo de oito filhos (quatro rapazes e quatro moças). Seu pai era mecânico especializado na fábrica local da Renault, e sua mãe de certo modo administrava uma bem-sucedida indústria caseira, costurando cortinas e tapeçarias. Na época em que Pascal chegou, metade dos filhos já eram adolescentes, havendo portanto muitas mãos para ajudar — muitos chefes sob o ponto de vista de Pascal —, e ele às vezes sentia que o mundo todo tinha autoridade sobre ele. Muito cedo descobriu que, ficando distante (para o que parecia ter talento inato), podia evitar o exercício da maior parte dessa autoridade, e logo conquistou uma situação agrídoce: era esquecido com frequência. Ele havia sido especialmente ligado a sua irmã mais velha, Catherine, mas ela já tinha dezenove anos quando ele estava com quatro, e aos vinte casou e teve seu próprio filho, transformando Pascal em tio aos cinco anos de idade. Catherine continuou a viver na casa com a sua nova família, e a escassa atenção que Pascal recebera graças a sua condição de bebê da família foi transferida para o netinho.

Quase nada tinha sido exigido de Pascal no que diz respeito a tarefas domésticas, pois tudo era feito pelos irmãos mais velhos, e mesmo antes de iniciar os estudos ele se viu assumindo uma independência separada da sua família embora quase sempre focalizada nela, de alguma maneira. Seu "escritório" era debaixo da enorme mesa de carvalho na sala de jantar. Ali, atrás das pregas de uma toalha adamascada costurada por sua mãe, ele escondia-se horas a fio, sem que dessem falta dele, e o lar tumultuoso (que atraía muita gente de fora) tornava-se algo ouvido e cheirado, que circundava-o mas era tangivelmente distinto dele. Tinha o barulho de caçarolas e panelas na cozinha, o zumbido da máquina de lavar, música do rádio no andar de cima, comentários mutilados da televisão no andar de baixo, o frequente toque da campainha, trechos de conversas quando seus irmãos e irmãs passavam pelo corredor com seus amigos; os aromas da cozinha, o odor do sabão oleoso usado nos pisos de madeira, e os perfumes das garotas, eventualmente distinguíveis entre si. (Tinha também as sempre divertidas aparições de pés sob o debrum da toalha de mesa.) Quando aos quinze anos Pascal pegou seu primeiro emprego de porteiro meio expediente num hotelzinho de Paris, achou algo curiosamente confortante e familiar no cenário — quanto ao ambiente, quase que uma réplica da casa, a não ser porque agora ele era visível e felizmente útil. No hotel, ele sentia a segurança de um pássaro em voo, e quando deixou os Géricault logo após a sua formatura do segundo grau para fazer sua vida e começou a trabalhar em tempo integral, a mudança foi razoavelmente fácil. (Ele recordava gravuras que tinha visto na escola, de galáxias apresentadas como cataventos de papel esmiuçados, e imaginava-se sendo uma daquelas últimas estrelas retardatárias, desprendidas da extremidade em alta velocidade.) Com a sua ida para a Inglaterra, sua irmã Catherine continuou a ser seu vínculo principal com a família e escrevia-lhe cartas breves porém regulares, desculpando-se por não escrever com mais frequência e não ter mais a contar.

Obtive estes detalhes com o próprio Pascal e com Catherine. Quando perguntei a ela sobre o pai, ela me disse que era um sujeito calado e de modo geral opusera-se silenciosamente à saída de Pascal da casa e à viagem para a Inglaterra; de fato, recusara despedir-se de Pascal na noite em que ele partira. Ela também contou uma história curiosa, aparentemente irrelevante, sobre o cabelo do pai — que o homem tinha sido careca quase toda a sua vida adulta, mas ao parar de tomar café, com quarenta e nove anos, seu

cabelo tinha retornado surpreendentemente. Talvez fosse a coisa mais notável sobre o pai que ela podia pensar em revelar. Perguntei-lhe qual tinha sido o relacionamento de Pascal com o pai — tinham sido particularmente próximos — e ela respondeu dando de ombros e usando a palavra francesa *inaperçue*, "despercebido".

Catherine acrescentou que eu lembrava um pouco o pai, mas quando o conheci, deparando com um homem impassível, de dedos inchados, nos seus quase setenta anos, não consegui entender o motivo daquela observação.

A minha primeira noite sozinho no apartamento, sem Ellen, transcorreu sem incidentes, como já disse, salvo a chuva e a ligação de Pascal. Na nossa rápida conversação, nem Pascal nem eu mencionamos Ellen pelo nome: estava implícito que eu sabia onde ela tinha ido e que sabia que Pascal também sabia. O tom de Pascal foi estudadamente ausente de simpatia, no que interpretei como uma forma de ele se conter — havia muita simpatia implícita no fato de ele telefonar. Eu disse: "Não se preocupe; eu não estou preocupado." Em resposta, Pascal disse: "Não estou preocupado", e por meio segundo pensei que ele estava me arremedando. Mas ele queria apenas assegurar-me que, independente do que tinha acontecido entre nós, independente do que levara Ellen a ir embora, ela estava a salvo com seus amigos. Ele disse que viria ver-me no dia seguinte, o que pareceu um tanto excessivamente cordial, como uma promessa de visitar um amigo doente. Pode ser que outro homem achasse constrangedor ser abandonado pela esposa num hotel para hospedar-se com pessoas que ela mal conhecia, a uma quadra de distância; mas quando pensava no que certamente estava sendo conversado às minhas costas — os Sho-pan, Pascal e Ellen consultando-se a respeito do meu estado — sentia-me vagamente importante, ou pelo menos no centro de algo importante. Fui deitar com a corajosa disposição de um detetive secreto em missão de máximo risco e da maior gravidade; sentia que todos os obstáculos tinham sido por fim removidos e eu ia finalmente ao que interessava.

Mas tudo o que aconteceu foi que eu dormi mais profundamente que o habitual e acordei tarde, por volta das nove e meia, sentindo-me bem descansado. Tive a vaga impressão de ter sido acordado por algo, e enquanto me demorava na cama, o hotel ali embaixo pareceu cheio de novas presenças, rangidos, estrondos e ruídos surdos, e talvez até vozes. Mais ávido do que nunca pelo espetáculo prestes a iniciar-se, vesti uma calça jeans e fui descalço e sem camisa até a porta do corredor, abri-a um pouquinho e escutei. Ouvi a percussão da partida do motor elétrico do elevador, e seu zumbido, e depois, claramente, uma voz masculina, vindo do andar de baixo. Fui para a escadaria, empurrei a porta e comecei a descer furtivamente os degraus para o terceiro andar. Parei a meio caminho, quando ouvi o som do piano.

Desta vez não era Schubert, mas algo sentimental, o rebuscado introito de uma canção popular. Continuei descendo, e no momento em que pisei no corredor um tenor admirável, de dicção exageradamente precisa, começou a cantar "*Tinha um moço de Montrose / Que podia bolinar-se com seus dedões...*"

A porta do quarto estava escancarada: vi dois homens no vão reentrante, ambos da minha idade ou um pouco mais velhos, ambos usando macacões de cor azul-marinho; um estava sentado no tamborete redondo do piano, tocando e cantando; o outro escutava, sorrindo, com os braços dobrados em cima do tampo do Bechstein, como apoio para o queixo; perto dos pés deles, amarrotada, estava a cobertura de lona contra respingos com que eu tinha coberto o piano. O homem mencionado em primeiro lugar cantava para o outro com uma espécie de paixão fingida: "*Ele fazia isso tão bem / Que apaixonou-se por seus pés...*"

O que estava escutando me viu no vão da porta, ergueu o corpo e fez o outro homem parar de tocar com um tapinha no ombro e um rápido aceno em minha direção; em seguida, como se tivesse sido pego pelado e tentasse cobrir-se, ele agachou-se e começou a recolher do chão o pano protetor contra respingos.

Olhamo-nos por um instante, nós três, tempo no qual eu reparei, pelo canto do olho, numa nova

penteadeira, encostada contra a parede à esquerda, de modo que eu podia ver-me refletido no espelho. O homem que estava cantando permaneceu sentado no tamborete, virou seu corpo totalmente para poder ver-me e sorriu, vermelho como beterraba.

"E batizou os Myrtle e Rose", disse finalmente, inclinando a cabeça para um lado, sorrindo. — Desculpe. Não tivemos intenção de incomodar. — Ele deu uma palmadinha no tampo do piano e acrescentou: — Excelente antiguidade esta aqui... Ainda tem boa qualidade, embora esteja desafinado.

Os homens olharam meus pés descalços (eram Myrtle e Rose em pessoa aí na porta?), meu peito nu e novamente meus pés descalços, como se agora fosse a minha vez de dar explicações.

Naquele momento, a porta do elevador se abriu logo à minha esquerda e mais dois homens, muito mais novos mas identicamente vestidos de macacões azuis, começaram a descarregar uma cômoda, aprumada em cima de uma plataforma acolchoada sobre rodízios. Eles tiraram o móvel, fecharam a grade pantográfica e a porta, mandaram o elevador para baixo, e pararam subitamente, surpresos ao ver-me no corredor; um deles, um sujeito com um queixo ameaçadoramente pontudo que usava uma espécie de barrete vermelho, disse: — Oi... — mas com inflexão brigona na voz, como se eu fosse o invasor de propriedade alheia. Sem dizer palavra, dei meia-volta, passei de novo pela porta corta-fogo e subi as escadas.

Dentro do poço da escada, tive a impressão de ouvir o tamborilar da chuva no teto do prédio, e pensei que minha vida inteira tinha sido perambular bêbado por um longo beco sem saída; que eu estava fadado a nunca chegar realmente, e se chegasse, isso significaria apenas dar com uma turma de piadistas de macacão sentados num quarto, cantando letras obscenas, e todo mundo olhar para mim como dizendo: O que é que você está fazendo aqui?

Logo antes de chegar ao último patamar das escadas, ouvi um coro de risadas masculinas vindo de baixo — abafado pelas paredes e pelo piso — que soou quase como um trovão.

De volta ao apartamento, liguei para Hannah no balcão da recepção e perguntei-lhe que diabo estava acontecendo no andar de baixo.

— Oh, meu querido, é o pessoal da mudança — disse ela, confusa ante o meu tom territorial. — Eu pedi que eles evitassem fazer barulho, sobretudo aí em cima, mas o senhor sabe como é que é. Com tanta mobília e um só elevador, Sr. Selway, receio que o hotel fique um pouco barulhento a maior parte do dia.

— Quer dizer que também chegarão hóspedes?. — perguntei, como se essa fosse uma possibilidade afrontosa para um hotel.

— Não temos nenhuma reserva até a próxima semana — disse Hannah.

— Ótimo — comentei eu, e desliguei, surpreso com a minha própria grosseria.

Então bateram à porta e eu abri furiosamente. Pascal estava no corredor com a bandeja do chá. — Bom-dia — disse —, trouxe o seu chá.

— Eu não pedi chá — disse eu, e Pascal alçou as sobrancelhas.

— Mas eu achei que você gostaria...

Eu me desculpei e mandei que ele entrasse. Expliquei que estava aborrecido por ter sido acordado pelo pessoal da mudança.

— Eu sei — disse ele, colocando a bandeja na sala de estar. — Acabo de subir sentado numa cadeira Luis XIV.

Ele serviu uma xícara de chá e disse: — Está muito escuro aqui, não acha?

Foi até as janelas e puxou as cortinas. As altas janelas estavam cheias de respingos de chuva, e o que pude ver do céu foi um cinza suave e uniforme; contudo, a luz foi intensa e repentina. Pascal virou-se, pondo seus dedos nas têmporas, dizendo: — Oh... que está acontecendo?

Ele parecia mesmo muito pálido, mas achei que era por causa da luz; então ele cambaleou um pouco e parti em sua direção, mas ele levantou a mão. — Está tudo bem — murmurou. — Estou bem.

Quis ajudá-lo a sentar-se numa cadeira próxima, mas ele se afastou de mim. — Não, não — disse. —

Está tudo bem. Só fiquei tonto por um momento. Estou bem.

Já ao falar essas palavras ele ia rodeando-me, andando de lado, em direção ao corredor. — Eu voltarei — disse rapidamente, e saiu logo.

Abri a porta, chamando-o, mas aparentemente ele tinha descido pela escada e já sumira.

Quando, com o passar do tempo, tenho lembrado essa primeira manhã sozinho — o encontro com os empregados da mudança cantores, a minha aspereza com Hannah, o estranho comportamento de Pascal — o que vem à memória mais vividamente é o rosto de Pascal: no seu instante de tontura, seus olhos estavam fechados, e quando ele os abriu, estavam cheios de medo. Na sua precipitada saída, ele não olhou para mim sequer uma vez. Eu já disse que ele era um moço notavelmente bem apessoado, mas quando pronunciou as palavras de despedida "Eu voltarei", parecia tão horrivelmente transformado, seu rosto feio de medo — medo e algo mais... repulsa, nojo — que suas palavras soaram quase como uma ameaça.

Eu não o vi mais tarde quando saí.

Hannah estava no balcão da frente, ao telefone, e virou na sua cadeira giratória, dando-me as costas claramente quando deixei minha chave.

Eu havia decidido dar um passeio na chuva e contava com arranjar um guarda-chuva emprestado do esconderijo de Pascal. Como ele não estava por perto, e Hannah não ligava para mim, eu mesmo abri o armário e peguei um guarda-chuva.

Ao sair, vi junto ao meio-fio o furgão que trouxera a nova mobília para o terceiro andar. Vi também que eu não estava adequadamente vestido para uma caminhada, pois o ar estava muito mais frio do que previra. Em vista das circunstâncias, visitar uma galeria ou um museu parecia aconselhável, e fui andando em direção à estação do metrô na Sloane Square. A propósito, reconheci que a minha conduta naquela manhã tinha sido peculiar — ricocheteando como um fliperama de um encontro ao seguinte, sem objetivo, sendo o resultado inteiramente dependente da sorte — e até percebi, de passagem, que essa conduta peculiar provavelmente tencionava evitar pensamentos em torno de Ellen. Mas tive a impressão (perto da banca do florista onde eu comprara Iris para ela duas semanas atrás) de que a minha situação é que era peculiar, e não eu próprio. Quando pensei nisso, senti-me algo desorientado; eu tinha entrado na área de árvores de sombras e aleias entrecruzadas da praça e de repente ocorreu-me o absurdo do fato em si de estar na Inglaterra, e o absurdo ainda maior de andar ao léu sozinho porque minha esposa me abandonara, preferindo a companhia de um casal idoso e excêntrico de Hong Kong. (Eu também estava com frio, o que me deixou um pouco infeliz.) Nesse momento, refletindo sobre a sorte e o absurdo, por certo nem imaginava que em questão de minutos — tendo pegado a Linha Circular para Embankment, trocado para a Linha Norte até Charing Cross, saído do metrô e entrado na National Gallery — eu estaria em pé, em miserável estupefação, diante do quadro original de Meindert Hobbema *The Avenue at Middelharnis*, o quadro que tinha contemplado nos meus sonhos e visões dos últimos dias.

Dei com ele (como dizem no Sul, geralmente referindo-se a uma cobra ou outro bicho perigoso) já em estado de moderado atordoamento: assim que iniciei a minha caminhada pelos corredores, eu sentira aquela claustrofobia de museu, que surge quando jogam arte demais na gente com muito pouco ar para respirar; eu tinha parado por uns instantes para observar uma turma de escolares, sentados de pernas cruzadas no piso da Sala Sunley, diante do quadro de Detroy *O Tempo Revela a Verdade* (a professora, uma moça negra atraente e exuberante, explicava a alegoria, apontando sucessivamente para diversas figuras femininas representativas das virtudes da Prudência, Temperança, Justiça e Constância, enquanto os garotos da última fileira davam risadinhas olhando para a Verdade, com os peitos à mostra); ao me afastar desta cena, com algum tipo de dor emocional ilusória — algo relacionado à aparência tão suscetível das crianças, amarradas umas às outras no piso de madeira polida, todas com suas roupas de lã xadrez — eu começara de novo a pensar nos carregadores de mudança cantores, e de repente imaginei-me a caminhar pelo museu de peito nu e sem sapatos; virei uma esquina e lá estava A Alameda, com a sua

obsessiva estrada sulcada e suas árvores esguias cada vez mais sinistras.

O quadro era realmente muito belo, e parecia estar desenvolvendo seu domínio sobre mim com considerável vigor. É impossível dizer a que grau de extravio eu teria chegado se um velho cavalheiro meio biruta, de terno preto e cheirando forte a sabonete de alfazema, não tivesse parado ao meu lado e cochichado: — Na verdade não é muito bom, não acha?... Você pode pensar que é bom porque está impressionado perante uma certa dose de talento decorativo, mas na verdade não é muito bom.

Olhei para ele — tinha pouco mais de um metro e cinquenta de estatura —, que ao retirar seu olhar úmido do quadro e voltar-se para mim, murmurou: — Então, estou certo ou errado... o que você acha?

Tendo detonado a pergunta desse modo, ele ficou pendente de uma resposta.

Por fim, eu disse: — Eu acho que o senhor tem direito de ter a sua opinião.

Seu rosto encolhido, com fios brancos de barba de um dia, mostrou desapontamento, ponderação e aceitação no decorrer de apenas três segundos, e ele afastou-se com ar quase enlevado, como se o fato de ter direito a uma opinião (ou a qualquer outra coisa) fosse uma ideia nova, algo que jamais lhe passara pela cabeça. Achei que conhecia a história daquele velho: ele começara sendo um garoto romântico que desejava ardentemente ser pintor; tinha acabado maluco, na National Gallery, cochichando para estranhos as suas queixas contra os mestres holandeses. Parecia uma sina conhecida, um padrão que eu reconhecia, e de certa forma me fez pensar no momento, poucos dias atrás, quando eu vi Ellen, pelo monitor do balcão do hotel, amarrar os sapatos da velha senhora: de repente, pareceu trágico estarmos separados, e estúpido que eu tivesse permitido isso acontecer. Resolvi voltar ao hotel, telefonar para ela na casa dos Sho-pan e dizer o que fosse necessário.

Embora não passasse de uma da tarde quando saí novamente ao ar livre, o dia tinha ficado mais escuro e, segundo achei, ainda mais frio. Estava ainda mais escuro quando saí da estação do metrô em Sloane Square. Os motoristas tinham ligado seus faróis, e as luzes brilhavam nas lojas da Rua Sloane; a multidão atrasada para o almoço apressava-se nas calçadas com os colarinhos virados para cima, perseguida pela violenta e gelada predisposição do tempo. Quando, já na esquina, o Willerton surgiu com seu alegre dossel e suas portas de vidro biselado brilhantemente iluminadas por dentro, senti que tinha sido resgatado no mar. O furgão da mobília ainda estava junto ao meio-fio, mas agora hermeticamente fechado — devia ser a hora do almoço para os homens de macacão azul, segundo supus. Pascal, de casaco longo, estava dentro do vestíbulo; ele sorriu e abriu a porta para mim.

— Oi — disse ele com uma leve reverência; e mesmo parecendo estar quase totalmente recuperado, notava-se nele uma certa prevenção remanescente. Ele me seguiu ao entrar no salão da frente.

— Eu peguei isto emprestado — eu disse, entregando-lhe o guarda-chuva. — Espero que você não se incomode.

— Não — disse ele. — De jeito nenhum.

Com esta troca de palavras ligeiramente formal, tomamos caminhos separados — ele dirigiu-se ao armário, eu ao elevador, pela estreita passagem — em lados opostos da escadaria. Mas antes de o elevador chegar, ele estava de novo ao meu lado.

— Tem um momentinho? — perguntou.

— Claro — respondi, e segui atrás dele contornando a escadaria mais uma vez, até a portinha debaixo dos degraus que conduzia aos aposentos do pessoal no porão. Procurei Hannah ao passarmos pelo balcão, com a intenção de pedir desculpas rapidamente, mas ela não estava no seu posto.

Enquanto descíamos pela escada rangente (os degraus polidos e arredondados pelo uso), Pascal disse: — Quero mostrar-lhe uma coisa.

O quarto dele era quase como uma cela de monge, até com crucifixo em cima do catre — lâmpada de leitura com haste flexível, bacia para lavar as mãos no canto, com espelho para fazer a barba, pequena estante com mais ou menos uma dúzia de livros; limpíssimo, muito pouca luz, sem cor. Ele indicou que eu me sentasse na única cadeira, que colocou ao lado do catre uma cadeira com espaldar de travessas e

assento de vime. Então ele pôs em minhas mãos um retrato de uma mulher, medindo cerca de vinte por vinte e cinco centímetros, com uma moldura dourada barata, do tipo que se pode comprar numa loja de bugigangas. O vidro da moldura estava quebrado, com cacos estilhaçados desenhando uma explosão de estrelas, mas ainda contidos nos lados pela aba de metal dourado. Quanto à mulher, era algo parecida com Pascal — tinha as suas feições delicadas e sua pele escura; parecia ter seus trinta e poucos anos, muito bonita, tinha cabelo curto e usava gola rulê de cor clara.

— E minha irmã Catherine — anunciou Pascal em seguida. Ele tomara assento no catre, perto de mim.

— Muito bonita — eu disse.

— Sim — disse ele. — Obrigado.

— Você deveria trocar este vidro — sugeri.

— É precisamente isso — ele disse. — Eu já troquei.

— Como assim?

— Em seis dias — disse ele —, já troquei esse vidro duas vezes. Quando volto para o meu quarto, ele está quebrado de novo.

— Onde você coloca o retrato? — perguntei.

— Ali — disse ele, apontando para a estante. — Não o encontro caído. Todas as vezes aparece do jeito que estava, mas com o vidro quebrado.

— Pascal... — comecei a falar.

— Três vezes — disse ele.

— Pascal — repeti. — Diga-me o que houve com você hoje de manhã, no apartamento.

— Não posso explicar isso — disse ele. — Eu sinto muito. Abri as cortinas, a luz me cegou, e aí fiquei tonto. E sinto muito medo. Não posso explicar isso. — Ele apontou para seu peito. — Aqui dentro — disse.

— No meu coração. Tenho muito medo.

— Mas você teve medo de quê? — perguntei.

Ele encolheu os ombros. — É isso o que não posso explicar — disse.

Eu lhe devolvi a fotografia.

Ele a olhou por um momento, e continuava olhando quando disse: — Posso olhar para esta fotografia de Catherine e sentir-me em casa. Sou um menino de novo, escondido debaixo da nossa grande mesa. Todos os sons e cheiros de casa me acompanham de novo. Posso cheirar a comida que minha mãe prepara. Posso ouvir o rádio e assistir televisão, meus irmãos e irmãs conversando com seus amigos no corredor. Posso cheirar o sabão que minha mãe usa nos pisos, e os perfumes de minhas irmãs. Mas ninguém sabe onde estou. Ninguém pensa em mim. Vou lhe mostrar outra coisa. Nada fantasmagórico.

Ele se levantou, guardou o retrato e voltou ao guarda-roupa, do qual tirou alguma coisa da prateleira mais alta. — Este — disse — é o meu hotel como eu o imagino.

Ele colocou em cima do catre a maquete, do tamanho de uma caixa de biscoitos, de uma casa de construção singela, feita de madeira de balsa, pintada na cor azul-ardósia com frisos brancos, e um dossel de pano na frente, com largas listras azuis e brancas; tudo montado sobre uma placa plana pintada de verde (simulando a grama, eu supus), e com notável quantidade de detalhes — balaustradas de varandas, venezianas, escadas, janelas de caixilhos cobertas com celofane incolor, e até telhas separadas — mas o momento realmente surpreendente foi quando Pascal meteu a mão entre a cama e a parede e ligou na tomada um fio elétrico que saía da casa: no seu aposento subterrâneo da vida real, com sua penumbra crônica, espartana, o pequeno hotel de Pascal ganhou vida, luminoso e promissor.

— Olhe — ele me disse, apontando para uma das janelas na frente.

— Dá para você me ver aí dentro.

Tive que deixar a cadeira e ajoelhar-me. Pus minha cara de gigante perto da janela e olhei para

dentro, onde vi — de pé próximo a uma mesa de palitos de fósforo com um ramallete de girassóis num vaso vermelho — um moço diminuto, de smoking.

dezessete

PASCAL ACOMPANHOU-ME ATÉ o vestíbulo do hotel, onde os homens da mobília tinham voltado ao trabalho, mantendo as portas abertas e deixando o frio entrar, e onde Hannah discutia com o homem do queixo pontudo por causa da posição do caminhão de carga, bem na frente do dossel. Logo ficou claro que eu teria de esperar um bom tempo para usar o elevador, portanto me despedi de Pascal e comecei a subir as escadas.

Ir do nível da rua até o quarto andar implicava em subir um lance de escada, entrar no corredor e caminhar até o outro extremo para chegar ao seguinte lance de escadas.

Sendo assim, eu estava fadado a encontrar-me de novo com os carregadores de mudança musicais no terceiro andar; Sorrimos e cumprimentamo-nos quando passei pelo corredor, mas não tive certeza de ter sido reconhecido agora que estava vestido. Só ao chegar no quarto andar me dei conta de que esquecera de pegar a chave no balcão da recepção — o que me obrigou a descer novamente, pegar a chave e subir todos os degraus mais uma vez. Ao descer, encontrei os mesmos carregadores no corredor do terceiro andar, e desta vez eles me olharam. No térreo, aproveitei a oportunidade para desculpar-me com Hannah, e ela desdenhou a desculpa com um sinal de mão, como se nem tivesse percebido minha conduta grosseira de mais cedo. Quando subia, tornei a encontrar-me com os carregadores musicais ainda mais uma vez; os dois estavam desencanaixotando alguma coisa junto à porta de um dos quartos, e quando passei eles interromperam o que estavam fazendo, saíram ao corredor e ficaram me olhando; virei e acenei com os dedos ao entrar pela porta contra incêndio para o último lance de escadas. Quando enfiei a chave na fechadura e abri a porta do apartamento, eu estava quase esbaforido.

O lugar tinha sido arrumado pela camareira, o chá retirado, e a sala de estar estava gelada. Vi que uma das janelas tinha sido deixada completamente aberta. Cruzei a sala para fechá-la — pensando em ligar para Ellen imediatamente e perguntar o que era preciso para nos reconciliarmos — e ao virar-me deparei com Victoria Jevons sentada esprevidamente no canapé contra a parede do outro lado.

Dessa vez eu não fiquei especialmente surpreso — só dei um pequeno pulo, em silêncio, tendo a minha reação amenizada talvez pelo fato de já estar sem fôlego. A garota, vestida do mesmo jeito de sempre (com tudo, inclusive as luvas brancas dobradas sobre o colo), pareceu estremecer quando me viu e logo se controlou, como se precisasse se acostumar com minha presença. Isso teve o efeito (talvez propositado) de fazer-me proceder com suavidade.

— Está gelado aqui dentro — disse eu após um momento.

— Eu sei — disse ela, mais uma vez com aquele seu tom de extrema simpatia, de extrema sensibilidade às imperfeições que o mundo sempre apresentava. — Receio que seja minha culpa — ela acrescentou, centrando os olhos na estreita tira de parede entre as duas altas janelas. — Eu me esqueci mesmo da janela.

Eu não soube ao certo o que isso significava — tinha ela entrado pela janela, deixando-a aberta? A arrumadeira havia deixado a janela aberta, e ela não se dera ao trabalho de fechá-la? — mas deixei a dúvida passar. — Estava com vontade de falar com você de novo — eu disse.

— Sim — disse ela. — Eu sei.

— Você sabe — disse eu.

— Sim — ela repetiu. — A propósito, sua esposa esteve aqui há pouco.

— Ela esteve aqui?

— Sim — disse ela. — Ela trouxe algumas coisas. E deixou um bilhete para você.

Ela estendeu a mão, na qual segurava um envelope branco com o emblema do hotel. Ela fez isso com imensa tristeza, como se o bilhete que estava me entregando contivesse os detalhes de minha sentença à morte.

Agradei e abri o envelope. Era a letra de Ellen.

Querido Cook,

Estou indo a Hampstead hoje, com Mimi. Sinto falta de você, e tenho medo. Podemos jantar juntos hoje? Voltaremos em torno das quatro da tarde.

Este é o número dos Sho-pan...

— Sua esposa é muito bonita — disse a garota. — Estou certa de que você sabe disso.

— Obrigado — eu disse. — Você estava mesmo aqui quando ela veio? Isto é, você a viu?

— Oh, sim — disse Victoria. — Mas ela não me viu, se é o que você está se perguntando.

Era justamente isso, claro, o que eu me perguntava. — Eu quase desejaria que ela tivesse visto você — disse eu.

— Isso não seria possível — respondeu ela.

— Por que não? — perguntei.

— Não tenho certeza — disse ela. — Só sei que não seria possível. Você e ela tiveram outra briga.

— Uma briga e tanto — confirmei.

— Receio que ela deixou você — disse ela.

— Apenas temporariamente.

— Sim — disse ela. — É o que pensei. Tem-po-ra-ria-men-te. "Minha esposa me deixou, mas só temporariamente."

— Muito bem — disse eu.

— É o meu único verdadeiro forte — disse ela, sorrindo quase imperceptivelmente —, um dom para a boa soletração. Herdei isso de...

— Não precisa dizer — interrompi eu. — Da sua mãe, a atriz de teatro de revista.

Então ela encarou-me pela primeira vez — e sorriu genuína e abertamente. — Bem, não — corrigiu. — Do meu pai, na verdade.

— Será que posso me sentar ali? — perguntei, indicando o sofá colocado em ângulo reto com o canapé menor.

— Sim, claro — disse ela.

O canapé tinha assento e braços duros na cor vinho, e um encosto de madeira preta que parecia de ferro batido, uma peça de mobília bem angulosa, de certa forma adequada à postura firme da garota. Sentei no extremo mais distante do sofá, o mais longe possível dela. — Posso fazer uma pergunta? — pedi.

— Desde que eu também possa fazer uma — respondeu.

— Tudo bem — disse eu. — Acho que seu nome é Victoria Jevons. Certo?

— Certo — disse ela.

— Muito bem, diga-me, Victoria — eu comecei —, por que você olha tão fixamente para a parede?

— São duas perguntas — disse ela —, mas não tem problema. Estou me ancorando, para evitar a tontura, você sabe.

— Se ancorando? — perguntei.

— Como uma dançarina, quando rodopia — apontou ela. — Senão, ela pode ficar tonta e cair. Só

assim eu posso estar aqui com você. Agora é a minha vez de fazer uma pergunta.

— Tudo bem — disse eu.

— Esses jornais aí em cima da mesa — disse ela. — Onde você os arranjou?

Ela se referia às páginas do *Daily Mirror* que Mimi Sho-pan tinha feito copiar.

— São da biblioteca — respondi. — São cópias xerox.

— Xerox? — ela perguntou.

— Cópias — disse eu. — Uma espécie de fotografia da página original.

— Entendo — afirmou ela.

— Você as leu? — perguntei.

— Espero que você não se incomode — disse ela. — Eu achei que você não se incomodaria. Ocorre que eles entenderam tudo errado.

— Em que sentido?

— Em todo sentido — assegurou ela. — Para começar, disseram que a garota morta na rua era eu, mas era minha irmã Iris. Foi Iris quem caiu pela janela, não eu.

— Não creio que ninguém soubesse que você tinha uma irmã — disse eu.

— Não poderia ter sido eu quem caiu — afirmou ela.

Ela continuava a contemplar a parede — ancorando-se — e aparentemente estava pensando. Por fim sacudiu a cabeça e disse: — Não, não poderia ter sido eu. As pessoas muitas vezes nos confundem, sabe, a Iris e a mim, embora fôssemos bem diferentes. No entanto, talvez se devesse esperar que os jornais entendessem direito.

Ela começou a colocar as luvas.

— Você está indo embora? — perguntei.

— Receio ter que ir — disse ela com expressão fatigada. — Estou começando a sentir uma tensão. Além do mais, aquele rapaz está aí na porta... aquele rapaz francês.

Houve uma batida, e no segundo que me levou olhar na direção da porta, ela desapareceu.

Pascal, de pé no corredor, declinou o meu convite para entrar (um tanto indelicado, segundo achei), e exibiu a miniatura de cerâmica de um cachorrinho dálmata que Jordie me dera como presente de despedida. Ele disse: — Isto pertence a você?

Estendi o braço e tomei o objeto de Pascal. — Onde você o achou? — perguntei.

— Em cima da minha cama — disse ele. — No meu quarto. Talvez tenha caído do seu bolso.

— Obrigado, Pascal — disse eu.

Depois, entregando-me um bilhete de mensagem, ele disse: — Hannah esqueceu-se de lhe dar isto — e foi embora logo.

Tony Rosillo, o meu corretor de bolsa em Nova York, o homem que descrevera o Hotel Willerton como "algo saído do Masterpiece Theatre", tinha telefonado.

Pus a mensagem e o dálmata em cima da mesa com as páginas copiadas do *Daily Mirror*, fui para o quarto e deitei sentindo, imaginei, uma tensão similar à mencionada por Victoria Jevons. Olhei para o teto e pensei no momento em que, alguns dias atrás, Ellen me pedira que assobiasse e eu começara a assobiar "*Row, row, row your boat...*" Pareceu um pensamento ao acaso a princípio, enquanto eu lembrava deitado na cama, mas logo depois, quando cheguei a "A vida é apenas um sonho", vi a sua mensagem subliminar: certamente a vida, naquele momento, tinha a natureza fugidia e o contrassenso de um sonho.

Pensei que a graça tocara em mim ao ler o bilhete de Ellen. Justamente quando eu estava prestes a ceder, lá estava ela, dobrada dentro de um envelope, cedendo. Graça era uma coisa engraçada, irônica e talvez perigosa para um viciado em drogas narcisista que não tomava drogas, como eu; embora a graça fosse imerecida por definição, o fato de ela ser concedida podia fazer você achar-se merecedor. No fundo de todo viciado em drogas (mesmo quando está jogado na sarjeta) existe uma brasa de orgulho,

sempre ardendo a fogo lento, e bastava um pouquinho de sorte para fazer com que explodisse em chamas.

Rapidamente, ponderei algumas das perguntas que eu devia ter colocado para Victoria Jevons, mas não coloquei. Como primeiras: O que você está fazendo no meu apartamento?

O que quer de mim? Quem, diabo, é James, e por que ele não é mencionado nos relatos do jornal? Eu tinha ficado completamente perplexo quando Victoria mencionou uma irmã, Iris. Também lembrei que no nosso primeiro encontro, na sala de estar do térreo, ela me dissera que tinha uma madrasta. Pela descrição do *Daily Mirror*, H. E. Jevons era viúvo (também Mimi Sho-pan lhe atribuía essa condição). Mas descobri bem rapidamente que esse tipo de pensamento — esse tipo de análise — exigia uma acuidade mental que não estava mais ao meu alcance, e no curso dos minutos seguintes experimentei a mesma consciência imagista, reduzida à mínima expressão, em que ingressara logo após o meu encontro com James.

Afinal, no entanto, um bom tempo depois, comecei a pensar em comida — faltava pouco para as quatro horas, e eu não tinha comido nada desde o meu único bolinho com geleia naquela manhã — e percebi que algo no fato de ficar sem comer parecia subitamente muito atraente; a sensação de tornar-se oco, para além da fome, parecia ser o ingresso, uma parte essencial do meu estado de prontidão. Resolvi não jantar com Ellen, mas propor um chá, no qual ela poderia comer o que quisesse e eu me absteria (tão discretamente quanto possível) de qualquer alimento sólido.

Esperei até exatamente um minuto depois das quatro e telefonei para os Sho-pan. Mimi atendeu e, com seu jeito resoluto de presidente de clube, disse: — Cookson, aguarde na linha... ela está aqui mesmo.

— Eu sinto muito — disse eu logo que ouvi a voz de Ellen.

— Eu também — disse ela. — Quer ir jantar?

— Vamos encontrar-nos por volta das cinco para tomar chá — eu sugeri. — Dá para você sair logo?

— Dá, sim — disse ela. — Onde?

— O que acha de aqui mesmo? — perguntei. — No térreo.

— Tudo bem — disse ela. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

E teria sido aquilo mesmo, bastante simples — nós teríamos feito as pazes, e esse fazer as pazes nos teria levado a um melhor fim — se eu não tivesse repostado o fone branco no seu gancho branco, virado na cama e caído no sono.

Sonhei de novo o sonho do quiroprático, no qual eu estou deitado de costas na sua mesa acolchoada, ele me diz (amavelmente, pensativamente) "Agora só relaxe... livre-se de tudo", e depois torce minha cabeça separando-a do meu corpo. Desta vez, entretanto, no esforço por corrigir seu erro (num excesso de zelo), ele, em pânico, também deixa minha cabeça cair no duro piso de ladrilhos; sinto uma pancada na base do crânio, a sala de tratamento dá algumas voltas, e de repente estou vendo os enormes sapatos negros do quiroprático, e depois, olhando um pouco para cima, o fundo da mesa.

O sonho nem de longe pareceu tão desagradável como antes. Estando nele, percebi que já passara por essa experiência anteriormente, e me consolei com a consciência de que na verdade era apenas um sonho e que eu acordaria dele a qualquer momento. Isto me permitiu me distanciar do pânico do quiroprático (seu pânico tinha sido o mais apavorante) e mesmo curtir até certo ponto os problemas futuros colocados pela súbita decapitação. Embaixo da mesa de tratamento, olhando as barras transversais cromadas no seu lado inferior, pude sentir que me tornava filosófico, uma tendência adequada e lógica, pensei, para uma cabeça sem um corpo a levar. Mas se eu tivesse um dedão (e obviamente não tinha), mal teria conseguido mergulhá-lo nestas águas antes de começar a acordar.

Digo *começar a acordar* porque eu passei do sonhar para o não sonhar como numa espécie de vagaroso fade-in as barras cromadas no fundo da mesa do quiroprático viraram barras de mogno no lado inferior de um dossel muçulmano. Eu estava deitado de costas, debaixo das cobertas, e notei que de algum modo tinha perdido as roupas que usara naquele dia na visita à National Gallery. Agora o quarto

estava escuro, embora aí próximo, em algum lugar perto do meu quadril direito, uma tira de luz corria subindo da cama até o cimo do dossel (uma abertura na cortina lateral). Achei interessante que, ao acordar do sonho da cabeça decepada eu me tornasse tão extremamente cômico das minhas condições corporais: minhas juntas doíam (especialmente meus joelhos e cotovelos), eu recendia a uísque, e sentia um calor atrás dos olhos, como se estivesse com febre. Aquilo me era pavorosamente familiar — eu já tinha visto e sentido antes —, mas tinha também algo mais, algo novo, uma espécie de pressão intensa em todo o comprimento do meu lado esquerdo, como se eu estivesse entalado contra uma parede dura. Esta parede, pressionando contra mim e quase parecendo abaular-se e recuar como se tivesse vida e respiração, era o novo foco do meu medo, a coisa que me fazia ficar perfeitamente quieto para não perturbá-la, a coisa que me fazia fechar os olhos e iniciar uma ladainha de quem eu era, onde estava, e não precisa ter medo. Mas esta vez, quando comecei a recitar em silêncio com meus botões os meus diversos títulos de parentesco — marido de Ellen e por aí afora —, parecia uma abstração da devastação sem esperanças que eu doentamente insistia em chamar de minha vida: Cookson Selway, filho de pais caipiras, perturbados e assassinos, largado por uma esposa cética, abandonado por uma filha mimada, no mundo da lua, arrastado por poderes desconhecidos para um país estrangeiro, um ator impressionável e autodestrutivo em um dos detestáveis enredos secundários do Destino.

Nenhum alívio ali. Eu tinha conseguido o que queria conseguir: tinha ficado sozinho na Ilha do Terror. Reconhecia o lugar de anteriores visitas, nos tempos dos alucinógenos.

(Muito tempo atrás, em decorrência de uma dose de ácido especialmente imoderada — eu dissolvera um cubo de açúcar dosificado para quatro pessoas num copo d'água e bebera tudo de um gole — eu estava sentado numa otomana vermelha na casa de alguém e — no meio de uma conversa, montes de gente e de atividade ao meu redor — o mundo inteiro dissolvera-se rapidamente, deixando-me emudecido de medo, isolado a quilômetros de altura em cima da minha otomana.) Mais uma vez, o silêncio no quarto, dentro das cortinas da cama de baldaquino, era absoluto, tumular. Mais uma vez, senti meu coração disparar e pude ouvir leves sons rumorejantes nos ouvidos. Então ouvi — desmedido, reverberante, como saído de uma câmara de eco — o lento plaque-plaque de cascos de cavalo na rua, começando debilmente, aumentando, parando de todo, começando de novo, desfazendo-se na distância. A parede que pressionava contra o meu lado esquerdo começou a mover-se, a deslizar para baixo como um tambor giratório mesmo reforçando a sua firme pressão, e aí um braço musculoso caiu sobre meu peito nu, uma massa de cachos ruivos emergiu das cobertas, uma barba esfregou asperamente o meu queixo, fuçando, um suspiro cascalhoso, um pesado fedor de uísque rançoso.

Um segundo depois, aterrissei no chão, batendo forte com a base do crânio, justamente no ponto onde recebera o baque contra o piso da sala de tratamento do quiroprático um minuto atrás, no meu sonho. Cheguei a experimentar um instante de queda livre ao despencar da altura da cama. Imediatamente, Walter Jevons botou sua cabeça para fora da cortina lateral como um boneco de mola saindo da caixa de surpresas; ele olhou para mim, patético e nu no piso frio de madeira de lei, emitiu uma espécie de grunhido irascível e meteu a cabeça para dentro, fechando a cortina num puxão, bom jeito de safar de coisa ruim.

Ter-me-ia inclinado a pensar que o impacto do meu corpo contra o piso podia ter desfeito a ilusão (à falta de palavra melhor), que as coisas teriam voltado a seu estado natural, mas não: eu jazia nu, no piso de um quarto muito parecido com o quarto de dormir do nosso apartamento no Hotel Willerton — o padrão das placas de lambris era reconhecível, mas em lugar de paredes emboçadas na cor creme, tínhamos agora um papel de parede retratando (talvez setecentas vezes) uma cena pastoril (um pequeno vale, um córrego, uma ponte, três álamos agitados pelo vento) em tons de bege, dourado e verde-oliva. Pesadas cortinas com motivos florais cobriam as janelas, estando as sanefas revestidas no mesmo tecido. Não sei ao certo quanto tempo fiquei atordoado no chão ao lado da enorme cama, mas lembro-me de, em certo momento, ter tremido de frio, e de uma completa e infantil perplexidade quanto ao que fazer a

seguir. Devia arrastar-me para fora do quarto, nu, engatinhando? Devia abrir a cortina lateral e principiar uma conversa?

Um espaço de cerca de oito centímetros separava o piso da bainha da colcha da cama, e ao virar a cabeça pude enxergar por baixo da cama o outro lado do quarto. Vi o que parecia ser uma pilha de roupas sobre o chão, bem longe, daquele lado. Uma meia errante estava algo afastada da pilha, como um pequeno navio aventureiro que acaba de fazer-se ao mar partindo da ilha principal, e algo nessa visão deu-me uma sensação de esperança e objetivo: se eu pudesse ao menos pegar minhas roupas, poderia me virar, poderia sobreviver. Decidi que a melhor forma de me deslocar era mesmo de quatro, e iniciei silenciosamente a viagem para o outro lado. Havia um tapete de lã aos pés da cama, bem-vindo como acolchoado para meus joelhos, mas, debaixo dele, uma tábua rangente que soltou um grasnido no quarto em silêncio, deixando-me paralisado. Ouvei uma agitação na cama, a cortina se abriu de novo, e recebi um soco na nuca que me esborrachou no chão.

Isso parecia flagrantemente iníquo. Não me incomodava muito estar apavorado — isso era uma consequência da minha consciência ampliada, fazia parte da condição de ser dotado — mas por que deveria ser maltratado? Eu não tinha feito mal a ninguém.

Fiquei em pé rapidamente, peguei meus jeans do chão, enfiei-me neles, puxei a cortina lateral e comecei a falar: "Espere..." (justamente indignado, eu ia dizer "Espere aí um minutinho"), mas alguma coisa (a cabeça de Walter Jevons?) me esmurrou na barriga com a força e o peso de uma bala de canhão, deixando-me sem fôlego e derrubando-me de novo contra a parede. Logo depois eu me via encostado, de pernas abertas como uma boneca de trapo, no ângulo reto entre a parede e o piso. Uma fugaz escuridão, não mais que uma piscadela, e eu estava de novo no quarto com as camas gêmeas, tendo esse último golpe, que eu ainda sentia bem dentro da minha barriga, me trazido de volta ao Hotel Willerton.

Para minha surpresa — embora agora reconheça o caráter burlesco do que acabara de acontecer —, comecei a soltar gargalhadas, e acho que tive algum problema em parar.

O quarto estava bastante escuro, de certo modo mais escuro do que estivera apenas um momento atrás. Sentia-me enjoado, e todos os outros sintomas — a sensação de dor, o estado febril, o cheiro de uísque rançoso — também continuavam ali. Por fim levantei do chão, acabei de me vestir e saí para o corredor a caminho do banheiro.

Ao passar pela porta do quarto, esperava-me outro pavor: uma bola de borracha rosada veio quicando pelo corredor, atingindo altura anormal, passou diante do meu rosto, bateu na porta fechada do quarto desocupado e ricocheteou voltando pelo corredor até a sala de estar. Ela foi parar num canto próximo à porta da sala de jantar.

Entre na sala de estar e peguei a bola. Logo vi que era a bola do garotinho que eu encontrara no quarto desocupado. Levei a bola comigo para o banheiro, onde a coloquei em cima da pia; liguei a luz acima do armário e me olhei no espelho. Eu tinha mudado: mesmo agora não sei dizer claramente como isso se evidenciava, mas o homem que eu via no espelho tinha um passado e um futuro diferentes dos meus; esse criminoso de olhos mascarados que tinha ultrapassado todos os limites e se aventurado em algumas das trilhas mais arriscadas, nas quais eu realmente não me aventurara; esse era o infeliz azarado que, por exemplo, tinha feito carreira na heroína, aquele que dirigira uma noite voltando de uma festa em Westchester para Nova York totalmente passado, tinha perdido a direção e jogado o carro de uma ponte, matado a esposa grávida e vivido para contá-lo. Vi no meu rosto quase o dobro de detalhes que queria ver — cada ruga e fio de barba preto e branco, mancha roxa e pústula avermelhada.

Para meu grande alívio, fui salvo de estender-me nisso por um rumor de choro já conhecido, vindo do quarto desocupado. — James — disse eu em voz alta, e, pegando a bola de borracha, entrei no corredor escuro dirigindo-me à porta.

Como antes, bati suavemente.

Como antes, ouvi a voz aguda e resignada: — Entre.

Como antes, vi um menino louro na escuridão, sentado na cama de costas para mim. Dei alguns passos aproximando-me dele, parei e disse: — Achei a sua bola.

A criança virou-se lentamente para mim. Não era James, mas Victoria — uma Victoria Jevons transformada, instantaneamente mais enérgica e atrevida — que sorriu severamente e disse: — Enganei você, não é?

dezoito

EM CIMA DO CRIADO-MUDO entre as duas camas havia um relógio com mostrador digital, do tipo mais antigo, com chapinhas que vão caindo para mudar os números, e quando a garota sorriu para mim, os minutos e a hora mudaram — inexplicavelmente — para as nove em ponto. Eu devo ter ficado visivelmente sobressaltado. De qualquer maneira, a bola de borracha caiu da minha mão, quicou preguiçosamente um par de vezes e rolou debaixo de uma das camas. Victoria Jevons, com seu novo porte e sua nova voz (pelo menos uma quinta mais grave que antes), ergueu a cabeça, alçou uma sobrancelha e disse: — Está se sentindo um pouquinho nervoso esta noite, não está?

A única luz no quarto era a que saía do banheiro e vinha pelo corredor, mas quando ela levantou a cabeça, vislumbrei seus olhos, dei uma boa olhada neles. Eram azulados e extremamente nublados (como os de James), como se estivessem metidos em tripa de salsicha. Ela manteve seu olhar em mim o suficiente para obter seu efeito atraente e irônico, depois voltou-se de novo para a parede — aparentemente "ancorando-se" nela. Vestia como antes o vestido de marinheiro, com duas mudanças significativas: estava descalça, e as luvas brancas tinham desaparecido. Perguntei se ela se incomodaria se eu acendesse uma luz.

— Eu o farei — disse ela, e rolou para trás na cama, esticando um braço delgado e branco para ligar o abajur do criado-mudo. Ela cobriu seus olhos por um momento, retirando lentamente a mão em seguida. — Gostaria que você tivesse velas aqui — disse ela. — São sempre bem mais agradáveis. — Ela ficou esticada na cama, pôs as pernas para cima e sorriu, estratégia incomodamente sedutor que eu jamais poderia imaginar vindo da garota que eu conhecera primeiro na sala de estar. Ela disse: — Sua adorável esposa apareceu de novo.

— Sim, eu sei — disse eu. — Você já me falou.

Ela escolhera uma nova âncora, um ponto no teto, e até dar-me conta disso, achei que estava revirando os olhos ante o meu comentário. Ela disse: — Não pode ter sido eu. Estou dizendo que ela esteve aqui ontem à noite.

— Não estou entendendo.

— É melhor você sentar — disse ela, batendo de leve no colchão ao seu lado, mas eu tomei assento na outra cama. Quando o fiz, ela revirou os olhos para trás tão acentuadamente que pensei que podia estar principiando um ataque epilético. — Ela esteve aqui ontem à noite — disse ela finalmente. — E muito alterada, por sinal.

— Por que ela estava alterada?

— Ela queria entrar no apartamento, certo? — disse ela apenas esboçando um sorriso. — Alguém tinha passado o fecho de corrente. Esse fecho de corrente é um tanto controverso por aqui... um frequente motivo de disputa. Mas nunca ouvi tanta pancada e berro de uma mulher civilizada. Acho que vocês tinham combinado tomar um chá.

— Sim — disse eu. — E melhor eu ligar para ela.

— Eu não acho que isso seja muito útil agora — opinou. — Ela está bastante aborrecida.

— Mas eu nem ouvi quando ela chamou — disse eu.

— É evidente que não ouviu — disse ela. — Você estava com Walter.

— Eu estava dormindo — frisei.

— Sim — concordou ela —, por assim dizer.

— O que quer dizer com isso?

— Com certeza não sei o que quero dizer — afirmou. — Espero que não lhe incomode que eu diga isto, mas sua esposa é um tanto impaciente.

Eu me sentia confuso perante aquela mocinha enrolada como um gatinho na cama, fisicamente reconhecível como Victoria Jevons mas irreconhecível em qualquer outro sentido. Suponho que me senti desafiado por ela. Perguntei o que tinha pensado perguntar na vez anterior: — O que quer comigo?

Ela pareceu autenticamente abalada pela pergunta. — Que é que você quer dizer? — perguntou.

— O que está fazendo aqui no meu apartamento? O que você quer?

— Oh, meu caro — disse ela. — Vocês, americanos, são melindrosos, não é mesmo? Eu apenas quis ser sociável. Apenas quis ser hospitaleira.

— Onde está o garoto? — perguntei. — Quero ver o garoto.

— Está falando do James? — perguntou ela. — É um pouco tarde da noite para um menino, não acha?

— E onde estão as suas luvas? — quis saber.

— Que luvas? — perguntou ela. — Ah, você quer dizer as luvas de Victoria. Receio que sumiram e ficaram sujas. E o problema com luvas brancas, não é? Tão limpa ela, Victoria. Uma garota tão boa e limpa. Nada a ver com a gente.

— Então você não é...

Bateram à porta do apartamento. Ela olhou para o teto por um momento, depois sacudiu a cabeça rápido e deixou cair os ombros com exagerado desapontamento.

— Que sujeito maçante esse aí! — disse ela.

— Espere — eu pedi. — Não vá embora. Eu vou só...

A batida se repetiu, e mais insistente. A garota sentou-se e deixou as pernas pendendo no lado da cama, voltada para a parede como antes, e virou-se para mim uma última vez; quando o fez, vi no seu rosto a fragilidade de Victoria, e quando ela falou, foi com a voz delicada e aguda de Victoria. — Poderia fazer-me um enorme favor? — disse ela com grande mordacidade, puxando para baixo a bainha de seu vestido.

— Qual? — perguntei.

— Dá para você atender à porta?

Ela estremeceu quando, naquele momento, as batidas na porta repetiram-se pela terceira vez. Fechou os olhos e tocou a ponta do nariz de leve com dois dedos.

— Tudo bem — disse eu. — Mas não vá embora.

Ela só me olhou tristemente, e depois virou de novo para a parede. Quando cheguei à porta e deixei Pascal entrar, ela certamente tinha ido embora.

— Que aconteceu? — perguntou Pascal, mal entrou na sala de estar escura. — Você está doente?

Ellen, não tendo conseguido acordar-me, pedira-lhe para passar no apartamento quando seu turno terminasse. Eu expliquei — acho que com certa impaciência — que Ellen estava fazendo uma tempestade num copo d'água, analogia que deixou Pascal confuso. Prossegui dizendo que eu simplesmente estava dormindo, que com certeza Ellen não se esforçara muito por acordar-me. E disse que telefonaria para ela.

Então tive uma ideia. — Pascal — disse-lhe —, que planos tem para hoje à noite?

— Hoje à noite? — perguntou. — Tenho planejado uma noitada muito interessante para mim. Vou tomar um banho, ver televisão e dormir.

— Ótimo — eu disse. — Eu quero que você me ajude. Ele deu de ombros.

— Estava pensando... Você se incomodaria em dormir aqui esta noite? — perguntei. — No quarto desocupado.

O rosto dele se iluminou, desaparecendo todo vestígio da anterior desconfiança. — Vamos perseguir

os espíritos? — perguntou.

— Algo assim — aprovei eu.

— Está certo — disse ele. — Vou ajudar. Diga-me o que fazer.

Cerca de uma hora depois, enquanto eu, deitado na cama, lia atentamente as páginas copiadas do *Daily Mirror*, o telefone tocou — era Ellen, emocionalmente bastante fechada e com um pé atrás. Eu disse que estava a ponto de ligar para ela (mentira: não estava com vontade de ligar e tinha decidido deixar isso para o dia seguinte).

Repetimos um resumo de conversas anteriores. Ela queria que eu consultasse um médico. Eu disse que não era preciso. Ela queria que eu saísse do apartamento. Eu disse que não tinha escolha, a não ser ficar. Ela disse que isso era absurdo. Eu disse que concordava, mas que era isso aí. Resolvemos encontrar-nos para o café da manhã, a fim de continuar a nossa tediosa conversa. Eu disse que passaria na casa dos Sho-pan às nove da manhã.

Pascal estava instalado no quarto desocupado, após ter ido lá embaixo pegar o que precisava, voltado, tomado banho e ligado a televisão num programa que costumava ver nas noites de segunda-feira. A minha ideia era bem simples: eu usaria Pascal como âncora — se me visse transportado para o outro mundo do apartamento, de camas com baldaquino e canalhas abusados, eu lembraria que ele estava ali perto e o chamaria. (Estava ansioso por ver que efeito teria a intromissão de outra pessoa, e também interessava-me arranjar uma testemunha.) Estive procurando no *Daily Mirror* por algum detalhe que porventura não tivesse notado, algum pormenor despercebido que pudesse ser útil. Não encontrei nenhum. Dado o estilo de reportagem que parecia ser típico do jornal — em formato tabloide, muito conciso — não me surpreendia que o repórter tivesse remendado parte da informação.

(Os artigos não eram assinados, embora matérias de locais distantes começassem com "Do nosso correspondente".) Em geral, o pendor do jornal era mais lúbrico do que sério, visando entreter mais do que informar. Na mesma página do relato sobre a tragédia dos Jevons apareciam artigos sobre um homem que tinha pregado uma peça em mais de cem dos seus companheiros de excursão em Loch Ness, nadando no lago com uma falsa cabeça de serpente projetando-se da água; o presente de casamento da rainha Mary (um antigo estojo de maquilagem) para a dama de companhia da duquesa de Kent, que em breve casaria com o palafrenero do duque de Kent; um médium que pintara um retrato de um homem a mais de cinco mil quilômetros de distância, e um homem que tinha moldado uma dentadura postiça para si mesmo com o alumínio derretido do cârter da sua motocicleta. (Tinha também uma brevíssima referência a um orador alemão no Congresso Internacional de Sindicatos, realizado em Londres, o qual advertira que por trás dos discursos pacifistas de Hitler, os preparativos para a guerra estavam muito adiantados.) Pensei que a minha história, a história das minhas recentes experiências no Hotel Willerton, era exatamente o tipo de coisa que interessaria ao *Daily Mirror* e era nisso mesmo que tudo tinha resultado — minha vida daria um bom artigo num jornal tabloide, algo para ser lido na fila da caixa do supermercado.

Eu ouvia a televisão de Pascal no extremo do corredor, e mesmo sendo o som bem-vindo, eu percebi mais uma vez, de repente, a total anormalidade da situação; minha esposa me abandonara, e agora o porteiro do hotel dividia meu apartamento comigo. Eu estava todo dolorido. Sentia-me em estado febril.

Estava exausto, embora tivesse dormido muitas horas. Apaguei a luz de cabeceira, e quando minha cabeça afundou no travesseiro, senti o cheiro de alvejante nos lençóis limpos; a frescura dos lençóis era um alívio, e então algo parecido com comiseração de mim mesmo insinuou-se nos meus sentimentos. Vi-me como um pobre tolo, sozinho na escuridão, aferrando-se desesperadamente a seus fantasmas. Meus fantasmas pareciam-se a tudo que eu tinha deixado para trás. Pensei que havia algo profundamente errado comigo — sempre tinha havido — alguma profunda necessidade de alívio que eu procurara responder com drogas, bebida e diversas outras atividades dúbias, e que ainda cantava para mim do seu buraco negro: cantava silenciosamente, sobre aventura e importância, mas a maioria das vezes cantava uma ária atonal sobre coisa nenhuma, nada específico de modo algum, a não ser uma sugestão talvez de mais —

mais do que era, mais do que se vê, mais do que o habitual, mais do que o comum, mais do que o mais.

Caí no sono por curto tempo, e ao acordar logo depois pensei na bola de borracha que rolara debaixo de uma das camas no quarto desocupado. Primeiro tomei nota mentalmente para buscar a bola pela manhã, mas depois descobri que não conseguia tirar isso da cabeça. Não dava para dormir de novo, e toda senda da minha mente conduzia, num círculo fechado, para a bola de borracha rosada. Pensei nela nas mãos do menino, em como ele, inquieto, ficava passando-a de uma mão para outra, como a apertara durante o nosso encontro, assim como os gregos brincam com seus terços de contas. Pensei em como a bola tinha quicado anormalmente alto, saída de lugar nenhum, surpreendendo-me no corredor, e como ela quase não quicara quando eu a deixei cair sobre o tapete no quarto desocupado. Após uns instantes, a bola pareceu estar crescendo, inchando embaixo da cama até ficar do tamanho de uma bola de basquete, entalada e presa contra as ripas. E descobri que, ao pensar no inchaço da bola, eu tinha dificuldade de respirar, como se ela estivesse inchando dentro do meu peito, invadindo meus pulmões. Pensei no ar dentro da bola, seu leve cheiro de borracha, e logo estava pondo minha mão em concha sobre a boca e as narinas — pareceu-me que o meu próprio alento cheirava a borracha. De vez em quando eu cochilava durante breves intervalos, nos quais sonhava com a bola — eu a encontrava no meio de um riacho na floresta; Ellen abria sua bolsa, tirava a bola e dizia: "O que é isto?" Em resumo, eu estava Obcecado na Noite, e após um tempo considerável nesse estado, resolvi entrar furtivamente no quarto adicional e pegar aquela maldita coisa.

Pascal deixara a porta aberta, como eu lhe pedira. Fiquei por um momento no vão da porta e tremi; fazia frio no apartamento, eu estava só de cuecas. Nas pontas dos pés, entrei no quarto e no estreito espaço entre as camas separadas. Pascal dormia na cama do lado direito, parecendo um tanto angelical na escuridão. Fiquei de joelhos e debrucei-me para buscar primeiro debaixo de uma cama e depois da outra.

Como não avistei bola alguma, e uma vez que estava escuro como breu debaixo das camas, deitei de bruços no chão a fim de estender um braço e tatear. Algo agitou-se, acima de mim por assim dizer, e quando me ergui, ainda de quatro, encontrava-me *nez-à-nez* com Pascal, que me olhava fixamente com um misto de desconfiança e surpresa.

— Estou procurando uma coisa — eu disse por fim.

— Procurando uma coisa? — perguntou.

— Sim, uma bola.

— Você está procurando uma bola?

dezenove

ELE SE LEVANTOU E SAIU do apartamento antes do amanhecer no dia seguinte, tendo a noite transcorrido sem incidentes. Ouvi quando ele saía, embora não tenha acordado completamente, e a sua saída — seus passos no corredor, o habitual ranger das tábuas do assoalho, o estalo do trinco da fechadura — pareceu tornar-se parte de um sonho absurdo, no qual minha esposa me trocara por um casal idoso de Hong Kong e o porteiro-chefe do hotel onde nos hospedávamos mudara-se para o meu apartamento.

Quando acordei de vez, cerca de duas horas mais tarde, sentia-me descansado, bem menos indisposto, mas também desapontado por não ter sucedido nada para Pascal testemunhar, fora a esquisitice do fato de flagrar-me procurando uma suposta bola embaixo da cama dele no meio da noite. (Não achei mesmo a bola, e quando olhei novamente já de manhã, ela não estava lá.) Depois de me vestir (sem ter tomado banho nem feito a barba), eu tinha uns quarenta e cinco minutos antes da hora marcada para encontrar-me com Ellen. Quando tomei assento no sofá da sala de estar, entrelaçando as mãos sobre o colo, dando um olhada em volta, o tempo vago pareceu um fardo, um obstáculo pesado e indesejado para minha paz de espírito, e essa preocupação logo virou percepção da minha grande ansiedade diante da perspectiva do encontro com Ellen. A princípio achei que eu apenas não queria lidar com ela, não queria ter de me explicar mais uma vez, nem sentir a culpa e a vergonha de precisar justificar-me. Mas quando comecei a imaginar a tarefa passo a passo — descer, deixar a chave no balcão, caminhar os setecentos e cinquenta e três passos até a casa dos Sho-pan e assim por diante — percebi que sentia-me ansioso simplesmente pelo fato de sair do apartamento. procurei especificar o temor, procurei pensar o que exatamente me atemorizava tanto assim, mas as imagens que me vieram à mente eram cenas insignificantes e rotineiras, lembranças de momentos irrelevantes e inócuos — botar moedas numa máquina de chocolates no metrô, atrapalhar-me com as moedas, finalmente conseguir fazê-la funcionar, somente para ler no visor "Esgotado, escolha outro produto"; pedir um sanduíche de queijo e molho picante numa loja, o balconista perguntar "É para levar e precisar de um instante para compreender o que ele estava perguntando (se eu queria o sanduíche "para viagem")".

Agora esses momentos pareciam carregados de pânico (o trem estava entrando na estação; tinha gente esperando na fila do sanduíche atrás de mim) e eu temia outros momentos como aqueles. E, mais absurdo ainda, também ocorreu-me que em toda parte aonde ia, pessoas completamente estranhas paravam-me e perguntavam se eu estava doente.

Por fim consegui abandonar essa linha de pensamento e fui à cozinha para preparar um bule de chá. Depois do chá, decidi ir em frente e sair... que diferença faria se eu chegasse um pouco mais cedo à casa dos Sho-pan?

Ao sair no corredor, ouvi o barulho de operários no andar de baixo, arrumando os novos quartos, e acima de tudo desejei fugir do hotel sem ter de ver nenhum deles.

Tive de esperar muito pelo elevador mas quando este chegou desci direto até o salão, graças a Deus sozinho. (E não ouvi piano nenhum.) Quando deixei minha chave no balcão, Hannah sorriu maliciosamente e disse: — Eu quase me meti em problemas por sua causa ontem à noite.

Experimentei uma onda de pânico ("Escolha outro produto"), dando tratos à bola na tentativa de saber que coisa terrível eu podia ter feito na noite passada, em algum estado alterado, e que agora não

conseguia lembrar. Hannah explicou rapidamente — enquanto o telefone tocava — que tinha pego um ônibus para casa na noite passada e vira um passageiro a quem confundiu comigo, dirigira ao homem um amplo sorriso amistoso, ele reagira com um olhar de espanto, saltara do ônibus no ponto seguinte e então, só então, ela se dera conta de que, afinal, o homem não era eu.

Ela atendeu o telefone que tocava, e eu tornei a pegar a chave, balbuciando as palavras "Esqueci uma coisa".

Sem dúvida era uma história bastante inocente, mas eu achei que tinha um matiz sinistro; enquanto subia no elevador, não gostei de pensar nesse homem parecido comigo, o meu sócia, solto no mundo, em Londres, pegando ônibus, ofendido pelos sorrisos das mulheres, fazendo todo tipo de coisa, a externar os mais diversos impulsos secretos, nos quais meu rosto via-se estampado. Quando entrei no apartamento e fechei a porta, encostei-me nela, respirando profundamente, como se alguém estivesse no meu encalço e eu me tivesse posto a salvo na hora H. Resolvi telefonar para Ellen e dizer que não estava passando bem; depois pensei melhor nisso — ela já queria que eu procurasse um médico. Ia dizer apenas que estava um pouco atrasado e que preferia que ela viesse ao apartamento, se possível; depois pensei melhor nisso — eu não tinha muita vontade de tê-la no apartamento.

Este pequeno dilema, o que fazer e o que dizer a Ellen pareceu-me enorme, insuperável, o tipo de situação em que só se tem a perder e que sugeria o suicídio ritual como único recurso honorável; mas, visto que eu não tinha a menor intenção de estripar-me com uma faca sagrada, a única coisa que podia cogitar de fazer era voltar para a cama, e talvez até esconder a cabeça debaixo das cobertas. Voltar para a cama também era inadmissível, porque isso só faria com que Ellen telefonasse para o apartamento, e desse modo eu me defrontaria com o menor dilema inserido no maior, o de atender ou não o telefone. (Pensei naquelas pavorosas bonecas russas embutidas umas dentro das outras, que vão encolhendo em horrível desfile.) Se eu atendesse, ela me perguntaria o que havia de errado, e mais uma vez entraríamos no conhecido terreno de anteriores conversas.

Se eu não atendesse... bem, vocês podem imaginar. Ridiculamente, feito um ioiô, eu saí do apartamento mais uma vez, voltei ao andar térreo e desta vez, saí para a rua e fui à casa dos Sho-pan. Apertei a campainha exatamente às nove horas.

Ray Sho-pan recebeu-me e me fez entrar no escuro corredor. Os efeitos das minhas recentes aventuras deviam estar patentes no meu rosto, já que ele ficou me olhando com curiosidade, atentamente, como se fosse enfiar um alfinete gigante no meu tórax e espetar-me numa placa de cortiça. Logo ele começou a assentir — tinha aparentemente compreendido tudo o que cabia compreender quanto a mim — e eu também comecei a assentir, concordando com qualquer que fosse a conclusão não dita a que ele tinha chegado, e sorrindo. Assim fomos descobertos por Mimi Sho-pan, no corredor, assentindo mutuamente na quase escuridão como um par de diplomatas lobotomizados num pavilhão de hospício.

Ela nos conduziu até a luz sala de visitas cheirando a lã molhada e acomodou-nos num sofá. — Ray está preocupado com você, Cookson — ela disse, dando-me uma xícara de chá que acabara de servir.

— Sim — disse o Sr. Sho-pan. — Veja só...

— Ele receia que você... possa ter perdido a perspectiva das coisas.

— É isso mesmo — disse ele. — Você pode ficar um tanto...

— Enredado — disse ela.

— Você pode perder — disse o Sr. Sho-pan — a visão de...

Seguiu-se um longo silêncio, em que ele ficou pensando qual era a palavra que queria, a Sra. Sho-pan sorria-lhe, mantendo seu olhar fixamente focado na careca dele (como se estivesse recarregando-lhe o cérebro telepaticamente), e eu sentia a vigorosa atração do Hotel Willerton. Só queria voltar ao apartamento, e dentro do meu desejo começava a surgir aos poucos uma selvagem pulsação de desespero. Concentrei-me em uma jarra de gengibre apoiada sobre o consolo da lareira, e depois num chocalho de bebê de prata de lei próximo a ela.

Por fim, o Sr. Sho-pan disse: —... você mesmo, sim. Perder a visão de você mesmo.

— Ray acha que você não deveria ficar sozinho — acrescentou a Sra. Sho-pan.

— Pois é, é disso que quero falar com Ellen — eu disse, embora nada estivesse mais longe da verdade. — Onde ela está, afinal?

— Ela virá logo — disse a Sra. Sho-pan. — Receio que ela não tenha dormido bem.

Notei por acaso que os olhos dela tinham pousado em uma grande fotografia colocada em cima de uma mesa no outro lado da sala, o retrato de um moço asiático bem-parecido com espesso cabelo preto, um cachecol de lã no pescoço e segurando um periquito branco na mão; o moço era a menina dos olhos de alguém, cheio de vida, alegre, sorridente, ligeiramente exótico, e não podia ser outro senão o filho morto, David. A moldura era especialmente fina, larga e trançada em palha de cor âmbar, escolhida, segundo imaginei, com amor. — Entendo — eu disse.

A Sra. Sho-pan olhou seu relógio, e eu percebi que também eles estavam esperando, esperando que Ellen aparecesse para que nós fôssemos embora e eles pudessem dirigir-se ao hotel para seu café da manhã, como costumavam fazer, e me pareceu estar imerso numa longa e atrapalhada história de esperar por Ellen, esperar que ela acabasse de vestir-se, esperar que se levantasse, que saísse do banheiro, que arrumasse a mesa, que tivesse seu período, que externasse seu humor lamentável, e (pensamento dos mais cruéis) esperando que atingisse seu orgasmo. Ao mesmo tempo — naquela sala fria de madeiras escuras e almofadas de cetim na cor vinho, de quinquilharias de porcelana e perdas irrecuperáveis — eu continuava a sentir o crescente puxão do apartamento; a analogia que me veio à mente tinha a ver com correntes oceânicas, com marés, e aí me vi empurrado inexoravelmente por uma contracorrente submarina, ou contramaré, que, se eu lutasse contra ela, haveria de me extenuar e me afogar; por outro lado, se eu simplesmente me deixasse levar por ela, parasse de resistir (como estava resistindo agora, ao ficar sentado na sala de visitas dos Sho-pan), ela acabaria depositando-me de novo a salvo em terra firme. (Eu não sabia se isso era verdade, esse negócio de contramaré, mas tinha ouvido falar naquilo durante toda a minha infância, passada a curta distância da costa do Golfo.) Acredito que cada um de nós — Ray, Mimi e eu — se afastara da companhia dos outros para entrar num devaneio privado, e de repente, tendo perdido inteiramente a noção da presença da xícara em minha mão, deixei-a cair no meu colo. Seguiu-se uma grande comoção na qual, após um instante, encontrei-me sozinho no corredor de entrada, tendo sido orientado a virar à direita para achar o lavabo, mas, agindo impulsivamente, jogando a prudência de lado, virei, isto sim, à esquerda, e assim saí porta afora e ganhei a rua.

No balcão do hotel, Hannah disse: — Você deve estar gelado.

Estava úmido e frio lá fora, e agora eu me encontrava parado diante dela de camisa, as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Com certeza eu estava vagamente cômico de que algum componente do meu atual desassossego tinha a ver com temperatura corporal, mas ainda não me ocorrera nenhuma solução (por exemplo, um casaco) para esse estado.

— Sim — disse eu, em tom confuso de autodescoberta —, estou mesmo — e segui para o elevador.

O telefone estava tocando quando entrei no apartamento. Eu não tinha ideia do que ia dizer a Ellen, mas de qualquer maneira peguei o fone, com a mesma impetuosidade com que dera o fora da casa dos Sho-pan.

A voz que ouvi era a de um homem, e apesar de ser ligeiramente familiar, e de ele mostrar familiaridade comigo — "Cook, meu chapa", disse alegremente, "como é que vai?" — a surpresa desconcertou-me totalmente. Pronunciei um som "ahhhh..." prolongado e fanhoso.

— Tony — disse a voz. — Tony Rosillo. Como vai, Cookson?

— Tony — eu repeti. — Ótimo, ótimo.

De onde eu estava, podia ver a porta da cozinha, que agora emoldurava uma espécie de quadro surrealista de uma mesinha de café e duas cadeiras, uma janela, uma brilhante torradeira cromada, e, no lado direito da moldura, um par de perninhas nuas que penetravam no quadro, balançando no ar, as

pernas (de calças curtas) de um menino que devia estar sentado na bancada da cozinha.

— Eu não lhe falei? — disse Tony. — Que nem Masterpiece Theatre, não é mesmo? Eu não lhe falei?

— É, sim — eu disse, movimentando-me para ver melhor o interior da cozinha, esticando o fio do telefone. — Exato, Tony. Bem como no programa. Você não acordou cedo demais?

— É normal para mim — disse ele. — Preciso tirar vantagem do dia, sabe como é. Deus ajuda a quem cedo madruga, suponho, ou alguma besteira assim. Está mais para insônia, se quer saber a verdade. Ei, Cookson, escute... eu detesto mesmo incomodá-lo nas férias e tudo mais, mas surgiu uma coisinha...

Agora, da minha nova posição, eu podia ver o menino sentado na bancada. Ele nem ligava para mim, estava simplesmente jogando uma bola de borracha rosada no ar, aparando-a nas mãos e jogando-a de novo.

Tony Rosillo continuou falando de um troço de mercado global, que tinha um prazo limite que ele perdera. Eu tinha ouvido talvez metade do que ele estava dizendo, e quando começou mesmo a citar números, eu interrompi:

— Tony — eu disse — vou ter de lhe dar um retorno...

— Mas é do que estou falando — ele disse rapidamente. — De dar um jeito neste assunto...

Com uma calma que até me impressionou, eu expliquei serenamente que não podia falar naquele momento, e recomendei que ele cuidasse do problema, que fizesse o que achasse melhor.

Nem bem desliguei o telefone, começou a tocar de novo, e desta vez quase com certeza era Ellen.

No mesmo momento, alguém bateu à porta.

Eu fiquei no meio da sala, olhando o garoto na cozinha, o telefone e a porta. O garoto ainda parecia desacomodado da minha presença — certamente desacomodado do meu dilema — e afinal raciocinei que talvez ele ficaria onde estava se eu deixasse o telefone tocar, abrisse a porta e me livrasse de quem quer que fosse.

Era Pascal ali no corredor, ainda então com lágrimas nos olhos, embora a aparência inchada e enodada de seu rosto indicasse que estava chorando havia algum tempo.

Nos seus braços, como uma criança afogada, repousava a sua maquete de hotel, toda espatifada.

vinte

TRÊS DIAS E TRÊS NOITES se passaram desde o momento em que Pascal apareceu na minha porta com o hotel espatifado nos braços até o momento em que saí do Willerton para nunca mais voltar. Pude determinar isso consultando um calendário. Não haveria outro jeito, uma vez que mesmo sendo vívida a minha lembrança do período quanto a alguns detalhes, tem muitos hiatos — lacunas — e tive de improvisar uma cronologia baseada (sobretudo) na razão. A forma como experimentei essa passagem foi episódica e vaga; fui mantido adormecido muito tempo, levado para fora de vez em quando e usado como brinquedo, depois trazido de volta. (As vezes eu podia ser acordado por alguém esmurrando a porta ou pelo telefone, mas aparentemente não sempre, e de modo geral ao recuperar os sentidos via-me em uma ou outra cama, deitado de costas num sofá ou até de bruços no chão.) Não saí do apartamento (salvo uma vez, não tendo ido além do elevador) durante aqueles três dias com suas noites; não tomei banho nem fiz a barba; se é que comi (e suponho que devo ter comido), foi o que pude filar dos armários da cozinha e da geladeira — pelo menos uma vez, Pascal, preocupado com a minha saúde, trouxe um saco de biscoitos com passas. Pascal era o único empregado do hotel para quem eu abria o fecho de corrente, o único autorizado a cruzar a soleira. Venturoso Pascal!

Que bom foi tê-lo escolhido! Ele, por sua vez, queria a desforra desde o momento em que descobriu seu hotel esmagado; ele culpava meus fantasmas, cheio de razão, mas eu nunca soube ao certo como ele pensava que conseguiria puni-los. Não permitia a entrada de nenhuma camareira para limpar o apartamento. Uma vez, uma mocinha de uniforme preto e branco não fez caso da plaquinha de "Não incomodar" que eu mantinha pendurada no corredor e bateu na porta; abri apenas uma fresta estreita, botei o rosto ali e rosnei uma só palavra em tom horripilante: "Não." Isso pareceu suficiente. Vejam bem, eu decidira que o meu "problema" — a razão pela qual eu parecia não chegar a lugar nenhum com meus fantasmas, a razão pela qual as coisas pareciam não se desenvolver satisfatoriamente — decorria da persistente intromissão forçada do mundo exterior, de todas as odiosas interrupções. O que eu precisava, se pretendia conseguir alguma coisa, era entregar-me totalmente. Não sei exatamente onde eu pensava que ia "chegar". Suponho que achava que puxaria os fantasmas pela língua, conheceria a sua história e, do meu estado vantajoso, ainda encarnado, os ajudaria de alguma maneira. Afinal, eu era um homem que possuía um dom, trazido pelo acaso a este lugar de almas remanescentes a fim de desempenhar uma missão necessária.

Quanto a Ellen — o amor da minha vida, a mulher a quem, mesmo no seu momentâneo estado de banimento, eu realmente devia minha vida —, chegou duas vezes até a estreita fresta da porta, foi ignorada por mim na primeira e admitida brevemente na segunda. Os Sho-pan vieram só uma vez, mas foram, com efeito, mandados embora.

Uma vez que Victoria Jevons tinha o irritante hábito de aparecer do lado de fora sobre a cornija e pôr a cara na janela, causando-me sempre um sobressalto, logo decidi manter fechadas as pesadas cortinas do apartamento, e com isso as usuais e úteis diferenças entre noite e dia foram extintas. De vez em quando eu ouvia o barulho da chuva respingando numa das janelas, o arrulho dos pombos nos peitoris, uma buzina de carro ou sirene de polícia na rua, mas estas discretas intromissões eram muito distantes e apenas faziam lembrar uma vida e um mundo aos quais eu costumava pertencer. Um odor de caça

dominava o apartamento, odor que eu uma vez chamei afetuosamente de "essência das coisas", e que, na verdade, não era inteiramente desagradável, mas sim algo como um gosto que era preciso adquirir — uma massa com muito fermento começando a tomar forma, ou algum queijo exótico; talvez até alguma coisa que ficara demasiado tempo no defumadouro... bem, como a maioria dos odores, difícil de descrever com palavras, mas ele continha certamente um quê de algo que queimava, ou tinha queimado. O odor (como as exalações de uísque, mais passageiras) também me dominava — após semanas, muitos banhos e chuveiradas depois de voltar para casa em Cambridge, eu ainda imaginava poder cheirá-lo na minha pele, e passei a pensar que ele era meu "sinal maldito". A outra coisa que perduraria — e aqui digo perdurar como um carrapicho perdura sob a sela de um cavalo, como uma pedrinha perdura dentro do sapato da gente — foi algo que James disse: uma vez, naquele seu jeito surpreendente, de fato à guisa de cumprimento, ele disse: "A neblina em Green Park condensou-se nas folhas dos sicômoros, e agora, quando a brisa sopra, ela cai como chuva" — uma referência ao mundo natural, um aceno de um jovem poeta, no inferno, para a beleza não esquecida, referência cujo futuro feitiço, na forma como viria a instigar-me, provou-se curativo (ao menos um pouco).

Naquela manhã de terça-feira, quando James estava sentado na bancada da cozinha jogando sua bola no ar, quando o telefone tocava sem parar, e quando um choroso Pascal permanecia no vão da porta com seu sonho destroçado nos braços, eu não podia, em vista das circunstâncias, mandar Pascal embora como planejara. Convidei-o a entrar.

Ele queria desabafar (ao que parece, desde que me tinha sido permitido dar-lhe uma olhada, eu virara uma espécie de padrinho do sonho), e quando fui pegar aquilo de seus braços, não sei como deixei que me escorregasse das mãos; espatifou-se no chão formando um monte de pedaços de balsa e fios elétricos, o que era insulto além da injúria, e a reação de Pascal ao absurdo extremo a que as coisas tinham chegado foi pisar naquilo com seu pé direito e chutar alguns fragmentos de madeira para o meio da sala. Ele murmurou algo em francês. Eu me agachei para pegar o homenzinho de smoking, limpei-o e o entreguei à sua réplica em tamanho natural, dizendo: — Eu lamento, Pascal. — O telefone parou de tocar.

Em seguida, ambos estávamos de quatro juntando os pedaços e empilhando-os na plataforma pintada de verde que representava um gramado. Antes de ir embora, Pascal disse, como já dissera em ocasião anterior: — Eu voltarei — e desta vez pareceu mesmo uma ameaça.

Assim que ele saiu, eu fui para a cozinha, onde encontrei James sentado na bancada, balançando as pernas e jogando a bola de uma mão para a outra. Sem olhar-me, ele disse: — Eu não fiz isso... eu juro.

— Eu não disse que você fez — disse eu, e então ele cravou seus olhos enevoados diretamente em mim: naquele momento eu não podia ter dito sinceramente se achava que ele tinha ou não feito aquilo; mas seus olhos tinham algo de infinito, de certa forma uma sugestão de que qualquer que fosse a verdade a respeito dele, o que quer que fosse preponderante (quer gênio daninho, quer fraude ou malevolência), era essencialmente ilimitado.

— Fui eu não — disse ele. — Foi aquela garota.

— Quer dizer sua prima? — eu disse. — Victoria?

— Ah, sim — disse ele, como se tivesse esquecido que Victoria era sua prima. — Ou seja, Iris, na verdade — ele acrescentou. — Ela fez isso... e disse que você ia pensar que fui eu.

Ele parecia estar usando um puxador de armário do outro lado à modo de "âncora".

— James — eu disse. — Esse é seu verdadeiro nome, não é?

Ele me olhou de novo, surpreso. — Achei que não tinha importância você me chamar de James — disse ele —, desde que não soubesse que era o meu verdadeiro nome.

— Isso foi esperto — eu disse.

— Não esperto o bastante — disse ele. Eu perguntei quem era Iris exatamente.

Ele olhou para trás de mim, por cima do meu ombro. — Ela está bem ali — disse, e quando me virei vi a garota, agachada lá fora na saliência, olhando para nós.

Levei um susto, obviamente. — Mas essa não é Victoria? — indaguei quando recobrei o fôlego.

— Elas são a mesma — ele disse. — Só que ela não acha que seja. Sabe como é, às vezes se comporta como Victoria, e às vezes como Iris.

— Quer dizer que há desdobramento de personalidade?—perguntei. Ele pareceu confuso, pensativo. — Suponho que pode-se dizer isso — anuiu por fim, sem certeza. — Sim.

Fui até a janela, abri e convidei a garota a entrar, mas a princípio ela limitou-se a olhar o aposento para um lado e para o outro, como para ver quem mais poderia estar presente. Depois de mais um momento, ela pulou para dentro prudentemente e ficou perto do peitoril, alisando seu vestido.

— Estamos falando de você — James gritou da cozinha com uma certa dose de malignidade, e isso parecia ser justamente o que preocupava à garota, lá fora na cornija, olhando para dentro, tentando ver se estávamos falando dela, sobre algo que ela tinha feito. James veio para a sala de estar e sentou-se no sofá, fitando-a desafiadoramente. Ele baixou os olhos para o chão por um momento, concentrou-se em alguma coisa ali, e depois tornou a olhar para a garota. — Estamos falando de você — disse ele de novo, mais agressivamente.

— O que é que você está querendo dizer? — indagou ela por fim. Em seguida, com um tremor na voz, ela disse: — O que é que eu fiz?

— Você estraçalhou a maquete do homem, é isso que você fez — disse James. — E você quis botar a culpa em mim.

— Mas eu não fiz isso — disse ela. — Eu não poderia. Nunca iria...

— Foi Iris quem fez, sua boba — informou James.

— Iris? — ela perguntou.

— Você é uma... você não sabe de nada? Você é uma... personalidade desdobrada, sua boba.

Ela olhou para mim, como se procurasse angariar a minha ajuda. Parecia estar a ponto de desmaiar. Foi até o sofá e sentou perto de James, o que eu considerarei um movimento surpreendente naquele momento. Sentou-se alinhadamente mantendo os joelhos juntos, levemente voltada para James; ela tivera restituídas suas luvas brancas, dobradas e pregueadas sobre o cinto do vestido; então tirou-as dali e colocou-as caprichosamente sobre o colo, alisando-as no lugar, todo um ritual nervoso. Ela não olhava para o garoto, mas parecia concentrar-se no mesmo ponto do tapete que ele aparentemente estava utilizando. Quando falou, foi ainda como Victoria, cortesmente, embora com mais firmeza do que eu ouvira antes.

— James — ela disse — você está sendo grosseiro, e isso eu não vou admitir. Não precisa ficar, a menos que se desculpe logo.

O garoto me olhou rapidamente, para ver se eu estava observando a situação. De cabeça baixa, ele disse quase inaudivelmente: — Então, desculpe.

— Muito bem — disse ela. — Agora vejamos. Se Iris estraçalhou a maquete daquele rapaz, eu tenho certeza de que você não cuidou dela como devia. Então, pare de fingir.

— Eu digo exatamente o que ele quer ouvir — disse James.

— Sem dúvida.

— Mas ela quis botar a culpa em mim — queixou-se. — Isso não é certo.

— Claro que não é certo — ela disse. — Deixe isso por minha conta, está entendido?

O garoto tornou a olhar para mim, como se tivesse salvado um pouco as aparências até ali e quisesse ter certeza de eu que percebera.

— Sim, então tudo O.K. — disse ele serenamente, segurando meu olhar.

— Muito bem — disse a garota. — Onde está a sua bola?

— Aqui — ele disse, tirando-a do bolso da calça.

— Tudo bem — disse ela. — Agora faça o favor de ir embora.

— Mas você disse que eu poderia ficar se...

— E eu quero que fique fora daquela casa de máquinas imunda, está me ouvindo? Vai sujar suas roupas e...

— Mas eu...

— Como você pode ver, James é um bom garoto — ela me disse. — Mas precisa de um pouquinho de disciplina. — Ela pôs a mão no canto da boca e cochichou: — Não tem mãe.

— Não é justo — disse James, levantando-se e saindo da sala rumo ao corredor.

— Nem pai — murmurou a garota. — E órfão.

— Mas eu pensei que Walter fosse o pai dele — eu disse.

— Walter? — ela disse, aparentemente estupefata. — Eu lhe garanto que Walter não é pai de ninguém.

James apareceu de novo na porta do corredor. — Na realidade eu nunca disse que ele é meu pai — frisou. — Eu só concordei com você que papai tinha costeletas compridas.

— Vá embora — disse Victoria. — Xô! — e o garoto se retirou.

— Não entendo — eu disse. — James não é seu primo?

— Oh, não — respondeu Victoria. — Eu não tenho primos. James é um vagamundo.

— Um vagamundo?

— Sim — ela explicou. — Ele veio com você.

— Comigo?

— Sim. Olhe, ele não tem lugar certo para ficar. Ele veio para nós quando você veio para nós. É uma gracinha, coitado do James, mas precisa mesmo empenhar-se mais em estar bem com Iris. A propósito, alguém lhe disse que você é muito parecido com Stanley Baldwin? — Não — disse eu. — Stanley... Você é mais novo, e tem muito mais cabelo — ela disse —, mas é bem notável, a semelhança é muito forte. Eu percebi logo. Papai diz que Stanley Baldwin é um parente de Rudyard Kipling mas eu não sei se devo acreditar nele. Sabe, papai gosta de Stanley Baldwin, porque diz que ele mantém os trabalhadores no seu devido lugar Mas eu não tenho certeza se isso é algo tão bom assim, manter os trabalhadores em seu devido lugar. Parece...

Ela deixou seu olhar vaguear até a janela; no meio da frase, parecia ter perdido seu fio de pensamento, ter mudado de assunto acidentalmente, e seu rosto quase ficou esmagado sob o peso do que quer que ela tinha abordado.

... de certa forma parece... cruel — ela acrescentou —; de certa forma... tirânico.

Victoria — eu disse. — Tem certeza de que você não caiu dessa janela?

Sem olhar para mim, ela disse serenamente: — Às vezes penso que posso ter caído. Oh, meu caro... — Quê? — perguntei.

Os olhos dela pareceram revirar para trás dentro da cabeça, depois focou de novo o ponto no tapete. — Nada —. murmurou. — É só.

De repente, James tornou a entrar na sala, aproximando-se decididamente e parando perto de mim com a coluna bem reta. Ficamos lado a lado por um momento, olhando a garota, que parecia ter adormecido, embora continuasse elegantemente sentada na borda do sofá, mas de cabeça baixa, como se rezasse.

Por fim, James disse sorrindo: — Ela faz isso às vezes — cabeceia assim, num piscar de olhos. E engraçado. Olhe isto.

Ele se inclinou para a frente e gritou "Ande logo" assustando a garota, que caiu do sofá e ficou sentada no chão, o que provocou um acesso de riso no garoto.

Vendo-se no chão, a garota sorriu e dobrou as pernas debaixo do corpo, encostando-se no sofá, fingindo uma postura que não conseguia mesmo sustentar, como se o tempo todo tivesse tido a intenção de sentar-se ali no chão. Ela escolheu um ponto na parede atrás de James e de mim, concentrou-se nele brevemente e depois voltou-se para mim e disse com sua voz mais grave e enérgica: — Ora, vejo que

finalmente você encontrou seu amiguinho, o pequeno sodomita.

— Boceta fedorenta — xingou James, coisa pasmosa levando em conta suas calças curtas.

— Caia fora — disse a garota.

— Tolinha de merda — berrou James.

— Cafetãozinho de olho esbugalhado — disse a garota.

De repente me senti enjoado e extenuado, como se tivesse corrido um quilômetro em aclave numa onda de calor; até senti meu coração bater acelerado. Fui até uma cadeira próxima e sentei, ciente de que as crianças, em silêncio, estavam me observando. Devo ter empalidecido.

— Agora veja o que você fez — arguiu a garota para James.

— O que você fez — disse ele — comportando-se como se fosse um maldito farol.

Fechei os olhos, pois estava sentindo realmente que ia desmaiar. Pensei que um pano frio no rosto me faria bem, e quando abri os olhos novamente, ambas as crianças tinham desaparecido.

Algum tempo depois, naquele mesmo dia, eu abri os olhos e notei que as cortinas do apartamento tinham sido cerradas, embora não recordasse tê-lo feito. As cortinas, pelo que pude enxergar na escuridão, eram um tanto mais grossas e de padrão diferente, de uma cor marrom-avermelhada com algo assim como uma trepadeira tropical ondulando através das pregas. Eu estava deitado no sofá, na sala de estar, com os pés próximos à parede da qual pendia a reprodução da minha velha amiga holandesa, A Alameda, que segundo eu interpretara simbolizava o Destino — o homem na estrada com seu cachorro e seu fardo de desejos — e recordei que em algum lugar da National Gallery (foi bem ao lado do quadro?) eu lera que o destino do próprio Hobbema, depois de ter reproduzido muitas paisagens serenas, moinhos d'água e castelos em ruínas, foi morrer sem ser valorizado, na indigência. A parede atrás da Alameda, como todas as paredes da sala, era muito escura, cinza carvão com enormes flores como peônias radiativas explodindo por toda parte. Ainda não me ocorrera ter medo, mas estava ciente de um pavor agitando-se (uma forma de temor) no meu plexo solar; também estava ciente de um arrependimento que se agitava, e nesse sentido eu me assemelhava ao homem na estrada com seu fardo de desejos, ansiando ser capaz de mudar o passado, ansiando poder determinar o futuro. É claro que isso não passava da minha forma de deturpar o que, no mais, era uma lição encantadora em perspectiva: o homem real na estrada estivera caçando, creio, com seu cachorro, tem feito bom tempo, e provavelmente agora está voltando alegre para casa, onde sem dúvida será recebido à porta com abraços e beijos do seu único e verdadeiro amor. Fisicamente, sentia-me melhor do que antes; começara a sentir-me melhor assim que as crianças se foram. A náusea tinha passado; aí devo ter deitado no sofá. Lembrei então aquela coisa curiosa que James tinha dito, que a garota comportava-se como um "maldito farol", expressão singular que eu nunca ouvi antes (nem depois) e que achei ligeiramente intrigante; talvez ele aludisse à troca que a garota fazia, de Victoria para Iris — era isso algo parecido com o sinal intermitente de um farol? Subitamente, a minha sensação de pavor e arrependimento pareceu ligar-se às próprias crianças, a algum desapontamento nascente que eu sentia em relação a meus "jovens" fantasmas — James, um impostor desbocado de calças até os joelhos, Victoria, uma narcoléptica com diversos distúrbios de personalidade — e me peguei a rir às gargalhadas. Embora o meu riso fosse meio desanimado, e certamente fugaz, suponho que deve ter proporcionado algum alívio, pois cochilei brevemente. Quando acordei de novo, foi por causa do som de vozes — ou do som de uma voz.

Logo notei que as peônias ainda enfeitavam o papel de parede da sala, que eu ainda estava deitado de costas no sofá curto demais, que o quadro ainda pendia no pedaço de parede próximo aos meus pés. Isso significaria que o apartamento modificara-se (ou permanecera modificado) conforme a sua anterior disposição. A voz vinha do quarto ao lado, que seria o quarto com a cama de baldaquino. Louvei rapidamente os meus sensatos atributos analíticos e virei de lado, e quando vi que a porta daquele quarto estava aberta, de repente fiquei com medo, como um menino paralisado na cama, à meia-noite, por um barulho forte. Não saía luz alguma do outro quarto — tudo um estúdio em cinza escuro, apenas com

insinuações de forma e cor — e então Walter Jevons apareceu cambaleando, apoiando-se no batente da porta, totalmente nu, desagradavelmente cabeludo da cabeça aos tornozelos. Mesmo daquela distância (três metros e meio ou mais) eu podia sentir seu odor, uma catanga de uísque, fumo e podridão humana.

Como reflexo, sentei no sofá, e mesmo sem poder ver seus olhos claramente, soube que ele me fitava; cheguei a sentir meus cabelos da nuca arrepiarem.

Sem tirar seu olhar do meu, ele arrotou e coçou a barriga preguiçosamente, e eu pensei que ele estava me usando como âncora. (

Ocorreu-me também que o uso de um ser humano como âncora com muita probabilidade seria, no estado fantasmagórico, um lapso de decoro, uma delicada esfera de cujas tangentes Walter Jevons escapara completamente.) "Sempre tinha muito balanço no Mediterrâneo", ele rosnou, como se estivesse apenas continuando uma conversa que vínhamos levando. "Nós era bem um... nós tinha este..."

Ele caiu num acesso de tosse catarrenta e demorada; depois limpou a boca com o dorso da mão. "Aquele maldito cachorro, aquele sabujo amarelo, porra, ficava tão enjoado", ele continuou, "... sentava por aí com o rabo entre as patas, abatido a toda hora do dia e da noite, os olhos ficavam avermelhados..."

Ele pareceu esquecido, depois olhou para o teto, como se procurasse suas falas lá em cima. "E uma vez tivemos um macaco", disse então, olhando-me de novo. "Alguns dos homens diziam que era um mico, mas era um macaco bem crescido... costumava pegar resfriado demais, esse aí." Ele deslizou pelo batente da porta e ficou agachado no escuro, como que encolhido pelo frio. "O bom dos animais", ele disse depois de muito pensar, "era eles ser antioficial, sabe como é. A gente curtia isso neles, antioficial."

Jevons ficou calado por um momento, enquanto eu permanecia sentado muito quieto, respirando muito silenciosamente, torcendo para ele ir embora se eu ficasse sentado bem quieto e respirasse silenciosamente. Qual não foi a minha surpresa, então, ao ver que James aproximava-se por trás dele, sem camisa, e dirigia-me um olhar por cima da cabeça do homem. Algo no garoto — seu olhar indulgente, seu porte vigilante — parecia sugerir que tinha estado cuidando de Walter de alguma maneira e que a qualquer momento pegaria a mão do homem e o conduziria de volta à cama.

"Uma vez", disse o homem, com renovada energia, "um marinheiro azarado caiu no mar... foi em Numeia... e num segundo era tubarão para todo lado nadando em volta dele feito urubus cercando a carcaça... eles era nove, nove tubarões com suas barbatanas afiadas projetadas para cima soletrando morte na água... Nós ficamos lá olhando por cima das amuradas enquanto eles lançavam o bote do navio... aí pegamos pedaços de carvão e brincamos de derrubar bonecos com os tubarões... brincamos de derrubar bonecos, veja só, até que eles conseguiram pôr o homem a salvo... Salvamos a vida do marujo com aqueles malditos pedaços de carvão..."

Então Walter Jevons levantou a mão, apontando seu dedo indicador direto para mim — estava a ponto de ameaçar-me —, mas James, como eu já tinha previsto, deu um passo à frente e segurou o dedo do homem com sua mãozinha pálida. No início Walter pareceu surpreso ao ver o garoto e olhou para ele como se fosse algo com que nunca antes se defrontara; já no instante seguinte, o reconhecimento foi apossando-se dele, um lento entendimento que pareceu, uma vez iniciado, ir muito além de James e da situação real, e no qual ele mostrou-se sucessivamente ranzinza contrito e por fim agradecido quando, em seguida, levantou-se, segurando no batente da porta, e se deixou levar.

"Arranjei aquela porra de macaco grandalhão em Gibraltar", ouvi o homem resmungar, embora não mais pudesse enxergar ninguém, apenas o vão da porta vazio.

Eu viria a compreender posteriormente que Walter, James e Victoria (em ambas as suas personalidades) dependiam de mim para obter energia que de alguma maneira eles se utilizavam da minha força a fim de aparecerem perante mim em forma visível e audível — e por essa razão eu passava mal boa parte do tempo e precisava dormir. ("Emergir", segundo o termo usado certa vez por Iris, era algo aparentemente divertido para eles, e para isso precisavam de mim.) Mas no início, sem qualquer explicação clara, pensei que talvez estivesse sendo drogado — sem dúvida, uma interpretação baseada

sobretudo na minha experiência anterior.

Eu tinha aguardado com impaciência que o espetáculo começasse e esforçara-me bastante preparando o cenário, e agora que ele tinha começado, agora que isolara-me para que os fantasmas pudessem abordar-me convenientemente, eu ficava cochilando, o que muito me aborrecia. É compreensível que eu também (a despeito da minha notável disposição a sacrificar-me) ficasse vulnerável por causa dessa sonolência, fosse ameaçado por ela. Eu não sabia por que Walter Jevons parecia querer causar-me dano, por que parecia tão zangado comigo, mas de qualquer modo não conseguia permanecer acordado para proteger-me.

A lembrança seguinte que tenho depois de Jevons voltar com James adentrando pelo vão da porta, é o rosto de James, próximo ao meu: eu tinha aberto os olhos e lá estava ele, vigiando-me de perto, olhando atentamente. — Aqui está mais escuro — disse o garoto, mas é melhor assim, você sabe, porque não necessitamos tanto de você.

Eu não tinha a mínima ideia do que ele queria dizer com esse comentário. Com grande desânimo, eu disse: — Não sei o que você quer dizer.

— Não tem importância — o garoto repetiu. — Agora descanse e procure...

E de repente pensei que eu era quem James tinha acompanhado de volta para a cama de baldaquino, que era de mim que James cuidava, e vi-o ao lado da cama me olhando.

— ... procure dormir — terminou ele, puxando a cortina lateral até fechar, e eu me encontrei absolutamente perdido dentro daquela câmara de tecido. Essa foi mesmo a frase que se fixou na minha mente: absolutamente perdido. Além do puro latejar do sangue nos meus ouvidos, havia apenas silêncio, o silêncio de um poço coberto de musgo, e quando comecei a adormecer mais uma vez, supus que tinha de encontrar Pascal. Pascal, pensei, poderia ajudar-me, ele seguramente estava em algum lugar bem próximo, bastava eu dar com ele.

Quando acordei, ainda estava na cama de baldaquino, com as pregas das cortinas laterais parecendo a forração plissada de cetim de um ataúde, tendo por único céu o dossel arqueado com sua musselina suja e suas travessas de madeira. Tivera um sonho horrível, uma versão do sonho em que eu era o homem na estrada do quadro. Desta vez, pude ver um agricultor operando uma grade nos campos chuvosos, o negro manto molhado de seu cavalo reluzindo como as lâminas da grade. Os sulcos da estrada estavam cheio de água de chuva. O touro estava no meio da estrada, a cabeça abaixada, os chifres pingando, e pensei Aceitei o meu destino, a minha renúncia ao mundo habitual em nome de uma causa superior. Só a chuva silenciosa e os profundos vincos prateados ligavam-me ao touro, mas quando este começou a arremeter, Pascal apareceu na beira da estrada, acenando-me com o braço estendido como fizera na popa do barco turístico no Tâmis, gritando meu nome, maravilhado em vista da nossa sorte extraordinária, o nosso notável encontro fortuito, e o som do meu nome "Cook... Cook...", substantivo e verbo, pareceu por um instante uma imposição desconcertante — eu tinha que fazer algo — e tentei avisá-lo da presença do touro na estrada, agitando meus braços, tentei adverti-lo para que saísse da estrada, mas ele, sem perceber, avançou ficando entre mim e o animal que investia, deteve-se um instante e disse alegremente "Eu voltarei..." Ele tencionava cruzar a estrada e seguir pelo seu caminho, mas o touro o alçou por trás, por debaixo das costelas, suspendendo-o no ar, fazendo seus pés perderem contato com a estrada, penderem sem vida como os de uma marionete...

Eu parecia saber que ficaria acordado apenas um minuto, e vagamente quis aproveitá-lo ao máximo, mas fui vencido, dominado pelo meu deficiente estado físico. Tudo em mim doía. Meus olhos ardiam. Meus joelhos e cotovelos latejavam. Um odor parecendo de queijo defumado ou de massa madura e rica em fermento impregnava o ar, expulsando o fedor de uísque rançoso, mais habitual. Emiti um som, um gemido grave, e a cortina se abriu pelo meu lado direito, revelando a garota, que inclinou a cabeça num gesto de falsa compaixão.

— Ora, ora — ela disse —, você não precisa ficar tão triste. Qual é o problema?

Então comecei a chorar, porque estava nu debaixo dos lençóis e todo molhado entre as coxas.

— Estou sangrando — disse para a garota, que sorriu.

— Das suas preocupações, essa é a menor — ela disse. — O Walter está...

James apareceu na abertura da cortina, deu um empurrão na garota e disse:

— Não se meta com ele, sua boceta fedida... fique longe dele.

Com certeza era bem no meio da noite, mas tinha algum idiota batendo na porta. Por acaso não sabiam que estava doente demais para ser incomodado a qualquer hora da noite? Será que não podiam deixar-me em paz? Deixei a cama arrastando-me e fui até a porta, onde pude ouvir uma voz feminina do outro lado gritando "Arrumação" — uma palavra prosaica, interessante, uma palavra com alguma calidez, e que provavelmente me deixaria curioso, se não fosse o meio da noite e eu não estivesse tão indisposto. Abri a porta uns cinco centímetros, pus a cara na fresta e vi uma moça de pé no corredor; ela usava um vestido preto debaixo do avental branco. Trazia nos braços uma pilha de toalhas de banho. O meu aviso "Não Incomodar" pendia da maçaneta do lado de fora, mas aparentemente esta moça não sabia ler inglês. Sorrindo, ela repetiu a palavra "Arrumação", e depois seu rosto mudou rapidamente — pareceu em dúvida, talvez até assustada.

Eu disse "Não", só isso, e fechei a porta.

Tinha achado o fecho de corrente colocado, embora não acreditasse que eu mesmo o tivesse fechado, e agora, pensando em Pascal, querendo ter certeza de que Pascal poderia entrar no apartamento quando chegasse — ele ia chegar mesmo, não ia? — deixei destrancado. Ao me afastar da porta, reparei que eu estava completamente pelado.

Arrumação, uma palavra com alguma calidez. Eu estava completamente pelado. Absolutamente perdido. Estou deitado de bruços atrás do sofá na sala de estar. Ouvi a chuva respingar nas janelas, um barulho que me fez sentir muito frio; vagamente, surgiu um desejo de me mexer, de me levantar, achar uma cama, achar cobertas, achar calidez... mas para isso seria preciso mais vigor do que eu tinha. Uma buzina de caminhão atrouou na rua, e mais distante, a sirene de um carro de polícia, ruídos urbanos identificáveis pelos quais senti um traço de nostalgia — não exatamente saudade (pois agora eu tinha aceito a minha sina, a renúncia ao mundo corrente a serviço de uma causa superior), antes, sim, uma espécie de afeto desapaixonado. Eu estava evidentemente acordado, embora mantendo os olhos fechados, para melhor ouvir a chuva e o tráfego, e refletir sobre a minha nobre retirada, minha voluntária passagem, minha coragem inestimável. Pensei que poderia ficar ali por muito tempo — sentia uma paz serena e firme — embora desejasse não sentir tanto frio.

Um novo barulho, imediatamente reconhecível, mais alguém à porta, e da minha posição no chão atrás do sofá e no meu límpido estado mental, parecia-me que podia ouvir os mínimos detalhes: o deslizar da lâmina da chave no tambor da fechadura (podia até ouvir a ação da serrilha contra cada pino do mecanismo?), o baque do recuo da lingueta, o deslocamento do trinco, o fugaz rangido das dobradiças, e então o estalo surpreendente, embora de algum modo satisfatório, quando o fecho de corrente prendeu a porta.

— Cook!

Era a voz de minha esposa no corredor, um som que, como as buzinas e sirenes lá fora, enchia-me de considerável afeição, um amor pelo que costumava ser, ainda que limitado pela submissão ao que era agora.

O tipo da coisa que não provocava em mim nada além de silêncio.

— Cook, eu sei que você está aí — disse a voz no tom repreensivo de uma professora de escola. — Venha logo e abra a porta.

Mas as palavras dela eram apenas sons, ausentes de conteúdo, ausentes de significado: oclusivos, fricativos, vicinais, vibrantes, laterais, palatais, as frequências e estruturas harmônicas da música de um milhão de anos de existência da fala humana.

— Cook!

E as intensidades, claro.

Pombos arrulhavam no peitoril da janela, estruturas vibrantes e harmônicas. — Agora isso está melhor, não é? — ela disse, olhando-me de cima, pura bondade no seu rosto, a garota que eu conheci tanto tempo atrás na sala de estar do hotel, com suas palmeiras amareladas e seu bule de chá morno.

Me ouvi concordar com um resmungo relutante, embora não soubesse ao certo o que queríamos dizer com melhor — Sim, sem dúvida — ela disse. — Melhorou muito. As cortinas laterais da cama estavam recolhidas junto às colunas; o quarto estava imerso numa eterna penumbra cinzenta, mas de certo modo nem tão melancólica quanto antes. Agora a garota estava sentada numa cadeira ao lado da cama e era bastante engraçado vê-la aí: a cama era tão alta que eu só podia ver seu pescoço e seus ombros esguios acima do horizonte do colchão. Ela sorriu para mim sinceramente, seus olhos cataratosos fixaram-se em mim fugazmente, e depois ela virou a cabeça e desviou o olhar, focando alguma coisa no outro lado do quarto. Lembrei vagamente um pavor relacionado a um sangramento do meu pênis, e pensei que devia ter tido um pesadelo. De um modo geral, sentia-me melhor agora — eis o significado de melhor! — nem tão indisposto, nem tão desesperado, nem tão apavorado, embora ainda muito fraco; se tivesse que me movimentar, sair da cama, não sei se conseguiria. Mas pelo menos eu estava confortável, e seco, graças a Deus, debaixo dos lençóis.

— Você sabia — disse a garota, alegremente — que Rudyard Kipling morreu em janeiro passado e aqui mesmo, em Londres? Foi o autor mais conhecido de seu tempo. E o primeiro inglês a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura.

Embora naquele momento eu certamente não pudesse ter enumerado nem uma mínima parte dos aspectos específicos da minha situação, havia algo odioso no fato de a garota empreender essa tagarelice irrelevante. Para mim chegava. — Eu não quero saber merda nenhuma do Rudyard Kipling — me ouvi dizer.

Ela não pareceu surpresa pelo comentário, nem sequer pestanejou. — Oh — ela disse, ainda alegre. — Pois é, muitos não ligam para ele. Como você sabe, ele tem recebido um monte de críticas. Minha madrasta diz que é por causa de seu imperialismo. Certamente você não é o primeiro. Minha madrasta...

— Eu não quero saber merda nenhuma da sua madrasta — eu disse. Ela se calou por um momento, e mesmo podendo ver só seu perfil parecia ter ficado pensativa. — Eu entendo bem — disse ela por fim. — Vou parar de jogar conversa fora e deixar você descansar.

— Victoria — eu disse rápido —, se você é Victoria — seja você quem for ou seja lá o que for — que diabo estou fazendo aqui? O que é que você está fazendo aqui?

Ela baixou a cabeça um instante, depois olhou para a frente de novo. — Acho que não entendo o que você quer dizer — ela disse.

— Qual o propósito disso tudo? — perguntei. — Acho que estou aqui por alguma razão, mas não sei qual é. Pode ajudar-me a entender?

Então ela ficou calada por bastante tempo, durante o qual eu me concentrei na minha respiração, procurando poupar a minha energia. Daí a pouco, qual não foi a minha frustração ao tornar-se evidente que a garota tinha cochilado.

— Victoria! — gritei, e ela acordou sobressaltada.

Ela se pôs de pé e afastou-se da cama, em direção à porta. Tive um súbito instante de pânico ao ser deixado sozinho no quarto — sozinho com aquela terrível sensação de que nada tinha especial valor, tudo era igualmente insignificante. Ela parou, quase como se percebesse a minha angústia, virou-se e voltou para a cadeira, reassumindo exatamente a posição anterior.

— Acho — ela disse depois — que talvez possa ajudá-lo.

Ela clareou a garganta, como um aluno prestes a dar lição oral em sala de aula.

— Você está aqui por nós — ela disse, assentindo ritmicamente com a cadência. — Você está aqui

por Iris e por mim, e por Walter, e até por James.

Eu esperava que esse fosse o princípio de uma explanação e que ela continuasse após uma pausa; evidentemente, porém, ela considerou que era só aquilo — tinha acabado.

— Mas com que fim? — perguntei depois.

A pergunta fez a garota rir, embora docemente. Ela suspirou e disse: — Receio que Iris é quem tem inteligência. A minha ortografia é de primeira, e sou habilidosa com agulha e fio. Não sou ruim para decorar — posso recitar um monte de versos, se você quiser ouvir. "Agora as noites inverniais aumentam / Seu número de horas; *E as nuvens seus temporais descarregam / Sobre as altas torres.*" Thomas Campion. "*Enquanto folias juvenis, mascaradas e espetáculos palacianos / Afastam os pesados feitiços do sono*", adoro isso, "Afastam os pesados feitiços do sono... você não... Ah, eu jamais poderia escrever algo tão belo. Nem sequer pensar. Você vê, posso memorizar quase tudo, mas o raciocínio nunca foi...

— Eu vou falar para você o que acho — eu disse. Eu acho que você caiu daquela janela ali no quarto do lado há cinquenta e tantos anos e não tem a mínima ideia do que realmente aconteceu. Acho que você tem se recusado a enfrentar com coragem o que realmente aconteceu, algo que reprimiu porque não conseguia lidar com isso. E está atolada aqui neste limbo fedorento ou seja lá o que for porque ainda não entendeu as coisas suficientemente bem. É isso que eu acho. E talvez eu esteja aqui para lhe ajudar a discernir as coisas. Para que você possa seguir adiante.

Ela riu de novo, ainda docemente, e deu de ombros. Desculpe — ela disse. — Mas quando você diz coisas como "seguir adiante isso me faz sentir tonta. Não sei o que fazer com...

— Então permita-me falar com Iris — disse eu.

— Não — recusou ela, pondo-se de pé bruscamente. Ela não está aqui agora.

Ela foi em direção à porta, mais uma vez, virando-se antes de chegar lá. — Uma coisa eu posso lhe dizer com certeza — disse com exagerada amabilidade. — Nós não "seguimos adiante".

— Por favor não vá embora — supliquei. — Fique e faie mais. Ajude-me a entender. O que quer dizer "com vocês não seguem adiante"?

— Nós somos... — ela começou. — Nós somos justamente veja...

— O quê?

— Nós não "seguimos adiante" — disse finalmente. — Não está vendo?... é isso quem nós somos.

vinte e um

EM OUTRO SONHO, sou como o homem na estrada no quadro, mas tudo mudou na paisagem. Não mais árvores margeando a estrada, embora dê para ver três altos álamos lá na frente; a estrada em si não atravessa planícies cultivadas, como antes, mas desce em direção a uma velha ponte de pedra e um riacho. Deve ser outono, visto que tudo está representado em tons de bege, dourado e verde-oliva. Não tem gente em lugar nenhum, nem mesmo animais. Eu cruzo a ponte, subo a suave colina no outro lado, e no seu cume vejo uma cópia exata do panorama que acabo de atravessar — a estrada descendente, a ponte, o riacho, os três álamos oscilantes. Enquanto desço por mais esta ladeira em direção à ponte, posso ouvir o barulho do vento nas árvores, o delicado gorgolejar do riacho, e um som de batidas repetitivas, talvez um pica-pau. Mais uma vez, subo pela colina do outro lado da ponte, alcanço o cume, e vejo uma cópia exata do pequeno vale com seu riacho, sua ponte e suas três árvores elevadas. O baticum ficou mais forte — continua a ficar cada vez mais forte à medida que ando em direção à terceira ponte — e de repente me dou conta: não estou no quadro coisa nenhuma... seja como for, agora eu me meti no papel de pare de vou seguindo meu caminho através do desenho repetido do papel de parede no quarto onde está a cama de baldaquino. Esta percepção me apavora — sinto um súbito terror da planura, um grande pavor da bidimensionalidade — e acordo com o baticum do pica-pau.

Levei alguns segundos, mas afinal compreendi que tinha estado sonhando de novo, que estava na minha cama, no meu apartamento, no Hotel Willerton, Londres, Inglaterra.

(Podia ver a cama vazia na qual minha mulher costumava dormir.) E o som repetitivo era o das batidas na porta de alguém que queria entrar no apartamento.

Vesti um roupão e cambaleei até a porta. (Digo "cambaleei" porque uma vez que fiquei em pé foi como se não tivesse andado por um bom tempo e precisasse familiarizar-me outra vez com o processo, tendo as pernas bambas.) Encontrei Pascal que, do corredor, esquadrinhava através da estreita abertura da porta.

— Pascal — eu disse, realmente cheio de alegria ao vê-lo. Puxei rápido o fecho de corrente e ele entrou. — Estive perguntando-me onde você estava.

— Eu lamento — disse ele. — Você já estava dormindo. Eu trouxe uma chave, mas a corrente estava trancada.

— Sim — eu disse, e estive a ponto de acrescentar que parecia haver alguém que trancava o fecho toda vez, mas ele me deu um pacote de papel branco cheio de bolinhos.

— Algo para comer — ele disse, fechou a porta e passou a chave. Eu agradei pelos bolinhos.

— Está escuro aqui — disse ele. — Você já estava deitado. Eu vou indo pelo corredor sem fazer barulho.

Ele rumou pelo corredor para o quarto desocupado. Já dentro dele, acendeu uma lâmpada e ligou a televisão, depois virou-se e pareceu surpreso ao ver que eu o seguira até o quarto.

— Estou ótimo — ele me disse, quase irritado. — Não tem necessidade. Pode voltar para a cama.

Ele mudara de alguma maneira — a sua conduta; mostrava uma prevenção diferente, certamente uma distância evidente e proposital que ele punha entre nós. Eu não tinha ideia do que podia ter feito para causar essa mudança, e mesmo sem ter direito algum, me senti magoado. Suponho que meus sentimentos

estavam ainda mais exacerbados pelo fato de eu estar muitíssimo feliz de vê-lo e esse modo de sentir não ser recíproco, evidentemente. Ele assistia a um programa de culinária que se materializara na televisão — um homem cortara salmão fresco em fatias finas como papel e fritara-o na gordura, e agora preparava um molho de endro tão carregado de manteiga e creme que quase me fez enjoar.

— Que tal um pouco de salmão com seu molho? — eu disse, mas imediatamente me arrependi, porque vi que Pascal contemplava o prato com evidente apetite — apetite e algo mais: ele continuava arraigado no mundo em que coisas como o preparo de alimentos ainda importavam; para ele aquilo tinha seu valor, sendo seu envolvimento um sinal da sua natureza humana.

Mais uma vez, ele pareceu surpreso por me ver no quarto, mas ao me olhar, perscrutando o que deve ter sido uma expressão abobalhada no meu rosto, ele disse com ar abatido: — Desculpe... você disse que estive se perguntando onde eu estava?

— Ora, eu sabia que você devia estar aqui em alguma parte — eu disse. — Pude sentir que você estava por perto, mas tenho estado fraco demais para achá-lo.

Desligando o som da TV, ele disse: — Você está... como vou dizer? Muito branco. Está doente?

— Suponho que estou, em certo sentido. Acho que posso ter tido febre.

— Quer chamar um médico?

— Não, não — eu disse. — Nada de médico. Já estou bem melhor. Pascal, estou muito contente por você estar aqui... senti a sua falta.

Ele pareceu confuso e embaraçado ante tal comentário. Por fim, encolheu os ombros e disse: — Não acontece nada.

— Como assim?

— Eu venho aqui, durmo — ele disse. — É só isso. Nada acontece. E você dorme. Dorme e dorme. Tentei ligar para você hoje. A sua mulher também tenta ligar para você, mas ninguém atende. Por que você não atende? Está dormindo. E doideira. Qual é a sua?

Ele ficou calado diante da televisão, perplexo. Eu achei ter ouvido mesmo um telefone tocar de vez em quando, mas muito distante, como um telefone tocando em outro apartamento. Aí uma espécie de realidade logística começou a infiltrar-se através da minha bruma: eu nem sequer sabia que dia era nem quantos dias tinham passado desde a última vez que vira Pascal; ele estava frustrado em vista da falta de resultados, e agora tentava me dizer que não queria dormir aqui de novo essa noite.

— Algo acontece, Pascal — eu disse. — Acredite em mim, acontece muita coisa. Só que nem sempre fica claro para mim onde acontece. Ou exatamente quando. E quando está acontecendo, não sei como chegar até você.

Ele encolheu os ombros mais uma vez, muito cansado daquele jogo.

Eu perguntei que dia era.

— É quarta-feira — disse ele pacientemente.

— Quarta-feira — repeti, esforçando-me por fazer o cálculo. — Então você dormiu aqui... o quê? Duas noites?

— Sim — ele disse. — Esta será a terceira. E ainda não acontece nada.

— Eu não me lembro de ter visto você, Pascal.

— Você tem estado dormindo — disse ele. — Você dorme. Eu entro. Você dorme. Eu saio. Você dorme.

— E você realmente me viu dormindo?

— Não — ele disse. — A sua porta — a porta do quarto — está fechada. Eu não quis incomodar.

Por um momento, tentei lembrar o que eu tinha em mente a primeira vez em que pedi a Pascal que ficasse comigo no apartamento. Supus que eu o idealizara como uma espécie de "motorista designado" (abuso de álcool) ou "guia" (psicodelismo) — alguém que vai ficar sóbrio e guiar os passos de quem está dopado. Mas agora ocorria-me que eu só queria um ponto de referência, ou uma rede de segurança,

alguém de carne e osso a quem recorrer caso as coisas ficassem extravagantes demais e eu não desse conta. Evidentemente, não bastava ele estar no quarto extra.

— Pascal — eu disse —, eu me pergunto se você consideraria a possibilidade de dormir no mesmo quarto comigo.

Ele considerou, mas só por um instante, depois deu de ombros pela terceira vez, virou para desligar a televisão e disse: — *Oui*, com certeza.

Por que não?

Mas se para Pascal era o fim do dia, para mim era o início. Bem depois de ele cair no sono na cama ao lado da minha, eu continuava acordado, olhando o teto na escuridão.



Mais cedo, quando ele saía do outro quarto na minha frente, eu havia reparado em que ele pulara uma presilha ao passar o cinto na parte de trás das calças, e alguma coisa nesse detalhe evocara em mim sentimentos paternais uma emoção aceitável e até digna, e posteriormente, por algum tempo, a situação no Hotel Willerton — o fato de Pascal substituir a minha esposa na cama gêmea e tudo mais — pareceu-me mais notável do que absurda, mais pitoresca do que alarmante.

Comi um dos bolinhos que ele trouxera para mim, na cama, com um copo de leite.

Pascal tomou banho e voltou para o nosso quarto usando um elegante roupão de flanela xadrez e pantufas. Ele pulou na cama, deitou-se de costas, ajeitou as cobertas sobre o peito e fechou os olhos como alguém firmemente decidido a dormir. — Se alguma coisa acontecer — ele propôs, de olhos fechados — me acorde.

Eu disse tudo bem, e fez-se um prolongado silêncio. Ouvi então que ele farejou o ar, e disse: — Tem um cheiro aqui, não tem?

— A essência das coisas — eu disse misteriosamente (ainda gabando-me da minha "notável" definição), mas Pascal já estava muito perto do sono para questionar ou apreciar a minha resposta.

O que ficou me voltando à memória repetidas vezes enquanto continuava a olhar o teto branco e liso, foi a palavra que ele usara no outro quarto — doideira. "E doideira", ele tinha dito, e eu procurei refletir sobre esse tema, acompanhado pelo confortante som da respiração de Pascal e sincronizando a minha: E doideira, qual é a sua?

Inspirando, É doideira, qual é a sua? Exalando, E doideira, qual é a sua?

Nem sei quanto tempo fiquei ali, sem dormir, mas depois comecei a sentir uma outra presença no quarto conosco. Abri os olhos e vi um James nada satisfeito, postado aos pés da cama de Pascal. Sem olhar para mim, e sem deixar de contemplar Pascal, o garoto murmurou: — O que ele está fazendo aqui?

— Está me fazendo companhia — respondi, murmurando.

— Mande que ele saia — disse James.

— Não — respondi. — Eu quero ele aqui.

— Mande que ele saia — ele repetiu.

— Não.

Então James virou para mim um rosto mostrando dor e fadiga tão insondáveis que eu quase perdi o fôlego. Era o rosto que eu vira no dia em que estivemos sentados juntos na cama do quarto desocupado e falamos de elevadores de alta velocidade, molinetes e cabrestantes, o dia em que por fim consegui conquistá-lo reconhecendo que ele era um verdadeiro especialista em elevadores; em certo momento, naquela ocasião, eu lhe disse que no meu entender seu pai apenas queria que ele fosse feliz, e ele

perguntou: "Seu pai queria que você fosse feliz?" No momento, eu achei que ele só estava contestando a verdade do que eu dizia, mas agora, ao recordar a pergunta, ouvia nela uma espécie de admiração, uma curiosidade em torno de um possível prodígio do qual aquele garoto jamais cogitara. Agora, ele virou-se rapidamente e rumou para a porta. — James — chamei. — Espere... — Mas ele nem parou. Eu saí da cama, peguei um roupão e fui atrás dele; ao entrar no corredor, ouvi e vi a porta do quarto desocupado bater ruidosamente. Esperei do lado de fora por um momento e pude ouvir seu choro trêmulo. Bati na porta com os nós dos dedos, suavemente, já tentando conciliar com meu jeito compungido de bater. Após alguns segundos de silêncio, ouvi exatamente o que ouvira naquele primeiro dia; uma voz aguda e frágil, cheia de resignação: — Entre.

Mas desta vez a porta se abriu num quarto que eu nunca tinha visto. Era mais ou menos do tamanho e da forma do quarto desocupado no Hotel Willerton — a janela estava no lado direito — mas não havia camas separadas no interior, nem cômodas combinadas, nem televisão, certamente; em lugar disso, parecia ser um quarto de costura, com paredes marrons, uma chaise-longue com estofamento de cetim, um cabide, uma pia seca, um manequim, uma mesa de madeira para passar roupa e, num canto, uma antiga máquina de costura preta e dourada com pedal de ferro trabalhado.

James estava sentado na chaise-longue, de costas para mim. Eu me aproximei e sentei perto dele. Ele mudou de lugar, pondo espaço entre nós.

— James — eu disse. — Por favor, não se zangue.

— Mande que ele saia — ele disse, olhando a parede.

— Eu preciso dele.

— Não precisa, não.

— Preciso, sim. Preciso dele para ajudar-me a entender o que está se passando aqui.

— Isso não faz sentido nenhum — ele disse. — Não tem o que entender.

Então ele me olhou, desta vez suplicando: — Mande que ele saia.

O meu desespero me causou muito desassossego; fiquei em pé e dei uma olhada no quarto, enfiando as mãos nos bolsos do roupão, evitando o olhar pungente de James.

Não era só meu desespero o que me inquietava; era também a influência que ele parecia exercer em mim. Por um momento, pensei que talvez ele estivesse certo quanto a Pascal — havia algo irritante na fixação de Pascal com seu futuro, com seu precioso hotel, sua frívola paixão pelo mundo material — e que deveríamos tirá-lo de um lugar ao qual ele não se adaptava. Mas a irritação e a influência passaram e logo eu pensei o seguinte: se o quarto extra virará sala de costura, o apartamento todo teria mudado de novo? E nesse caso, onde estava Pascal agora?

— Com licença — eu disse a James, voltei até a porta e saí no que tinha sido o corredor (agora uma larga passagem com armários, que ligava o quarto de costura a um outro); na porta seguinte, vi o quarto com o papel de parede de cenário pastoril, e a cama de baldaquino com as cortinas laterais fechadas.

Evidente que eu tinha de abrir a cortina e ver que coisa horrenda me esperava ali dentro, ver que coisa terrível acontecera a Pascal. Ao aproximar-me da cama na escuridão, tive a impressão de ouvir alguém respirar em algum lugar do quarto, e quando fui segurar a cortina, algo pesado e duro como um tijolo atingiu minha cabeça no lado, estourando meu ouvido direito; pareceu-me então sobrevir uma cacofonia de vozes histéricas, eu me debatia no chão para sair do quarto, e por acaso havia penas voando para todo lado? Caindo, tropeçando e arrastando-me, cheguei ao meio da sala de estar escura, onde mais uma vez me bateram na cabeça, mais forte, a pancada me fez rolar de costas e desta vez tive plena certeza de presenciar uma nevasca de penas brancas a elevar-se, redemoinhar e descer esvoaçando em toda parte antes de perder os sentidos.

— Muito bem... — ouvi a garota dizer —, até que em fim o paciente volta a si.

Ela se inclinou mais perto, seus olhos enevoados perscrutaram os meus; pareceu examinar rapidamente o meu ouvido direito.

— Walter, claro — disse ela. — Não tem nada que ele curta mais do que dar pancada na cabeça das pessoas. E isso é tirar-lhes o tutano enquanto dormem.

Ela ficou perto da cama, olhando-me e fazendo a tal de ancoragem num ponto da cortina no lado oposto, alternadamente: Iris, com seu ar menos cansado do mundo do que conhecedor do mundo e da vida. Ela estava vestida como sempre, de vestido marinheiro, mas agora tinha amarrado um lenço branco sobre a cabeça, portanto parecia estar usando uma touca de enfermeira. Esta observação, como toda "realidade" me chegou na forma de profundos pulsos ressonantes, uma vez que meu crânio parecia expandir-se e contrair-se.

— Tirar-lhes o tutano... — eu disse, chocado ao ouvir o tênue fio de voz que me restava.

— Sentar em cima delas enquanto dormem — ela disse. — Extraíndo delas músculo e tutano. Eu suponho que você sabe algo disso, tendo ficado tanto tempo com Walter.

— Sim — eu disse, sem saber ao certo o que estava querendo dizer, tentando superar a dor de cabeça.

— Mas agora temo que você tenha perturbado mesmo o garoto.

— O garoto...

— O jovem James — ela esclareceu — Ele não gosta muito de seu jovem intruso.

— Intruso?

— Seu rapaz francês — ela disse.

— Pascal...

Ela riu e acrescentou: — Você está pensando que ele não é mais intruso do que você, mas está enganado. Ele é bem diferente de você. Muito menos chegado a nós do que você. Nós tivemos uma ou duas brigas por causa daquele fecho de corrente, posso lhe garantir. Sabe, James fica botando o fecho para seu rapaz francês não poder entrar. Ele é loucamente ciumento. Quanto a mim, me interessa ver no que isso vai dar.

— Preciso encontrar Pascal...

— Oh, ele já foi embora — ela avisou.

— Foi embora?

— Foi trabalhar, suponho.

— Mas...

— Ele está perfeitamente bem — assegurou ela, agitando a cabeça para mim como se eu fosse uma criança aflita por causa de uma bobagem.

— Que diabo ele usou para me bater? — perguntei, tocando meu ouvido e me encolhendo.

— Um travesseiro de penas — disse ela sorrindo. — Também fez uma bela bagunça do lugar.

— Um travesseiro? — eu disse. — Parecia mais um tijolo.

— Pois é, tinha um tijolo dentro, não é mesmo? — ela disse. — Ele botou um tijolo dentro da fronha do travesseiro. E uma das suas invenções, um tijolo dentro de uma fronha. Ele se empolga arremessando aquilo, fazendo a fronha girar em cima da cabeça como Cristo expulsando os cambistas do templo.

— E onde está James?

— Está por aí — ela disse. — Amuado em algum lugar por causa de seu rapaz francês. Tramando contra ele, suponho. No seu lugar, eu não deixaria seu rapaz francês voltar muito cedo. Ele não está totalmente a salvo aqui. James é um garotinho, mas é um monstro mesmo, pode acreditar. Ele é capaz de muito mais do que você poderia supor.

— Iris — eu disse —, diga-me a verdade sobre o que realmente aconteceu aqui.

— Eu já lhe disse — ela disse. — Walter bateu na sua cabeça com...

— Olhe, estou falando da janela. Da queda pela janela. Como aconteceu?

— Ah, é isso — disse ela. — Bem. Esse é um assunto bastante complicado.

— Fale.

— Você não é curioso demais, estando quase inconsciente?

— Preciso saber.

— E posso saber por quê?

— Porque preciso — eu disse. — Tem de haver alguma razão... algum fim...

— Ah. Eu sei tudo sobre isso — ela afirmou. — Você e suas razões e fins. Já ouvi falar que você é enviado para salvar-nos de nós mesmos, para ajudar-nos a discernir as coisas. Mas você entendeu tudo errado, Sr. América. Você e minha irmã são do mesmo feitio, ambos... tão iludidos. Victoria já lhe falou da nossa madrasta? Nós não temos madrasta nenhuma, se você quer saber. Algumas crianças têm amigos imaginários. Victoria arrumou uma madrasta imaginária. Entretanto, a nossa mãe verdadeira torna-se cada vez mais exótica e deslumbrante. Uma atriz dos palcos musicais de verdade! Mamãe teria considerado qualquer tipo de teatro indigno dela. Victoria nem se incomoda em deixar suas coisas claras. Ultimamente deu para dizer que mamãe é de um lugar chamado Ilha Edmund. Já ouviu falar nela, na Ilha Edmund?

— Não — respondi.

— Evidente que não — disse ela. — Porque não existe. Walter me disse que não existe.

— Que me diz da janela? — perguntei, fazendo que ela voltasse ao ponto de partida. — Que me diz da queda?

Ela sentou na cadeira reta próximo da cama, escolheu um nova âncora em algum lugar no outro lado do quarto, e ficou profundamente solene. Por fim disse, com grande irritação: — Claro, tudo teve a ver com dinheiro. Nesta casa nada tinha a ver com outra coisa senão com dinheiro. — Então ela abrandou a voz, retomando seu tom cortês mais habitual — Ele não quis que eu caísse — ela frisou. — Ou melhor, quis sim mas ele não começou assim. E se arrependeu. Acho que isso é óbvio, o quanto ele se arrependeu.

— Walter...

— Evidente, o Walter — disse ela com impaciência. Exasperada com a lerdeza do aluno, suspirou. — Estou muito cansada — disse Sabe como é, isto tem seu preço, esta coisa toda de emergir. É um grande prazer à sua maneira, mas tem um preço.

— Como assim, ele "deixou" você cair?

— Bem, ele estava me segurando, veja... olhe aqui. — Ela levantou seus braços, virando-os para que eu visse as marcas escuras na face interior dos pulsos, as marcas que eu apenas tinha visto de relance na primeira vez quando conheci Victoria. — Isso mostra como ele me segurou com força enquanto pensava o que fazer — ela disse.

— Foi mesmo muito tempo que eu fiquei pendurada, segura por cima de cinco andares de altura.

Ela baixou o queixo, olhando seu colo por uns instantes, e depois tornou a olhar para a frente. — E você sabe — disse ela quase melancolicamente —, enquanto ele fazia as suas ponderações, eu fazia as minhas. Quando ele me largou, eu não me importei.

— Você não se importou?

— Não. Não sei exatamente por quê. Suponho que eu tinha alcançado alguma paz interior. Veja, era verão, mês de julho, e faltava pouco para amanhecer. O ar estava intensamente agradável e o céu começara tingir-se do matiz rosado mais pálido. Nunca esquecerei aquela cor. Acho que nunca tinha visto antes. Como água celestial, tão pálida e clara com apenas uma pitada de rosa. Eu tive aquela sensação que a gente obtém quando termina alguma coisa... algo muito difícil e maçante. Você pode até não estar plenamente satisfeito com os resultados, mas pelo menos está feito e você pode orgulhar-se disso. Você se envolve muito no fato de estar feito, de estar terminado, e aí, tendo detestado aquilo pacientemente, acaba pensando que talvez não fosse tão ruim assim, afinal de contas. Foi bem assim. Eu consegui alguma paz. O céu tinha aquele incrível matiz de rosa, e eu me senti muito contente por ter concluído.

E realmente não me importei, só isso.

— Mas por que ele agiu assim? — perguntei.

— Ele estava bêbado, claro — ela disse. — Papai estava viajando, em Liverpool, se não me engano. Ele costumava deixar-nos com Walter. Um verdadeiro pai jamais teria feito isso. Qualquer pessoa veria que não era certo deixar uma garota com um sujeito como Walter. Ele voltou do bar — isto é, o Walter — muito valente e de pileque.

e tivemos uma briga.

— Por causa de quê?

— Não do que você está pensando — disse ela. — Sim, ele já tinha tentado uma ou duas vezes com Victoria. Não fosse por mim, ele também teria conseguido fazer o que queria com ela. Victoria não é capaz de se defender sozinha, coitada. Ela é muito delicada, como você já deve ter notado. Mas Walter não era bobo ao ponto de tentar uma coisa dessas comigo.

— Então, o quê?

— Dinheiro — ela informou. — Eu já lhe disse. Oh, meu Deus, agora estou exausta. Você não está se sentindo muito cansado?

— Cansado — me ouvi dizer, e isso pareceu um rótulo colado ao martelar na minha cabeça; toquei cuidadosamente na base do meu crânio, sentindo o galo sensível deixado pelo tijolo de Walter; fechei os olhos... talvez até tenha cochilado um pouco. Esperava que ela tivesse ido embora quando, algum tempo mais tarde — meio minuto? meia hora? — recobrei os sentidos. Mas o que vi assim que abri os olhos foi a cabeça dela, envolta no seu risível arremedo de touca de enfermeira. O barulho da chuva nas janelas parecia retinir no limiar da minha atenção, daquela coitada toupeira capenga que minha atenção tinha virado, e ao compreender, numa espécie de pismo irritante e entorpecido, eu murmurei: — Diga-me... qual é o significado do alho?

Ela virou a cabeça lentamente para mim, num esforço algo entrecortado, como se fosse algum objeto mecânico cujas pilhas estivessem acabando.

— Significado? — ela perguntou. — O que... os arranjos criativos do Walter na pia da cozinha? — Ela revirou os olhos, o que desta vez não tinha nada a ver com ancoragem. — Não significa nada — disse, e zombou de mim. — Não significa nada.

Algum tempo depois, fui chamado à porta por batidas e o som da voz de Mimi Sho-pan. Ainda não completamente acordado, fiquei encostado na porta por uns instantes.

— Cookson — a ouvi chamar. — Todos estão muitíssimo preocupados com você. Abra a porta, Cookson. Deixe-nos entrar... por favor.

Abri então, mas só até onde o fecho de corrente permitiu. O Sr.

Sho-pan estava atrás dela, olhando por cima de seu ombro.

— Cookson — disse ela, sorrindo compassivamente, mas também um pouco chocada com a minha aparência. — Você está doente? Pascal nos diz que você dorme dia e noite.

O Sr. Sho-pan cochichou algo no ouvido dela.

— Ray acha que você está desnortado — ela me disse muito serenamente, criando uma aura de intimidade. — Está mesmo, Cookson? É isso que aconteceu? Está desnortado?

Por um momento, a simpatia dela agiu sobre mim como vodu —. senti algo se afrouxar dentro de mim, uma brecha na represa do meu isolamento e da minha teimosia, e vi minha mão subir até o fecho de corrente. Eu estava a ponto de destrancar quando, atrás dos Sho-pan, no fundo do corredor, a janelinha do elevador se acendeu com a dourada luz interior da cabine revestida por placas de mogno; pude ver, através da janelinha, dois ou três dos losangos pretos da porta pantográfica; esperei que alguém abrisse a porta, emergisse da cabine, mas ninguém o fez. De repente, o vidro escureceu de novo, e pareceu-me ouvir o uivar do vento dentro do poço. Algo nesse fato me apavorou tanto que senti o meu rosto empalidecer os Sho-pan viraram-se para olhar atrás deles, para ver o que me apavorara, e eu aproveitei o momento para fechar a porta. Ao me afastar, espalhando a cada passo as penas caídas no piso da sala de estar, ouvi a voz de Mimi Sho-pan no corredor.

— Cookson — ela chamou. — Volte, por favor. Ray quer falar uma coisa com você. Cookson.

Cookson...

Mais uma vez eu tinha dormido no sofá da sala de estar, e agora James estava próximo aos meus pés, pois esgueirara-se no estreito espaço entre o sofá e a parede.

Ele sorriu docemente quando viu que eu estava acordado. — A neblina no Green Park condensou nas folhas dos sicômoros revelou, com um timbre de tristeza na voz —, e agora, quando a brisa sopra, ela cai como chuva.

— Então é assim? — disse eu.

Seus olhos mostravam-se inchados, e seu nariz estava vermelho.

— James — eu disse —, você esteve chorando.

— Você acha que é certo chorar — ele observou.

— Sim — eu disse —, é verdade. James, lamento tê-lo contrariado mas...

— Veja bem, você não deve deixar que ele volte. Ele não deve mais dormir aqui. Você não precisa dele. Não precisa dele de jeito nenhum quando conta comigo.

Ele olhava-me intensamente agora, e tive a impressão de ver, através dos vestígios do menino, uma corrupção calejada e renitente. — James, eu...

— Meu pai acha que só meninas e maricas choram — ele disse —, mas você não liga. Sabe, eu não posso evitar chorar, e o realmente bom é que você... você não me desaprova.

— Não, James, eu...

— Você não me julga.

— Não, eu...

— Você não me dá uma tarefa de menina e diz que é só o que eu posso fazer, como ele faz.

— Hein?

— Você não me dá uma tarefa de menina e diz que é só o que sou capaz de fazer.

Ele saiu do cantinho e foi até uma porta no outro lado da sala, a porta para o corredor, segundo achei. Antes de passar pela porta, virou-se: — Não é só isso o que eu posso fazer — afirmou.

— Isto aqui está uma bagunça — me ouvi dizer na porta, surpreendido com a vergonha que sentia, e subitamente imaginando ser um recluso, constrangido por ocasião da primeira visita da esposa à sala de visitantes.

— Não importa se está uma bagunça — ela disse. — Deixe-me entrar, Cook.

— Não posso — respondi, embora quase involuntariamente tenha alargado a fresta da porta entreaberta mais alguns centímetros. — Eu gostaria, mas...

— Que aconteceu com a sua orelha? — ela perguntou. — Está sangrando.

Esta simples expressão de preocupação me fez perceber como ela estava atraente no corredor escurecido, uma mulher que se simplificara, simplificara, simplificara, incitando pelo brilho dos seus olhos, a forma da sua boca, a elegante curva do seu pescoço. Sua capa de chuva estava aberta, revelando a cavidade na base da garganta, a leve inclinação central da clavícula, e talvez tenha sido só a minha imaginação, mas me pareceu ver ali um pulsar ansioso, um tênue indício de seu coração.

— Eu me cortei ao fazer a barba — informei (uma mentira ridícula, porque era óbvio que não tinha feito a barba havia dias).

— Cook — ela disse —, estou indo embora para casa esta noite.

Quero que venha comigo.

— Eu não posso.

— Pode, sim. Por que não pode?

— Não posso ir agora, só isso.

— Eu quero que volte para casa, Cook. Não quero ir embora sem você. Não quero deixar você aqui sozinho. Tudo deu errado nesta viagem, e acho que deveríamos evitar maiores prejuízos e simplesmente

voltar para casa. Hoje. Esta noite. Por favor, por favor, venha comigo.

— Eu não posso.

— Cook — ela insistiu, sem uma pausa, sem sequer fraquejar no seu domínio de si mesma. — Você se lembra quando éramos recém-casados e fomos visitar os meus pais?

Teve aquela janta horrível da mamãe, o que ela chamava de grelhado misto — coisas horríveis como dobradinha e... o que era mesmo? Qual era a outra coisa terrível?

— Língua — eu disse.

— Isso — concordou ela —, língua. E papai bebeu tanto durante o jantar que subiu logo depois e caiu no sono, e mamãe, que também havia bebido demais, começou a chorar e dizer que ninguém gostara de nada do que ela tinha preparado... Lembra disso? Lembra o que você fez?

— Não — eu confessei sinceramente.

— Bem, você foi amável com ela, Cook. Você lhe disse que tinha gostado do jantar "imensamente". Lembro que você usou essa palavra, "imensamente" — você também tinha bebido, claro. E aí começou a lhe perguntar como ela tinha marinado a carne, e a elogiou em vários aspectos. E depois, quando subimos para deitar, eu quis saber por que tinha falado tantas mentiras para minha mãe sobre a comida dela, e você encolheu os ombros e disse que ela queria muito lhe causar boa impressão, que havia se esforçado muito para lhe causar boa impressão, foi o que você disse. A comida estava tão ruim que isso nem me passara pela cabeça. E eu dormi na minha cama da infância, pensando como era feliz por ter crescido e casado com alguém que se importava com outras pessoas.

Ela aguardou alguns segundos, dando-me tempo para aquilo penetrar, e me pareceu que o corredor, onde ela continuava a estar, pacientemente, ficava um pouco mais escuro. Eu sentia uma dor de cabeça que teria sido registrada por um sismógrafo, os abalos secundários e persistentes da "invenção" do Walter.

— No dia seguinte a gente só foi embora depois do almoço — Ellen recordou. — Você lembra como passou a manhã? A casa dos meus pais era o típico lar de pinguços. Cheia de coisas quebradas, coisas que não funcionavam direito. Você foi à loja de ferragens e, quando voltou, trocou o regulador de luz na sala de jantar. Consertou o vazamento na torneira da cozinha da mamãe e desentupiu o ralo. Você ajustou a porta de tela, que não fechava direito; fez até o rodízio dos pneus na perua do papai. Tudo antes do almoço. Eu me lembro de um determinado momento quando nós três — mamãe, papai e eu — estávamos na janela panorâmica da sala de estar, olhando para você lá fora, na entrada de automóvel da casa: você estava levantando com o macaco o carro do papai. Papai virou para mim, sorriu e disse: "Você arrumou um cara dinâmico mesmo, queridinha". Todos os três estávamos admirados com você: mamãe, papai e eu. Você era uma pessoa admirável, Cook. Atencioso, capaz e admirável.

Ela esperou mais um momento, dando-me oportunidade de assimilar isso tudo. Por fim, eu disse: — Eu também coleí uma luminária.

Ela sorriu e disse: — Está certo... tinha esquecido da luminária.

Então eu fiz a única coisa que podia fazer: deslizei o fecho de corrente e a deixei entrar.

Uma vez dentro, ela ocupou o assento no sofá da sala de estar. Deliberadamente ela não deu uma olhada pela sala nem fez comentários óbvios sobre as penas no chão.

E não tirou o casaco. Sentei na poltrona em frente a ela, tendo a mesinha de chá entre nós, e após algum silêncio ela disse muito calmamente: — O que é esse cheiro estranho?

— Não sei — eu disse. — A arrumadeira não tem entrado. Provavelmente é o lixo na cozinha.

O meu repentino desejo por ela me fez perceber a minha própria condição indesejável: sujo, sem barbear, parecendo doido no meu roupão enxovalhado.

— Podemos abrir as cortinas? — ela perguntou.

— De preferência, não — respondi.

— Então, podemos acender uma luz?

— Eu posso ver você — avisei. — Você não me vê?

— Sim — disse ela. — De fato, vejo você muito bem. Você está horrível, Cook.

— Estou mesmo? Pois você não está, não.

— O que preciso fazer para conseguir que deixe isto aqui e venha para casa? — ela perguntou.

— Ellen — eu disse —, tem muita coisa que quero lhe falar.

Ela se inclinou para a frente, solícita. — O quê, Cook? — indagou. — O que quer me falar, meu querido?

— Pois bem — eu disse. — Acho que finalmente estou fazendo algum progresso verdadeiro aqui.

— Como assim?

— Acho que estou conseguindo algo, até que enfim — eu disse. Eles estão começando a se abrir um pouquinho para mim. Estou começando a entender as coisas.

— Que coisas?

— Tem sido difícil mesmo, para falar a verdade — eu disse e de repente fui dominado por uma consciência do grande fascínio do meu caso, fiquei embriagado por ele, disposto a contar tudo, disposto a jogar a sua rede sobre minha esposa desgarrada e atraí-la de volta para mim para sempre.

— Fui espancado um par de vezes — eu disse —, fiquei apavorado e mal do estômago muitas outras. Nauseado. Sabe, parece que eles se abastecem da minha energia. Sou que nem uma bateria para eles, a carga elétrica deles. Eles me esgotam, e depois tenho de dormir para recarregar. Mas mesmo quando estou dormindo, Walter — é o tio... bem, não importa o Walter. A questão é... James, o garotinho, não parece ter relação alguma com a família. É uma espécie de alma errante. Eu acho que ele se apegou excessivamente a mim. Não sei ao certo o que se passou aqui Ellen — ainda não — mas creio que deve ter sido bastante assustador. A garota, Victoria, tem um alter ego sabe, um outro eu de que se vale para enfrentar realidades que quer evitar: de certa forma vive num mundo de fantasia no qual imagina que as coisas são melhores do que realmente são. Ela sequer admite que caiu da janela. Mas Iris — essa é a outra personalidade — diz que...

Aí eu parei de falar, subitamente surpreso ao ver lágrimas sulcando as bochechas de Ellen.

— O que há de errado? — perguntei, autenticamente desconcertado.

Essa pergunta, essa simples e sincera indagação, pareceu abalar Ellen ainda mais, e agora ela estava chorando muito, deixando-me totalmente perplexo.

Pensei que deveria chegar perto dela, confortá-la — era isso que um marido geralmente fazia quando a esposa chorava, quando tinha dito alguma coisa que a perturbava — mas justo quando eu ia me mexer, outra sensação me reteve: o que havia de tão familiar naquela cena?

Olhei para ela, que chorava sentada no sofá, de capa de chuva, e embora soubesse que estava de fato presenciando isso, era quase como se tivesse lido sobre essa cena em alguma parte.

E tinha mesmo lido em alguma parte: recordei uma cena em uma das suas histórias de mistério, na qual Flora, a pastora, visitava um paroquiano cuja esposa morrera recentemente; a esposa, mulher de trinta e poucos anos que sofria de câncer, era uma das amigas mais íntimas de Flora na igreja. O consternado esposo se perdeu em um longo e isolado estado de depressão — ele não sai de casa, mantém as cortinas fechadas, as luzes apagadas, recebe Flora na escuridão e rejeita seus apelos para abrir as cortinas ou acender uma luz. Tem chovido, e ela usa uma capa de chuva bege, a qual não tirou ao entrar. Está sentada no sofá em frente a ele, existe uma mesinha baixa entre ambos, e ela escuta enquanto ele procura exprimir a dimensão da sua perda. E, finalmente, sem poder controlar-se, Flora — a quem caberia confortar — começa a chorar. O homem se aproxima dela, tenta consolá-la, desculpa-se por tê-la perturbado tanto, e depois, comovido diante do pesar da pastora, vai afinal até a janela e puxa as cortinas... marcando o início de seu retorno à sanidade mental e ao mundo.

Fiquei abalado, imensamente desapontado pelo fato de Ellen estar apenas representando um papel; achei que, lançando mão do expediente da sua ficção, ela apenas tencionava manipular-me. Ela me

manipulara para entrar no apartamento, e agora visava manipular para tirar-me dele. Quando ela começou a se acalmar, eu disse: — Percebo o que você está tramando.

Ela mostrou-se desnorçada. — Cook... — ela começou.

Por um instante, pareceu prestes a enfrentar-me — a desafiar-me diretamente — mas logo desistiu disso, virou as mãos espalmadas para cima e optou por implorar.

— Por favor, Cook — suplicou. — Você precisa sair daqui. Vamos arrumar a sua mala e sair agora mesmo. Iremos à casa de Mimi e Ray e lá passaremos a tarde, e depois iremos para o aeroporto. Venha comigo agora Por favor. Você quer vir comigo, por favor?

— Não — eu disse.

— Por favor — ela repetiu.

— Não.

Ellen se levantou do sofá e contornou a mesinha de centro. Eu me levantei imediatamente da poltrona, atrás da qual fiquei, em manobra defensiva que surpreendeu Ellen mais uma vez.

Então ela assumiu um ar altivo e me falou, usando uma de suas famosas frases curtas e simples, como se eu fosse meio imbecil. — Cook — ela disse. — Eu estarei na casa dos Sho-pan. Saio para o aeroporto daqui a quatro horas. Você tem quatro horas para mudar de ideia. Cook, isto é importante. Eu vou para casa. Volto para Cambridge. Entende isso? Você também precisa vir para casa. Por favor, faça isso por mim.

Ela se virou e foi para a porta, e apesar de haver-se mostrado quase glacial naquele último momento, bem no instante em que ela se virou, pareceu-me perceber nos seus olhos uma clara ruptura no domínio de si mesma.

Em seguida ela foi embora.

Abriguei uma ligeira, fugaz preocupação com a sua descida em segurança naquele ascensor claudicante, com suas peculiaridades e seus ventos uivantes, mas logo a descartei como descabida. Minhas mãos ainda seguravam o encosto da poltrona — uma coisa enorme, alta e alada que podia ter trazido como opcional uma parelha de cavalos — e o som dos passos da minha mulher afastando-se pelo corredor externo foi, sobretudo, um grande alívio.

vinte e dois

QUERO DIZER QUE a visita de Ellen me deixou completamente acabado, e ao que parece era preciso algum esforço físico especial para que eu fizesse o ziguezagueante percurso emocional de sem-ela para com-ela e volta para sem-ela. Mas não há dúvida de que eu me encontrava em estado geral de enfraquecimento mesmo antes de ela aparecer na porta. Eu também quero dizer que aquela última tarde e noite no Willerton foi como uma farra regada a álcool, com fases de inconsciência. Mas estive mais bem organizada do que isso: as minhas lembranças são quase tão perfeitas quanto os nítidos vácuos entre elas. Posso lembrar com precisão os sons da partida de Ellen — seus passos no corredor, a chegada do elevador, a abertura e o fechamento da porta pantográfica — e depois um silêncio que me estimulou a respirar fundo atrás da minha *bergère*. (Foi como se eu não tivesse respirado normalmente durante a visita de Ellen.) Mas não tenho recordação alguma de quando saí da sala de estar ou de qualquer outro evento que possa ligar a sua partida ao seguinte fato — Victoria, na escuridão, falando: — Papai nos dizia que ele nunca ficou muito bom da cabeça depois de servir na marinha — ela disse. — Aconteceu alguma coisa com ele, mas eu não sei bem o quê.

— Onde estou? — sussurrei, pois conseguia ver apenas o rosto da garota, emergindo do que parecia ser um líquido negro.

— Espere — ela pediu, e com isso seu rosto desapareceu sob a superfície, deixando pequenas ondas na negrura.

Eu me peguei a pensar Silêncio, silêncio... e todos os meus sintomas chegaram no instante: o latejar na cabeça, o calor por trás dos olhos, a dor nas articulações.

Um momento depois, ouvi a voz dela novamente. — Aqui — ela disse, e na penumbra mais familiar que surgia percebi que estávamos na sala de costura. Eu permanecia deitado de costas na chaise-longue em que antes estivera sentado com James. Tinha voltado à minha costumeira nudez, debaixo de uma colcha de tricô de lã estendida sobre meu ventre e minhas pernas. Victoria estava sentada junto aos meus pés, olhando-me com a sua habitual boa vontade contrita.

— Está melhor assim? — ela disse. — Sim. Como eu ia dizendo, ele sempre era meio... bem, meio irracional. Tinha voltado da marinha daquele jeito. Totalmente incapaz de progredir realmente na vida. Se ele não tivesse o papai, não sei o que seria dele. O papai era assim, você vê. Muito, muito generoso mesmo com Walter. Com todo mundo, na verdade. Ele era o pai mais amável e atencioso que uma garota...

— Mas ele ia embora e deixava você sozinha com Walter — lembrei, apoiando-me nos cotovelos.

Esta repentina observação a deixou perplexa. Não que o conteúdo fosse surpreendente para ela — notei isso logo: ela admitiu de imediato que era verdade — mas aparentemente ficou assombrada pelo fato de eu estar a par disso e externá-lo de viva voz. Ela também entendeu no instante como eu ficara sabendo, pois um momento depois suspirou e disse: — Você tem de entender... Iris sempre culpou o papai. Iris sustenta que no caso da mamãe...

Ela titubeou, como se tivesse tomado um rumo que não pretendia tomar, ou como se de repente estivesse cansada demais para continuar.

— O quê? — eu disse. — Conte-me.

— Iris acha que papai foi responsável pela morte da mamãe — disse ela por fim, sacudindo a cabeça ao falar. — Sendo assim, suponho que é bem natural...

— Como a sua mãe morreu?

— Mamãe se afogou — ela disse. — A gente morava perto de um rio, sabe, longe de Londres. Não é possível que o papai... bem, na verdade é, ele tinha profundo amor por ela. Não é possível que ele...

Parou bruscamente e pareceu estar escutando algo que eu não ouvia, talvez algo dentro da sua cabeça. Em seguida parou de escutar e deu uma olhada no quarto, detendo seu olhar por um momento, fixando-se num objeto situado atrás de mim. Em brusca manifestação de energia, ela disse: — Que quarto adorável! É o meu preferido na casa.

Tocando a costura decorativa na larga gola de seu vestido, informou: — Eu fiz este vestido, sabia? Também o modelo foi meu, com a pequena ajuda de uma gravura numa revista. Papai trouxe-me o pano de Wakefield... Você conhece Wakefield? Uma antiga cidade que fez parte de um estado real, pertencente a Eduardo o Confessor. Papai muitas vezes chegava em casa trazendo retalhos de toda parte. E quase não existia nada que mamãe não pudesse fazer com agulha e linha. Uma excelente costureira.

Suponho que nisso puxei a ela. Mamãe me ensinou tudo, claro. Foi com ela que aprendi...

E nisso Victoria parou — não parou, dormiu. Acordou quase imediatamente e prosseguiu: —... crochê... também crochê. Ah, ela tinha muitos talentos. Quando criança em Edmund Island, ela...

E dormiu de novo.

Equilibrada na borda da chaise-longue, inclinava-se para a frente mais um pouquinho a cada respiração, processo que, caso continuasse, acabaria derrubando-a no chão.

O fato de eu achar essa possibilidade irresistível me levou a ponderar a real natureza do meu estranho estado naquele momento em particular: pensei que se era para ser enganado, confundido propositadamente, manipulado, para que me batessem com tijolos enfiados em fronthas, me reduzissem ao papel de observador passivo e detetive frustrado, não perderia nada se também me divertisse de vez em quando. Eu podia ouvir o barulho da respiração da garota. Enquanto ela continuava a descrever um arco lentamente, em movimentos rítmicos e regulares (algo parecido com uma roda num mecanismo de relógio), as molas da chaise-longue rangiam discretamente. Daí a pouco seu cabelo caiu para a frente, cobrindo-lhe o rosto, e logo ela ficou encurvada, os ombros praticamente encostando nos joelhos. Mas infelizmente ela parou ali, firme na borda. Sem fazer barulho deslizei para fora da colcha e pus os meus pés no chão; estava com muita sede, e queria achar água corrente. Bem na hora que me levantei, porém, a garota acordou.

— Atraente — ela disse, jogando-me a colcha —, você não tem pudor, cara? — A seguir, deu uma palmadinha no estofamento da chaise-longue, convidando-me a ocupar assento.

Notei que, no rápido deslocamento até seus joelhos e de volta à posição erguida, uma corrente de ouro deslizara da gola do seu vestido; era a primeira vez que eu via aquilo, a corrente com o medalhão ovalado e a chavinha.

— Se eu fosse você não andaria perambulando por aí — ela disse. — Walter está numa fúria medonha. É provável ele machucar você de novo.

— Por que ele está furioso? — perguntei.

— Não tem um porquê — ela disse com a habitual impaciência. — Walter é assim. É o que ele faz. Ele se enraivece. Ele machuca pessoas.

— Entendo — eu disse.

— Não — corrigiu ela, sorrindo. — Na verdade você não entende.

— Certo — eu disse. — Suponho que não entendo.

— Mas você quer entender — ela observou.

— Quero, sim.

— Você está metido em algo bem maior do que você mesmo — ela asseverou. — Sua esposa está

zangada e contrariada com você... não que seja raro ela estar zangada e contrariada. E você acha que pode fazer algo para ajudar-nos, pobres almas inquietas que necessitam... como foi que você o expressou para Victoria? "Seguir adiante".

Você quer ajudar-nos a arrumar as coisas para podermos "seguir adiante".

— Sim — eu disse, sentando na chaise-longue. — O que é isso no seu pescoço?

Um tanto surpresa, ela tocou a corrente e logo cuidou de metê-la de novo dentro da gola. — E de Victoria — ela disse.

— Um retrato da sua mãe no medalhão.

— Certo.

— Mas o que é a chave?

Ela ficou boquiaberta, arregalando os olhos — zombando de mim.

- Ah — ela disse. — Uma chave misteriosa. O que você acha que ela abre? Talvez descerre a porta para a nossa salvação. A porta para nós "seguirmos adiante". O que você acha?

— Acho que talvez ela abra um diário — eu disse.

Isto fez que ela risse exageradamente, jogando a cabeça para trás.

— É para dar corda ao relógio de mesa de Victoria — disse ela por fim. E riu mais um pouco.

Por uma razão que não consegui entender naquele momento, esse fato trivial — a chave, considerada fundamental, torna-se irrelevante — provocou em mim uma onda de angústia, quase como se fosse de fato uma "chave" para se compreender o contexto maior em que se incluía. De repente senti meu coração acelerar um pouco, e me ocorreu que o meu coitado e dócil coração era a máquina que fornecia energia para todo o torneio de tiro ao alvo daqui — a garota, James, Walter, a mobília, a cama de baldaquino, o manequim no canto, até a fibra da madeira dos assoalhos. Vi que a garota tinha ficado ainda mais pálida que de costume. — Você está legal? — ela perguntou. — Não está tendo um ataque cardíaco, está?

— Não — garanti. — Estou muito bem.

— Você está sob tensão — ela opinou. — E melhor dormir um pouco.

— Pensei que tinha acabado de acordar.

— Ora, você faria bem em dormir mais um pouco — ela disse. — E procure mesmo ficar escondido. Walter está furioso. Nunca se sabe quando vai parar. Ele é tamanha amolação, tamanha... tamanha responsabilidade. Pura aflição... — Ela fez uma pausa, inclinou a cabeça para um lado. — Essa é uma expressão engraçada, não é? — disse. — Pura aflição. Ainda não tinha pensado nela.

— Iris — eu disse —, você afirmou que você e Walter brigaram por causa de dinheiro na noite em que caiu pela janela. Mas dinheiro em que sentido?

— Uma absurda nota de uma libra, de fato — ela disse, dando de ombros, rindo um pouco. — Ele tinha estado arrastando-se de bar em bar até tarde da noite, como costumava, e tinha ficado sem dinheiro. Papai estava viajando, e Walter subiu esperando encontrar Victoria, que lhe daria algum trocado. Ela sempre fazia isso. Ele não tinha dinheiro dele, sabe? Sempre precisava pedir. — Ela sorriu travessamente e acrescentou: — Só que ele deparou comigo. Acordou-me. Exigiu que lhe desse algum dinheiro e começou a fuçar nas minhas coisas, fazendo uma bagunça espantosa, chamando-me de nomes realmente horríveis. Por acaso, eu sabia que Victoria tinha uma nota de uma libra na sua bolsinha de pano branco, que estava na última gaveta da cômoda. Então, saí da cama, achei a bolsa e fui até a janela aberta. Era julho e fazia bastante calor. Segurei a bolsa no ar, para fora da janela e disse a Walter que podia vir pegar se queria mesmo. Eu pensava puxar a bolsa de volta, você sabe? Certamente eu não estava disposta a deixar que ele pegasse a nota de uma libra de Victoria. Mas ele... bem, de alguma maneira ele me segurou. Estava muito ressentido com o problema de dinheiro, sempre tendo que vir pedir daquele jeito, e receio que provoquei nele mais fúria do que pretendia. O Walter sempre foi um tresloucado. Nunca soube bem quando parar.



Aparentemente, ela tinha acabado. Sorriu para mim, quase como se tivesse certo orgulho do que acabara de relatar. Eu disse: — Victoria me contou que você considera seu pai de certo modo responsável pela morte da sua mãe.

— De certo modo responsável? — ela disse. — O danado afogou-a mesmo. Eu vi ele fazer isso. Eu observei quando ele...

Ela se refreou, olhando-me de esguelha. — Lá vai você de novo — ela disse. — Está tentando ajudar-nos a discernir as coisas, não é? Tentando ajudar-nos a seguir adiante?

— Não posso acreditar que é por acaso que você e eu estamos aqui juntos desta maneira — eu disse. — Que eu posso ver você e falar com você assim. Em primeiro lugar, que eu tenha dado um jeito de aparecer neste apartamento. Não posso acreditar que tudo isso é por nada. Não posso acreditar..

— Oh, não é por nada — disse ela logo. — É por esporte, não vê? É só esporte.

— Esporte?

— Nós já fomos discernidos — ela disse. — É isso que nós somos. Ela sorriu para mim com jeito malicioso, de pretensa sedutora, sem muito sucesso. — É esporte — ela disse, alçando uma sobrancelha. — E suponho que isso faz de você um esportista.

Ela agachou-se e ajeitou a fivela de seu sapato. — Por falar nisso — ela prosseguiu —, achei que você ia querer saber... foi James quem estraçalhou a casa de bonecas do seu rapaz francês.

Lodo, uma agitação do sedimento: tudo um estudo em cinza-escuro, com leves sugestões de forma e cor, as janelas chocalhando nos seus batentes. No meio da noite; Walter Jevons, cambaleando, encosta-se contra o portal, totalmente nu, cabeludo da cabeça aos tornozelos, e mesmo dessa distância posso cheirar seu fedor de uísque, fumo e podridão humana; "Você era uma pessoa admirável", diz Ellen. "Você era atencioso, capaz e admirável..." Repentinamente assustado, um menino paralisado na sua cama à meia-noite, penso que devo dar com Pascal; Pascal, acho, está aqui em alguma parte, bastaria dar com ele; "Você pode até não ficar inteiramente satisfeito com os resultados", diz a garota, "mas ao menos está feito e você pode orgulhar-se disso..." No meu sonho, o agricultor opera uma grade nos campos chuvosos, o manto negro do cavalo está molhado, brilha como as lâminas da grade, os sulcos da estrada cheios de água de chuva, e lá na aldeia algo deu terrivelmente errado; "Ray acha que você ficou desnortado", diz Mimi Sho-pan muito serenamente, criando uma aura de intimidade. "Ficou mesmo, Cookson? E isso que aconteceu? Ficou desnortado?"

Eu aceitei o meu destino, a minha renúncia ao mundo corrente; tudo em mim dói, e Pascal, vulnerável, saindo do quarto extra, pulou uma presilha ao enfiar o cinto...

Virei minha cabeça no travesseiro, tendo subido nadando das profundezas de um esquecimento comatoso, e realmente vi um moço, Pascal Géricault, porteiro-chefe do Hotel Willerton, dormindo a salvo, com seu aspecto quase angelical, na outra cama, seu roupão de flanela xadrez caprichosamente dobrado aos pés. Não lembro da sua chegada ao apartamento. Não lembro tê-lo visto ou ter falado com ele, mas ele está aqui de novo, leal, paciente, disposto a ser uma eventual testemunha, querendo ajudar.

Com elegância ameaçadora, uma única e real pena branca desceu oscilando do teto.

Daí a pouco eu estava completamente acordado, e acordara completamente de modo a poder experimentar a pungente solidão que a noite oferecia naquele momento; senti uma solidão lancinante e também algo mais... a sensação de que algo mudara... Por certo, tenho examinado cuidadosamente a sequência deste fatos repetidas vezes, e tenho notado com arrependimento a quantidade de advertências

que recebi, para as quais não liguei. Mas por ora eu tinha apenas uma vaga sensação de que ultrapassara, para o bem ou para o mal (ou levaram-me a ultrapassar, pois apesar de toda a minha avidez temerária, apesar de toda a minha imprudência não podia deixar de sentir-me objeto de abuso), algum ponto sem retorno, algum ponto para além do qual era tarde demais, e que o garoto, James, fora de certo modo negligenciado por mim, subestimado, não fora levado em consideração com suficiente cuidado.

Eu estava morto de fome. Silenciosamente, desci da cama, achei meu roupão e fui para a cozinha passando pela sala de estar. Como a janela da cozinha não tinha cortina, pela primeira vez em muito tempo eu vi Londres, o recortado panorama dos telhados obscurecido por um céu baixo de neblina e garoa. Era tarde da noite. Afastei-me da janela, indefinidamente amedrontado ante a vastidão que se descortinava, a vastidão por trás da vastidão por trás da vastidão... um terror da infância, a curva do espaço, infinidade...

Na pia da cozinha, dentes de alho arrumados em círculo em torno do ralo, uma montagem de megálitos assemelhando Stonehenge com um abismo no centro, e pensei: Realmente não passa de esporte, de pura bobagem..

A fome que porventura eu sentira um minuto atrás agora tinha virado enjojo. Eu estava enjoado e subitamente fraco. (Nessa altura eu aprendera a interpretar isso como um sinal da proximidade dos meus fantasmas.) Ouvi barulho vindo da sala de estar (um rítmico gemido rouco, de fato), e quando cheguei no vão da porta, vi Walter, nu da cintura para baixo, esparramado no sofá, masturbando-se abertamente, isto é, distraidamente. A garota estava sentada perto dele, em perfeita postura, evidentemente desviando o olhar, mas, no mais, tranquila, pronta para discursar a respeito das atitudes imperialistas de Rudyard Kipling, das políticas de Stanley Baldwin contrárias à classe trabalhadora, dos prazeres musicais do verso isabelino — inteiramente alheia ao que se passava a poucos centímetros.

A cabeça de Walter estava tão inclinada para trás que ele estaria contemplando o teto, não fosse por algum tipo de pano que cobria seus olhos e seu nariz. Ao aproximar-me, reconheci naquele "pano" uma das calcinhas da minha mulher, e meus joelhos vergaram sob meu peso extenuação puramente física, pouco tendo a ver com essa constatação.

No mesmo instante, tanto ele como a garota me fitaram, ele tirando a calcinha do rosto, ela sacudindo a cabeça rapidamente, como que recomendando que me afastasse, e me veio à lembrança aquele primeiro dia em que nos encontramos, quando ela sussurrou para mim na sala de estar do térreo: "Vá embora." De repente, o rosto de Walter Jevons se contorceu de fúria, e ele mostrou-se muito disposto a trocar um prazer por outro: abaixou a cabeça, dirigindo-me um olhar feroz por baixo das sobrancelhas, por baixo de seus cachos ruivos. Ele investiu para a frente, pulando do sofá, a garota soltou um gritinho delicado e então, escandalosamente, o telefone tocou.



Deviam ser duas horas da manhã, e o telefone tocou. Todos os três ficamos paralisados, Walter de mãos e joelhos no chão, e voltamo-nos para ele, para o instrumento alienígena de cor marfim em cima da excêntrica escrivaninha Regency no canto da sala.

Dentro desse estranho momento havia um outro, a versão menor e mais densa do momento, versão dentro da qual não havia mais nenhuma. Eu já estava familiarizado com o momento, em virtude do meu histórico de excessos — era quando, após ter deixado o fogo aumentar descontroladamente, a gente era submetido a um teste visando saber o que mais estava disposto a jogar na fogueira arrebatadora. As perguntas (de uma voz cuja origem ainda é um mistério) não mais se referem a você, às suas ambições

nem a nada material. Elas se referem ao que você ama mais profundamente, ao que você tem menos direitos legítimos ou sobre o que tem menos poder, ao que em geral lhe é confiado. Está disposto a jogar a sua esposa no fogo? Está disposto a jogar a sua filha? E nesse momento fui forçado a observar a minha ambivalência de toda a vida, a minha sede de drama e desgraça, minha grande e penosa pobreza espiritual. O telefone continuava a emitir seu insistente sinal de dois toques, tão século vinte. Eu não conseguia reunir vontade para atender. Mesmo estando extremamente nauseado — pensei que podia sofrer um colapso — tive a impressão de contemplar, de certa distância, minhas pernas de cavernícola movimentarem-se levando-me em direção à escrivaninha. Tive de ficar de costas para a sala. Quando aproximei o fone do meu rosto e dei conta de pronunciar uma desesperada versão de "Alô", ouvi a voz da minha filha, fina e clara como a Estrela Polar, dizendo "Papai, tem algo errado? Você está legal, papai?"

Eu disse o nome dela — não, cantarolei seu nome calmamente. A náusea passou, o latejar nos meus ouvidos minguou. Ela reiterou as duas perguntas. Eu me virei para a sala e vi que Walter e a garota tinham ido embora. Então Pascal apareceu vindo do corredor, rumando para a porta, de pijama e roupão; logo percebi que havia algo profundamente errado no seu aspecto, de certo modo até terrível; seu roupão estava aberto, as pontas do cinto pendiam de cada lado, e ele, olhando para mim (mas sem olhar verdadeiramente para mim), pôs um dedo nos lábios e disse: "Eu voltarei", destrancou o fecho de corrente e saiu do apartamento.

Alguma coisa nos olhos dele... Estavam abertos, mas evidentemente ele não estava acordado. Então Jordie falou meu nome várias vezes do outro lado do oceano, mas eu me ouvi dizer "Meu Deus, não", palavras uniformemente espaçadas provenientes da história antiga, e o telefone caiu da minha mão.

Quando saí pelo corredor, quando cheguei ao elevador, só restava silêncio e mais silêncio, mas eu certamente tenho me perguntado de tempo em tempo, insone, que sons Pascal pode ter pronunciado, as agudas notas da sua surpresa. A porta do elevador estava aberta, e o poço vazio. Perto da borda, olhei para baixo, mas estava escuro demais para enxergar alguma coisa. O ar ali dentro era frio, cheirando a óleo, metal e poeira. No lado direito do alizar da porta, algum tecido rasgara-se no rebordo da placa do comutador e agora oscilava suavemente na ligeira corrente de ar ascendente, o cinto do roupão de flanela, inteiro, intato, uma fita larga de pano.

vinte e três

O ATO DE OLHAR PARA BAIXO no poço vazio e permanecer um minuto na sua aragem tênue e ligeiramente acre teve o efeito de infundir-me absoluta serenidade. (Acho que enquanto olhava para baixo eu estava em estado de choque psicogênico ou, mais exatamente, em estado de "tremor secundário" — meus vasos sanguíneos dilataram-se, meu coração confiável mostrou-se à altura das circunstâncias e encheu o volume adicional, as coisas corrigiram-se rapidamente, o sistema se depurou.) Eu não vira nada senão escuridão; não ouvira nada; mas soube que Pascal havia caído e não sobrevivera à queda. Voltei para a sala de estar no apartamento, onde o receptor do telefone estava caído no chão. Jordie chorava no outro lado da linha, aparentemente muito assustada. Eu lhe falei calmamente, mas também como se ela tivesse uns cinco anos de idade.

— Jordie — eu disse —, mamãe e eu estamos bem. É só que alguém teve um grave acidente aqui no hotel. Agora mamãe já está voltando para casa e ela vai...

— Voltando para casa? — ela perguntou.

— Sim, e estou certo de que...

— Mas eu falei com ela há algumas horas... Ela não disse nada de voltar para casa.

— Bem, ela está a caminho agora — insisti. — Talvez já esteja saindo neste momento, e eu quero...

— Mas por que ela está vindo sem você?

— A gente vai lhe explicar tudo depois, Jordie — eu disse. — Querida, alguém teve um acidente aqui, e agora preciso usar este telefone para pedir ajuda, certo?

Prometi que Ellen ou eu ligaríamos para ela no dia seguinte, e lhe fiz prometer que não se preocuparia com nada. Depois liguei para o balcão do hotel.

Um moço atendeu, alguém que eu não conhecia. Mais uma vez falei calmamente. Disse quem eu era e que Pascal tinha caído no poço do elevador.

Seguiu-se uma longa pausa, após a qual o moço disse (e eu lembrarei sempre as palavras exatas): — O senhor tem absoluta certeza?

Eu lhe disse que tinha certeza.

Em vista das circunstâncias, o que fiz a seguir não fez total sentido, embora a serenidade e facilidade com que agi provavelmente lhe teriam emprestado (se alguém estivesse observando) um ar de bom juízo: fui para o quarto, me vesti e fiz a minha mala. Enquanto fazia isto, eliminei deliberadamente a possibilidade de fantasmas; mantive os meus olhos concentrados nos mínimos detalhes das minhas tarefas, quase como se fizesse uma espécie de "ancoragem" à minha maneira — fazendo mira nos botões de uma camisa, nas cerdas da minha escova de dentes. Contudo, não pude evitar de todo o sentimento geral do lugar, o traço remanescente de algo monstruoso que tinha sido engendrado ali — a desordem, o cheiro. Saí do apartamento sem olhar para trás, sem dominar nenhum desejo de olhar para trás, e carreguei minhas malas pelos quatro lances de escada até o andar térreo e o balcão, onde tencionava pedir ao moço com quem falara ao telefone que preparasse minha conta. Mas o homem (seguramente Dennis McFarland, o filho adulto de Hannah, uma jovem versão masculina dela) já estava ocupado conduzindo um bombeiro pelo estreito corredor ao lado da escadaria, até a porta do elevador.

Cinco membros do posto Knightsbridge da brigada contra incêndios (A-) vieram para o hotel em

questão de minutos e tiraram Pascal do poço do elevador. Quando Pascal caiu, a cabine estava no subsolo, o que implicava que ele caiu quatro andares completos, uma distância à qual se pode sobreviver (me foi dito) dependendo dos detalhes da queda, dependendo de quão "controlada" fosse a queda.

A brigada contra incêndios forçou a porta do primeiro andar, e depois guinchou a cabine do elevador manualmente até a parte superior ficar rente ao piso, dando-lhe acesso fácil e seguro. (O procedimento de guinchar a cabine do elevador me interessou particularmente: um bombeiro no primeiro andar comunicava-se por rádio com outro bombeiro que içava com o guincho no topo do prédio — na "sala de máquinas", o lugar "imundo" do qual Victoria aconselhara James a ficar longe para não sujar suas roupas.) Logo concluiu-se que Pascal estava morto (apesar disso, ele foi colocado em cima de uma maca rígida), sendo levado por um serviço de ambulância diretamente para a funerária. Ele não tivera uma queda muito controlada — tinha o pescoço quebrado — e um dos médicos me disse que muito provavelmente a morte tinha sido instantânea.

Eu havia imaginado que a polícia ficaria envolvida, mas isso não aconteceu. Foi suposição geral que o elevador tinha apresentado algum defeito de funcionamento, permitindo a Pascal abrir a porta no quarto andar quando a cabine não se encontrava no lugar. Eu respondi a algumas perguntas feitas por uma bombeira, a jovem que redigiria um relatório para o legista, e fui extremamente prudente (de acordo com o meu autodomínio recém-adquirido), respondendo exclusivamente dentro do alcance das perguntas específicas que ela colocou; a única informação que ofereci espontaneamente foi a de que no momento em que vi Pascal sair do apartamento e entrar no corredor, ele parecia em estado de sonambulismo. Embora tivesse de aturar certo número de gestos reprobatórios — por que o jovem porteiro do hotel estava dormindo no meu apartamento enquanto minha esposa estava fora? — nada, aparentemente, sugeria crime. Quando essa pergunta foi feita especificamente, ao fim da entrevista, eu apresentei uma variante esperta da verdade: Eu vinha ouvindo barulhos estranhos de noite, falara disso com Pascal; tínhamos pensado que os ruídos poderiam ser de origem sobrenatural; Pascal se oferecera para dormir no apartamento a fim de investigar. Este relato incluía apenas uma mentira manifesta, a questão do oferecimento de Pascal, mas sem dúvida foi tomada como exclusivamente tramada para encobrir uma realidade mais devassa.

Na rua, ao ver Pascal, sobre a maca rígida, ser introduzido na ambulância, reparei no que parecia ser uma queimadura por atrito de corda na sua bochecha esquerda; vi as mesmas possíveis queimaduras nas palmas das suas mãos, viradas para cima, seu pijama estava encharcado na região das virilhas, e um líquido claro escorria de seu nariz e seus ouvidos. Fora isso ele, de pijama e roupão de flanela, parecia estar apenas dormindo. Entreguei ao motorista da ambulância o cinto do roupão de Pascal, e com isso o meu "rapaz francês", menos de quarenta e cinco minutos depois de olhar para mim e dizer "Eu voltarei", simplesmente tinha partido.

A ambulância desapareceu no fim do quarteirão, a brigada contra incêndios também foi embora, e eu fiquei na rua, na escuridão, sob uma fina garoa que revestira tudo com um brilho grotesco. O moço que achei fosse o filho de Hannah também estava revestido de um brilho grotesco; ele ficou no meio-fio, olhando-me. — E agora? — perguntou após dar uma olhada na minha bagagem, que estava debaixo do dossel do hotel. — Vai embora agora?.

Sim, eu lhe disse, eu iria embora logo; o hotel tinha uma cópia do meu cartão de crédito, e se fosse possível, eu acertaria a conta pelo correio.

— Naturalmente ele disse —, mas para onde irá a uma hora desta?

— Eu vou caminhar um pouco — esclareci (o que não alterou a expressão muito preocupada no rosto do moço), juntei minhas malas e parti pela ruela abaixo.

Setecentos e cinquenta e cinco passos depois, eu estava no rebaixado vestíbulo dos Sho-pan tocando a campainha.

Apertei o botão só uma vez, um toque nem curto nem longo demais, e mesmo transcorrendo um tempo

considerável antes de ouvir algum barulho que delatasse atividade no interior, de alguma maneira eu soube que um toque bastaria. Através do olho mágico da porta, vi uma luz acender-se, e quando a porta se abriu, o calvo Sr. Sho-pan apareceu no corredor, usando pantufas de couro marrom e um roupão de seda azul-meia-noite sobre pijama branquíssimo abotoado no pescoço. Ele não disse palavra quando me viu, mas segurou meu braço logo acima do cotovelo e puxou-me para dentro, como a arrancar-me de um perigo iminente. Ele fechou a porta, pegou minhas malas, colocando-as ali bem próximo, e em seguida me conduziu à sala de visitas e ao sofá. Sob essa influência segura e inesperada, eu adquiri de imediato o feitio de uma boneca de trapo, física e espiritualmente, acolhendo de bom grado a sensação de que mais alguém, alguém muito mais decente e confiável do que eu, tinha tudo sob controle. Ele ligou um pequeno abajur com cúpula de vidro verde, instigando na sala de madeira escura uma atmosfera teatral difusa que parecia dizer: Abominação, três horas da manhã.

As suas primeiras palavras concretas foram: — E só um instantinho... Vou ligar a chaleira.

Assim que fiquei só, David, o filho morto dos Sho-pan, sorriu do outro lado, acusando-me exoticamente (de periquito na mão) dentro da sua moldura de palha tecida.

E então Mimi apareceu vindo do corredor, contornou o sofá, pegou uma cadeira em frente a mim e esquadrinhou o meu rosto. Ela também usava pijama branco e roupão de seda, sendo o dela marrom-escuro, e parecia já estar a par, pelo menos, da magnitude do que acontecera. Ela cruzou os braços, abraçando-se e inclinando-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Tentei, por um momento, determinar o que tinha mudado nela, uma manobra de diversão de minha parte — ela estava de cabelo solto — e então achei que devia fazer aquilo que não podia fazer: falar. Não que eu não pudesse formar as palavras necessárias — isso era bem fácil — mas as palavras em si, já formadas e alojadas no meu coração, resistiam a ser proferidas. Suponho que eu parecia completamente desesperado. Mimi disse: — Cookson — e emergiu da sua postura de autoproteção o bastante para estender-me a mão. Naquelas circunstâncias, eu não podia pegá-la, não é mesmo? O Sr. Sho-pan voltou à sala, foi ficar atrás da cadeira na qual a esposa estava sentada e colocou suas mãos nos ombros dela. Ambos continuaram a olhar-me, sem piscar, e pela primeira vez pareciam, sobretudo, velhos; quando, por fim, Mimi falou de novo, havia um levíssimo indício de raiva na sua voz: — Solte a língua logo, Cookson — ela disse.

— Pascal está morto — informei. — Ele caiu no poço do elevador do hotel.

Eles fecharam os olhos bem apertados, e depois houve uma horrível movimentação de seus corpos, uma espécie de coreografia pesarosa na qual ele desabou no chão, agora amparando-se com as mãos nos ombros dela, cujas mãos, por sua vez, apressaram-se a apertar as dele; ele inclinou-se para a frente ao passo que ela arqueava o corpo para trás, e juntos eles pareceram encolher um dentro do outro, mas exatamente como se tivessem sido banhados com ácido. Foi verdadeiramente uma das coisas mais apavorantes que eu já vi, acompanhada somente pelo tique-taque do relógio da lareira, mas não tive tempo para demorar-me naquilo, pois daí a pouco a chaleira emitiu seu agudo alarme e minha esposa apareceu no outro lado da sala, de camisola branca, dizendo: — Cookson, meu Deus, o que aconteceu?

vinte e quatro

A INTROMISSÃO DA FELICIDADE naquele momento terrível foi quase tão assombrosa quanto a própria visão de Ellen. Não foi pura felicidade — eu achava que nada definitivamente puro resultara da minha vida. (Emocionalmente, o momento foi algo parecido com aquele do início do relato, quando eu me meti na cama ao lado de Ellen, lá em casa, em Cambridge, ainda tremendo do pavor que me infundira o cão de olhos albinos... Naquela noite eu queria conforto, mas não o procurei porque, curiosamente, tive vergonha.) O espetáculo oferecido pelos Sho-pan, um montículo apertado avolumando-se e arfando entre nós na sala, era a evidência convincente contra mim; agora que ela havia sido testemunha disso, eu jamais poderia omiti-lo em qualquer futuro acerto de contas. Uma parte de mim, a parte infeliz, sentiu-se pega de surpresa por sua súbita presença, e pareceu vagamente ouvir de novo seus passos afastando-se no corredor do Willerton, como se eu pudesse agarrar-me àquela passada sensação de alívio. Suponho que foi essa porção surpresa de mim (e um egoísmo soberbo e persistente a despeito de tudo) o que fez que a sua pergunta — "Cook, meu Deus, o que aconteceu?" — parecesse aludir a algo mais próximo de nós do que a triste sorte de Pascal. Para mim, foi (a chaleira ainda chiando): Que aconteceu com a nossa vida a dois? Como podemos chegar a este ponto?

Permaneci, segundo acho, razoavelmente ocupado ao longo da decorrente incredulidade e do transcurso incoerente dos cerca de noventa minutos seguintes; Ellen precisava de respostas do tipo das pouco antes procuradas pelos bombeiros; Mimi limitou-se em geral a doídos comentários sobre os sonhos frustrados de Pascal, quão cheio de esperança e bonito ele era quando eles o conheceram, que rapaz meigo e agradável. Em todo momento omiti qualquer referência aos meus fantasmas e que nutrisse qualquer suspeita quanto ao envolvimento de James no acidente" de Pascal. Dei praticamente o mesmo depoimento que dera aos outros, no hotel, acrescentando apenas que por enquanto era cedo demais para alguém saber como ou por que o elevador tivera aquela falha. No contexto do pesar dos Sho-pan, muito concreto (e do que eu começava a perceber em Ellen, que parecia arrasada), falar em fantasmas teria parecido (e sem dúvida era, inerentemente) vulgar. Mas os fantasmas e o meu papel no seu melodrama inacabado eram justamente as tensões que tingiam tudo e criavam um estranho constrangimento social, quando se podia pensar que nós todos tivéssemos já superado essas coisas: ninguém mencionou os fantasmas porque ninguém queria implicar-me diretamente, de cara.

Quanto ao Sr. Sho-pan, ele não falou palavra, e talvez seu silêncio resignado tenha sido para todos o mais difícil de suportar.

Acho que o chá foi preparado e servido, mas ninguém tomou. E quando, finalmente o Sr Sho-pan levantou-se e, em silêncio, foi em direção à porta do corredor, Mimi disse: —Ray, meu querido, você não gostaria de deitar de novo? — embora isso fosse com certeza o que ele já estava fazendo. Ele parou, virou-se e assentiu muito vagorosamente: era justamente isso o que ia fazer, voltar para a cama.

Abaixando a voz, num sussurro, Mimi nos disse: — Acho que é melhor eu ir com ele — e seguiu pelo corredor, atrás do marido.

Quando eles saíram da sala, Ellen explicou que, chegado o momento, não tinha sido capaz de ir embora de Londres — não fora capaz de deixar-me ali sozinho. No curso da tarde ela tinha sido encorajada pelos Sho-pan a fazer mais uma tentativa de persuadir-me a sair do apartamento Mimi tinha

um plano — Ellen disse. — Eu ia lá tomar o café da manhã com eles — esta manhã — e aí nós três íamos buscar você no apartamento. Estávamos decididos a entrar e montar uma espécie de greve branca. Simplesmente nos recusaríamos a sair até você vir conosco.

Ela disse tudo isto com ironia, mas com uma ironia triste, de modo algum mordaz.

Eu disse: — O que você está usando? — referindo-me àquela coisa branca e longa que ela tinha em cima, uma túnica que descia reta dos ombros ao chão, abotoada no pescoço e feita de algum tipo de material pesado que parecia difícil imaginar adequado para dormir. — Eu nunca vi.

— É de Mimi — ela informou.

Não tive nada a dizer, além daquela palavra prosaica que transmitia a carga de arrependimento por todo o leque de fatos humanos, do espirro ao genocídio — lamento, lamento tudo.

Ela esperou um bom tempo, e depois disse, sem julgar, com plena aceitação: — Eu sei.

Sentados frente a frente na sala, eu num sofá, ela em uma poltrona, a um metro e meio um do outro, sem nenhuma outra peça de mobília entre nós, embora olhando-nos nos olhos por alguns segundos, não nos mexemos.

Naquela manhã, por volta do amanhecer, peguei um táxi para o Hilton. Ellen sugerira que ficasse na casa dos Sho-pan, mas quando eu disse que achava melhor ir a um hotel, ela respondeu, ponderadamente: — Bem, talvez isso seja melhor.

Depois ela disse: — Suponho que eu deveria ficar com eles, não acha? Não me parece certo deixá-los sozinhos logo agora.

— Não — eu disse. — Não seria certo. Fique, eu telefonarei mais tarde, quando estiver hospedado. Faremos alguns planos.

Fazer o meu registro de entrada no Hilton foi como que ir para Marte, uma mudança exatamente da dimensão que eu procurava, e não sei se gastar trezentos dólares por noite era uma forma de mimo ou de penitência. Eu só sabia que não queria ficar na casa dos Sho-pan. A vergonha consumia-me demais, para chafurdar aos olhos daqueles que sabiam o que eu era, e sendo assim, como um animal, preferi lamber minhas feridas a sós.

Segundo o plano que finalmente elaboramos, eu iria para Paris três dias depois, domingo — mantinha contato com Hannah, no hotel, que por sua vez mantinha contato com a família de Pascal —, e Ellen voltaria para Cambridge também no domingo. Ela queria rever Jordie — estava preocupada com Jordie — e, muito simplesmente, queria voltar para casa. Lembro-me de que sexta-feira à noite, quando peguei no sono no meu quarto do Hilton, tive a visão de um mapa da Europa em cor pergaminho no qual, saindo de Londres, a minha rota, em vermelho, dirigia-se à França, e a de Ellen, em azul, aos Estados Unidos. Também planejamos passar o sábado juntos antes de cada um seguir seu caminho.

Até certo ponto, eu estava contente por termos pela frente essas viagens diferentes em direções opostas, contente por adiar o momento em que teríamos de ver como é que as coisas iam ser mesmo entre nós lá em casa. Também gostei de ter o dia intermédio para ficar sozinho, um dia de transição. Eu sabia que se pretendia impedir uma separação mais concreta e duradoura entre nós, teria de apresentar-me sinceramente, no sábado, como um homem corrigido, um homem com a ficha limpa. Portanto, ainda havia uma coisa que eu precisava fazer, um último assunto relacionado aos meus fantasmas.

Não foi como se eu saísse do Hotel Willerton para simplesmente nunca mais pensar neles; pensei neles muitas vezes durante os dias seguintes, mas pensei neles com um novo tipo de isenção, a diferença, digamos, entre alguém pensar em água enquanto se afoga no oceano, e pensar nela enquanto pega sol na praia. Continuei ainda tentando atribuir significado a tudo, o tipo de tolice que fizera Iris rir tanto de mim: existia a coincidência de o pai da garota (se acreditássemos em Iris) ser um assassino, como o meu pai; havia o grande representante de tudo o que é abuso de si mesmo, escapismo, fúria e destruição no mundo, Walter — o fim andante (em termos) e falante (em termos) que eu podia ter tido, se a graça não o impedisse, na minha própria vida; havia a coincidência de James sentir-se abandonado pelo pai (quem

quer que ele fosse) e de ter ficado — como outra versão de mim, levada ao extremo — com certas ânsias anormais e exageradas. No meu íntimo, eu continuava a experimentar a frustração de alguém a quem deram apenas algumas peças de um quebra-cabeça; eu não entendia aquilo, o que a garota tentara me dizer: que eles eram o que tinha ficado para trás. Eu queria respostas, as peças faltantes nas suas histórias e que, corretamente situadas, comporiam uma imagem coerente — uma imagem com significado.

Na sexta-feira (o dia intermédio), tendo procurado o endereço na lista telefônica, eu apareci nos escritórios da Elevadores Lohengrin, em Fulham Road; entrei no prédio, que podia ter sido em outros tempos a pétrea reitoria de uma igreja, e subi uma escadaria estreita e escura, tortuosa e rangente (uma ironia, pensei, em se tratando de uma firma de elevadores). Assim que entrei em um escritório externo, por uma porta com um painel de vidro fosco, apresentei-me a uma recepcionista como amigo do jovem porteiro que caíra no poço do Hotel Willerton. A recepcionista, uma bela negra com sete brincos de prata dispostos ao longo da voluta de uma orelha, pareceu alterada quando eu disse quem era. Ela falou rapidamente ao telefone, e logo um homem louro nos seus trinta e poucos anos convidou-me a entrar em outra sala e pediu que eu tomasse assento. A princípio, ele olhou-me com desconfiança e desviou as perguntas que eu pretendia fazer, fazendo-me as suas — de que lugar dos Estados Unidos eu era? qual o motivo da minha vinda a Londres? e assim por diante — passando depois a contar-me mais do que eu podia querer saber sobre uma recente viagem a Boston que fizera com sua esposa e duas filhas pequenas, para participar de uma convenção sobre elevadores. Perguntou-me se eu já tinha estado em certa discoteca em Jamaica Plain. Mas deixando de lado a conversa fiada, após ter-se preparado suficientemente, ele provou estar possuído, como outra pessoa que eu conhecera nessa viagem a Londres, de grande entusiasmo por elevadores e ser incapaz de deixar passar uma oportunidade de discorrer sobre o tema.

— A inspeção do ascensor mostrou que estava em perfeitas condições de funcionamento — ele disse. — De qualquer modo, trocamos algumas peças, apenas para maior segurança, mas não achamos nada que pudesse justificar o defeito.

Ele disse que a sua empresa vistoriava o ascensor e fornecia um laudo a cada seis meses, mas aquele ascensor tinha sido vistoriado e submetido a manutenção por ele mais frequentemente — de fato, uma vez por mês, regularmente. (Na realidade, tinha sido inspecionado apenas três semanas atrás.) Com muito cuidado e atenção ao detalhe, ele deu uma explanação sobre as rampas retrateis que movimentam os roletes que liberam o mecanismo de trava da porta quando a cabine passa por determinado andar. — Mas esse sistema tem um problema — ele disse. — Alguém poderia abrir a porta dando um puxão quando a cabine está passando. Talvez isso seja o que aconteceu — sugeri. — Não — assegurou. — Pois, não há como fazer isso no ultimo andar — você sabe, sendo o fim do percurso, a cabine não passa dali.

Além disso, antigamente é que as coisas eram assim. Agora a gente acrescentou contatos elétricos aos mecanismos. Não dá para abrir a porta a menos que a cabine tenha parado. Perguntei se, digamos, alguém que tivesse subido no teto da cabine do elevador poderia desativar o mecanismo de fecho.

Por que me faz essa pergunta? — ele disse.

Eu encolhi os ombros e disse que estava desconcertado com o que acontecera e simplesmente levantava hipóteses.

- Não — ele disse. — Não daria para fazer isso de cima da cabine. Seria preciso ter acesso à casa de máquinas.

Da casa de máquinas, disse-me, alguém poderia, teoricamente, fechar o circuito para um determinado andar, abrir a porta e depois deixar os circuitos em ordem.

— Mas só se pode fazer isso na casa de máquinas — ele disse — A pessoa tem de saber o que está fazendo.

Portanto, era isso aí: como vocês podem imaginar, esse era o tipo de minúcia científica talismânica que a gente supõe venha a fazer de algum modo diferença significativa, mudar o que a gente sente, a

maneira de entender as coisas... mas que, uma vez de posse dela, a gente percebe ser inútil Além de ser à primeira vista absurdo que um jovem fantasma tivesse sabotado o elevador, provocando a morte de quem considerava seu rival na disputa por afetos paternais, agora que eu me convencera de que havia mesmo jeito de fazer algo assim, como podia usar esse conhecimento? Que proveito seria possível tirar dele?



Como ato de misericórdia para comigo mesmo, deixarei de lado os detalhes da minha solitária permanência no quarto do hotel, a contemplar da minha janela panorâmica a grande altura o infindável aguaceiro em Hyde Park: a impossibilidade de alimentar-me, o medo de dormir, o medo dos sonhos. Basta dizer que vi o amanhecer chegar no espelho em forma de foice do Serpentine. Ellen e eu tínhamos combinado encontrar-nos no café no térreo do hotel, às dez horas da manhã, para o desjejum, e das seis às nove, mais ou menos, eu hesitei soturnamente às voltas com a questão da roupa que vestiria. Não podia deixar de notar que toda vez que imaginava estar sentado num restaurante em meio a aromas de comida, sentia-me enjoado — e estava acontecendo uma coisinha esquisita com a minha pele: se eu ficava em absoluto repouso, uma sensação de formigamento começava no topo do couro cabeludo, emanava e descia por meu rosto e minha nuca e depois continuava invadindo meus braços, peito e pernas; era interessante, mas muito perturbador, e quando tentei deitar na cama, o formigamento crescente tornou-se tão amplo que sacudiu a própria cama. Decidi ligar para Ellen, dizer que não estava passando muito bem, e sugerir que omitíssemos o café da manhã e fôssemos caminhar. (Gostei da ideia de ficar ao ar livre.) Mas quando eu estava a ponto de fazer isso, ela telefonou — por volta das nove horas — e sugeriu omitir o café da manhã e dar um passeio. Observei que estava chovendo, mas ela disse que tinha um guarda-chuva. Eu disse que também tinha um.

Eram dez e meia quando ela chegou ao hotel e ligou da recepção. Dei-lhe o número do meu quarto e perguntei se ela desejaria subir, mas já ao falar essas palavras, achei um convite bizarro, inoportuno: não sei ao certo o que eu tentava exprimir — provavelmente um desejo desesperado de acertar tudo de forma mágica, de tornar a reunir-nos em um quarto de hotel, normal e seguro, como se a vista espetacular das minhas janelas panorâmicas e os magníficos móveis em estilo georgiano pudessem redimir-nos, pudessem de algum modo redimir-me. De qualquer maneira, ela ficou confusa, sem fala; eu ocupei o silêncio e disse: — Não é boa ideia... eu desço já... Vamos dar um passeio.

No térreo, não vi Ellen no primeiro momento, e quando a vi experimentei uma ambivalência similar à que sentira na casa dos Sho-pan — parte de mim eufórica por vê-la, outra parte infeliz por ser visto por ela. Ela estava embrulhada na sua capa de chuva, de pernas e braços cruzados, olhando para o lado vazio do sofá de dois lugares em que estava sentada. Quando me aproximei e disse olá, ela passou seus dedos no estofamento do assento e olhou para mim; lembro que quase me senti agredido pela neutralidade em seus olhos. As primeiras palavras que me dirigiu foram: "Olhe, tem um pequeno rasgão aqui no pano..." Depois ela levantou-se e sorriu (um pouco de tristeza ali, algo de amabilidade, baixar a guarda um pouco) e, por minha iniciativa, abraçamo-nos — o que não foi uma experiência totalmente repulsiva para ela, mas representava, segundo acho, uma intimidade para a qual não estava preparada.

Saímos do hotel, compartilhando o meu guarda-chuva. Em vez de entrarmos no Hyde Park, viramos para o sudeste e rumamos através do Green Park (e depois através do Parque de Saint James e em direção ao Tâmis). A chuva era leve, sem vento e não muito fria, bastante agradável, e o ar fresco era bem o que eu desejava, calmante de certo modo.

Andamos uma certa distância em constrangedor silêncio, após o que eu perguntei se ela tinha falado

com Jordie.

— Duas vezes — ela disse, parou e depois acrescentou: — Parece que está tudo bem com ela... um pouco preocupada com a gente, mas feliz porque estou voltando amanhã. Ela vai participar de um teatro cômico terça-feira à tarde.

— Teatro cômico?

— Sim. Acho que irei para lá na terça de manhã e ficarei até o dia seguinte.

— Que tipo de teatro cômico?

— Algo a ver com Eleanor Roosevek, acho.

Sugeri que mantivesse os caseiros até ela voltar de Connecticut.

— Ah, não — ela disse. — Não quero ninguém em casa quando eu estiver lá. Já liguei para eles e avisei que estarei lá amanhã. Além do mais, terei Spencer para me fazer companhia.

— Mas o que vai fazer com ele quando viajar para visitar Jordie?

— Vou levá-lo comigo — ela disse.

— Não vai ter problema para achar lugar onde se hospedar?

— Como assim?

— Quero dizer, um lugar que aceite cães?

— Eu já me informei, Cook. A pousada da cidade aceita cães. Não se preocupe.

Surgira então na minha mente uma prolixa lista de preocupações domésticas — que tinham a ver com pagar contas, solicitar a entrega do jornal, telefonar para a agência dos correios, trocar os filtros do sistema de aquecimento e por aí afora — e suponho que poderia ter continuado nesse tipo de diálogo doméstico por no mínimo uma hora, mas me segurei; naquela conversa inicial sobre o cachorro e sobre até quando exatamente Ellen manteria os caseiros tinha havido suficiente tensão subterrânea para fazer-me recuar. Perguntei como estavam Ray e Mimi, e ela pareceu satisfeita com a mudança de assunto.

— Eu acho que eles ... — ela começou, e pareceu pensar melhor no que ia dizer, como se tivesse lembrado que era preciso ter tato.

— Acho que ainda estão chocados — disse ela por fim. — Não têm ido tomar o café da manhã no hotel nos dois últimos dias. Não se falou nada a esse respeito; eles simplesmente não foram. E Mimi desenvolveu um súbito pendor pela conversa fiada. Ela matraqueia sobre o clima, as roupas, a comida, os velhos tempos... tudo menos seus sentimentos. Não sei ao certo o que espero que ela diga.

— E ele?

— É difícil saber — ela disse. — Hoje de manhã ele trouxe um pirilampo para a mesa da sala de jantar — da sua coleção — e começou a falar-me sobre os muitos hábitos fascinantes do bicho. Inclusive a capacidade de produzir luz. Ele explicou os órgãos luminosos e como uma certa enzima interage com um ou outro composto para gerar luz. Era muito interessante, mas Mimi chegou na sala e pediu-lhe que tirasse o inseto de lá. É estranho, porque realmente eles estão mais falantes do que é habitual... mas neste sentido esquisito — emocionalmente, acho — estão muito mais retraídos. Tudo o que fazem parece um substituto do que não estão fazendo. Tudo o que é dito parece algo que não está sendo dito.

Essa era, obviamente, uma descrição bastante lúcida de nós — e creio que ambos tivemos consciência disso. — E que me diz de amanhã? — perguntei logo. — Que me diz de quando você for embora?

— Bem, eu pedi a ela que faça contato com pessoas da igreja deles — que ponha alguém a par do que está acontecendo — e ela disse que o faria. Mas não sei se o fará. Penso que eles têm medo de permitir-se sentir quão abalados estão realmente.

— Por causa do filho — eu disse.

— Exato. Seria como reabrir uma antiga ferida.

Em algum ponto do caminho tínhamos virado, indo parar em um pequeno pavilhão pintado de branco — um coreto, suponho —, cujos degraus subimos, sentando-nos no interior, no banco perimetral. Ela

perguntou-me se eu tinha falado com alguém da família de Pascal.

— Não — eu disse. — Tenho falado somente com Hannah, do hotel. Ela me disse que a irmã dele, Catherine, veio a Londres. Tiveram de fazer uma... sabe, por que foi um acidente...

— Autópsia — ela disse.

— Isso — confirmei. — Catherine volta para Paris com...

— O corpo — disse Ellen.

— Certo, e o funeral será terça-feira.

— Tem certeza que quer fazer isso?

— O quê... ir a Paris? Eu preciso ir.

— Está pensando em apresentar-se à família?

— Não sei — eu disse. — É bem provável que me limite a tocar de ouvido. Posso ir anonimamente.

Na verdade é por mim mesmo que irei...

Ela olhou para outro lado.

— Que foi? — perguntei. — O que é?

— O que é o quê? — ela indagou.

— O que você acha errado?

— Não acho errado você ir a Paris — ela asseverou.—Entendo perfeitamente. Estava pensando que seria bom você conhecer a família. Dizer a eles quem você é.

Eu disse que provavelmente o faria, seguindo-se um daqueles silêncios do tipo onde-é-que-a-gente-vai-agora. Fiquei a observar uns patos de barrigas pretas que brigavam num gramado próximo. Depois examinei por alguns momentos a pintura descascada das tábuas do piso do coreto.

— Que tal o seu novo quarto?

Não tive certeza se ela tinha refletido sobre a pergunta, percebido que era impossível evitar que forçasse uma resposta, e perguntado mesmo assim — ou se a pergunta saíra sem pensar. Eludi as suas implicações mais sutis e disse que dispunha de uma banheira com tamanho suficiente para acomodar um fusca.

— E como você está se sentindo?

— Me sentindo?—repeti (sentindo a minha mais detestada aflição, a separação da minha esposa). — Não tenho dormido muito.

— Ora, alguma coisa mudou — ela disse.

— Compreendo que você esteja zangada — afirmiei. — Eu endoidei e estraguei a sua viagem.

— Não era a minha viagem—Ellen corrigiu.—Era a nossa viagem.

— Seja como for—eu disse.—Eu compreendo que você esteja zangada.

Ela não respondeu a isso por um tempo, e decidi deixar que ela tivesse seu silêncio se era isso o que queria; depois, finalmente, ela queixou-se do frio — disse que estava sentindo frio, sentada naquele lugar — e, portanto, fomos embora.

Quando saímos do parque e chegamos à rua, um caminhão passou em alta velocidade, entrou numa poça e espirrou um jorro de água de chuva suja. Eu puxei Ellen para afastá-la do meio-fio, gritando "Cuidado aí!" — espalhafatosamente o bastante para atrair a atenção de alguns pedestres e, acho, causar constrangimento a Ellen. O casaco dela ficou encharcado, e o meu rosto deve ter refletido um alto nível de angústia (de fato, meu coração estava acelerado), porque ela disse: — E apenas água...

Tendo deixado isso para trás, uma quadra depois, ela disse: — Cook, a minha raiva ou meu desapontamento ou... mesmo a minha preocupação com você — com o que está errado em você — o que quer que eu possa estar sentindo perde importância em comparação com o fato horrível que aconteceu, não acha? Foi algo terrível. Eu quero é ir embora para casa. Quero ver a Jordie. Quero dormir na minha cama. Comer a minha comida. Os Sho-pan são encantadores, pessoas maravilhosas... mas o que é que eu estou fazendo lá? Como é que fui parar lá? E como se eu tivesse subido num carrossel, algo que parecia

divertido, aí ele começou a girar fora de controle, e quando parou eu estava separada do meu marido e hospedada com aquele agradável casal de velhos de Hong Kong. Dá para sentir, bem aqui no meu peito, este medo... acho que não acreditarei ter voltado para casa até estar realmente dentro de casa. Não... não vou ficar realmente tranquila até apertar Jordie nos meus braços.

Ela tinha dito isso tudo enquanto caminhávamos, olhando bem para a frente, não para mim. Rua abaixo surgira a Ponte de Westminster, e impressionou-me o fato de ela não mudar quase nada: era reconhecível apenas como coisa exótica, e a gente podia ter estado em qualquer lugar do mundo; o fato de estarmos na chuvosa Londres era tão significativo como poderia ter sido para os besouros empatados de Ray Sho-pan. Eu disse a ela: — Então é isso o que somos? Separados?

— Não sei — ela disse. — Como você o chamaria?

— Distanciados, suponho. Eu diria que estamos distanciados.

— Não sei se entendo a diferença — ela disse —, mas tudo bem. Distanciados.

— Veja bem, uma coisa é como que uma decisão, e a outra indica apenas... circunstâncias. Isso pode mudar. Vai mudar. Não significa necessariamente...

— Eu preciso mesmo ir embora para casa, Cook — ela disse. — Talvez eu possa superar isto, mas preciso fazê-lo em terra firme. Preciso fazê-lo em casa.

— Ainda quer ir junto comigo para o aeroporto amanhã? — perguntei.

— Sim — ela disse, com um quê de exasperação — Quero, claro.

Algo terrível acontecera: Isso pairou durante o resto do tempo que ficamos juntos, que — porque, de alguma forma indefinida, não estava dando certo, porque estarmos juntos era vagamente doloroso — preferimos abreviar. Logo após chegarmos ao rio, ela disse que estava com frio, que de repente sentia-se muito cansada e queria voltar para tirar uma soneca. Disse que tinha uma longa viagem pela frente no dia seguinte, e não queria começar já cansada. Acho que ela usou a palavra "cansada" talvez uma meia dúzia de vezes em diferentes sentidos, e quando olhei para ela isso foi finalmente tudo o que pude ver: ela estava cansada. Ela quis pegar o metrô de volta (porque tinha sido uma longa caminhada e estava cansada), e eu preferi continuar andando sozinho mais um pouco. Acompanhei-a até a estação, comprei o bilhete para ela, dei-lhe um outro abraço (um tanto embaraçoso) e fiquei olhando quando pegava a escada rolante que a levaria bem abaixo do nível da rua. Ela não se virou para olhar-me, e eu vi seu corpo desaparecer dos pés para cima, pernas, quadris, ombros, cabeça, e pronto. Foi horrível.

Fiquei mesmo andando — saí da estação, sem rumo, apavorado. Fui afastando-me do rio, do espaço aberto, virando a esmo; faltava pouco para a hora do almoço, por isso os passeios estavam lotados, e quanto mais estreita a rua, quanto mais abandonada, mais avidamente eu a escolhia. No final de certa ruela de uma quadra de comprimento (parecida com Willerton Way), desci alguns degraus de pedra e logo me vi perdido em um canto em declive de Londres, onde os fundos de alguns prédios erguiam-se à minha direita, e uma elevada cerca de tela metálica à esquerda, limitando um longo e estreito caminho de paralelepípedos. Através da cerca via-se a área gramada e despovoada de uma esplanada e depois o rio; no lado oposto existia uma colunata, que fazia parte da subestrutura dos prédios mencionados. Sob o abrigo da colunata, dúzias de sem-teto apinhavam-se em muitos acampamentos contra o muro interior, recuado. Fui andando mais devagar ao passar por aquelas pessoas, emolduradas como ícones aqui e ali nas arcadas da colunata, sustentadas por pilares, e quase senti que tinha ingressado em outro mundo — o mundo situado detrás e embaixo do mundo, um arranjo nítido e oculto, a invisível e desabitada sustentação das coisas. Mesmo que tentasse, eu não conseguia desviar o olhar por inteiro, e perto do meio daquele corredor polonês de um só lado, comecei a ter dificuldade para respirar.

O dia escurecera rapidamente, começara a chover forte, e o impertinente florescer do meu guarda-chuva tinha algo desagradável. Não sem algum esforço cheguei até o fim, onde outra escadaria de pedra conduzia para cima e, eu esperava, para fora daquele lugar. Os degraus eram flanqueados pelos altos muros de tijolo dos prédios e, portanto, sem muita luz; subindo um longo lance de escadas, chegava-se a

um patamar e uma brusca virada à direita, onde deparei com um beco sem saída, uma porta de aço preta e o fedor acre de urina velha que define universalmente lugares como aquele. Em meio à sujeira do chão, num canto, um menino estava acaçapado, com seus longos cabelos louros besuntados com o que parecia ser graxa de um cârter, e usando roupas escuras, esfarrapadas, calças curtas, pernas nuas cobertas de fuligem, resultantes do relento e do abandono; acima da sua cabeça, riscadas na pintura da porta preta, liam-se as palavras "me foda até eu sangrar!".

Senti um enjoo bem conhecido, meu coração acelerar, cheirei um odor a coisa queimada misturado com o outro odor, e então o menino, cujo rosto estivera afundado nas mãos imundas, olhou para mim, cravando seus olhos amarelados nos meus.

Era James, dirigindo-me um olhar tão acusador que tive um instante de parcial cegueira. Então eu simplesmente virei, desci os degraus de dois em dois e caí fora de lá.

Quando achei uma estação do metrô e voltei ao Hilton, encontrava-me em um estado que faz pensar em vocábulos obsoletos: atormentado, desolado. Embora a readmissão me tivesse sido imposta, embora Pascal tivesse pago seu preço, eu obtivera uma certa dose de falso conforto ao sair do Willerton e assumir novamente o mundo "real".

Sem explicitar isso em tantas palavras, imaginei ter escapado e efetivamente apaguei o passado "irreal". Encontrar James daquele jeito, lá fora, teve o efeito simbólico de acordar-me para o que vinha repudiando nos três últimos dias — a elaboração do meu remorso, uma versão do que as pessoas chamam "viver consigo mesmo". Tratava-se, como logo pude ver, de um remorso que ia bem além do Hotel Willerton.

Face a essa perspectiva, a minha primeira providência, ao voltar ao meu "novo quarto" (nas palavras de Ellen), foi ir dormir.

Uma das prerrogativas de quem está casado com uma escritora de mistério: a gente conhece alguns detalhes da autópsia. Sonhei com Pascal, frio, branco e nu, de costas em cima de uma mesa metálica, sulcado pela abjeta incisão em "Y" (cortes diagonais a partir de cada ombro, juntando-se abaixo do esterno e descendo pelo abdome até o púbis). Havia aqui alguma coisa do ambiente do repetido sonho do quiroprático, mas desta vez a mesa era de gélido aço inoxidável, com uma aba pouco profunda em volta e um furo para drenagem, e eu era o médico; o mais estranho: eu achava ser um cozinheiro, ignorante (quase) da exata índole do prato que preparava, embora em algum canto no fundo da minha mente eu soubesse a verdade, o que contribuía em boa parte para o meu desassossego à medida que prosseguia. Eu acabara de cortar as costelas e a cartilagem para expor o coração e os pulmões e agora retirava-os, junto com o esôfago e a traqueia; sobre uma mesa de dissecação próxima aos pés de Pascal (o dedão de um pé tinha uma etiqueta de identificação), separei o coração dos outros órgãos e coloquei-o em uma balança de mola (do tipo usado em armazéns). Pesava quase quatro quilos e sorrindo com o trocadilho, pensei no pesadume do coração de Pascal. Tirei-o da balança e cortei-o em dois pedaços com uma faca de trinchar Wüsthof Trident pondo-o de lado. Em seguida retirei o fígado, o baço, os rins, o estômago, o pâncreas e os intestinos, cortando aqui e ali onde fazia-se necessário, mas também puxando onde puxar resolvia o problema. (Mais de uma vez precisei afastar a ereção perpétua de Pascal — ela me atrapalhava — e recordei vagamente ter lido alguma vez que o priapismo era sintoma de lesão na coluna.) Coloquei todos os órgãos em uma grande peneira na qual podiam escorrer, e passei a ocupar-me da cabeça. Fiz uma incisão começando atrás de uma orelha, seguindo pelo crânio até a outra orelha, apertando forte, para ter certeza de atingir o osso; depois, aproximando-me e murmurando "desculpe-me", puxei o couro cabeludo para a frente e para baixo sobre o rosto de Pascal. Eu ia procurar a ferramenta adequada para serrar o osso quando reparei que precisaria aspirar um pouco do líquido claro que vazava por uma fratura do crânio; achei uma seringa tipo bulbo para injetar molho em peru assado, e quando comecei a aspirar o límpido líquido, a surpresa causada por seu aspecto tão familiar foi o que transformou o até então perturbador sonho em um completo pesadelo. Eu pensei: lágrimas; e logo: não, não são lágrimas: o fluido

aquoso que eu vira saindo dos ouvidos e do nariz de Pascal quando ele foi carregado na ambulância. "Acordei" no sonho, vendo-me imerso até os cotovelos em sangue e até os joelhos em vísceras, e freneticamente comecei a tentar repor as coisas nos seus lugares, jogando e empurrando órgãos na enorme cavidade vazia, gritando o tempo todo: "Oh, Deus, por favor, por favor, Deus... Chega de fugir." Acordei pior do que nunca. A minha próxima providência foi ligar para o serviço de quartos e pedir um balde de gelo e uma garrafa de Glenlivet. Ao examinar (ainda que miopemente) o meu panorama interior com suas áridas vistas, achei que treze anos era tempo bastante, e que bastante era bastante.

Como tinha dormido vestido, me despi, ficando de cueca e camiseta — traje adequado para beber (para certo tipo de bebedor) — abri as cortinas completamente e caí na cama.

Bateram na porta com assombrosa presteza. Vesti um roupão, peguei umas moedas e abri.

Ellen estava no corredor, de malas na mão e parecendo resignada, mais jovem do que eu a recordava, bela. — Mimi me pôs para fora — ela disse. — Tem problema se fico com você?

Desta vez não experimentei ambivalência alguma. Ver Ellen, o fato de ela estar aqui, agora, me desarmou. Peguei as suas malas impetuosamente, fechei a porta e ajudei Ellen a tirar o casaco. (Fiz tudo isso bastante apressadamente, temendo uma súbita desistência.) A primeira coisa que ela fez — provavelmente a primeira que qualquer pessoa fazia ao entrar naquele quarto — foi chegar perto da grande janela panorâmica. Ela contemplou a vista, respirando fundo, depois virou e contemplou o quarto.

— Nossa! — ela disse. — Não está fazendo economia com a renda familiar.

— Não — eu assenti. — Mimi pôs você para fora?

— Foi uma espécie de frenesi tradicionalista — disse Ellen. — Ela disse que o meu lugar era aqui, com você, e que não queria discutir isso.

— Uma mulher entre as mulheres — eu disse.

— Sim — concordou ela, parecendo insegura.

— Posso pedir algo para você? — perguntei. — Está com fome? Quer beber algo? —

(Evidentemente, foi aí que eu me lembrei do Glenlivet que estava a caminho, mas, imerso no mistério da chegada de Ellen, não havia em mim espaço para pânico de espécie alguma.) — Não, obrigada — ela disse, voltando-se de novo para a janela, sem dúvida pensando Será que cometi um erro ao vir para cá?

Alguns momentos depois, ela disse:—Mas não recusaria um mergulho naquela banheira que você mencionou.

Quando o uísque chegou, ela estava no banheiro, de porta fechada, a água correndo. Dei ao garçom uma generosa gorjeta e pedi que levasse embora a garrafa, em seguida passei a arrumar o quarto, recolher minhas roupas, acender as luzes, alisar as cobertas. Depois, de forma totalmente aleatória, fiquei tentando pensar em coisas para dizer a ela. De vez em quando, eu ouvia o leve borrifar da água do banho, quando ela mexia um braço ou uma perna. Aproximei-me da porta do banheiro e fiquei ali. Ouvi-a suspirar, depois mais agitação na água. Pensei que queria lhe falar do pesadelo que eu tivera, e do meu encontro com James naquele buraco fedorento no alto da escadaria; queria falar sobre o uísque que eu tinha pedido (Será que eu teria bebido? Nunca vou ter certeza disso.); queria dizer que finalmente estava me dando conta daquilo — a verdade e a dimensão do fato terrível que acontecera, a inútil morte de Pascal, e a verdade e a dimensão dos diversos males que eu causara nesta vida; queria dizer que sabia que mudar os meus hábitos não bastava, nunca bastaria, e que o problema, o meu problema, estava no alicerce espiritual, na minha alma; eu queria dizer que não tinha a menor ideia de como conseguir mudar isso, mas de certo modo não saber parecia correto. Entretanto, estando ali fora junto à porta, ouvindo o suave barulho da água, eu soube também que as palavras tampouco bastariam jamais, que era preciso mostrar-lhe — lentamente, com o tempo, era preciso ela convencer-se com base no que via com seus próprios olhos. Bati de leve na porta. — Ellen — indaguei —, posso entrar?

Seguiu-se um silêncio, e depois: — Tudo bem.

Dentro do banheiro, os espelhos estavam embaçados, e até as paredes pareciam cobertas pelo vapor.

Quando ela olhou para mim eu vi que tinha chorado. Comecei a despir-me, coisa simples, pois só tinha o roupão e a roupa de baixo. Ela ficou olhando, vacilando. Então disse: — O que está fazendo?

— Quero entrar — eu disse. — Se não tiver problema.

Ela pareceu duvidar muito, mas logo encolheu suas pernas encostando os joelhos nos seios e deslizou o corpo para trás, contra a parede da banheira, abrindo espaço para mim. Ela parecia saber que eu não procurava sexo, apenas nudez. Entrei, imitando a sua posição de joelhos para cima, voltado para ela. — Você se importa se acrescento um pouco de água quente?

— Não — ela disse. — Faça isso, por favor.

Como a torneira estava na parede atrás da banheira, quando abri o registro a torrente de água caiu entre nós. Logo a água ficou farta e quentíssima. Logo ela ficou muito vermelha, parecendo escaldada, e eu desconfiei que apresentava o mesmo aspecto. A seguir os dois estávamos chorando, vermelhos, escaldados e chorando. Acho que foi a benevolência que prevalecia nos olhos dela que quebrou minhas defesas, e a vontade de perdoar que vi neles, apesar da grande confusão que fora criada entre nós.

Choramos juntos um bocado naquele fim de tarde, por muito tempo, na banheira, e de vez em quando um dos dois tentou dizer alguma coisa, mas a cada tentativa apenas os gemidos e gaguejos da dor saíam. Seguia-se um pouco de silêncio, de calma — achei que era o silêncio de sabermos que tudo o que houve em algum momento sempre lá estaria: eu não conseguiria, mesmo com os meus dons enganadores, fazer com que nada do que acontecera parecesse não ter jamais acontecido —, e aí um olhava para o outro e o pranto recomeçava. Ela foi imensamente generosa o tempo todo, e para mim havia uma esperança inerente na saudade de seu corpo nu e na forma como parecíamos reduzidos ao nosso eu infantil vermelho e puro ali na água quente; mas apesar de tudo isso — apesar da sua generosidade e de nos lamentarmos juntos — ela estava, em certo sentido, afastada de modo duradouro, retraída mais e mais fundo no centro da confusão e na sua fria e marmórea fonte de lágrimas. Compreendi, desde o início, que ela detestava que as coisas fossem assim — aquele cume de ressentimento que tínhamos atingido, aquele ameaçador posto avançado na odisseia que levava à morte de um inocente; e também detestava a situação ambígua que isso deixara entre nós. Percebi que ela queria perdoar, que já então tinha, e continuaria a ter, a vontade de perdoar, mas que o perdão, sendo uma mudança do coração, não respondia à vontade. Quando, no fim, ela se pôs de pé na água e saiu da banheira, eu olhei com saudade o vapor a elevar-se dos seus ombros e braços.

vinte e cinco

É ABRIL, CERCA DE SEIS MESES depois, e nos últimos momentos estive deitado no sofá de couro na biblioteca, no meio da tarde, pensando em Jordie. (Hoje de manhã, fazendo uma caminhada, torci um tornozelo, e estou tentando dar-lhe um pouco de repouso.) Jordie, em casa durante o recesso da primavera, está em algum lugar no andar de cima, provavelmente em seu quarto, e talvez envolvida em seus pensamentos que, no entanto, segundo acho, tem por centro a primavera e são menos nostálgicos do que os meus. Estava lembrando uma ocasião em que ela foi conosco a um jantar oferecido por um casal enfadonho, de cabelos entremeados de fios brancos (o homem, um crítico, a mulher, poeta, ambos com algum tipo de atividade em Harvard) que tinha decidido levar "a sério" um dos livros de Ellen, considerando que ia além do seu gênero medíocre, e convidar Ellen, com esse pretexto, para ingressar no que era aparentemente um grupo reverenciado, com vista para o rio Charles. Éramos doze pessoas ao todo, sendo Jordie, então com quase três aninhos, a única pessoa com menos de trinta. (A inclusão de Jordie pelos anfitriões da festa fora um avanço para além de certos limites deles próprios, possivelmente uma daquelas fúteis tentativas às cegas de tornarem-se, com um único gesto, alguém que desejariam, mas jamais poderiam ser.) Durante a maior parte do jantar, os outros convidados admiraram diferentemente as respectivas obras e realizaram um concurso para ver quem era capaz de enfiar o maior número de nomes literários numa única frase. Não era de esperar, obviamente, que Jordie e eu participássemos, tendo sido reduzidos à mesma condição de criancinhas por toda a mesa, que fazia silêncio sempre que um de nós atrevia-se a falar... seguindo-se sorrisos de olhos enrugados e a continuação do assunto que interrompêramos tão simpaticamente. De algum modo, apesar da vulgaridade de tudo aquilo, a atmosfera ganhou um bom comportamento quase de paródia. Reparei, tarde da noite, que as pessoas começavam a abster-se do uso de contrações, e um homem (que eu soube tinha nascido perto de Revere Beach) adquiriu, curiosamente, uma espécie de sotaque anglo-paquistanês. Justo quando comecei a achar que todos haviam pirado, Jordie desceu da sua cadeira e (no intuito de compartilhar conhecimento recentemente adquirido) começou a contornar a mesa, informando quais dos convidados tinham pênis e quais tinham vaginas. Ela precisou de alguns minutos para ocupar-se de todos (aqui e ali, um grandioso instante de hesitação), e eu jamais teria sonhado sequer em mandar que ela parasse antes de terminar. Aquilo foi bem a rajada de ar tropical que a fria noite necessitava, e devo reconhecer o mérito de Ellen, que também não fez tentativa alguma para que Jordie parasse.

Na minha lembrança, vejo Jordie — beirando os três anos, vestida a caráter para ficar acordada até tarde — e ouço o timbre de calipso que ela punha nas palavras: "Pêêê-nis... vagi-i-i-na..." Possuo um porta-joias cheio desses cristais (aos quatro anos, acordando-me com a pergunta "Quer ver como posso fazer um sorriso grandão?" e depois esticando sua boca até espantosa largura; cinco anos, num balanço do parquinho, ao avistar, creio, um Packard '39 que passava pela rua: "Olha... olha... um carro da época do preto e branco!") e ultimamente parece que tiro esses cristais e fico rolando-os entre as palmas das mãos, consolando-me com a sua sugestão de continuidade e apreciando seus efeitos prismáticos até na mais opaca luz do passado.

Vocês sabem, eles ajudam a mitigar os meus medos... não meus medos, o meu medo: desde a Inglaterra, toda tragédia parece não somente possível, mas provável; acho que o que mais amo será

arrancado de mim, simplesmente porque (agora ficou claro) pode ser arrancado e eu certamente devo pagar um preço altíssimo pelos desatinos da minha vida. É óbvio que já recapitulei a respeito daquilo talvez umas dez mil vezes — a Inglaterra e o decurso dos últimos meses. Teve um dia em novembro (menos de um mês após voltarmos para casa), dois dias antes de viajarmos de Cambridge a Connecticut para buscar Jordie, que passaria o recesso de Ação de Graças em casa, em que Ellen veio falar comigo no quintal e perguntou se poderia ir sozinha, a fim de ter oportunidade de explicar para Jordie, na viagem de volta, "como estavam as coisas em casa". Era uma tarde fria e ensolarada, e ela encontrara-me empunhando o ancinho, enterrado até os tornozelos nas folhas de cor ferrugem e nas cascas espinhosas do castanheiro-da-índia; como existe uma depressão considerável no terreno em volta do castanheiro (como se o peso da imensa árvore tivesse afundado a terra), Ellen estava em nível mais alto ao falar comigo, um pouco de encenação que eu procurei não interpretar como simbólica ou propositada. Quando me perguntou o que eu achava de ela ir sozinha para Connecticut, a fim de explicar a Jordie qual era a situação, eu disse tudo bem, ótimo, só que esperava ter a mesma oportunidade.

— Claro, sem dúvida — ela prometeu. — Você terá o tempo que quiser para ficar com ela.

— Não — eu esclareci. — Quero dizer, espero que algum dia, daqui a não muito tempo, você me explique como é que são as coisas.

— Você sabe tanto quanto eu... — ela disse, virou-se e tornou a entrar na casa.

Suponho que fiquei intrigado com a ambiguidade daquela observação; sem alterar-me, retomei o meu trabalho com o ancinho e parti para uma análise da frase em si: "Você sabe tanto quanto eu..." Pretendia aquilo ser a resposta completa para o meu apelo, ou era apenas o início de uma resposta que ela preferira estudar melhor?

Eu não tinha como saber, mas reparei na falta de jeito dela ao virar-se e ir embora, como se tentasse aplicar uma tática de palavra final que na verdade não conseguia executar.

A sua falta de jeito tinha enorme importância para mim. Estava a sugerir que ela não tinha mudado tanto assim, que apenas se comportava de modo diferente — uma condição temporária — e mostrava até que ponto a mágoa, a tristeza, a decepção e a desconfiança podem levar as pessoas a todo tipo de condutas mesquinhas, para as quais elas não têm inclinação natural. Eu desconfiava mesmo que aquele seu novo hábito de trancar cenas como aquela era uma forma simples e medrosa de recusar algum envolvimento. Esse envolvimento tornara-se uma empreitada complexa de riscos, implicações e recuos imprevistos.

Uma vez que estávamos às voltas com a frieza e a necessidade de quebrar o gelo, era lamentável que estivéssemos entrando no inverno, ainda por cima um inverno especialmente gelado e de muita neve. Em verdade, a minha pergunta naquele dia debaixo do castanheiro-da-índia aparentava maior preocupação com os nossos problemas conjugais do que eu realmente nutria. De modo algum eu estava pronto para que Ellen me explicasse como estavam as coisas em casa (isto é, eu realmente não estava pronto para ouvir o que ela tinha a me dizer a respeito). Ainda era muito recente a minha libertação dos conjuros malignos do Hotel Willerton, e muito recente a minha volta de Paris, onde conhecera a família de Pascal e comparecera a minha primeira e única missa fúnebre católica. Eu havia perdido seis quilos e ainda tinha dificuldade para comer. Visto que acordava quase todas as manhãs com o desejo de consumir grande variedade de substâncias que poderiam dar-me certo alívio, eu começara a comparecer a muitas reuniões dos AA. (Eu preferia achar que se tratava disso, de "comparecer".) Tentava não permitir-me a indulgência de abominar a mim mesmo, pois isso parecia muito semelhante ao prazer. Mas uma vez que se instalara em mim o remorso parasita que começara além-mar, eu não podia evitar repisar Londres inversamente: eu não guardara segredos, não perseguira extravagâncias paranormais; a gente tinha mudado de hotel; eu permanecera ao lado de Ellen; caso isso tudo não tivesse acontecido, eu havia deixado o apartamento naquela tarde quando ela me pediu que o fizesse; voamos de volta para casa; Pascal não morreu.

Quando pensava na família de Pascal, era como se eu só pudesse vê-la a certa distância, de alguma maneira faltava clareza ao seu luto; quando pensava nos Sho-pan (e eu mal suportava pensar neles), via-os, claro, encolhidos num montículo na sua sala de estar, arfando diante de Ellen e de mim, embora até isso ficasse de certo modo, a alguma distância; mas quando pensava em Pascal, muitas vezes ao dia, eu o via de perto, sempre absolutamente próximo: ele acompanhava-me até o elevador e agora batia com a mão para mim, seu rosto na janelinha da porta.

Nem por um momento cogitei relatar a alguma autoridade a história "real", a história integral dos fatos ocorridos no Willerton, que resultaram na morte de Pascal.

Mesmo se eu achasse alguém que acreditasse em mim, o que era improvável, de que teria servido? (E no sentido mais verdadeiro, não havia história "real" alguma, e certamente nenhuma história integral. Em Paris, eu me atrevi a contar para Catherine, irmã de Pascal, uma versão expurgada da história "real", e ela encerrou a nossa conversa bastante bruscamente; não sei se fez isso porque acreditou ou porque não acreditou em mim.) Em fins de novembro recebi por correio um pedido de um funcionário da justiça para casos de morte suspeita de Londres, para fornecer, como "parte interessada", qualquer informação que tivesse a respeito das circunstâncias em torno da morte de Pascal Géricault; transcrevi os detalhes que já dera à brigada de incêndio. (Mais ou menos dez semanas depois nós saberíamos, através de Mimi Sho-pan, que a conclusão da justiça foi "morte acidental", conclusão que eu achei ao mesmo tempo verdadeira e falsa.) Nunca soube exatamente o que Ellen disse a Jordie naquele dia de novembro quando a trouxe da escola para casa. Era evidente que fazia-se necessária alguma informação, porque Jordie teria percebido logo que algo mudara entre seus pais, que havia algo errado entre nós. Mas durante a sua visita, ela evitou claramente fazer-me qualquer pergunta sobre a Inglaterra. Estava envolvida na escola, no clube de teatro, nas novas amizades, e obviamente muito feliz. Enquanto ela ficou conosco, apenas cinco dias, a casa pareceu mesmo ter mais luz — não sei se existe explicação prática para esse fato. De quando em quando, Ellen parecia quase acessível, e naquele fim de semana dormimos juntos pela primeira vez; isto é, não só fizemos amor pela primeira vez desde a Inglaterra, como também dormimos na mesma cama. Eu vinha acampando no sofá-cama na "sala de roncar", o meu escritório. Mas quando Jordie voltou para a escola, nós retomamos nossas aflições tristes e aparentemente excludentes.

A vinda de Jordie para o Natal teve o mesmo efeito positivo. Vocês entendem que durante toda a vida dela nos acostumáramos a concentrar a nossa atenção em Jordie — isso era algo que sabíamos fazer muito bem, algo em que ambos acreditávamos, muito semelhante a uma fé mútua, e eu até imagino que seus efeitos eram similares aos obtidos por casais religiosos que frequentam juntos os cultos dominicais. Durante os dias de férias, mudei de novo para o nosso quarto, e fizemos algum progresso incerto, que, mais uma vez, pareceu frágil de bases sólidas. Percebi que Ellen parecia refugiar-se contra uma parede dentro de si mesma sempre que notava que eu agia como se nada tivesse mudado entre nós, como se tudo entre nós fosse como nos tempos pré-Inglaterra. Não acredito necessariamente que o tempo repare coisa alguma, mas ele dilui, mesmo que gota a gota, e portanto consolava-me na esperança.

A gente consola-se com o que tem à mão, e esperança era o que eu tinha à mão.

Enquanto isso, eu enfrentava a minha própria câmara de tortura dentro da minha mente, provida de equipamento audiovisual de última geração, bem longe das preocupações com o meu casamento. De vez em quando eu perdia as sementes de clareza que começavam a brotar no restolho da morte de Pascal; por vezes parecia-me ter trazido somente o meu corpo de volta para casa, o meu corpo que, impossível de lavar, ainda fedia como o apartamento do Willerton; pegava-me com muita frequência a pensar nos meus fantasmas. Sentia-me devidamente envergonhado por pensar neles — será que a morte de Pascal não bastara para fazer-me desistir daquilo? Mas eram tantas as perguntas sem resposta, tantas as peças faltantes no quebra-cabeça (a história deles, e a minha por consequência, estava incompleta). Em meados de fevereiro chegou da Inglaterra um envelope grosso coberto por sua profusão de selos. Estava endereçado a Ellen, e trazia uma carta extraordinariamente extensa que Mimi Sho-pan lhe escrevera,

carta que eu nunca li nem me foi lida. Entretanto, dobrada dentro dessa carta havia uma outra, mais curta (embora também extensa), dirigida a mim. Eis a carta, reproduzida na sua integridade (todas as reticências são de Mimi):

7 de fevereiro

Caro Cookson,

Aquela tarde de outubro... quando Ray e eu fomos visitá-lo, mas não nos foi permitido entrar no apartamento... Ray queria contar-lhe algo que achava poderia ser-lhe útil... algo que ele ficara sabendo a respeito da família Jevons. Seguindo o meu exemplo, ele passara bastante tempo na biblioteca, consultando muitos tipos de documentos antigos, e soube que a família Jevons, antes de vir para Londres, vivera numa cidadezinha no campo próxima da divisa de Gales, em Herefordshire. Ray achou que esse pequeno fragmento que desenterrara poderia ser o início de alguma coisa... que talvez você quisesse valer-se dele como ponto de partida para reconstruir a história da família. Ray também achou que isso poderia fazer você sair do apartamento e envolver-se em algo... bem, perdoe-me, Cookson... algo menos obscuro.

Desde a tragédia de Pascal... que, segundo concluiu o magistrado do inquérito mês passado, foi morte acidental... Ray e eu temos feito das bibliotecas de Londres o nosso segundo lar. Adotamos a história da família Jevons como o nosso projeto especial, começando com outra visita a Colindale, retomando onde Ray parara. Temos deixado de tomar o café da manhã no hotel, pelo menos ao longo destas semanas... é doloroso demais... são tantas recordações. O nosso projeto especial tem sido uma distração na nossa tristeza... algo a fazer, um jeito de passarmos os dias, e muito salutar para nós. Não creio exagerar quando digo que a nossa tarefa tem sido hercúlea. Ela demandou um número incalculável de horas, não só de buscas nas bibliotecas, mas também fazendo averiguações de todo tipo, por meio do telefone e de correspondência, examinando arquivos judiciais muitas outras coisas. Cookson, eu imagino o quanto você sofreu com a morte de Pascal, por isso Ray e eu lhe enviamos os frutos da nossa pesquisa na esperança de que eles possam ajudá-lo como nos ajudaram. Estou ciente de que a ligação entre Pascal e este pouquinho de arqueologia é indireta, mas como tenho dito, isso tem nos ajudado e talvez possa ajudá-lo também.

Em Colindale soubemos que a mãe, Elizabeth Jevons, McGlame cie solteira, natural de Lincoln, afogou-se em 1927. A família era muito abastada em Herefordshire, aparentemente destacada na pequena cidade à beira de um rio. O irmão Walter já então morava com eles e era muito pouco lembrado pela gente da cidade... ele bebia sem moderação e nunca fazia nada certo. As circunstâncias do afogamento foram suspeitas. O marido Hamilton Ellery Jevons, estava num bote com Elizabeth quando ela caiu na água.

Ele afirmou ter tentado salvá-la, mas também não sabia nadar direito. Para começar, Ray e eu não conseguimos descobrir razão alguma para a mulher cair do bote. Ao que parece as suspeitas das pessoas baseavam-se inteiramente no fato de Elizabeth ter herdado, pouco tempo antes, a fortuna da sua finada mãe... e pensava-se que Jevons tinha tudo a ganhar com a morte da esposa. Houve um inquérito meticoloso... meticoloso como costumam ser essas coisas em cidades pequenas... e ainda que se tenha considerado em geral que Jevons tomou parte no afogamento, nada foi provado e ele nunca foi levado a julgamento.

Mas os irmãos ficaram marcados por um estigma, dando-se por certo que eles tinham saído beneficiados pela morte da mulher. Ainda por cima a menina, Victoria, de cinco anos, sofreu uma mudez histérica após a morte da mãe, que a impediu de começar a escola, e rumorava-se na cidade toda que a criança presenciara o assassinato da mãe pelo pai da janela de seu quarto, que dava para o rio. Nessas condições, os Jevons venderam a casa em Herefordshire e mudaram-se

para Londres menos de um ano depois, e nada se soube deles até 1936, quando da horrível defenestração... bem, você já sabe, não é?

Conforme você também sabe, Ray acredita que Walter Jevons empurrou Victoria por aquela janela em Londres. Jevons tinha de ser realmente muito insensato para fazer uma coisa assim, mas se de fato fez, muito haveria a recomendar que pulasse depois dela. Sobretudo o seguinte: a Sra. McGlame, mãe de Elizabeth, já era bastante velha quando Elizabeth casou com Jevons, e foi totalmente contrária ao casamento. Ela não gostava de Jevons, nem de seu estranho irmão. Ela preparou um testamento extremamente complicado, deixando tudo para Elizabeth, mas confiando e prevendo toda possível contingência... ela quis certificar-se de que seu dinheiro não acabaria de jeito algum nas mãos do bando Jevons. Se Elizabeth morresse, Victoria tornar-se-ia beneficiária dos bens. Se Jevons matou a sua mulher, bem pode ter pensado que teria melhor controle sobre a sua filha... sendo seu responsável legal... do que sobre a esposa. Parece que o negócio de Jevons mal dava lucro, e que a família vivia em Londres sobretudo com a renda de Victoria. De acordo com o estipulado no testamento da Sra. McGlame, porém, se Victoria morresse antes de casar e sem filhos, o Museu da Vida de Lincolnshire... que orgulha-se entre outras coisas de possuir máquinas de vapor construídas na região... tornar-se-ia beneficiário. E foi o que aconteceu. Não achamos nenhuma referência a H. E. Jevons após a sua partida de Londres... simplesmente não mais se ouviu falar nele. E não encontramos nada com relação a algum garoto ligado à família, o garoto que você mencionou aquela manhã no desjejum.

Então, aí está tudo o que ficamos sabendo. Um último assunto, Cookson. Recentemente conversei com Hannah na rua. Ela disse que se lembrava de uma mulher de Nova York que ficou hospedada no mesmo apartamento que vocês, nos anos setenta. A mulher saíra do apartamento, e do hotel, logo depois de ter chegado... queixando-se de que seus quartos eram mal-assombrados.

Atenciosamente,

Mimi S.

Não mostrei minha carta a Ellen, apesar da sua notável compaixão explícita e implícita — não por vingança, não porque ela não me mostrou a dela, mas porque achei que ela não ia querer lê-la. Além de ler a carta sozinho, trancado no meu escritório, dobrando-a e guardando-a depois na gaveta fechada a chave da minha escrivaninha, só tenho feito duas coisinhas secretas com relação a essas linhas, coisas que considero "deslizes". Um dia gelado de março, fui dirigindo em meio a uma nevasca até a Tower Discos e comprei quantos CDs pude achar com composições para piano de Franz Schubert. Quando tinha oportunidade de ouvi-los sem ser notado, ouvia-os. Spencer parecia muito comovido com aquela música, e toda vez que eu punha um CD ele largava o que estivesse fazendo, entrava na sala, deitava, suspirava profundamente e assumia uma pose de esfinge em cima do tapete, de olhos entrecerrados. Por fim achei a peça que queria (o movimento intermediário da sonata em Lá maior), ouvi-a do princípio ao fim sem parar, e desde então jamais a procurei. (Suponho que nunca saberei quem ouvi tocando o piano no Hotel Willerton, ou por que eu ouvia a música quando mais ninguém ouvia.) E fui pessoalmente à Biblioteca Pública de Cambridge, onde consultei o libreto de O Guarda Real, e constatei que essa opereta não tem personagem algum chamado Sophie.

Como Jordie está em casa para o recesso de primavera, fiz ensopado de carne para ela, um de seus pratos preferidos. Ao anoitecer, estou junto ao fogão tentando pescar com uma colher os doze grãos de pimenta e seis dentes de alho inteiros que estão sepultados dentro da panela, em alguma parte debaixo do molho castanho-avermelhado. Achei oito dos grãos de pimenta e cinco dos dentes de alho. Hoje abrimos as janelas — estava quente o bastante — mas devíamos tê-las fechado mais cedo, e a casa esfriou; a cozinha é certamente o melhor lugar para ficar. Ellen ainda não voltou de... onde? Não sei bem de onde, não sei bem se ela me disse onde ia. Lembranças de Jordie continuaram a visitar-me durante todo o dia, e

estive pensando, aqui junto à panela do ensopado, em quando a ensinei a atirar e aparar uma bola de beisebol, ela teria então dez anos. Ela chegou a ser muito boa naquilo e jogou dois anos na Liga Infantil, era a única garota nas suas equipes; depois ela adotou o futebol nos últimos anos do primeiro grau, abrindo caminho para as garotas da sua turma. Lembrei quando ela me disse que não estava certa de achar o futebol interessante, mas detestava sentir o que sentia ao ver as garotas nas laterais do campo, assistindo enquanto os garotos jogavam.

Agora ela entra pela porta de vaivém da cozinha e fica bamba, muito dramaticamente, fechando os olhos e deixando o queixo cair, encostando na parede para segurar-se, completamente seduzida pelo cheiro do ensopado. Penso que essa encenação exprime tudo o que ela precisa dizer a respeito do ensopado. Spencer, que entrou na cozinha atrás dela, exprime de forma semelhante tudo o que precisa dizer a respeito do ensopado, ficando a um metro de distância, imóvel feito estátua, a cabeça abaixada o bastante para fitar-me penetrantemente com as pupilas encostadas na parte superior dos globos oculares.

— Você pegou no sono — eu disse a Jordie.

Ela chega até a mesa, puxa uma cadeira e senta-se. — Como você soube?

— Ora — eu disse —, tem algumas dobras muito vermelhas no lado esquerdo de seu rosto.

— Ah!

Estou de costas para ela, e após um silêncio sinto seus olhos perfurarem minhas omoplatas. — O que é? — pergunto, sem virar-me.

— Tem uma coisa que preciso saber — ela diz.

— O quê?

— Será que não devo falar nunca na viagem de vocês à Inglaterra?

— Como assim?

— Quero dizer, já se passaram seis meses.

— Você pode falar nisso — eu digo.

— Pois estou falando — ela diz.

Eu viro para ela. Só por um instante, ela parece-se com Ellen. À medida que foi crescendo, as pessoas têm comentado como se parece com a mãe, e até este exato momento eu nunca percebera isso. Ter reparado nisso agora pode ter a ver com o fato de que tudo o que ela está usando pertence a Ellen — os jeans, o suéter, um colete em cima do suéter, os brincos — mas levo uns instantes para dar-me conta disso. — O que você quer saber? — eu pergunto.

— Bem — ela diz —, tem certeza de que podemos falar nisso sem problemas?

— Claro — eu digo. — Sim, não tem problema. O que quer saber?

— Nada, na verdade — ela diz, dando de ombros.

Ela tirou todas as laranjas da cesta de frutas que está em cima da mesa, e está arrumando-as em forma de triângulo, ajeitando-as com seus antebraços para ficarem como as bolas em uma mesa de sinuca antes do início da partida.

— A verdade é — ela diz —, não creio que realmente queira falar nisso. Além do mais, mamãe diz que as coisas estão melhorando entre vocês. Eu só queria saber, você entende, que não tem problema a gente falar nisso, que está tudo bem esse tema surgir.

— Ela disse mesmo isso? — eu pergunto.

— Disse o quê?

— A mamãe disse mesmo que as coisas estavam melhorando entre nós?

— Disse, sim — ela afirma. — É que eu fico arrepiada se acho que não devo falar de alguma coisa.

— Quando ela disse isso?

— Recentemente — ela assegura, com tom impaciente. — Fico nervosa, como com receio de deixar escapar algo sem querer e todo mundo ficar zangado comigo.

— Eu entendo — digo. — Acho que é bom ter essa qualidade.

— Que qualidade? — ela pergunta.

— Sentir-se arrepiado — eu digo.

— Puxa, obrigada — ela diz, levantando-se e indo até o armário das vassouras. — Onde você foi hoje de manhã bem cedo?

— Fui explorar — eu disse. — Fui a um antigo mirante. Longe, rio acima.

— Quer dizer, pelo Charles acima?

— Sim — eu digo. — Estou falando especificamente do Charles.

Andei explorando um pouco.

— Legal — ela diz. Acabou de desaparafusar o cabo de uma vassoura e está vindo para a mesa com ele. — Mas eu estava me perguntando — ela diz. — Você se machucou ou algo assim? Reparei que está andando de um jeito meio engraçado...

Jordie acendeu uma vela alta, de cor creme, na mesa da cozinha, onde estamos sentados terminando o nosso ensopado. Quando Ellen afinal aparece, entrando na cozinha pela porta que dá na garagem, mostra-se agitada, como se tivesse se apressado para chegar em casa, quase como se o mundo grande e ruim viesse perseguindo-a até a porta. Assim que fecha a porta, ela se encosta mesmo nela. — Que bom que vocês não me esperaram para jantar — ela diz, e por uma fração de segundo eu penso, erradamente, que está sendo irônica. — O que há com o tráfego? — indaga. — Será que está acontecendo alguma coisa em Cambridge, hoje, que eu não estou sabendo?

— Você não ouviu? — diz Jordie.

— O quê? — pergunta Ellen, ainda bloqueando a porta.

Jordie quer pregar uma peça nela, vir com algum fato absurdo que possa ter atraído uma multidão para a cidade, mas agora que começou a brincadeira não dá conta de acabar, não lhe ocorre uma frase para arrematar a piada. Ela olha para mim, arregalando os olhos, como a dizer "Diga algo".

A única coisa que me ocorre dizer é que houve uma aparição de Elvis, então digo: — Elvis foi avistado na Ponte Anderson hoje.

Jordie geme, pondo cara de absoluta aversão, desapontada a mais não poder. Levantando-se, ela diz: — Venha, mamãe, sente-se.

Ellen não aceita, insiste em Jordie não se incomodar, em continuar com o jantar dela, mas Jordie ajuda-a a tirar o casaco e leva-a para a mesa, puxa uma cadeira e força a mãe a sentar-se.

Agora Ellen está sentada bem na minha frente, enquanto Jordie traz o prato do pão, o copo, os talheres e o guardanapo. Ellen parece de certo modo uma garotinha, muito espevitada e confiante, sendo servida na sua cadeira com encosto de travessas. Enquanto Jordie serve o ensopado para sua mãe, os nossos olhares encontram-se por um segundo, o meu e o de Ellen. Não sei como ela passou seu dia, ela não sabe como passei o meu. Com uma mínima alteração naquilo — não sei exatamente o quê: a palavra certa, o gesto perfeito — poderíamos estar um nos braços do outro, eu sei. Dá para sentir isso. Até acho que ela também sente, pois olha a nossa filha, depois o fogão, depois de novo para mim, e sorri. Ela põe as mãos em concha sobre a vela, como aquecendo seus dedos, e contempla a chama. Posso ler no seu rosto, pelo menos, que ela está feliz por estar em casa.

Dei com um livro, um livro sobre o rio Charles, intitulado *The Charles River*, escrito por um homem chamado Ron McAdow. Nele o autor mapeou o vale do rio, dividindo o Charles e cinco dos seus afluentes apropriados para canoagem em cerca de doze seções, começando na sua nascente em uma colina alta em Hopkinton e terminando no porto de Boston; ele estuda o rio seção por seção, fornece um pouco de história, identifica pontos de acesso, sugere excursões a pé ou de canoa, descreve as terras circundantes, a flora, a fauna. Até agora fiquei sabendo que a impressionante cerzideira (uma grande libélula) pode bater suas asas até mil e seiscentas vezes por minuto, e aprendi o inteligente método usado pela águia de cauda vermelha para elevar-se mantendo as asas quietas aproveitando colunas de ar aquecido pelo sol. Estou aprendendo a reconhecer salsaparrilha, viburno, cefalanto, utriculárias, sumagre

e espargânio, com suas folhas trifoliadas. Até hoje já fiz cinco das caminhadas sugeridas, e agora, quando o rio está degelado, estou planejando embarcar numa canoa daqui a pouco. Espero levar Jordie comigo, quando estiver fora da escola, sempre que ela quiser vir. Suponho que é até óbvia demais a forma que a minha expiação assume aqui, romper com o sobrenatural trocando-o pelo natural, pondo meu "dom" de novo em estado latente, desta vez por proposital e salutar abandono: o rio fica perto de casa, e imagino os espíritos dos Transcendentalistas pairando sobre as águas (ao menos me seja permitido isto!), e os espíritos dos Nipmucks, Penacools e Wampanoags nativos algonquino-falantes, muito antes daqueles. No hábito de cozinhar descobri que se pode ser mais rapsódico do que a maioria das pessoas nos leva a acreditar, e que com apenas um pouco de instinto para discernir o que não vai dar certo de jeito nenhum, é possível combinar num prato as ideias de muitos cozinheiros; estabelecem-se ligações imprevisíveis entre sabores, da mesma forma como se estabelecem ligações imprevisíveis entre experiências humanas. Eu me proponho (o que não surpreende) a aceitar todas as sugestões desse livro e explorar na totalidade os quase cento e trinta quilômetros do rio, andando, navegando, quilômetro por quilômetro.

Hoje pela manhã fiz um passeio a pé até um local chamado Mirante do Rei Philip, na Floresta do Município de Sherborn. Torci um tornozelo em uma raiz ao longo da trilha, mas não foi muito grave e continuei mesmo assim até o ponto panorâmico. Era muito cedo, e não encontrei ninguém. Do cume, pude ver quilômetros do vale do rio e hectares de floresta e campo. Senti, por acaso, uma afinidade com os seres humanos que residiram ao longo do rio por novecentos anos antes de mim? Não, choraminguei por causa da dor no tornozelo e me preocupei com a volta até o carro. Mas justamente por causa da dor, demorei-me lá naquele local elevado, descobrindo-me logo livre de expectativas, esquecendo logo o meu tornozelo; lá, naquela muralha de rocha maciça, trinta metros acima do rio, fechei os olhos e vi a imagem que persistia nas minhas retinas do panorama na minha frente, vi o espetáculo da terra como a enorme cova resplandecente que ela era, e pensei que queria viver uma vida útil. Pensei até que isso estava dentro das possibilidades, que não era tarde demais. Não estava disposto a dar saltos de fé; dessa vez, não estava disposto a dar saltos de tipo algum. Estava, sobretudo, cheio de tristeza, para falar a verdade, mas concebi a tristeza como o solo arável da fé. Pelo que tenho observado, se bem que através das minhas diversas fases de confusão, parece que era isso mesmo.

epílogo

SE VOCÊS ACREDITAM que os sonhos são a tentativa da psique de se purificar, de se livrar do que não precisa ou deseja, então meus fantasmas foram sonhos, resíduos autodeclarados, que não seguem adiante, o que sugere que algum âmago incólume, talvez, de bondade — gosto de pensar que seja de bondade — é o que segue adiante.

(Eu diria que, tecnicamente, eles não eram os meus fantasmas, mas os de qualquer um, com a possível exceção de James, o vagamundo, que pode ter se ligado a mim de propósito.) Felizmente, às vezes se pode aprender alguma coisa com os sedimentos aluviais. A mente humana nada tem de elegante; é um órgão dispersivo, que no seu entusiasmo confia cobrir tudo o que precisa ser coberto, cobrindo tudo o que tem pela frente; nisso fatalmente tem de haver muito desperdício. E certamente nem todos os resíduos são iguais no essencial. Há pouco tempo sonhei que estava com uns sujeitos brancos do meio acadêmico jogando um jogo de salão chamado Loucura do Milênio, no qual os jogadores eram desafiados a propor uma obra literária e atribuir-lhe um leitor — alguém que a leria em voz alta — e nessa combinação captar os atributos do século vinte, quando este está próximo a findar. No sonho, escolhi *The Wasteland*, lido por W. C. Fields (Não me peçam explicação.) Algum resíduo — duas últimas observações, para ninguém achar que eu não percebi: (1) o notável número de vezes em que, neste relato, bati com a minha cabeça ou nela me bateram. (2) Estou ciente de uma arma na "primeira cena" deste drama, e os estudantes de teatro talvez esperem que ela detone antes de o pano se fechar. Pois não vai detonar. Porém: uma noite longa e difícil de novembro, em que eu não conseguia dormir, não achava sossego, a angústia parecia estar de tocaia no fim de todo caminho, entrei no meu escritório, tirei a minha Ruger semiautomática da sua gaveta fechada a chave, deixei-a sobre a minha escrivaninha e fiquei sentado olhando para ela, talvez durante uma hora. Na manhã seguinte, ainda vivo, liguei para o meu chapa do clube de tiro e pedi que ele guardasse a minha pistola na sua casa por algum tempo.

Mais resíduo, uma cena que não parece encaixar tão eficazmente em nenhum outro lugar, formada por algumas recordações recolhidas na minha estada em Paris: o pai de Pascal não concordava com a sua mudança para Londres, mas, no seu jeito lacônico, o homem não lhe dizia por quê. Na noite em que Pascal deixaria seu lar da infância e pegaria o trem para Calais, seu pai estava sentado à mesa de jantar — não a mesa grande na sala de jantar, onde Pascal costumava se esconder quando garoto, mas a mesa menor, redonda, na cozinha. Monsieur Géricault estava terminando sua refeição e não podia ser incomodado para vir ao corredor e se despedir do filho — seu filho mais novo e, nesse sentido, o último. Finalmente, Pascal deixou a mala na varanda fora da casa, foi à cozinha e se sentou perto do pai.

O pai continuou comendo, em silêncio.

Pascal deu uma olhada no relógio. Perguntou ao pai se não ia ao menos lhe dizer adeus. ("*Tu ne me diras pas au revoir, Papa?*") M. Géricault continuou comendo, em silêncio. Por fim, Pascal suspirou e disse: "*Si tu me défends d'y aller, je n'irai pas.*" (Se você me disser para não ir eu não vou.)

O pai olhou para o filho, e qual não foi a surpresa de Pascal ao ver que havia lágrimas nos olhos do homem. Por acaso toda a oposição do pai se devia a que ele não queria ficar longe do filho? Mas M. Géricault, dominado pelos próprios defeitos, e humano na sua ignorância quanto às consequências, não disse nada e prosseguiu sua refeição.

No fim, Pascal se levantou e foi até a porta, resignado, pronto para ir embora. No último instante, antes de cruzar a soleira, ele se virou, voltou até a cadeira do pai e passou seus braços em torno do homem, abraçando-o por trás. Catherine, que viera para se despedir de Pascal, entrou na cozinha naquele momento com sua câmera e bateu uma foto. (Quando o filme voltou da revelação, a foto dava a impressão de que Pascal tentava impedir o pai — que segurava uma faca em uma mão e um garfo na outra — de comer.) Pascal beijou a mãe mais uma vez no corredor e em seguida ela foi à cozinha repreender o pai.

Catherine acompanhou Pascal até a varanda da casa. Dali eles puderam ver a estrela vespertina, que apenas penetrava num céu de cor lilás. Pascal estava cheio de desejos, como qualquer pessoa nos primeiros momentos de uma viagem, mas Catherine pensou que alguns desses desejos se referiam ao passado tanto quanto ao futuro. Um caminhão passou pela rua, fazendo muito barulho, e quando Pascal levantou a mala, esta se abriu, espalhando o conteúdo nos degraus. Por alguma razão, este pequeno contratempo fez Catherine começar a chorar. Depois ela escreveria ao irmão contando que o pai saíra após o jantar e se sentara nos degraus da frente, no escuro, sozinho, durante quase todo o anoitecer. Catherine, que ficou um tempinho conversando com a mãe, encontrou o pai lá quando foi embora, contemplando a rua sombria.

FIM

Impresso no Brasil pelo Sistema Cameron da Divisão Gráfica da DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel: 585-2000

Digitalização: Virgínia Vendramini